

PSICANÁLISE EM PERSPECTIVA

Livro III

**Espaços possíveis para a construção
de diálogos interinstitucionais**

Maria Lucia Castilho Romera

Coordenadora

Leda Maria Codeço Barone

Leda Herrmann

Marina Ramalho Miranda

João Luiz Leitão Paravidini

Rita C. C. S. Mendes

Organizadores

EDUFU

**Psicanálise em perspectiva
Livro III**

**Espaços possíveis para a construção
de diálogos interinstitucionais**



Av. João Naves de Ávila, 2121
Campus Santa Mônica – Bloco 1S
Cep 38408-902 | Uberlândia – MG
(34) 3239-4293 www.edufu.ufu.br

Reitor

Valder Steffen Jr.

Vice-reitor

Carlos Henrique Martins da Silva

Diretor da Edufu

Alexandre Guimarães Tadeu de Soares

Conselho Editorial

Carla Vieira Nunes Tavares
Mical de Melo Marcelino
Wedisson Oliveira Santos

Comissão Editorial

Ivonise Fernandes da Motta (USP)
João Luiz Leitão Paravidini (UFU e Clínica Freudiana)
Laszlo A. Ávila (FMSJRP)
Leda Herrmann (SBPSP e Cetec)
Leda Maria Codeço Barone (SBPSP)
Maria Lucia Castilho Romera (SBPSP e UFU)
Marina Ramalho Miranda (SBPSP)
Rita de Cássia Cardoso da Silva Mendes (UFU)
Theodor S. Lowekron (SBPRJ e UFRJ)

Pareceristas ad hoc

Christiano Mendes Lima (Escola Brasileira de Psicanálise/AMP)
Ricardo Gomide Santos (Instituto Sedes Sapientiae)

Equipe de realização

Editora de publicações	Maria Amália Rocha
Revisão de Língua Portuguesa	Lúcia Helena Coimbra Amaral
Revisão de ABNT	Camilla Silva
Projeto gráfico, capa e diagramação	Eduardo Moraes Warpechowski

**Psicanálise em perspectiva
Livro III**

**Espaços possíveis para a construção
de diálogos interinstitucionais**

Maria Lucia Castilho Romera
Coordenadora

Leda Maria Codeço Barone
Leda Herrmann
Marina Ramalho Miranda
João Luiz Leitão Paravidini
Rita de C. C. S. Mendes
Organizadores



Copyright 2021 © Edufu

Editora da Universidade Federal de Uberlândia/MG

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução parcial ou total por qualquer meio sem permissão da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

P974s Psicanálise em perspectiva [recurso eletrônico] : Livro 3 – espaços possíveis para a construção de diálogos interinstitucionais / Maria Lucia Castilho Romera, coordenadora – Uberlândia: EDUFU, 2021. 420 p.: il.

ISBN: 978-65-5824-009-9 (e-book)

Inclui bibliografia.

Vários organizadores.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: www.repositorio.ufu.br

DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/EDUFU-978-65-5824-009-9>

1. Psicanálise. 2. Diálogos. 3. Saúde mental – Universidades. 4. Psicoterapia. I. Romera, Maria Lucia Castilho (Coord.). II. Título.

CDU: 159.964.2

Rejâne Maria da Silva (Bibliotecária) – CRB6-1925

Sumário

- 11 Prefácio
Oswaldo Ferreira Leite Netto
- 15 **Seção A – A instituição psicanalítica em relação a suas inserções na universidade**
- 16 Apresentação: Seções A e B
Marina Ramalho Miranda
- 22 O ouro e o cobre na psicanálise e na universidade
Roosevelt M. S. Cassorla
- 70 Universidade e instituição psicanalítica
Ana Maria Loffredo
- 94 O diálogo possível com a psicanálise na universidade: um clínico na Educação
Walter José Martins Migliorini
- 105 Reflexões sobre a psicanálise na universidade
Leliane M. A. Gliosce Moreira

- 112 Conexões entre psicanálise e universidade: a transmissão de conhecimento entre os dois universos
Ivonise Fernandes da Motta, Cláudia Yaísa G. da Silva, Claudio Bastidas, Denise Bellotto de Moraes, Glaucia Rocha, Kayoko Yamamoto, Manuela Pérgola, Maria Tereza Oliveira, Maurício Ceroni Ivo, Nirã dos Santos Valentim, Raquel M. B. Guirado, Rita Tropa Marques, Veridiana S. Prado Vega, Vinicius de Vicenzo Aguiar, Yara Ishara
- 155 Psicanálise e universidade: o IUSAM
Sara Zac de Filc
- 165 **Seção B – Psicanálise e universidade: experiências e reflexões no modelo de transmissão oral**
- 166 Interlocuções da psicanálise: universidade e SBPSP
Maria Lucia V. Violante
- 169 Jornada de transmissão da psicanálise: universidade e SBPSP
João Baptista Novaes Ferreira França
- 175 Transmissão da psicanálise na universidade: intercâmbio e contribuições mútuas entre a universidade e a SBPSP
Gina Kafif Levinzon
- 183 Jornada: psicanálise e universidade
Paulina Cymrot
- 185 Transmissão da psicanálise na universidade
Leila Gnatus Lombardi

- 193 Psicanálise além da clínica
Deise Maria Basso, Denise Benato Brock e Silvia Luciano Toledo
- 202 Trajetória percorrida dentro da psicanálise para a sua transmissão
além dos limites do consultório
Paula B. G. Cuter
- 208 Notas sobre o conhecimento psicanalítico: algumas reflexões
Ernesto René Sang
- 217 Grupo de Estudo Multidisciplinar sobre Transtornos Alimentares
– TA: uma experiência de oito anos
Maria Auxiliadora Borges dos Santos
- 224 **Seção C – A transmissão da psicanálise: espaços
desafiantes em sua transitoriedade**
- 225 Apresentação: Seção C
João Luiz Leitão Paravidini
- I – Sobre “O amor e o feminino” – Colóquio*
- 231 As invenções do amor
Roberta Augusta B. C. Paravidini
- 240 As (im)possibilidades do amor
Shnaider Alves Santos
- 247 Beauvoir e Sartre: o desejo de se fazerem “um”
Isa Nunes de Oliveira

257 O avesso do amor ou o amor do avesso
Margarete Domingues

II – Projeto Aprendendo com a Emoção – Intervenções

266 Entrelaçamento entre psicanálise e educação
*Helga de Souza Machado Quagliatto, Gislene Andrade Santos,
Maria Luiza Soares Ferreira Borges, Maruzza T. Cerchi Borges
Fonseca*

284 Experiência psicanalítica com grupos de gestores educacionais:
“Tecendo um espaço para o aprender emocional”
*Fanny Melo, Sílvia Alves Pereira, Anna Thereza Carneiro Pinto
Abdala, Tassiana Machado Quagliatto, Helga de Souza Machado
Quagliatto*

302 **Seção D – Diálogos por escrito: a tessitura de uma trama
intertextual e interinstitucional**

303 Apresentação: Seção D
Leda Herrmann e Maria Lucia Castilho Romera

307 Costuras possíveis: diálogos institucionais de um exercício de
interpretação psicanalítica nos palcos
*Rafael de Melo Costa, Maria Lucia Castilho Romera e Luiz Carlos
Avelino da Silva*
Comentadora: *Leda Herrmann*

- 320 A clínica psicanalítica em desafios: conjugações entre o mito e o sagrado
Fabiola G. Abadia Borges e Maria Lucia Castilho Romera
Comentadora: *Maria do Carmo M. Davids do Amaral*
- 333 O masculino em crise identitária
Mariana Paula Oliveira
Comentadora: *Sandra de Souza Freitas*
- 348 A clínica psicanalítica infantil revelando a natureza do pedido por atendimento: a reparação do narcisismo dos pais
Cristianne S. Marques e Iralva M. S. Milagre
Comentadora: *Silvia M. Deroualle*
- 359 O discurso atual sobre cansaço: reflexões sobre a dessubjetivação própria aos quadros depressivos
Cristianne Spirandeli Marques e Marema Pereira Benfica
Comentadora: *Raquel Plut Ajzenberg*
- 376 As vivências e funções das narrativas de adolescentes em blogs: um estudo psicanalítico sobre a escrita de si
Elisa Aires Rodrigues de Freitas e Luiz Carlos Avelino da Silva
Comentadora: *Rejane Cutrim*
- 391 Entrelaçamentos entre arte e interpretação na Clínica Extensa
Hélvia C. C. Silva Perfeito e Léia S. Alves de Araújo
Comentador: *Fernando Torrecillas*

407 Palavras que encerram

*Maria Lucia Castilho Romera e Rita de Cássia Cardoso da Silva
Mendes*

410 Sobre os autores

Prefácio

Diante da importância do trabalho resultante da parceria da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo – SBPSP com a Universidade Federal de Uberlândia, que os colegas de ambas as instituições realizam, é com entusiasmo que introduzo o leitor à obra que tem em mãos.

Sou um psicanalista militante desde sempre, e um médico que nunca se afastou da faculdade de medicina e do hospital-escola onde fez a formação. De maneira privilegiada, frequento a academia, convivo com seus membros docentes e discentes, mas não pertencço exatamente a ela. Procuro exercer a psicanálise com liberdade, sem compromissos acadêmicos.

Nessa instituição acadêmica, dirijo um serviço de psicoterapia (do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo), sou médico assistente, funcionário da secretaria da saúde, atendo, convivo com professores e alunos da graduação e da pós-graduação, pois sou responsável pelo curso de Psicoterapia e de Psicanálise na residência médica de Psiquiatria.

Em geral, pacientes vindos de outros territórios nos desafiam com a demanda por uma escuta psicanalítica, pondo-nos diretamente em contato com a experiência tensa e difícil do estranho-familiar, necessária à prática viva da psicanálise. Tais pacientes cruamente nos mostram a realidade socioeconômica em que vivemos, de exclusão e desigualdade.

Portanto, é com convicção baseada na experiência que valorizo e enalteço a necessidade de que psicanalistas não se isolem em seu saber e em suas teorias, nos gabinetes e nas instituições, os quais podem tender ao elitismo e ao distanciamento das questões mais amplas da sociedade.

É imperioso que entremos em contato com pessoas que vivem de modo diferente de nós, que têm carências fundamentais, a fim de trabalharmos por sua promoção humana. Também é imperioso que nos aliemos a outros campos do saber, com os quais possamos efetuar trocas importantes, aprendendo e colaborando para a difusão da psicanálise e de seu método, dentro do referencial de uma clínica extensa.¹

Este livro nos informa como colegas psicanalistas de diferentes locais, com diferentes trajetórias e experiências, atuam em propostas que ampliam os horizontes dos profissionais, sejam eles pesquisadores ou clínicos, e atingem pessoas necessitadas de ajuda.

O método psicanalítico é bastante especial na maneira como valoriza o sujeito e o inclui. Muitos trabalhadores e estudiosos só

¹ Como proposta por Fabio Herrmann.

têm a ganhar com a função que os psicanalistas aqui presentes podem desempenhar, atuando em conjunto com áreas que não se dirigem diretamente ao contato íntimo, como acontece na sessão psicanalítica. Nosso conhecimento nos habilita a contribuir quando o que está em jogo é o ser humano e sua condição.

A meu ver, vivemos tempos difíceis e sombrios. Ciência, pesquisa e liberdade de pensamento estão sob ameaça.

Psicanalistas representam mais um contingente importante a participar do ambiente universitário, no qual convivem distintos pensamentos e opções políticas. Esse espaço de pluralidade de disciplinas recebe mais uma colaboração, ampliadora e centrada nas questões do indivíduo, em sua singularidade, em suas necessidades e em seu processo de constituir-se. O rigor do método psicanalítico contribui para as atividades que se desenvolvem na universidade, âmbito de produção de conhecimento e ensino, onde se concentram pesquisadores que se atualizam permanentemente, como os psicanalistas que aqui apresentam seu trabalho, os quais nunca param de estudar e estão sempre sendo avaliados.

A grande contribuição da psicanálise e dos psicanalistas para a pesquisa envolve a defesa da autonomia universitária ameaçada. Os psicanalistas oferecem mais ferramentas para entender os ataques e fornecer argumentos à proteção da educação e da pesquisa e ao não abandono da prioridade estatal aos investimentos em educação e em ciência. A universidade não sobrevive sem o incentivo público.

Os colegas aqui presentes demonstram como a psicanálise integra o pluralismo universitário, constituindo-se em mais uma disciplina, com suas teorias e seus métodos, a contribuir para esse espaço.

Oswaldo Ferreira Leite Netto

Médico psiquiatra e psicanalista. Diretor do Serviço de Psicoterapia do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (IPq-HC-FMUSP). Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Docente do Instituto de Psicanálise da SBPSP. Ex-diretor de Atendimento à Comunidade da SBPSP.



SEÇÃO A

**A instituição psicanalítica em
relação a suas inserções na
universidade**

Apresentação: Seções A e B

Marina Ramalho Miranda

Sabemos que a transmissão da psicanálise na universidade é um tema provocador de questionamentos que estimulam debates polêmicos desde Freud até hoje, e quanto mais a relação entre as duas (psicanálise e universidade) é interrogada, mais aspectos fecundos podem ser extraídos dela, tanto no que diz respeito ao ensino e à pesquisa quanto no que se refere à extensão dessa relação e à formação do sujeito psicanalítico.

As seções A e B do livro III da trilogia *Psicanálise em Perspectiva* abrangem textos que registram os principais pontos abordados na comunicação oral feita por colegas psicanalistas, membros da International Psychoanalytical Association (IPA), e docentes da universidade convidados a palestrar sobre esse tema em dois importantes momentos que vivemos: em 2011, na Jornada de Transmissão da Psicanálise: Universidade – Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP); e em 2012, durante o 29º Congresso da Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal), onde organizamos um espaço de conversas com o tema

Psicanálise e Universidade, tendo como foco a transmissão da primeira.

A Comissão de Ligação com a Universidade, o Núcleo de Pesquisa em Psicanálise e a Diretoria Científica, gestão 2011, convocaram os colegas vinculados à universidade para a realização da jornada em comemoração aos 60 anos da SBPSP na IPA, sob a presidência de Plínio Montagna.

A jornada se constituiu por mesas redondas simultâneas, com a participação de colegas da Sociedade e professores universitários, tanto da capital quanto de cidades do interior.

Contamos com a honrosa presença de Mário Eduardo Costa Pereira (Université de Provence/Aix-Marseille I e Unicamp), que nos brindou na pré-jornada com uma brilhante conferência, assim como de colegas da USP, Unesp (Assis, Bauru), PUC-SP, PUC-Campinas, Unip, FMU, Famema (Faculdade de Medicina de Marília), Unifesp, Medicina USP de Ribeirão Preto, Medicina HC-USP, Unifesp (Osasco) e UFU (Uberlândia). Ao final, uma sessão plenária apresentou as principais ideias e temas abordados.

Importante reiterar que os textos da jornada aqui transcritos – SEÇÃO B – foram mantidos no formato de comunicação oral por se tratar de tão importante forma de transmissão do conhecimento psicanalítico. Afinal, eis aqui a força da palavra em seus discursos.

Um deles, aqui publicado, intitulado “Interloquções da Psicanálise: universidade e SBPSP”, tem um sentido especial para nós, organizadoras da trilogia, pois se constitui numa publicação póstuma. À autora, Profa. Dra. Maria Lucia Vieira Violante,

falecida no final de 2015, a nossa homenagem e a nossa eterna gratidão pelas preciosas contribuições que dela recebemos.

Unimos esforços num momento de aproximação, diálogo e intercâmbio de contribuições entre o universo acadêmico e a SBPSP, e em outubro de 2012, durante o Congresso da Federação Latino-Americana (Fepal), repetimos a proposta.

A sessão “Psicanálise e universidade” aconteceu durante as atividades do 29º Congresso da Fepal e alcançou novamente o objetivo maior de reunir para uma conversa reflexiva colegas professores das Sociedades de Psicanálise vinculadas à Fepal e das universidades latino-americanas.

Psicanalistas mestres, doutores, livre-docentes e titulares que se movimentam no espaço da pesquisa, do ensino e da extensão naturalmente se constituem numa interessante e enriquecedora faixa de interseção entre os dois universos: sociedades da IPA e a universidade.

Os textos a seguir, ancorados na experiência particular de cada palestrante, revelam como esses espaços foram criativos em gerar ideias e questionamentos que nos equipam e nos instrumentam a lidar com essa nobre tarefa de transmitir e divulgar a psicanálise em seus diferentes espaços, através de suas pesquisas, de suas publicações, de seus desdobramentos, de seus benefícios, de seu caráter profilático e de tratamento, possibilitando um intercâmbio profícuo que teve como ponto consensual de partida a constatação de que cada uma das

instituições tem como foco objetivos diferentes, apossadas que são das singularidades de sua identidade.

Antes de passar aos textos de 2011 e 2012, é importante também registrar que tivemos, em agosto de 2018, na sede da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, a reunião científica que celebrou o lançamento do livro II desta trilogia, que reproduziu ao vivo a interlocução entre Psicanálise e universidade, ou Psicanálise na universidade, ou ainda, a Psicanálise entrelaçando a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e as universidades, representadas pelos ilustres colegas professores titulares da PUC-SP, USP e PUC-Campinas, especialmente convidados: Renato Mezan, Roosevelt Moisés Esmeke Cassorla, Antônio Muniz de Rezende, Ivonise Fernandes da Motta, João Augusto Frayze- Pereira, Plínio Kouznetz Montagna e Walter Trinca.

Cada professor, incluindo aqui os membros da comissão organizadora da trilogia, nos brindou com relatos de suas experiências pessoais como psicanalistas na universidade, com suas histórias de vida alicerçando a coragem, a gratidão e o fôlego para sempre continuar e insistir no exercício do ensino e da pesquisa universitária.

Com eles, formamos um forte time com motores a todo vapor acionados na busca de uma interlocução profícua, de um diálogo rico que tem como objetivo maior uma colaboração que reúna os esforços das duas instituições na transmissão e na divulgação do nosso saber, respeitando as descobertas vindas das

ascendências teóricas que herdamos de Freud, assim proporcionando novos desenvolvimentos entre o universo de formação e o acadêmico.

Finalizando, não podia deixar de citar Freud neste preâmbulo, pois, apesar de ter sofrido fortes resistências no espaço universitário, tornou-se *privat-dozent*, título equivalente à docência universitária concedido pela Faculdade de Medicina de Viena, onde divulgou, através de suas inúmeras conferências, as principais ideias da teoria psicanalítica durante cerca de trinta anos, valorizando sua oficialização acadêmica e reconhecendo a importância da transmissão desse saber aos médicos e aos estudantes de ciências humanas, sem deixar de questionar essa aproximação.

Nada mais contemporâneo, uma vez que esse pensamento está presente entre nós quando percebemos a importância da presença da psicanálise na universidade, pois, uma vez que ela se encontre veiculada como um dos saberes que a universidade acolhe, ela também passa a ser reexaminada e questionada, sempre pronta a rearranjos e reconstruções de sua doutrina e proposições teóricas (Miranda, 2012).

Para a psicanálise, a incompletude do saber se evidencia e esta é uma de suas mais singulares contribuições ao pertencer aos currículos universitários. Sempre pontuando a especificidade de contribuição de cada instituição e guardando a singularidade de objetivos de cada uma, os convidados e colegas anfitriões, conforme veremos a seguir, tornaram possível a realização de um

diálogo promissor de novos desenvolvimentos entre o universo acadêmico e o de formação, unindo e tornando seis os tripés de cada uma das realidades: o ensino, a pesquisa e a extensão, por um lado; e a análise pessoal, a supervisão e os cursos teóricos, por outro, sempre atentos à proteção da identidade das instituições, mantendo as fronteiras que separam e garantem a clareza e o alcance dos objetivos de cada uma.

Juntos e atentos para manter a psicanálise viva, ativa e operante, onde quer que haja vida!

Referências

MIRANDA, M. R. Psicanálise e universidade na SBPSP. In: MONTAGNA, P. (ed.) *Dimensões. Psicanálise. Brasil. São Paulo*. São Paulo: SBPSP, 2012. p.607-613.

O ouro e o cobre na psicanálise e na universidade

Roosevelt M. S. Cassorla

Em tempos de transmissão de dados por satélite, *wireless* e sensores ópticos, a metáfora de Freud comparando a psicanálise ao ouro e as psicoterapias ao cobre pode não fazer sentido. O cobre transmite melhor a eletricidade do que o ouro. Uma cidade cujos fios entre os postes fossem de ouro não teria a melhor transmissão, mas, certamente, atrairia turistas. Assim como o ouro é desnecessário, a psicanálise clássica, que buscava a chamada “cura-tipo”, poderá se tornar apenas uma atração turística para quem gosta de arqueologia. Essa psicanálise tratava pacientes neuróticos cuja capacidade de simbolização verbal se encontrava preservada e era contraindicada em outros tipos de pacientes.

Com o desenvolvimento do conhecimento psicanalítico, os analistas puderam entrar em contato com pacientes com déficit de simbolização e descobriu-se que, mesmo nos pacientes aparentemente neuróticos, uma psicanálise suficientemente boa deveria também lidar com tais situações. Hoje em dia não se fala mais em “cura-tipo”, e o pensamento psicanalítico vem revendo

conceitos e técnicas que se tornam flexíveis justamente por poder aceder a essas áreas desafiadoras.

Atualmente vemos a psicanálise como uma arte-ciência que lida com fatos intersubjetivos, produtos do envolvimento emocional dinâmico e transformador que ocorre entre os membros da dupla analítica. Valoriza-se a pessoa real do analista e sua capacidade de observar e, ao mesmo tempo, participar de fenômenos complexos, entre os quais se incluem também a realidade factual e os fatores socioculturais que se articulam com o mundo interno, criando-se uma terceira área de confluência entre ambos.

Curiosamente, parte dessa psicanálise “complicada” passou a ser nomeada Psicoterapia Psicanalítica, termo antes desprezado como que pertencendo ao “cobre” da psicanálise. Essa psicanálise se ocupa, ao mesmo tempo, de áreas neuróticas, psicóticas, borderlines, perversas e autistas. Sua abrangência se amplia para além dos tratamentos individuais e, retomando um Freud algo esquecido, torna-se Psicanálise Aplicada ao estudo de grupos, famílias e fatos socioculturais. Trata-se de uma Clínica Ampliada.

No entanto, parte do movimento psicanalítico manteve a crença de que somente o “ouro” da psicanálise deveria ser considerado, depreciando-se as demais formas de aplicação. Esse “ouro”, por sua vez, somente poderia ser transmitido em instituições psicanalíticas que evitariam sua perversão, através de normas que delimitam o tripé formativo. A reação contra essa institucionalização partiu de outros grupos em nome do

antiautoritarismo, mas alguns criaram outras estruturas que, perversamente, incutem em seus seguidores a certeza de que existe apenas uma psicanálise “correta”, geralmente ligada a um único autor ou guru idealizado.

A analogia com movimentos religiosos e ideológicos não deve ter passado despercebida ao leitor. É possível que ele já tenha hipóteses que podem explicar essa analogia. Sugiro que desconfie delas e verifique se não se transformaram também em crenças. A questão do autoritarismo e do dogmatismo não se reduz a fatores simples ou simplistas. Há que se lembrar que Ciências Humanas e Artes muitas vezes se vinculam a crenças dogmáticas, e a própria ciência “dura” não está isenta de ideologias e disputas por “certezas” e poder. A discussão desses aspectos não cabe nos objetivos deste trabalho, mas será a universidade o local propício para a reflexão sobre isso.

A universidade deve ser sinônimo de pensar crítico, de questionamento antidogmático, local onde a fertilização de várias ideias combata fantasias delirantes sobre a posse de “verdades”. Não devemos, no entanto, idealizar a universidade, porque sabemos que departamentos universitários podem encastelar-se em “certezas”, não dialogando com os demais. A própria universidade, e a cultura que a sustenta, deve observar e questionar o tempo todo essas deformações.

Por outro lado, esse mesmo questionamento existe nas instituições psicanalíticas, ou em grande parte delas. Discussões criativas envolvendo questões normativas estão sempre presentes

nessas instituições, cuja democratização tem sido uma conquista. Foi dentro dessas instituições que a psicanálise se desenvolveu em sua maior parte. Portanto, devemos deixar de lado o simplismo ideológico que opõe instituições psicanalíticas e universidade. Em ambas encontraremos pensamento criativo e ataques ao pensamento.

O grande desafio que psicanálise e universidade enfrentam é como fazer com que ambas se fertilizem. A psicanálise não se enquadra em qualquer categoria científica descritiva, ainda que se aproxime das Ciências Humanas indiciárias. O inconsciente somente pode ser inferido na relação intersubjetiva, e a forma como essa inferência é efetuada provoca mal-estar nas ciências constituídas. A possibilidade revolucionária da psicanálise também traz resistências.

Pela minha experiência (que, por ser pessoal, deve ser relativizada), observo que a maior resistência à psicanálise e à sua interação com a universidade decorre dos próprios psicanalistas. Evidentemente não só deles, mas a surpreendente capacidade dos psicanalistas de criarem anticorpos contra a psicanálise nas universidades deve ser profundamente estudada. Psicanalistas que se colocam como superiores e que falam um “psicanalês” incompreensível terminam de duas formas: 1. sendo expelidos da universidade; 2. criando pequenos grupos que se aproximam de seitas religiosas, onde o professor se confunde com um sacerdote de um suposto Deus, chefe de alguma escola psicanalítica (que, por vezes, é o mesmo sacerdote). Evidentemente, os adeptos dessa

“seita” (desses grupos) nunca terão pensamento próprio e apenas repetirão as verdades do sacerdote idealizado.

Outros psicanalistas não se aproximam da universidade porque acreditam sinceramente que a psicanálise somente pode ser transmitida no divã. Esses psicanalistas são coerentes com seu pensar e devem ser respeitados por sua honestidade.

Penso, no entanto, que existe um amplo espaço para que a Psicanálise, como área do conhecimento, possa ser aplicada para além do autoconhecimento individual. Essa utilização demanda modificações que, para alguns, podem deturpar o conhecimento psicanalítico. O psicanalista deve estar ciente desse fato. Mudanças dos vértices de observação e ação fazem com que sacrifiquemos determinados aspectos e ganhemos em outros. Toda decisão envolve riscos, e a ética deve ser sempre levada em conta.

O psicanalista deve colocar-se como alguém que não sabe como dialogar com seus colegas de outras áreas e que deve descobrir, com muito trabalho, como compreender e fazer-se compreender pelos demais. Cada instituição universitária, cada grupo de colegas e de alunos, cada sociedade e cultura, terá características peculiares, e o psicanalista deverá tentar formas de transmitir o conhecimento psicanalítico para que ele seja apropriado pela universidade. Não existem receitas prontas, apenas o relato de muitas experiências, bem ou malsucedidas, que poderão ser tomadas como estímulos, mas que nunca poderão ser repetidas exatamente da mesma forma. Assim como ocorre em um processo psicanalítico, a pessoa real do psicanalista – e do

professor – tem uma importância imensa. E essa pessoa real deve ser capaz de aprender com a experiência.

Neste texto, apresento algumas ideias tendo por base experiências de minha vida universitária. Espero que sejam estimulantes para que o leitor descubra seus próprios caminhos.

Um estudo de caso individual

Acompanhemos, por momentos, um psicanalista² trabalhando num ambulatório universitário com uma adolescente, Maria, de 16 anos, solteira, trazida pelos pais por problemas que culminaram com uma “gravidez indesejada”.³ Nas entrevistas iniciais, foi descrita como alguém rebelde, que desprezava todos em sua casa, principalmente seus próprios pais, ligando-se ao namorado de forma possessiva, com sofrimento para todos. Havia suspeita de uso de drogas, violência doméstica e, em algum momento, tentativa de suicídio em consequência de briga com pais e namorado. Antes de iniciar o processo psicoterápico, o profissional escreveu algo como: “...adolescente frágil e confusa, [...] agressividade como defesa. A turbulência parece ir além de um processo ‘normal’ da adolescência. Família objetivamente perturbada [...]. Sinto-me interessado em ajudá-la...” (O autor).

² Neste texto, considero como psicanalista qualquer profissional que utiliza a psicanálise em sua clínica, de forma ética, independentemente do tipo de formação que escolheu.

³ Esta paciente poderia ter sido atendida na rede pública, na rede privada, numa instituição psicanalítica ou num serviço universitário.

O analista se encontra diante de um “caso” e efetua diagnósticos provisórios baseados em teorias sobre o funcionamento mental. Ao mesmo tempo, sabe que essas impressões iniciais terão que ser deixadas entre parêntesis, para que possa observar o que vai ocorrer no “aqui e agora” do processo analítico.

Após algum tempo, o analista escreverá algo como:

... e durante essas fases as fantasias de fusão comigo tomavam fortemente o campo e se manifestavam como defesas frente a terrores de aniquilamento. Tentava tornar-me sua posse o que reforçava seus terrores de ‘não ser’. Em outros momentos, reativamente, Maria criava uma espécie de carapaça que a protegia desses terrores, sentindo-se forte e potente. [...]. Lutos mal elaborados. Modelo útil: placenta penetrando desesperadamente parede uterina, para evitar morte. [...]. A gravidez acabou se revelando como forma de manter a relação parasitária: identificava-se com o bebê, vendo-se num mundo nirvânico intraútero e grudava-se no namorado-mãe-casal parental. Repetição das fantasias com o recém-nascido. Mecanismos similares comigo, ignorando que eu tivesse vida fora da sessão, propensão ao álcool e drogas; busca desesperada de respostas religiosas que a retirassem do caos. Ameaças e riscos autodestrutivos e suicidas como vingança frente a frustrações. Morte como encontro com objeto idealizado. [...] Atualmente, possibilidade de ver-se como objeto separado, vicissitudes edípicas fazendo-lhe sentido. (O autor).

Um estudo de caso na comunidade

Deixemos o psicanalista e acompanhemos um profissional de Saúde Comunitária que pertence à universidade ou solicita sua assessoria. A sociedade demanda fazer algo em relação à endemia de adolescentes grávidas (as estatísticas constantemente apresentadas nos facultam ter como hipótese uma situação que poderia ser posta para esse médico sanitarista: do total de partos realizados pelo SUS em 2013, 31% ocorreram entre meninas de 10 a 19 anos; 18% das meninas entre 15 e 19 anos engravidaram pelo menos uma vez e com certeza metade ou mais já praticaram aborto, incluindo muitas que não aparecem nas estatísticas). O profissional está diante do que se chama “problema de saúde pública”. Conforme aprendeu, além de procurar pistas nos registros existentes na comunidade, vai efetuar um estudo epidemiológico descritivo, em que avaliará características e variáveis relativas à população que engravida. Sua tarefa passa pelo planejamento de serviços e pela busca de relações possíveis entre fatores nos quais possa intervir preventivamente. Construirá seus instrumentos de pesquisa partindo de algumas hipóteses ainda pouco firmes. Se for um pesquisador bem preparado, também perceberá fatos nos quais não tinha pensado. Nesse ponto, se aproxima do psicanalista, que também busca o não conhecido.

Mas, ao contrário do que ocorre na investigação psicanalítica, as observações do profissional de saúde comunitária far-se-ão num campo em que os dados são claros, visíveis para qualquer um, podendo ser facilmente avaliados por outros

pesquisadores. Com base nos resultados obtidos, poderão surgir hipóteses mais firmes, que serão testadas em estudos epidemiológicos mais complexos e também por outros meios. Concomitantemente, esse profissional também levará em conta hipóteses surgidas de outras áreas, como a clínica, e resultado do acúmulo de observações individuais em que certas variáveis se repetem. Incidentalmente, o epidemiologista poderia utilizar o caso clínico do psicanalista citado, isolando variáveis tais como: gravidez, tentativa de suicídio, comportamentos rebeldes, uso de drogas, características do núcleo familiar, labilidade emocional etc., desde que mensuráveis.

Assim, num segundo momento, o epidemiologista poderá utilizar outras estratégias metodológicas, como diversos estudos de caso-controle, de cortes populacionais (segmentos) com avaliações mais sofisticadas de variáveis menos evidentes.

Suponhamos que ele opte por um estudo tipo caso-controle. Cada menina grávida (caso) poderia ser pareada com outra não grávida (controle) em características bem definidas, fruto de hipóteses levantadas antes. Por exemplo, idade, estrato socioeconômico, ambiente de moradia etc., variáveis essas que, ao serem fixadas, permitirão o surgimento de outras mais sutis. A comparação dos dois grupos em relação a essas variáveis mostrará fatores diferenciais entre moças que engravidaram e que não engravidaram (ainda, o que já implica um “bias” que terá que ser levado em conta). Concluída a pesquisa, o profissional escreve:

... identificaram-se variáveis que demonstraram uma forte associação com o evento gravidez [...] as famílias do grupo de casos eram significativamente mais desestruturadas que as do grupo controle, com maior frequência de ausência de pais, problemas conjugais, violência doméstica, uso de álcool, e problemas com a polícia e a justiça. As moças do grupo de casos consumiam mais drogas e álcool e também tinham mais problemas legais e de relacionamento que as do grupo controle. O mesmo ocorria em relação a problemas na escola e no trabalho. O número de mortes nas famílias do grupo de casos também era maior do que no controle. Com frequência, a gravidez estudada não era a primeira, havendo indícios de que o comportamento era repetitivo. [...]. Sugere-se, para próximos estudos, a quantificação de tentativas de suicídio, fato não indagado, mas que apareceu espontaneamente em algumas entrevistas, assim como problemas intensos de relacionamento entre os casos e seus parceiros”⁴ (O autor).

Proponho que, nas situações assinaladas, psicanalista e epidemiologista estudaram, cada qual à sua maneira, configurações que desembocaram nas queixas – a clínica e a social. Há evidências de que a junção dos resultados obtidos por ambos os profissionais é não apenas possível, mas desejável, ainda que alguns conjuntos de variáveis fossem acessíveis somente por um dos métodos. Esses dados poderão ser utilizados por planejadores de ações de saúde e também por investigadores, preferentemente em equipes interdisciplinares, que, além de avaliarem os

⁴ No estudo epidemiológico hipotético citado, as relações efetuadas foram baseadas em outros trabalhos do autor (cf.: Cassorla, 1985). Já o caso clínico é fruto do trabalho psicanalítico do autor e de supervisões de colegas.

programas, aprofundarão o conhecimento de fatores envolvidos no problema.

Ao mesmo tempo, outros profissionais de Saúde e de Ciências Humanas abordarão aspectos médicos, culturais, sociológicos, ideológicos, econômicos, políticos, psicológicos, psiquiátricos, educativos, jurídicos, comunicacionais, comunitários etc., em sua interação com o fenômeno “adolescente grávida”.

Em particular, psicanalistas poderão discutir entre si seus casos similares aos de Maria. Com grande possibilidade, verificarão que configurações internas colocadas em cena no campo analítico terão características comuns, ainda que mantenham a peculiaridade individual. A troca de experiências e o acompanhamento dos casos refinará a observação. Em algum momento, impor-se-á uma teorização mais profunda. Na situação hipotética estudada, poderiam chegar a ideias sobre estruturas chamadas “borderline”, para alguns, e “históricas”, para outros. Essas visões seriam cotejadas, considerando-se idiosincrasias escolásticas. No entanto, independentemente da preferência teórica, quase todos estarão de acordo em relação aos fatos clínicos que emergiram na relação analítica, e muitos ampliarão sua reflexão compreensiva rumo a medidas preventivas, primárias, secundárias e terciárias.⁵

⁵ A prevenção primária implica promoção de saúde, prevenção do agravo e diagnóstico precoce; a secundária, ações efetuadas quando o problema já se manifestou; e a terciária remete à reabilitação.

Evidentemente, as situações descritas poderão ter a universidade como local privilegiado para discussão, envolvendo profissionais de várias áreas e com experiências variadas. O tema comum atrairá os profissionais. A forma de comunicação entre os profissionais, em particular do psicanalista com seus colegas, terá que ser aprendida no dia a dia.

Possibilidades de intervenção

Com os dados obtidos, desses e de outros estudos, a universidade poderia propor algumas ações, aqui bem resumidas:

- 1) Parte dos pesquisadores universitários e dos planejadores de saúde governamentais sugerem políticas que enfatizem, principalmente, a divulgação de métodos anticoncepcionais e a educação sexual obrigatória nas escolas. No entanto outros assinalam que o fator “falta de informação” deve ter importância menor, já que há indícios fortes de que as jovens grávidas estão, quase sempre, bem informadas. Questiona-se, também, o que seria essa “educação sexual”. Cada profissional se coloca de seu ponto de vista. Em particular, psicanalistas demonstram que as jovens em questão tendem a manter configurações internas que impedem a utilização cognitiva de informações sobre sexualidade e anticoncepção. Mais ainda, propõem que muitas vezes a gravidez se constituiu numa tentativa de aplacar terrores

persecutórios e confusionais, sendo, portanto, “desejada”, e o bebê servindo identificatoriamente como um objeto simbiotizado, protetor. Esses fatos são colocados numa linguagem compreensível pelos demais. Outros profissionais se lembram de casos em que adolescentes, acompanhadas pelas equipes de saúde, não mediram esforços para engravidarem, e que algumas se revelaram ótimas mães. Os planejadores, com esses dados, passam a relativizar algumas ideias e questiona-se o valor de programas apenas informativos.

- 2) Alguns promotores de políticas de Saúde, partindo do fato de que as famílias das jovens em questão costumam ser desestruturadas, propõem que as jovens grávidas sejam acolhidas em instituições, recebendo educação profissionalizante. Com isso, evitar-se-iam novas gestações. Vários profissionais são contrários, os psicanalistas também. Além de aspectos éticos, argumentam que, muitas vezes, famílias, ainda que “ruins”, podem ser melhores que instituições, mais ainda se recebem a atenção de equipes de Saúde. As instituições são criticadas em função de suas ideologias subjacentes e reforça-se a necessidade de vínculos emocionais fortes para o desenvolvimento do ser humano, em particular do adolescente. Ocorrem discussões intensas sobre fatores ideológicos

envolvendo a atenção aos seres humanos, em particular a essas jovens.

- 3) Propõe-se que os bebês nascidos dessas gestações sejam “dados” para famílias com melhores condições materiais e emocionais que as das adolescentes. Essas famílias poderiam receber auxílio financeiro do Estado, com fiscalização sobre sua utilização. Propõem-se também projetos para facilitar a adoção. Em algum momento, alguns planejadores de saúde pensam na necessidade de trabalhar politicamente para que ocorra a liberalização legal do abortamento, e na “educação” das jovens para que procurem futuros programas desse tipo. Outros profissionais, incluindo psicanalistas, opor-se-ão a essa generalização, usando argumentos os mais variados, a maioria conhecidos por todos os leitores, mostrando a violência com a adolescente, com seu bebê, a manipulação econômica e ideológica, a coisificação e o desrespeito com o ser humano, além da desvalorização dos aspectos emocionais envolvidos.

Poderíamos estender-nos em infinitas propostas, aparentemente muito sólidas, muitas deixando clara a determinação ideológica do conhecimento científico, e também no “fechar os olhos” para determinadas áreas, incluindo as contribuições do conhecimento psicanalítico. O risco de psicanalistas e outros profissionais que lidam com o homem serem considerados inconvenientes (e excluídos de equipes assistenciais

e de planejamento) sempre persistirá. A luta por ideias passará, portanto, também pelo político.

Evidentemente, os exemplos resumidos acima, se serviram para mostrar possíveis interfaces Saúde/Psicanálise, não são justos com nenhuma das duas áreas. Isso porque várias formas de conhecimento, incluindo a própria psicanálise, já fazem parte de nossa cultura e se refletem na maioria das políticas de Saúde. Atualmente, em nosso meio, é altamente improvável que algumas das propostas acima sejam sugeridas ou aceitas, ainda que elas persistam, sutilmente, de forma não oficial. Discussões promovidas por psicanalistas, assistentes sociais, psicólogos, juristas etc., em relação ao funcionamento de instituições para internação de adolescentes, serão facilmente ilustrativas de sua inadequação, com as exceções de praxe. Menos fácil será demonstrar que, muitas vezes, uma família “ruim”, se acompanhada e cuidada, pode ser melhor que uma instituição ou uma família estranha. Ou que adolescentes de rua podem ser mais sadios que internados. Outros pontos que poderão implicar controvérsias possivelmente envolverão a ênfase no conhecimento e no respeito pela individualidade, na flexibilidade de autoridades judiciárias e serviços sociais para que considerem a especificidade de cada situação, vendo seres humanos e não apenas normas e regras.

Certamente quase todos os profissionais estarão de acordo em relação à necessidade de trabalhos com famílias, com a comunidade, com a escola, com crianças de rua, com instituições e outras organizações, com grupos de risco etc., ainda que alguns

profissionais (incluindo psicanalistas) se mostrem algo descrentes em relação a determinadas formas de ação.

No texto acima, propositalmente, o psicanalista foi colocado se opondo, derrubando propostas. Certamente ele seria questionado sobre “o que fazer”. Alguns profissionais, coerentemente, poderão argumentar, com clareza, que “o que fazer” não corresponde à sua área – eles apenas investigam o funcionamento psíquico e se satisfazem quando essa investigação produz mudanças no seu paciente individual. Outros psicanalistas, tão éticos quanto os anteriores, aceitarão a provocação. Sua visão, geralmente dirigida ao espaço transferencial-contratransferencial, terá que ser redirecionada, e o analista terá que pensar como aplicar seu conhecimento, suas teorias, sua prática num contexto totalmente diferente do seu dia a dia profissional. Será obrigado a fazer “psicanálise aplicada”, deixando de ser o psicanalista clínico estrito, sabendo que entrará numa área desconhecida, inóspita, desafiadora, e sempre em dúvida se não está agindo onipotentemente, para além do que a psicanálise lhe permite. Em suma, esse psicanalista terá que ser capaz de efetuar uma cisão sadia, não mesclando sua função de psicanalista clínico com aquela de agente de “psicanálise aplicada”.

Obviamente, não há necessidade do psicanalista clínico para que o conhecimento psicanalítico possa ser aplicado. Outros profissionais poderão utilizar-se dele (como já ocorre com médicos, educadores, assistentes sociais, psicólogos, juristas), mas esse conhecimento provirá, em geral, de pesquisas clínicas

efetuadas por psicanalistas clínicos. Atualmente, cada vez mais, encontramos os “aplicadores” da psicanálise aprofundando-a em estudos não necessariamente clínicos, trazendo contribuições interessantes.

Na situação em estudo, como exemplo, o psicanalista (ou o profissional que utiliza a teoria em questão) terá que rever o que sabe sobre vínculos emocionais, propor e testar formas de implementá-los para que sejam adequados, além de aprender a lidar com grupos e famílias, com professores e escolas, com instituições e grupos sociais. Terá que compreender religiões, ideologias, modas e descobrir suas funções em cada contexto. O mesmo fará em relação a modos de produção, de organização do trabalho, manifestações artísticas, educação, outros serviços, lazer, aspectos subculturais do grupo em questão, momento histórico e econômico e, principalmente, fatores emocionais que permeiam a vida da comunidade. Pensará em como aplicar o conhecimento psicanalítico em educação em saúde, campanhas, comunicação, conscientização. Enfim, procurará mostrar aos planejadores e administradores de Saúde Pública o que os conhecimentos providos da psicanálise aconselham e desaconselham. Ao mesmo tempo, e isto é extremamente importante, mantendo a ética, a mesma ética com a qual se constituiu como psicanalista, buscando a verdade e denunciando a manipulação e a coisificação do ser humano, sabendo que, longe de sua atividade clínica, terá que se defrontar ainda mais com seduções e fraquezas que constantemente ameaçam sua identidade psicanalítica.

Repito que muitos psicanalistas não conseguirão fazer isso, outros se recusarão acreditando sinceramente que não lhes cabe, e outros ainda poderão não perceber fatores onipotentes, deturpando o que a psicanálise conquistou com tantas dificuldades. Alguns analistas poderão participar mais ativamente, mas a maioria terá uma função assessora extremamente importante: discutindo com os planejadores e aprendendo de outros profissionais de todas as áreas.

Finalmente, um grupo de psicanalistas, maior ou menor conforme a subcultura local ou do momento, poderá se dedicar a fazer o que mais sabe: atender pacientes, mas renunciando ao aprofundamento que desejariam e poderiam se participassem de processos analíticos estritos. Aqui estamos diante de uma imensa quantidade de opções psicoterápicas que utilizam o conhecimento psicanalítico, onde se incluem grupos terapêuticos, de reflexão e discussão, grupos Balint, terapias familiares, institucionais etc., além do trabalho de supervisão de equipes de saúde. Ainda que alguns considerem tais opções filhas bastardas da psicanálise (o cobre), há que se constatar que herdaram as boas características de seus genitores.

Agora se impõem sugestões práticas sobre “o que fazer” que a Saúde Pública cobra da psicanálise. As propostas são as seguintes:

- 1) criação de programas de atendimento psicoterápico às adolescentes e suas famílias, individual e/ou grupal. Para tal, haverá que se formar mais profissionais capacitados,

e uma função importante do analista será planejar e participar dessa formação;

- 2) uso de técnicas de reflexão em grupo baseadas em conceitos psicanalíticos, que estimulem o contato com o mundo interno, levando ao fortalecimento de vínculos afetivos;
- 3) estímulo à sociedade para que pense formas de manter figuras de identificação forte e positiva para os adolescentes, enfatizando-se o trabalho com a “mídia”, com a formação de professores, com profissionais de saúde e outros líderes, formais e informais. Essa formação deverá introduzir, afetivamente, estímulos para pensar também os sentimentos;
- 4) estímulo à experiência de programas de famílias acolhedoras, substitutas, observando-se vicissitudes relacionadas à escolha, ao treinamento, ao segmento e à orientação permanente por parte das equipes de saúde. Essas famílias receberão jovens sem lar, ou provisoriamente, até que as famílias de origem possam ser recompostas com o auxílio de equipes psicossociais;
- 5) preparo afetivo da adolescente para lidar com a gestação, com seu parceiro (ou com sua ausência), com sua família de origem (e com a família do pai do bebê) e com seu futuro bebê (ou com sua perda, se abortou), facilitando a tomada de decisões sobre sua vida futura. Criação de

espaços que permitam a reflexão conjunta e a elaboração dos lutos da adolescência;

- 6) transformação radical das instituições que recebem jovens sem lar, evitando-se ao máximo sua utilização, que ficará para último caso, enquanto não se criarem espaços mais adequados (como famílias substitutas, lares abrigados, casas-lar etc.), sempre se levando em conta os conhecimentos descobertos pela psicanálise.
- 7) atendimento adequado, humano, no caso de abortamentos, para o pré-natal e o parto, e auxílio à mãe na relação com seu bebê. Identificação individualizada de aspectos que dificultarão ou impedirão o papel materno. Em determinados casos, avaliar a necessidade de adoção e efetuar os preparos e acompanhamentos necessários.

Concomitantemente com as ações propostas acima, implementação de todas as ações sociais que facilitem o desenvolvimento da adolescente, do possível bebê, das famílias da comunidade, da comunidade como um todo; ações essas que serão avaliadas e modificadas alicerçadas na experiência e num maior conhecimento das peculiaridades de cada agrupamento social ou populacional. O básico, e extremamente importante, é que todas as ações acima sejam efetuadas levando-se em conta a individualidade, respeitando-a, estimulando-se a liberdade de pensar e decidir, e com o envolvimento ativo da comunidade, que deverá ser o principal agente de mudança. Essa atitude tem

similaridades com a ética da “atitude psicanalítica”, e ela deve permear todas as Políticas de Saúde.

Finalmente, o psicanalista poderá assessorar todas as ações de promoção da saúde e da vida que proporcionem oportunidades e formas de escolaridade, de trabalho, de lazer, de exercício da cidadania e de conscientização em relação à dignidade do ser humano, e ainda no que se refere à liberdade e responsabilidade, à capacidade de pensar e ao trabalho nas escolas (abertas, por exemplo, durante 24 horas, com espaços estimulantes para a interação humana, das famílias e de grupos sociais). As teorias psicanalíticas podem dar-nos elementos importantes para a implementação dessas atividades, e também para sua avaliação constante, no que se costuma chamar de “pesquisa-ação”. No nosso caso, “pesquisa-ação” orientada psicanaliticamente. Algo que sabemos fazer muito bem em nossos consultórios quando verificamos imediatamente as consequências de nossas intervenções, guiando-nos rumo ao desconhecido. Certamente essa capacidade também poderá ser usada ativamente na universidade e nos trabalhos com a comunidade.

Ampliando o campo de reflexão

Os fatos abordados acima estimulam mais reflexões sobre a questão da Saúde em suas fronteiras com fatores psicológicos e sociais que podem ser estudados a partir de múltiplos referenciais. Por serem multidisciplinares, essas reflexões costumam ser lideradas pela universidade.

Podemos definir Saúde Pública (atualmente, a tendência é o uso do termo Saúde Comunitária) como o conjunto de procedimentos que previnem a doença, prolongam a vida e promovem saúde física e mental, utilizando para tal esforços organizados da comunidade. É uma área cada vez mais exigida, pois hoje se considera a saúde como um direito humano, algo quase não vislumbrado há pouco. Ao mesmo tempo, os problemas a serem enfrentados se mostram em sua complexidade cada vez maior, exigindo-se a multidisciplinaridade, tanto para o estudo como para a execução de ações de saúde.

Penso que aqui já se encontram latentes possíveis confusões entre o papel dos chamados “técnicos” multidisciplinares e os aludidos “esforços organizados da comunidade”, principalmente em relação a se a comunidade se organiza ou se é “organizada” de cima para baixo. De qualquer forma, a participação da comunidade é um progresso em relação a políticas em que isso não era levado em conta. Outro aspecto potencialmente confuso é o que se refere às definições do que seria “saúde física e mental” (e também “social”), já que sabemos que sua conceituação é influenciada por fatores socioculturais. Não me estenderei em relação a essas controvérsias, mas não custa tomar uma situação como exemplificadora dos perigos que se correm se não levarmos em conta fatores ideológicos.

Situação-problema: pesquisadores e profissionais de várias áreas constataam a existência de uma explosão demográfica na

China que impediria uma melhora na “qualidade de vida”⁶ de sua população. Como consequência, é proposto e criado um programa de Saúde Comunitária preventivo. Entre as ações efetuadas, proíbe-se que famílias tenham mais de um filho. A desobediência é considerada crime, levando a rigorosas punições. Por outro lado, como culturalmente as meninas são menos consideradas que os meninos, algumas passam a ser mortas logo que nascem. O produto de outras gestações deve ser abortado, morto ao nascer, ou escondido permanentemente. Apesar desses efeitos acessórios (entre os quais se incluem ações de desnutrição mortífera e maus-tratos de crianças criadas em instituições), a política parece estar dando resultados, cumprindo as metas desejadas.

Caso o leitor se tenha chocado com os fatos descritos, levantaria a possibilidade de que, ideológica e emocionalmente, valoriza-se a individualidade, alguns dirão, em detrimento do coletivo. Nessa hipótese, poderíamos pensar que ele se identifica com pais, mães e crianças a quem não foi dado o direito de escolha. O leitor deve ter notado que agora a psicanálise entrou em jogo, como teorização auxiliar referida à conduta do observador diante de um suposto problema de Saúde Pública.⁷

Mas não podemos nos esquecer de que a cultura chinesa não é a nossa, e para quem está interessado na interface Psicanálise-

⁶ O termo “qualidade de vida” é também socialmente determinado...

⁷ O psicanalista terá também que se cuidar para não utilizar seu conhecimento ideologicamente, ou valorizar a teoria psicanalítica (que também não é “neutra”) apenas naqueles aspectos que lhe convêm, por vezes deturpando-a.

Saúde Pública, impõe-se a questão concernente a fatores sociais e culturais relativos ao autoritarismo e à obediência submissa. Seria possível pensar, inclusive, na possível influência desses fatores na constituição do psiquismo, um tema controverso. Esse raciocínio desemboca na aplicação do conhecimento psicanalítico para além da relação paciente/analista.

Entretanto, se fatores culturais poderiam causar questionamento em relação a nossos processos de identificação com os chineses, esses mesmos fatores deveriam diminuir no Ocidente, com quem compartilhamos mais características socioculturais. Assim, deveria ser mais fácil aceitar a “política de Saúde Pública” que consistia na arianização da humanidade pregada pelos nazistas, com os sabidos morticínios de judeus, deficientes, ciganos, homossexuais e, num futuro que não se cumpriu, negros e mestiços. Não estamos imunes a comportamentos parecidos, e vemos isso em nosso dia a dia. Não nos esqueçamos dos programas de eugenia brasileiros propostos por nossos colegas da área mental há poucas décadas. As próprias instituições psicanalíticas tampouco estão imunes a acusações de elitismo preconceituoso.⁸

A psicanálise tem lugar na abordagem desses aspectos (racismo, submissão, autoritarismo, liberdade individual, necessidades coletivas, filicídios, controle forçado da natalidade, violência etc.) e, começando com Freud, têm sido publicados inúmeros trabalhos valiosos que tentam compreendê-los do ponto de vista psicanalítico.

⁸ Por vezes efetuadas por grupos anti-institucionais, que se proclamam como “elite”.

As situações trazidas acima abordam assuntos relacionados à saúde, agora redefinida como algo que vai além do binômio saúde-doença, no que se tem chamado “qualidade de vida”. Essa “qualidade de vida” é influenciada por fatos que passam por variados graus de violência, como guerras, torturas, corrupção, preconceitos, indignidade, desrespeito, desumanização, chegando aos mais mezinhos direitos humanos, como os de comer, morar, trabalhar, amar, pensar, ser livre, organizar-se, reivindicar, poder transformar o mundo criativamente, enfim, viver dignamente. A Saúde Pública tende a se tornar uma ética, uma arte de bem viver, numa dialética individual-coletivo. Algo similar ao que a psicanálise, segundo muitos, também busca.

Agora que o conceito de Saúde Pública nos levou a algo próximo a uma vida digna, é facilmente perceptível que a abrangência do tema torna impossível abordagens totais. Neste trabalho, enfatiza-se apenas um aspecto, aquele objeto dos chamados profissionais de Saúde, aos quais se acrescentam alguns das Ciências do Homem. A tendência moderna, em Saúde Pública, refere-se menos a definições, todas social, política e culturalmente definidas, do que à operacionalização de cada vez mais e melhores níveis e práticas de qualidade de vida que não passam por definições, mas pelas correlações de forças entre diferentes interesses postos na sociedade. Uma conceituação que valoriza, basicamente, o conflito, um assunto ao qual nós, os psicanalistas, nos dedicamos intensamente.

Para além do individual: reflexões sobre a psicanálise

A psicanálise foi definida por seu fundador como: 1) método de investigação de processos mentais inacessíveis de outra forma; 2) método terapêutico de perturbações neuróticas baseado em tal investigação; 3) série de conhecimentos assim adquiridos, que vão constituindo paulatinamente uma nova disciplina científica.

Essas três acepções são complementares e sabemos que têm se desenvolvido principalmente através do trabalho clínico, no campo diádico analista-analisando. É nesse campo que se manifestam cenas produzidas pela interação entre aspectos dos mundos internos de cada membro da dupla analítica, que transformadas permitem sua ressignificação.

Dessa forma, a investigação, o tratamento e a teorização se interpenetram, influenciando-se a tal ponto que nem sempre podem se diferenciar, a não ser de forma artificiosa. Notemos que os desenvolvimentos citados ocorrem principalmente a partir da clínica, do que costuma ser chamado “estudo de caso”, sendo o caso o indivíduo em análise, ou a dupla analítica.⁹

Caso se aceite que a psicanálise também pode abordar o coletivo, as três acepções de sua definição, ainda que válidas, necessitam ser repensadas.

⁹ Na verdade, o “estudo de caso” indica a particularidade do objeto de estudo. Nas áreas clínicas, geralmente é uma pessoa. Mas o “caso” poderia ser um grupo, uma instituição, uma situação, uma sociedade ou cultura, uma atividade educativa, cultural etc., desde que abordados como um conjunto definido em si mesmo.

A – Método de investigação

Aqui podemos partir de duas premissas:

A1.) os processos mentais individuais, ainda que particulares para cada ser humano, devem ter algo em comum nos vários indivíduos. Assim, conhecendo-se o “funcionamento mental” de alguns seres humanos, conheceríamos leis gerais, ainda que sua manifestação seja particular, única. Por isso, ainda que apenas uma parte infinitésima dos seres humanos tenha sido investigada psicanaliticamente, cabe a indução de que em todos se constitui algo não consciente, do qual depende sua forma de viver. Esse “algo” pode ser compreendido por teorias que envolvem conceitos psicanalíticos decorrentes de evoluções diferentes a partir de um tronco comum;

A2.) a interação entre os “funcionamentos mentais individuais” se constitui em outros processos mentais, os quais poderiam ser investigados usando-se métodos e técnicas derivados daqueles utilizado para o estudo do individual. Nesse caso, grupos de pessoas, instituições, produções humanas, e mesmo uma sociedade ou cultura, poderiam ser estudados. Essa premissa não conta com a unanimidade dos psicanalistas, o que ocorre no item anterior. E, para muitos dos que a aceitam, os resultados das investigações estão aquém do que se tem conseguido com o conhecimento do individual, questionando-se a potência e a validade do método diante de configurações que tendem a ser muito complexas.

Essas dificuldades, por vezes, fazem com que se considere esse tipo de investigação mais predisposta a vieses ideológicos. Apesar disso, cada vez mais se têm refinado os métodos investigativos nessas áreas, e um exemplo é o que tem ocorrido com as “psicoterapias analíticas de grupo” e também com as chamadas “pesquisas qualitativas”. Sobre essas discutiremos adiante.

B – Método terapêutico

Na abordagem do coletivo, a intervenção terapêutica fica limitada pelos mesmos fatores discutidos acima: variáveis numerosas e complexas, dificuldades no “setting” e na validação. No entanto, as experiências existentes em análises grupais e institucionais mostram que o conhecimento psicanalítico é útil, e abre perspectivas de caminhos que estão sendo melhor conhecidos. A fertilização com outras áreas do conhecimento se impõe.

C – Teoria

Para muitos, já existe um desenvolvimento suficiente para que a teoria psicanalítica possa ser utilizada em áreas para além da clínica individual. Desde Freud, uma infinidade de autores o tem feito, buscando compreensão de outras produções humanas nas áreas sociais, culturais, artísticas e comunitárias, incluindo estudiosos não psicanalistas. A questão da validação é cada vez mais constantemente discutida e ressignificada criativamente.

Pelos motivos expostos, penso na utilidade das três acepções, sendo a terceira, a teoria, a menos problemática, e de

fácil utilização pelos membros das equipes de Saúde com visão psicanalítica.

A pesquisa qualitativa orientada psicanaliticamente

Há que se refletir mais sobre dois obstáculos que poderiam dificultar a fertilização Saúde Pública/Psicanálise: o objeto de estudo e o método. A universidade é o local propício para essa reflexão. A instituição psicanalítica poderá contribuir e deixar-se fertilizar por ela.

Quanto ao objeto de estudo, já vimos que a psicanálise se debruça sobre o indivíduo em sua vertente “não acessível a outros métodos”. Nas considerações efetuadas acima, propôs-se que o estudo do indivíduo não invalida que suas conclusões possam ser remetidas ao coletivo, ou que esse mesmo coletivo possa ser investigado naqueles aspectos “não acessíveis por outros métodos”. Isto aceito, com maiores ou menores ressalvas, Psicanálise e Saúde Pública deixam de ser campos opostos e passam a ser considerados como complementares.

Quanto ao método, a psicanálise clínica exige um “setting” que permita a colocação em cena de “aspectos não acessíveis por outros métodos” e de profissionais que tenham contato com derivados de seus próprios aspectos inconscientes, para que essa colocação em cena possa ser ressignificada da forma mais verdadeira possível. A Saúde Comunitária, por outro lado, lida com variáveis presentes na comunidade de forma manifesta, procurando, quando possível, “enquadrar” alguns fenômenos para

seu melhor exame. Eles serão descritos e relacionados através de procedimentos da Epidemiologia. Os antropólogos, que efetuam algo próximo no estudo de culturas ou fatores subculturais, criam um “setting” mental enfocando aqueles aspectos que estimulam curiosidade, problemas, questionamentos ou necessidade de ação. A “observação-participante” implica observar e, ao mesmo tempo, vivenciar o que ocorre na cultura estudada. Os adeptos da pesquisa-ação fazem o mesmo: focam o objetivo no que é considerado problema, promovem ações, e elas são validadas através de mudanças na forma como o problema se recoloca. Isso leva a novas indagações, pesquisa e ação.

Notemos a similaridade com o que os psicanalistas clínicos efetuam: sujeitamo-nos a um “setting” mental (mais importante que o têmporo-espacial), um espaço que permita a emergência do desconhecido, ainda que estejamos disciplinados a não hierarquizar qualquer emergente, esperando por sua articulação com outros, e isso vai ocorrer permanentemente. Sua atitude é parecida à do observador-participante da antropologia. As configurações que se movimentam no campo analítico trarão pistas sobre formas de ocultamento e desvelamento. Diante delas, o analista é estimulado a intervir (através de interpretações, por exemplo, mas não só delas), e essa é a “ação”. Se ela for adequada, ocorrerão mudanças nas configurações, estimulando mais indagações e “ações”. Não custa lembrar que os psicanalistas se preocupam com o que é “inacessível por outros métodos”, utilizando um modelo auxiliar que se tem revelado extremamente

poderoso: o de realidade psíquica. Esta não é objeto de investigação de sociólogos, antropólogos, educadores, nem de epidemiologistas.

O pesquisador de Saúde Pública adepto da epidemiologia usa outros artifícios. Ele tenta isolar o chamado “problema de Saúde Pública” e relacioná-lo com fatores que, intuitivamente ou através de pistas, o levem a investigá-lo. Esses fatores comumente são mensuráveis, e sua descrição é seguida da quantificação e do uso de estatísticas que permitem revelar o grau de relacionamento entre a variável independente (o problema de Saúde Pública) e as dependentes (que o influenciariam). Estas costumam referir-se a características definidas, tais como idade, sexo, estado civil, nível socioeconômico, religião, determinados hábitos etc. Ao mesmo tempo, com isso dificultam-se possíveis contaminações pelas subjetividades do pesquisado e do pesquisador. Esse tipo de investigação, portanto, valoriza o objetivo, o visível, o mensurável, e caminha em sentido oposto ao da psicanálise e dos estudos do subjetivo, do invisível ou do latente, e daquilo que não é mensurável.

Entre os métodos epidemiológicos, que medem variáveis evidentes, e a psicanálise, em que se vivenciam, na relação transferencial-contratransferencial, aspectos antes não evidentes e nada mensuráveis, existe uma terceira opção. Trata-se da pesquisa sobre fatores conscientes, subjetivos e também não mensuráveis. Esses fatores se conectam com aspectos inconscientes por serem produto de sua manifestação. Entramos aqui numa área promissora, a dos chamados “estudos qualitativos”, que ainda que

variados, levam em consideração o que ocorre na entrevista aberta ou semiestruturada, seus melhores instrumentos. As áreas que têm abastecido o progresso dos estudos qualitativos têm sido a fenomenologia (ao enfatizar-se a “redução fenomenológica” e a empatia do pesquisador) e justamente a psicanálise (ao se levantarem hipóteses sobre o que ocorre na entrevista, na subjetividade do entrevistador, na observação de derivados de sua contratransferência inconsciente e nas cenas relatadas e vividas durante as entrevistas). Dessa forma, curiosamente, verificamos que, num estudo populacional (classicamente área da epidemiologia), podemos utilizar aspectos próprios da psicanálise¹⁰.

O objeto que pede métodos qualitativos é o homem em situação natural, em seu meio, por vezes algo modificável para evitar a interferência de variáveis que fariam ruído. Por exemplo, em nossa área, o “setting” analítico, formal e mental. Mas sabemos que a investigação atinge sua maior criatividade quando surge o ruído indesejável, quando o “setting” é atacado, e será esse ruído indesejável que nos trará o novo, aquilo que não foi pensado – que não conseguimos imobilizar. Em outras áreas, em que o “setting” externo é impossível, teremos que dispor somente do “setting”

¹⁰ Isso também ocorre no “estudo de casos” efetuado por outros profissionais da área de Saúde Mental, os que usam “referencial psicanalítico ou psicodinâmico”, geralmente psiquiatras e psicólogos. E também em outras vertentes das ciências e artes do homem, onde se observam situações sem se descuidar de efetuar hipóteses sobre fenômenos “não visíveis” ou que apenas assomaram, com o auxílio do conhecimento psicanalítico.

mental do pesquisador, do clínico, do psicanalista, do sociólogo, do antropólogo, do historiador, do arqueólogo etc., que tentarão evitar ruído interno e externo, disciplinando sua mente, inclusive, para captar o ruído e compreendê-lo na sua interação com o não ruído: assim, o “setting” mental será o mais importante para observar e estudar o homem em interação.

Vejam um pequeno exemplo de captação de ruído realizado por uma psicóloga sem conhecimento psicanalítico, a quem eu auxiliava em seu trabalho de mestrado. Ela desejava saber como religiosidade e medo da morte se articulavam. Sua hipótese inicial, fruto de sua educação religiosa, indicava o aparente bom senso de que pessoas religiosas teriam menos medo da morte. Isso poderia abrir campo para ações de Saúde Pública. Outro aspecto, possivelmente ideológico, fazia com que nós acreditássemos que uma escala numérica, testada e validada num país do primeiro mundo deveria ser um instrumento útil para começarmos a pensar o problema. A colega desejava estudar essa relação entre médicos que lidavam com pacientes graves. Escolhemos testar uma dessas escalas, que tentava quantificar variáveis definidas como pertencentes a um conglomerado, e que mediriam medo da morte. Em sua primeira aplicação-teste a um médico oncologista, todas as questões que mediriam o medo tiveram escore zero, o que indicava que o médico não tinha nenhum medo da morte. Tudo pararia por aí, se, tendo por base outra vertente ideológica, não tivéssemos pensado em fazer outras perguntas, indo além de escalas. Conversou-se sobre mortes de parentes e pacientes, que o médico

havia enfrentado galhardamente. A conversa foi levando a pesquisadora a indagar detalhes sobre a morte do pai do entrevistado. De repente, o médico passou a suar frio, ficou tonto e se sentiu muito mal, com um quadro que parecia mais grave que uma conversão psicológica, como depois se confirmou que era. A negação nas questões, e a manifestação de seus terrores reprimidos, foi a hipótese mais plausível, ao usarmos o referencial psicanalítico. Tempos depois a hipótese foi confirmada pela investigação psicanalítica do qual o pesquisado participou como paciente.

Além dessa “visão psicanalítica” sobre os fenômenos que esperamos que surjam, o pesquisador qualitativo poderá utilizar, em seguida, um referencial psicanalítico para auxiliar sua compreensão. Existem inúmeros trabalhos com essas características, a maioria sendo realizados em universidades por profissionais de várias áreas, e trazendo valiosas contribuições.¹¹

Em resumo, pesquisa qualitativa em populações se aproxima da psicanálise em alguns aspectos: método de entrevista em que se estimula a liberdade de fala, “setting” mental que privilegia uma “visão psicanalítica” (observação de possíveis derivados do inconsciente), teorização dos fenômenos observados através da psicanálise. Diferencia-se, porém, da psicanálise, pelo

¹¹ Trabalhos desse tipo poderão ser encontrados em uma quantidade imensa de textos, de colegas psicanalistas e de outras áreas das Ciências do Homem. Alguns foram recolhidos pelo autor deste trabalho, que os organizou em dois livros: *Da morte: estudos brasileiros* e *Do suicídio: estudos brasileiros*. Cf.: Cassorla (1998c, 1998b).

fato de o pesquisador apenas observar, sem intervir, pela impossibilidade de aprofundamento nos fenômenos emergentes, e por suas teorizações permitirem apenas hipóteses, necessitando de validação posterior. Os métodos qualitativos enriquecem a visão epidemiológica restrita e se aproximam de fatos “inacessíveis por outros métodos”, constituindo-se numa tática bastante interessante para aproximar psicanalistas e profissionais de saúde, educação e humanidades.

No exemplo citado no início deste trabalho – adolescentes grávidas –, o pesquisador efetuou entrevistas abertas concomitante ao estudo epidemiológico. O estudo qualitativo captou, a partir dos relatos das jovens, seu desespero e desesperança ao se verem ameaçadas de perder vínculos, realisticamente ou em fantasia. Também foi percebido o ataque a esses mesmos vínculos, somado à fragilidade, à persecutoriedade, à sensação de “não ser”. E a busca adesiva de uma “pele” protetora. O autor propôs, naquela ocasião, chamar os vínculos de “simbióticos” e “parasitários”, sem saber que a psicanálise já usava termos similares. Dessa forma, o estudo qualitativo aproximou-se mais das observações da psicanálise do que os estudos epidemiológicos estritos, mais preocupados com a mensuração. Posteriormente, o estudo psicanalítico individual pôde confirmar e aprofundar esses aspectos.¹²

Outras propostas

¹² Turato (2011) publicou um livro em que a investigação qualitativa mostra suas conexões com a psicanálise.

A Psicanálise vem influenciando a cultura, e consequentemente a Saúde, desde o início do século XX. É curioso verificar que, por vezes, existe uma fertilização criativa, as duas áreas se auxiliando, e, em outras ocasiões, conhecimentos e hipóteses psicanalíticos são negados e depreciados. Não custa lembrar que muitas hipóteses derivadas da psicanálise foram abandonadas (tanto nas áreas socioculturais, artísticas e médicas quanto na própria clínica psicanalítica), e outras são aceitas por alguns psicanalistas e não por outros. Também, como vimos, existem os psicanalistas que não aceitam que sua área se expanda além do consultório.

A seguir, serão levantadas situações em que a psicanálise interage de variadas formas com a sociedade, passando pela questão da saúde. São apenas exemplos, já que o campo, além de ser imenso, está em contínua expansão:

- 1) *Comunidades hippies* – um dos grandes “experimentos” de Saúde Pública que visavam refutar aspectos da chamada sociedade burguesa, aqui a psicanálise incluída, foi o das comunidades hippies da década de 60, que pregavam o amor livre. Aliás, esse tema, o “amor livre”, surgira, também paradoxalmente, devido a uma compreensão deturpada da psicanálise. Nessas comunidades, as crianças participavam de uma sociedade sexualizada, onde se negava o tabu do

incesto e os traumas por experiências sexuais precoces. O movimento revolucionário abortou-se por si mesmo, mostrando suas falhas básicas e deixando uma quantidade muito maior que a esperada de crianças que adoeceram mentalmente. O tratamento psicanalítico dessas crianças reforçou fortemente teorias sobre experiências precoces estruturando o mundo mental.

- 2) *Kibutzim* – outro “experimento” de Saúde Pública baseado em ideais libertários ocorreu nos kibutzim israelenses, comunidades socialistas em que se tentou diminuir a influência dos pais, com as crianças sendo criadas conjuntamente, de forma semi-institucionalizada. Novamente, as consequências não foram satisfatórias, aqui comprovando-se a necessidade de convívio familiar e o papel dos pais, principalmente nos primeiros meses e anos. Nesse “experimento”, confirmaram-se premissas da psicanálise, ainda que estudiosos de outras áreas pudessem teorizar com outros referenciais.
- 3) *Hospitalismo* – as observações de Spitz (1974) sobre crianças institucionalizadas, muito bem tratadas do ponto de vista somático, mas que morriam por inanição (no quadro classicamente descrito como “hospitalismo”), confirmou a necessidade emocional de uma relação mãe-bebê concreta.

Posteriormente, as pesquisas com “mães de arame”, que faziam macaquinhos ficarem desesperados, ao contrário dos que tinham mães aconchegantes, se somaram às observações da dupla mãe-bebê, que fazem parte da rotina de psicanalistas e agora de pediatras e profissionais que lidam com a infância. Foi sobre essa base, acrescida de todo o conhecimento teórico psicanalítico, e de contribuições de outras áreas, confirmatórias, que se firmaram procedimentos de Saúde que hoje são rotineiros, por exemplo, a atenção emocional aos bebês e suas mães e família, a necessidade de vínculos emocionais constantes e firmes em creches e escolas, as críticas a instituições burocráticas etc., ainda que, por vezes, a contribuição da psicanálise fique escondida ou até negada¹³.

Uma boa Política de Saúde Pública vai propor, por exemplo, atenção pré-natal, aparentemente, para prevenir agravos ao feto e à mãe, para diagnosticar precocemente problemas que interferirão na saúde de ambos etc. Mas, cada vez mais de forma intuitiva, a população e os profissionais de saúde percebem que essa fase pode ser melhor trabalhada emocionalmente através de vínculos que se

¹³ Incidentalmente, os trabalhos de Spitz (1974), e também de Bowlby (1969), constituem-se em obras de “psicanálise aplicada” à Saúde Pública, e são utilizados por psicanalistas clínicos e planejadores de saúde.

formam com a equipe de saúde, com a participação do pai e outros parentes, com a possibilidade de a futura mãe (incluindo o pai, se presente) ter ouvintes que a ajudem a pensar seus sentimentos e conflitos. Isso era efetuado pelos bons médicos de antigamente, e a demanda atual pelos médicos generalistas, por Programas de Saúde de Família, são conseqüências do conhecimento teórico advindo principalmente da psicanálise. A Medicina Fetal e a observação do bebê intra-útero tem se constituído numa nova área, tanto da Medicina como de áreas afins à psicanálise.

Entre tantas possibilidades de ação e investigação, assinalo apenas uma, bastante simples, como ilustração: estudar-se o impacto emocional da visualização do bebê intra-útero por parte da futura mãe. A hipótese a ser testada seria a seguinte: essa visão estimularia (ou obstruiria, como hipótese alternativa) sentimentos ligados à maternagem? Haveria menos depressão pós-parto ou psicoses puerperais se esse fato se juntasse a vínculos emocionais fortes com a equipe e a família? Evidentemente, essa é uma investigação difícil diante das variáveis que serão encontradas e envolve aspectos éticos importantes. Ao mesmo tempo, como em toda investigação em que o observador também é participante, a influência deste no experimento deve ser estudada.

Outras atitudes não mais são questionadas em Saúde Pública, já como resultado de sua fertilização pela psicanálise. Apenas serão citadas: parto assistido, com a presença do marido e/ou de uma mulher de confiança, que acompanhe todo o pré-natal e se identifique com a parturiente (as dolas, experiência originada

na Guatemala e adotada pela OMS); contato precoce com o bebê recém-nascido; alojamento conjunto mãe-bebê nas maternidades; desvelamento de preconceitos e respeito pelos aspectos subculturais da mãe e de sua família; lidar apropriadamente com a fase de “preocupação materna primária”; amamentação natural sem horários rígidos; conhecer as fantasias da mãe em relação a seu bebê e proporcionar-lhe ajuda; observar e lidar com problemas conjugais, evitando ao máximo trocas de cuidadores do bebê; levar em conta as “intuições” das mães, algo que só elas percebem; etc. Outras situações: lidar com visão psicanalítica com lutos, perdas, abortos, orfandade, separações conjugais, adoções, instituições; compreender o processo adolescente etc., numa lista infindável. Atualmente, tem-se enfatizado o conhecimento psicanalítico da velhice, das doenças crônicas, dos transplantados, dos pacientes terminais, das UTIs, da morte, da dinâmica institucional etc., com propostas criativas¹⁴. Serviços de atenção a viúvos e viúvas, enlutados em geral, a situações de violência doméstica, a doentes crônicos etc., com visitas domiciliares constantes, já fazem parte de programas de Saúde Pública em alguns países. Ao mesmo tempo, a sociedade exige a humanização da atenção aos seres

¹⁴ Os “hospices”, originados na Inglaterra, onde pacientes terminais são dignamente atendidos, fazem parte de Sistemas de Saúde. A ênfase nos vínculos afetivos tem trazido pessoas, antes institucionalizadas (pacientes crônicos, psiquiátricos, inválidos, pessoas idosas etc.) para suas famílias, que também têm sido preparadas para vivenciarem a morte de seus parentes no ambiente intrafamiliar. E lares abrigados que levam em conta fatores emocionais devem substituir instituições onde pessoas são “depositadas”. Cf.: Cassorla (2009, 2012).

humanos, propondo-se modificações nas escolas, no trabalho, nas prisões, na rua, em instituições sociais e de saúde etc.

Não nos esqueçamos de que não é obrigatório que os agentes das ações descritas sejam psicanalistas, mas deverão agir a partir da compreensão psicanalítica. Mais ainda, a importância dos vínculos de confiança, a sinceridade, a compaixão, a verdade e sua forma de abordagem, atos antes somente intuitivos, podem ser trabalhados e aperfeiçoados através de treinamento adequado. Uma das experiências mais criativas usadas para esse treinamento foi a do psicanalista Michael Balint.

As contribuições dos Balint

Com a introdução do “General Practitioner”, logo após a Segunda Guerra Mundial, o Serviço Nacional de Saúde inglês determinou que todas as famílias de determinada área seriam responsáveis desse clínico geral. Este, ao defrontar-se com os problemas de seus pacientes, era obrigado a resolvê-los ou a encaminhá-los ao especialista, que, por sua vez, após tratar o paciente, o reencaminhava a seu clínico geral. Não poderia este, portanto, “livrar-se” dos casos difíceis, como ocorre nos Sistemas de Saúde mais liberais.

Nesse momento, os clínicos verificaram que em torno de 50 % de seus pacientes não apresentavam qualquer quadro orgânico e não respondiam aos tratamentos convencionais. E os médicos não sabiam o que fazer com esses pacientes, que nunca melhoravam. A suspeita de algo de ordem emocional fez com que o Serviço

Nacional de Saúde solicitasse a contribuição dos psicanalistas. Michael Balint, um psicanalista emigrado da Hungria, foi autorizado a estudar o assunto. Ele reunia os médicos generalistas, que contavam detalhadamente seus casos. Evidentemente emergiam também as vicissitudes das relações humanas. Aos poucos, Balint foi compreendendo e teorizando os fatores emocionais identificados. Concomitantemente com a investigação, fez o que hoje chamaríamos de pesquisa-ação: os médicos trocavam ideias e sentimentos, e isso repercutia na relação com o paciente, cuja evolução era relatada e discutida no grupo. Os trabalhos valiosos de Balint (continuados por sua esposa, Enid), hoje clássicos, tornaram compreensíveis muitas das vicissitudes da relação paciente-doença-médico-instituição-sociedade, sempre baseados no conhecimento psicanalítico. Os grupos Balint existem em todo o mundo e são utilizados no treinamento de profissionais de saúde, na formação de educadores e outros profissionais que lidam com seres humanos.¹⁵ A psicanálise contemporânea, que valoriza a intersubjetividade (em suas várias vertentes), tem sido útil tanto na técnica como na compreensão dos fatos ocorridos durante os grupos Balint.¹⁶ Infelizmente, por motivos variados que não poderei abordar aqui, poucos psicanalistas se dedicam a esse trabalho, e sua inserção nos serviços de saúde tem diminuído. Se um fator óbvio é a ênfase no “objetivo” (como a “medicina baseada

¹⁵ O texto clássico de Michael Balint é “The Doctor, his Patient and the Illness”, publicado originalmente em 1957. Cf.: Balint (2005).

¹⁶Cf.: Cassorla (1994, 1996, 1997a).

em evidências”) e a medicalização das emoções, não podemos deixar de assinalar o despreparo e o desinteresse dos psicanalistas em trabalhar em situações complexas.

Minha experiência me levou a verificar que equipes de saúde em treinamento avançado trazem cada vez menos casos e mais situações, situações essas em que emergem conflitos na relação, reflexo dos mundos internos de consultor e consultante. A discussão dessas situações repercute no grupo como um todo, que acaba compreendendo os fatos intuitivamente (e a partir da introjeção de situações similares antes discutidas). O coordenador do grupo se comporta contendo as ansiedades e, quando possível, traduzindo aspectos não verbais em verbais. A teorização, o nomear os fenômenos “psicanaliticamente”, somente adquire importância quando um determinado fato vai se repetindo e o próprio grupo passa a solicitar um termo discriminador. Com o tempo, os médicos (e os outros profissionais das equipes de saúde) sentem-se melhor diante dos pacientes-problemas (e dos pacientes em geral). Não mais se sentem incapazes de lidar com as projeções que os invadem e passam a compreender suas próprias reações e as do consultante. É bastante interessante verificar como cada profissional aprende a lidar com esses fatos, cada qual à sua maneira. O atendimento se humaniza, os diagnósticos são mais precoces, os tratamentos mais eficazes, os conflitos intraequipe são compreendidos, e melhora a qualidade de vida dos profissionais de saúde e a de seus pacientes. Evidentemente, esses profissionais são também capacitados em relação a situações ou casos que devem ser

encaminhados ao especialista. Ao mesmo tempo, as equipes de saúde efetuam trabalhos grupais, preventivos, comunitários, e o vínculo com a equipe se amplia para além do médico. Cada vez mais nos defrontamos com interconsultas relacionadas a situações-problemas em que o consultante não é o paciente, mas sim o médico, a equipe de saúde, a própria instituição e o Sistema de Saúde. Os profissionais, com o tempo, passam a constituir-se em elementos multiplicadores de suas experiências.

Com técnicas similares ou modificadas, podemos lidar com equipes de saúde ou que exercem outras atividades, com grupos de pacientes com patologias as mais variadas, ou ainda com seus familiares.

Concluindo

Este trabalho não pôde dar conta de inúmeras outras situações, e lembremos que também foi deixado de lado propositalmente o enfoque das doenças e perturbações mentais. Mais importante do que relatá-las exaustivamente, é tomar consciência de que o pensamento psicanalítico pode ser útil em todas as situações que envolvem seres humanos, e que a psicanálise continuará se desenvolvendo, possivelmente trazendo mais contribuições para essas áreas.

De uma forma geral, além das compreensões específicas para cada situação, a psicanálise traz de volta a importância do vínculo emocional. Os programas de saúde e a universidade devem implementar esse vínculo, e programas de treinamento podem

usar a teoria psicanalítica (e técnicas derivadas) para isso, associadas a outras. Um programa de saúde em que o médico e a equipe de saúde não tenham medo de aprofundar os vínculos emocionais, sabendo melhor como lidar com eles, dentro e fora de si mesmos, será mais eficiente e criativo. Isso vale não somente para o consultante, mas também para o educador em Saúde Pública, para o agente de saúde, para o visitador domiciliar, para o planejador em saúde, e situações similares passarão pela escola, pela polícia, pela justiça, pelo serviço social etc. Assim, retoma-se a dignidade e a ética, permitindo-se o crescimento através de experiências emocionais.

Um aspecto extremamente importante é a difusão do conhecimento psicanalítico entre profissionais, já na universidade. Um desafio que devemos enfrentar é a forma como isso deve ser feito, para que seja realmente útil. Dessa forma, desde médicos até juristas, passando por todos os profissionais que lidam com o ser humano, poderão ter uma visão do homem diferente daquela dominante, em que ele é coisificado, compartimentalizado, “desafetado”, instrumento de produção e consumo, e impedido de pensar e sentir fora de padrões sociais impostos subrepticiamente.

Ao mesmo tempo, o psicanalista que trabalha com a comunidade se torna beneficiário da possibilidade de refletir sobre a realidade social na qual está inserido, realidade que o desafia a utilizar o conhecimento psicanalítico para compreendê-lo como uma realidade complexa e, por isso mesmo, com a humildade necessária, que o estimulará a buscar a inter e a

transdisciplinaridade. Situações onde o ambiente da universidade se torna extremamente importante.

Inúmeros trabalhos fazem parte dessa interdisciplinaridade e não tenho como citá-los aqui. Posso dividir com o leitor algumas pequenas reflexões próprias publicadas em Cassorla (1984, 1997b, 1998c, 1998d, 2001, 2005a, 2005b, 2007a, 2007b, 2009, 2010, 2012, 2015), reflexões essas que me foram possíveis graças ao ambiente universitário que “pôs a trabalhar” meus conhecimentos psicanalíticos.

Referências

BALINT, M. *O médico, seu paciente e a doença*. Rio de Janeiro: Ateneu, 2005.

BOWLBY, J. *Attachment and loss*. London: Tavistock, 1969.

CASSORLA, R. M. S. A leste do Éden: loucura, feitiço e suicídio. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v.44, n.2, p.147-157, 2010. ISSN 0486-641X.

CASSORLA, R. M. S. A mentira narcísica na sociedade atual. In: TERZIS, A. (org.). *Psicanálise, grupalidade e cultura*. Campinas, SP: Magister-Baron, 2005a. p.151-156.

CASSORLA, R. M. S. A morte e o morrer. In: BOTEGA, N. J. (org.). *Prática psiquiátrica no hospital geral: interconsulta e emergência*. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2012. p.352-364.

CASSORLA, R. M. S. A negação e outras defesas frente à morte. In: SANTOS, F. S. (org.). *Cuidados paliativos: discutindo a vida, a morte e o morrer*. São Paulo: Atheneu, 2009. p.59-76.

- CASSORLA, R. M. S. A perda da inocência e a criação do pensamento: os mitos de Édipo e do fruto proibido. *In: MORAIS, R. de (org.). Perdas e ganhos: o crescimento existencial.* Campinas, SP: Átomo, 2007a. p.63-81.
- CASSORLA, R. M. S. Barbárie, terrorismo e psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v.39, n.3, p.87-95, 2005b.
- CASSORLA, R. M. S. *Da morte: estudos brasileiros.* 2.ed. Campinas, SP: Papirus, 1998a.
- CASSORLA, R. M. S. Depression and suicide in adolescents. *In: PAN AMERICAN HEALTH ASSOCIATION (org.). The health of adolescents and youths in the Americas.* Washington, DC: PAHO, 1985. p.156-169.
- CASSORLA, R. M. S. Dificuldades no lidar com aspectos emocionais na prática médica: estudo com médicos em grupo Balint. *Revista da Associação Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, v.16, n.1, p.18-25, jan./mar. 1994.
- CASSORLA, R. M. S. *Do suicídio: estudos brasileiros.* 2.ed. Campinas, SP: Papirus, 1998b.
- CASSORLA, R. M. S. Gravidez, substituição infanto-juvenil e auto-agressão: ações comunitárias. *In: LEVISKY, D. L. (org.). Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p.131-140.
- CASSORLA, R. M. S. Identidade, trabalho e sociedade: um psicanalista é posto a trabalhar por uma socióloga. *Revista Ide*, São Paulo, v.30, p.17-24, 1997b.
- CASSORLA, R. M. S. Lidando com AIDS: uma experiência de supervisão de equipe multidisciplinar. *In: CASSORLA, R. M. S. Da morte: estudos brasileiros.* 2.ed. Campinas, SP: Papirus, 1998c. p.231-242.
- CASSORLA, R. M. S. O médico anestesiado e suas defesas maníacas. *In: CATALDO NETO, A. C.; ANTONELLO, I.; LOPES, M. H. I. (org.). O estudante de Medicina e o paciente: uma aproximação à prática médica.* Porto Alegre: Editora da PUC/RS, 2007b. p.67-80.
- CASSORLA, R. M. S. O narcisista, Branca de Neve e o poder em nossa sociedade: uma hipótese psicanalítica. *Estudos de Psicologia*, Campinas, SP, v.1, p.93-100, 1984.

- CASSORLA, R. M. S. O psicanalista, o teatro dos sonhos e a clínica do enactment. Londres: Karnac, 2015.
- CASSORLA, R. M. S. O psiquiatra na equipe médica: retratos e caricaturas. *Cadernos Ipub – UFRJ*, Rio de Janeiro, n.6, p.54-58, 1997a.
- CASSORLA, R. M. S. Notas sobre mitos e criatividade. In: SPINELL, J. (org.). *Criatividade: uma busca interdisciplinar*. São Paulo: Editora da Unesp, 1998d. p.42-47.
- CASSORLA, R. M. S. Psiquiatria no hospital geral: reflexões e questionamentos. *Revista da Associação Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, v.18, n.1, p.1-18, jan./mar.1996.
- SPITZ, R. A. *El primer año de vida del niño*. Madrid: Aguilar, 1974.
- TURATO, E. R. Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

Universidade e instituição psicanalítica¹⁷

Ana Maria Loffredo

Introdução

A perspectiva de que a produção de sentido é fruto da relação da figura com seu fundo, ou seja, é contextual, enunciado fundamental da psicologia gestáltica, dá suporte a uma estratégia metodológica promissora (Wertheimer, 1938). Nesse sentido, o ponto de vista historiográfico nos propicia um pano de fundo por meio do qual pode ser mais bem apreendido o sentido das figuras que dão contorno para nossos interesses atuais, no campo complexo relativo à questão da transmissão da psicanálise, que, desse modo se recorta, ela própria, como objeto de investigação.

¹⁷Este trabalho foi apresentado na mesa redonda “Psicanálise na Universidade I”, na Jornada “Transmissão da Psicanálise: Universidade – SPBSP”, realizada na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, em 18 e 19 de novembro de 2012, e se remete à publicação Loffredo (2012). Agradeço ao corpo editorial desse periódico pela autorização para incluí-la neste livro e esclareço que foram feitas pequenas alterações de escrita no texto original, bem como inclusões de alguns parágrafos, sem comprometimento das propostas nele desenvolvidas.

Também a palavra “complexo” bem se presta ao nosso diálogo neste momento, na medida em que aponta para uma rede cujos componentes nos importa destacar, no melhor estilo das concepções e do método analítico proposto por Freud, justamente voltado à decomposição dos elementos pertinentes a esse conjunto, de modo a que novas *gestalten* de produção de sentido possam ser construídas.

Esse quadro confere importância particular ao evento intitulado “Jornada Transmissão da Psicanálise: Universidade – SBPSP”, organizado neste momento da história desta instituição. Creio que esse é o “trabalho” que nos importa realizar no âmbito dessa temática, cada um se ocupando de recortes específicos animados por motivações singulares, a partir de seu próprio trajeto na psicanálise, sem nos esquecermos do estatuto de certa forma conceitual que o termo “trabalho” adquiriu no pensamento freudiano. Essa perspectiva historiográfica nos anima a um rápido passeio às origens, nesta comemoração dos 60 anos da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo – SBPSP na International Psychoanalytical Association – IPA, para observar como o cenário das origens pode iluminar esta reflexão.

Não é por acaso que o título do breve texto de Freud (2010a), publicado originalmente em 1919, abre-se para uma interrogação: “Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?”. Esse pequeno trabalho, que foi publicado pela primeira vez em uma tradução para o húngaro, foi escrito, provavelmente, em 1918, por ocasião do 5º Congresso Internacional de Psicanálise, realizado em

Budapeste. Como nos informa Strachey (1990), havia uma razoável agitação entre os estudantes dessa cidade, no sentido da inclusão da psicanálise no currículo do curso de medicina. É justamente nesse contexto, quando os bolcheviques assumiram o poder na Hungria, que, em março de 1919, Ferenczi foi nomeado professor de psicanálise na universidade.

A discussão efetuada nesse texto freudiano dá encaminhamento à questão que é formulada, tanto no âmbito da psicanálise como no da universidade: “No tocante à psicanálise, sua inclusão no currículo acadêmico seria motivo de satisfação para um psicanalista, mas, ao mesmo tempo, é evidente que *ele pode prescindir* da universidade, sem prejuízo para sua formação” (Freud, 2010a, p.378, grifos nossos). Isso quer dizer que as sociedades psicanalíticas teriam todas as condições para suprir as exigências pertinentes à formação de um psicanalista, do ponto de vista teórico e de experiência prática. Afirmção que se recorta como uma indagação crucial na atualidade: continua assim, ou não tanto assim? Isto é, nos dias de hoje, quais seriam as consequências dessa eventual autonomia das instituições psicanalíticas em relação às universidades? Bem se vê que assim introduzimos uma linha interessante nessa malha complexa que aponta para um elemento de discussão alinhado ao registro propriamente político.

Continua Freud (2010a, p.378, grifos nossos): “A *existência* de uma tal organização [instituição psicanalítica] se deve justamente ao fato de a psicanálise estar excluída das universidades, e ela continuará a exercer uma *função decisiva*

enquanto se mantiver essa *exclusão*". Creio que não é demais destacar essa ênfase na articulação entre "exclusão" e manutenção de sua "função decisiva" como dois significantes interessantes para nossa discussão contemporânea. Inclusive pela simples razão de que a psicanálise não só faz parte, como, de certa forma, inunda os currículos dos cursos de graduação de psicologia.¹⁸

Essa questão abre mais uma linha em nossa rede, se compararmos sua presença significativa nos cursos de Psicologia, em geral, em relação aos cursos de Medicina, nos quais sua presença é variável – linha a partir da qual se desdobra outra vertente interessante de análise, relativa à porcentagem de médicos e psicólogos que procuram, atualmente, tanto a formação analítica como os cursos de pós-graduação na perspectiva da pesquisa em psicanálise.

Voltemos a esse texto de Freud. Naquela época, tratava-se de situar a importância atribuída à psicanálise pela universidade na formação de médicos e cientistas e, nessa linha, ele enumera as razões que fundamentariam sua inserção nos currículos: a lacuna de uma atenção aos fatores psíquicos articulados às diversas funções vitais, bem como às enfermidades e seus tratamentos. Como consequência disto, de um lado, seria estimulado um

¹⁸ Por exemplo, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, "Introdução à psicanálise" é uma disciplina obrigatória do segundo semestre do primeiro ano, e em "Introdução à pesquisa em psicologia", obrigatória do mesmo semestre, há uma vertente específica dedicada à pesquisa em psicanálise. Daí para a frente, a psicanálise comparece até o quinto ano em disciplinas obrigatórias e em uma grande variedade de disciplinas optativas.

“desinteresse pelos problemas mais interessantes da vida humana, seja sadia ou enferma, e, por outro, a inabilidade ao tratar o paciente, de modo que até mesmo charlatães e curandeiros terão mais influência sobre este” (Freud, 2010a, p.379). Embora reconheça que essa lacuna tenha levado à inclusão de cursos de Psicologia fundados na perspectiva da psicologia acadêmica ou experimental, o problema não teria sido resolvido, pois essa orientação não permite o contato do estudante com os problemas humanos gerais, bem como com aqueles emergentes do exercício de sua profissão. É justamente aqui que se recortaria o espaço a ser ocupado pela psicanálise e, então, a pergunta que se colocaria nesse ponto seria a seguinte: de que *forma* a psicanálise seria introduzida nesse contexto?

Deveria haver um curso em caráter introdutório, que preparasse o caminho para as peculiaridades da psicanálise, no qual se discutissem as “relações entre a vida psíquica e a somática, fundamento de qualquer psicoterapia” (Freud, 2010a, p.379), e onde também se apresentassem os procedimentos sugestivos, de modo que fosse possível demonstrar, ao final, como à psicanálise cabe um lugar proeminente e de coroamento entre essas intervenções terapêuticas, pois “mais do que outros métodos, de fato, a psicanálise é adequada para ensinar psicologia ao estudante de medicina” (Freud, 2010a, p.379).

Nessa proposta, o ensino deveria se desdobrar em duas etapas: um curso elementar para todos os estudantes de medicina e um curso especializado, dirigido apenas a estudantes de

psiquiatria. Nesse sentido, a psicanálise também teria o caráter de uma preparação para o estudo da psiquiatria, na medida em que esta prioriza uma abordagem descritiva e “não proporciona o entendimento dos fatos observados, algo que apenas a psicologia profunda pode fazer” (Freud, 2010a, p.380). Então Freud faz referência à presença da psicanálise, “a primeira tentativa de psicologia profunda”, na América, na qual várias escolas de medicina inseriram cursos de psicanálise como introdução ao estudo da psiquiatria.

Como o método próprio à psicanálise na investigação de processos psíquicos e funções intelectuais não se limita ao estudo dos distúrbios psíquicos, mas se estende e propicia contribuições relevantes aos campos da arte, da filosofia e da religião, esse curso geral também poderia ser interessante para estudantes das áreas de história da literatura, mitologia, história das civilizações e filosofia da religião: “A fecundação dessas outras disciplinas pela psicanálise certamente contribuirá para forjar um vínculo mais sólido entre a medicina e os ramos de saber da filosofia e das artes, no sentido de uma *universitas literarum*” (Freud, 2010a, p.381, grifos nossos). Ou seja,

uma universidade só teria a ganhar com a inclusão do ensino da psicanálise em seu currículo. É verdade que este ensino somente poderia ser ministrado de forma *dogmática*, em aulas teóricas, pois quase não haveria oportunidade para experimentos ou demonstrações práticas. Para a pesquisa que o professor de psicanálise deverá realizar, bastaria ele ter acesso a um ambulatório com pacientes ‘neuróticos’, e, quanto à psiquiatria

psicanalítica, um serviço de internação também deveria estar disponível (Freud, 2010a, p.381, grifos nossos).

Parece que não havia expectativa de ganho para a disciplina psicanalítica, na condição de corpo teórico-metodológico, pois esse ensino dogmático, no sentido de ser eminentemente expositivo, deveria se encaminhar, fundamentalmente, como divulgação. Mas não podemos esquecer que isso, naquele contexto, não era pouco.

Nesse contexto, vale a pena inserir um atalho¹⁹ para introduzir brevemente uma questão interessante, mesmo sem desenvolvê-la no âmbito deste trabalho. Sabemos da importância para Freud, desde o início do seu percurso, da distinção entre os métodos “dogmático” e “genético” de exposição e, embora essa diferenciação só seja tematizada mais claramente em “Algumas lições elementares sobre psicanálise” (Freud, 1989a), é relevante destacar como a atenção aos aspectos comunicacionais da transmissão da psicanálise sempre ocupou lugar de destaque em seu trajeto de investigação.²⁰ Nessa obra, ele esclarece que o

¹⁹ Esclareço que as ideias apresentadas a seguir, no recorte deste “atalho”, não constavam da publicação original.

²⁰ Podemos lembrar deste trecho da carta de Freud a Breuer, nos primórdios da constituição do campo psicanalítico, na qual estava justamente preocupado com a forma de publicação de *Estudos sobre a histeria*: “Martiriza-me o problema de averiguar como se apresentaria nossa doutrina da histeria, que é algo tão corpóreo. A questão principal é, sem dúvida, se começamos descrevendo-a de maneira histórica, se começamos com todas as histórias clínicas ou as duas melhores, ou se, por outro lado, iniciamos pela exposição dogmática das teorias que elaboramos como explicação”. (Freud, 1991a, p. 183)

procedimento dogmático “antecipa seus resultados, demanda atenção e crença para suas premissas, dá poucas informações para sua fundamentação” (Freud, 1990, p.283); é um procedimento dedutivo, que causa forte impacto no leitor (ou ouvinte), apresentando-se, como havia escrito anteriormente, em “Podem os leigos exercer a análise?”, “como se fosse um edifício doutrinal acabado” (Freud, 1990, p.179). Embora, de fato, como faz questão de enfatizar, tenha sido fruto de um trabalho laborioso e demorado, sempre modificado em função de seu cotejamento com a observação, até que tenha adquirido “uma forma que parece servir a nossos propósitos” (Freud, 1990, p.179)

No procedimento genético ou histórico, ao contrário, a exposição “repete o caminho percorrido antes pelo próprio investigador”, de tal forma que o leitor “participa na edificação de uma teoria nova sobre o assunto e pode tramitar suas objeções a ela já no curso do trabalho em comum”. Mesmo que esse método seja vantajoso, pois espera persuadir o leitor, conduzindo-o passo a passo através do processo de investigação, convocando-o a uma participação mais “ativa”, não causa grande impacto sobre o aprendiz – “algo que viu nascer e crescer em meio às dificuldades, não se imporá tanto como algo que surja à sua frente de forma acabada, em aparência fechado em si mesmo” (Freud, 1989a, p.283).

Vemos que a estratégia genética pode ser facilmente remetida às famosas “Conferências das terças-feiras”, ministradas por Charcot na Salpêtrière, e cujo impacto no jovem Freud se

evidencia no prefácio que escreveu à tradução destas aulas: “um encanto particular destas conferências se deve a fato de terem sido improvisadas em sua totalidade ou em sua maior parte” (Freud, 1991b, p.167-168). Como o professor não conhecia o paciente trazido para essa exposição, comportava-se como se estivesse em sua atividade clínica habitual, comunicando suas hipóteses diagnósticas de improviso, como se pensasse em voz alta, tendo a plateia como participante ativa do processo: “este é o modo em que todos nós diagnosticamos junto ao leito do enfermo, embora o ensinamento clínico oficial presente, às vezes, as coisas de outra maneira aos estudantes” (Freud, 1991b, p.168).

Havia também um outro tipo de conferências, que eram estruturadas com antecedência, vinculando-se a uma tradição mais formal de transmissão, para as quais Freud faz o seguinte comentário, na nota necrológica escrita dias após a morte de Charcot (Freud, 1989b, p.19): “uma pequena obra de arte por sua construção e articulação, de forma tão acabada e persuasiva, que durante todo o dia não nos saíam do ouvido as palavras que havia pronunciado, nem da mente o que havia demonstrado”.

Apesar desses comentários, não há dúvida sobre as ressonâncias no jovem pesquisador do impacto das novidades das conferências do tipo genético, que expressavam uma postura didática muito diferente da que havia sido experimentada por Freud durante o período de oito anos de aprendizagem com Brücke, que não era afeito a fazer comentários sobre seus trabalhos enquanto estavam em processamento (Mahony, 1990). Ao

contrário, o procedimento genético transmitia uma impressão menos artificial para os aprendizes da atividade investigativa do professor, na medida em que suas hipóteses, hesitações e erros eram compartilhados, reduzindo a distância entre o mestre e seus discípulos. Sendo assim, o breve período de quatro meses na Salpêtrière deixou uma marca definitiva na produção escrita e oral de Freud do ponto de vista da transmissão do saber psicanalítico e se explicita na mestiçagem desses dois métodos de exposição em todo o trajeto freudiano, que é mesmo legitimada por Freud (1989a, p.283) no início de “Algumas lições elementares sobre psicanálise”: “Em minha exposição não utilizarei nenhum desses métodos, mas seguirei ora um, ora outro. Não me engano sobre a dificuldade de minha tarefa”.

Como o *estilo* de Freud estava intrinsecamente articulado a seu *método* de investigação, em estreita sintonia com o *objeto* sobre o qual este se debruça (Birman, 1991; Loffredo, 2001, 2002), não é trivial o alcance dessa “mestiçagem”, de modo que, na perspectiva dessa particularidade epistemológica inerente à produção de conhecimento em psicanálise, podemos entender os desdobramentos da posição defendida por Freud na resposta à questão “Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?”, num momento em que o saber psicanalítico estava inquestionavelmente bem implantado no *establishment* oficial, nas proximidades dos anos vinte do século passado.

Nesse texto se explicita como as condições potenciais para a *transmissão* da psicanálise não podem ter como suporte uma

disponibilização apenas em termos dogmáticos de suas proposições, em cujos limites, entretanto, deve ser pautado o *ensino* da psicanálise na instituição acadêmica. Assim, é anunciada uma diferenciação entre transmissão e ensino, embora, a rigor, seja assim delineado necessariamente um campo de questões relativas aos critérios que definem a eficácia dessa transmissão e as peculiaridades pertinentes a esse ensino. Dessa forma, reconhece Freud, o estudante não aprenderá de fato a psicanálise, se considerarmos seu “efetivo exercício”, “mas para os propósitos em vista é suficiente que ele aprenda algo *sobre e com* a psicanálise” (Freud, 2010a, p.381), critério esse que vale para qualquer especialidade, pois o estudo universitário não é suficiente para garantir a excelência em nenhuma delas.

Nesse ponto, podemos dar um salto para o fundamental “Esquema de psicanálise”, escrito vinte anos depois, nas vizinhanças de “Algumas lições elementares sobre psicanálise”, a que fizemos referência há pouco, em cujo “prólogo” encontramos a seguinte afirmação, que tem o estatuto de uma espécie de declaração de princípios enunciada em estilo dogmático:

O propósito deste breve trabalho é reunir os princípios da psicanálise e expô-los, por assim dizer, dogmaticamente – da maneira mais concisa e nos termos mais inequívocos. Seu intuito não é, naturalmente, o de compelir à crença ou o de provocar convicção. Os ensinamentos da psicanálise se baseiam em um número incalculável de observações e experiências, e só quem haja repetido essas observações em si mesmo e em outros indivíduos

está em condições de formar um julgamento próprio sobre ela. (Freud, 1989c, p.139).

Se o termo “psicanálise”, como definiu Freud, se reporta a uma articulação entre pesquisa, tratamento e produção teórica, as interferências recíprocas entre esses três eixos são o cerne da especificidade epistemológica dessa disciplina e, dessa forma, assim se circunscreve o *espaço* restrito que caberia à investigação psicanalítica, fora de seu nicho de origem e de crescimento, que é a situação analítica.

Psicanálise na universidade

Como se vê, já estamos longe da maneira com que Freud encarava a inserção da psicanálise na universidade, embora ainda se mantenha como questão relevante mapear os modos de operação da primeira no contexto universitário, no sentido das contribuições recíprocas que possam circular de ambos os lados. Mas já não faz mais sentido encaminhar a reflexão sobre a relação psicanálise-universidade segundo os parâmetros em que foi desenvolvida na proximidade dos anos 20 do século passado, principalmente pela ênfase em um ensino universitário da psicanálise cuja produção de conhecimento só poderia se desenvolver na exterioridade da investigação acadêmica.

Creio que, ao contrário, o que definiria, nos dias atuais, uma das peculiaridades da interlocução entre a psicanálise e a universidade, e que se recorta mesmo como objeto de interesse, é a

articulação da pesquisa em psicanálise *inserida na universidade* com a *instituição psicanalítica*. Caminhemos um pouco nessa direção.

Nesta altura, são evidentes os frutos de dupla mão obtidos pela presença da psicanálise na universidade, pelo contato com os vários domínios de produção de conhecimento que esta favorece e pela efetiva contribuição que a psicanálise traz para as outras áreas, que não só a recortam como objeto de investigação, mas também a incluem como disciplina complementar em seus currículos. Bem na linha, portanto, das expectativas enunciadas por Freud sobre a extensão da fecundidade de seu método.

Nesse quadro, embora não haja dúvida de que a situação analítica é a *matriz* privilegiada da pesquisa psicanalítica, a relação da psicanálise com a pesquisa que se desenvolve na universidade tem sido visivelmente incrementada entre nós, especialmente nas últimas décadas. Mas, nesse contexto, devemos nos lembrar dos cursos de Laplanche que convergiram para os clássicos “Problemáticas” (Laplanche, 1987, 1988, 1989, 1992), publicações relativas a suas aulas na Universidade Paris VII, no decorrer dos anos 1970, embora já estivessem sendo ministradas desde a década anterior²¹, o que nos leva para um espaço compreendido em torno de mais ou menos cinquenta anos.

²¹ A partir de 1962, na École Normale, e desde 1969, na Unité d’Enseignement et Recherche (UER) des Sciences Humaines Cliniques, na Sorbonne – Université Paris VII. Esses cursos foram publicados, inicialmente, no *Bulletin de psychologie* e, depois, na revista *Psychanalyse à l’Université*. (Laplanche, 1987).

Como sabemos, no decorrer desses cursos, e, mais explicitamente, em suas várias introduções, se apresenta uma reflexão contínua sobre o que significa “ensinar a psicanálise na Universidade” (Laplanche, 1992, p.1), tendo como fio condutor o enunciado de caráter metodológico presente na “Advertência”, que serve de prefácio a essas obras:

abordar a própria teoria levando em conta o método analítico, de modo a fazer ranger determinadas articulações e a derivar certos conceitos. Através deste modo de tornar *problemática* a doutrina, mas também a história e a clínica, esboça-se a configuração de uma *outra temática*. (Laplanche, 1987, grifos do autor).

Como bem sintetiza Mezan (1993, p.53), na proposta de Laplanche está contida a ideia segundo a qual

falar da psicanálise na universidade não é propor um atalho nem um *ersatz* à formação do analista, mas isso não significa que se trata de algo menor, menos digno ou mesmo indigno da atenção do psicanalista. A oposição entre um saber já sedimentado, a ser divulgado nos cursos universitários, e uma verdade pessoal e intransferível, a ser descoberta por cada um em sua própria análise, revela-se, sob escrutínio, uma falsa alternativa; nem o saber psicanalítico é tão sedimentado assim, nem a verdade pessoal cantona-se na esfera do inefável, do *insight* obtido no divã ou no elevador do psicanalista.

Além disso, há uma enorme literatura psicanalítica que é preciso estudar e para a qual uma abordagem expositiva, nos moldes universitários, está longe de ser inadequada ou inútil, uma

vez que entrar em contato com o patrimônio acumulado é o primeiro passo para o estudo de qualquer disciplina (Laplanche, 1992); há também uma variedade de tendências na psicanálise pós-Freud, além da complexidade e vastidão da própria produção freudiana.

Creio que nesse panorama se insere a importância dos estudos no campo da História e Epistemologia da Psicanálise na formação dos psicanalistas, pois fornecem instrumentos não só para problematizar os fundamentos da clínica freudiana como também a produção psicanalítica pós-Freud. Trabalhos que têm sido desenvolvidos, por exemplo, por filósofos alheios à instituição psicanalítica e que têm o que oferecer à pesquisa em psicanálise, oriundos da produção interdisciplinar facilitada pelo espaço acadêmico.

No Brasil, a presença da psicanálise nos cursos universitários e a valorização de seu estudo nos moldes acadêmicos têm evidente repercussão nos órgãos de fomento à pesquisa, que têm dado suporte financeiro regular para pesquisas na área, desde as investigações na graduação, pertinentes aos projetos de Iniciação Científica. Deve ser observado também que, além dos recém-graduados, psicanalistas provenientes das várias filiações teóricas procuram os vários programas de pós-graduação por se beneficiarem dos parâmetros que sustentam a pesquisa na universidade, que oferece uma ambientação promissora para sistematizar seu patrimônio acumulado de experiência clínica. Ao mesmo tempo, essas pesquisas permitem que a universidade

cumpra seu papel fundamental, que é garantir a produção de conhecimento alinhada às demandas concretas da comunidade em suas vertentes de ensino, pesquisa e extensão.

Esse contexto confere sustentação para uma pluralidade de pesquisas na área, alojadas em inúmeros laboratórios de psicanálise, nos quais se observa a interlocução da psicanálise com o direito, com a literatura, com a educação, com as neurociências e com as várias especialidades da clínica médica, em sua relação com a emergência, nos dias atuais, de distintas modalidades de sofrimento psíquico que se remetem ao corpo biológico.

A literatura disponível e o volume de teses e dissertações a que se pode ter acesso eletronicamente atestam esse espaço ocupado pela psicanálise na pesquisa acadêmica. Esse quadro também estimula a psicanálise a mais bem delinear seus contornos identitários como disciplina e a criar repertórios de comunicação que permitam o diálogo com outras áreas num momento em que a demanda pelos trabalhos multidisciplinares se torna imperativa. Creio que, nos dias de hoje, essa questão é crucial, visto que os psicanalistas não devem se intimidar pelo apelo de financiamentos para projetos de pesquisa que, eventualmente, não se coadunem às especificidades de seu método de produzir conhecimento.

É evidente que esses eventuais impasses se enlaçam com a questão da cientificidade da psicanálise, temática que a atravessa desde suas origens e que não é foco de minha atenção neste trabalho.²² Basta, para meus propósitos neste momento, destacar,

²² Sobre isto, cf.: Loffredo (2006).

embora muito brevemente, a importância da tese radical proposta por Lebrun (1977), expressa em seu artigo “L’idée de épistemologie” e apresentada por Mezan (2002), segundo a qual deve-se distinguir entre a ciência e as ciências, enunciando um espaço de positividade às “racionalidades regionais” próprias a cada disciplina. Isto quer dizer que “cada ciência constrói a sua própria racionalidade, e que isso se diferencia profundamente da ideia de uma razão universal que se expressaria em todas as construções intelectuais realizadas pelo homem” (Mezan, 2002, p.438, grifos do autor).

Como escreve Lebrun (1977 apud Mezan, 2002, p.438): “A racionalidade de uma ciência se enraíza num sistema autóctone de decisões e de escolhas, que para os contemporâneos frequentemente pareceu o cúmulo da arbitrariedade”. Assim,

É o caráter autóctone dessa montagem que permite determinar objetos até então inéditos, tornando-os passíveis de serem conceituados por noções igualmente inéditas, as quais se disporão em enunciados cujo conjunto forma as teorias próprias àquela disciplina (Mezan, 2002, p.438).

Trata-se de ter acesso à originalidade de um saber que supõe uma racionalidade própria, em termos das estruturas que nele operam. Para tanto, esclarece Mezan (2002), é necessário realizar tanto a *descrição epistemológica* de uma dada ciência, que pretende mostrar como *funciona* seu sistema de enunciados, como a *análise epistemológica*, que mostra como se *constrói* esse sistema e que “lances” ele exclui de seu horizonte. Por sua vez, a

abordagem histórica pretende elucidar as condições, seja de constituição de uma disciplina, seja de períodos de seu percurso, e prepara o terreno para as questões pertinentes ao campo da investigação epistemológica.

Se observarmos a variedade da produção psicanalítica, poderemos mapear tanto um conjunto de pesquisas que têm como objeto o aparelho conceitual da psicanálise, no campo das diversas maneiras de se estudar a história da teoria (Mezan, 2002) e no âmbito da análise epistemológica, como as desenvolvidas do ponto de vista da prática psicanalítica, que pode se desdobrar em três planos: o estudo do processo terapêutico *stricto sensu*, o estudo do próprio movimento psicanalítico e, finalmente, o estudo do contexto social e cultural no qual está inserida essa prática.

Dessa forma, a pesquisa em psicanálise, ainda segundo Mezan (1993), encaminha-se para duas direções: um eixo que se articula à sua inclusão nos programas universitários e o eixo relativo ao “modo de produção” dos conhecimentos psicanalíticos, inseridos no coração da pesquisa psicanalítica, que é a situação analítica. Para o autor, são “vertentes que, embora não passíveis de sobreposição, podem revelar-se paralelas ou entrecruzadas” (Mezan, 1993, p.51). E que, em nossa discussão sobre a interlocução universidade-instituição psicanalítica, recortam-se como um conjunto de parâmetros essencial.

Podemos observar facilmente a presença dessa variedade de temáticas tanto na literatura psicanalítica brasileira como na internacional e, ainda, como esses estudos são incentivados tanto

no âmbito das instituições acadêmicas como das associações psicanalíticas.

Portanto, a relação psicanálise-universidade – e, assim, a pesquisa e transmissão/ensino que são passíveis de concretização neste contexto – é uma realidade inquestionável e legitimada. Não se configura mais como uma questão, nem para a universidade nem para a psicanálise enquanto disciplina, no sentido de algo que está em tensão e que merece uma análise particular, como ocorria na época de Freud, ou mesmo nos anos sessenta do século anterior, com a tematização metódica e metodológica, por parte de Laplanche, do significado do ensino universitário da psicanálise.

Instituição psicanalítica e universidade

Parece, entretanto, que a temática da relação da psicanálise com a universidade *se mantém* como questão relevante, prioritariamente no âmbito da *instituição psicanalítica*. É então interessante retomarmos os enunciados freudianos apresentados no início e formularmos a seguinte questão: poderia a psicanálise, no contexto atual, *prescindir* da universidade, e, nesse caso, o que significaria essa valorização de que é alvo a universidade por parte da instituição psicanalítica e que se contorna como um fenômeno, de certa forma, recente, pelo menos no âmbito de nossa sociedade?

Então, é nesse ponto que devemos aterrissar para refletir *não mais* sobre a relação da psicanálise, no geral, com a universidade, mas, sim, especificamente, sobre a *relação da instituição psicanalítica com a universidade*. Por que tantos

psicanalistas com formação prévia vêm procurando os cursos de pós-graduação acadêmicos?

Não é mais necessário abrir espaço para a psicanálise na universidade, e essa disciplina, um dia, autóctone, deixou de provocar estranheza. A acomodação da estranheza pode ser estratégia de expressão de resistência, mas também cabe vitalizar a criação conceitual, tornando os conceitos sensíveis às demandas que não cessam de se apresentar nas várias modalidades de expressão que marcam as especificidades do mal-estar na atualidade. É assim que a universidade deve acolher e permitir que se transforme em projetos concretos de pesquisa a diversidade de questões que se colocam para os psicanalistas na contemporaneidade.

Se a resistência à psicanálise é ressonância da dor que provoca (Freud, 2010b), então, uma vez nomeada essa pulsação de resistência, de ordem estrutural e não conjuntural, é parte integrante do trabalho do psicanalista, nos vários âmbitos em que se apresente, percorrer suas formas multifacetadas, inclusive neste convite inspirador de Herrmann (2003, p.79, grifos nossos), no sentido de que se tome a própria “*história* da psicanálise como *resistência* à Psicanálise”, presente no artigo “Duas notas sobre o itinerário da psicanálise”, publicado justamente num periódico acadêmico, a revista *Psicologia USP*.

Afinal, o que estaria em questão no momento?

Na linha desenvolvida por esse autor, e que é útil para esta etapa de nossa reflexão, importa destacar os desdobramentos de

sua afirmação, segundo a qual “é evidente que a questão contemporânea, e na realidade dominante em todo o mundo psicanalítico, no desenvolvido ou no dependente, reside no naufrágio da clínica padrão” (Herrmann, 2003, p.86). Embora já tenham se passado quase duas décadas desde então, o exame dessa temática não só não parece estar desprovido de interesse, como, ao contrário, assume uma espécie de urgência na atualidade.

Nesse caso, a questão de que se trata é como viabilizar a *extensão* do saber psicanalítico para onde uma demanda de escuta se apresente, de modo a que seu método seja convocado, o que envolve pesquisa, necessariamente, no plano da elasticidade da técnica e da plasticidade do *setting*.

Creio que podemos acrescentar a essa dimensão propriamente clínica questões prementes, pelo menos em nossa sociedade, relativas às concepções que regem a *formação analítica*, em cujo contexto se recorta, por exemplo, o debate recorrente em torno do número de sessões da análise didática. Temática essa que pode gerar amplo debate dentro como fora da instituição, mas cujo destino, evidentemente, é reduto decisório, por excelência, da instituição psicanalítica. Mas se espera que a porosidade das fronteiras provoque efeitos não só dentro como fora das instituições, tanto acadêmicas como psicanalíticas. Quais seriam os desdobramentos desta afirmação de Herrmann (2003, p.87)?

o desenvolvimento de uma clínica extensa dar-se-á, quase com certeza, fora das instituições oficiais, enquanto, por sua parte, a alta

teoria que necessariamente lhe corresponde deverá ser desenvolvida, também parece provável, em âmbitos muito restritos e sem debate internacional.

Sob esse ponto de vista, podemos recortar o papel específico que a pesquisa universitária tem condições de assumir, pois ela está particularmente instrumentalizada para tanto em sua missão de articular docência, pesquisa e extensão, desde que esta última esteja atenta, por princípio, às demandas que se apresentem, sensibilizando os outros dois eixos no sentido de sua atualização constante. Aliás, papel que já vem cumprindo faz um bom tempo, como testemunham os trabalhos apresentados na Jornada “Transmissão da Psicanálise: Universidade-SPBSP”, para a qual convergiram estas reflexões.

Pelo exposto até aqui, podemos observar que, assim como outras disciplinas, como é o caso da história ou da antropologia, por exemplo, a psicanálise *não* se faz questão para a universidade, como na época de Freud; e também a universidade *não* é um problema para a disciplina psicanalítica. Ao contrário, ela é passível de estudo, inclusive, por parte de pesquisadores que sequer deitaram um dia num divã.

Mas, ao que tudo indica, conforme apontaria o título deste evento, o cerne da questão repousa na importância evidente, e mesmo crucial, que a relação com a universidade *passou a ter* para a instituição psicanalítica.

Esperança, garantia, expectativa, horizonte, respiradouro para as intrincadas modalidades de entrecruzamentos

transferenciais que permeiam o trajeto histórico e teórico-metodológico de uma disciplina, já madura em seus contornos identitários, e tão bem implantada institucionalmente?

Referências

- BIRMAN, J. *Freud e a interpretação psicanalítica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991.
- FREUD, S. Algunas lecciones elementales sobre psicoanálisis. *In*: FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1989a. v.23. p.279-288.
- FREUD, S. Bosquejos de la “comunicación preliminar” de 1893. *In*: FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1991a. v.1. p.179-190.
- FREUD, S. Charcot. *In*: FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1989b. v.3. p.7-24.
- FREUD, S. Deve-se ensinar a Psicanálise nas universidades? *In*: FREUD, S. *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. v.14. p.377-381.
- FREUD, S. Esquema del psicoanálisis. *In*: FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1989c. v.23. p.133-209.
- FREUD, S. Prólogo y notas de la traducción de J.-M. Charcot, Leçons du mardi de la Salpêtrière (1887-1888). *In*: FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1991b. v.1. p.163-177.
- FREUD, S. Uma dificuldade da Psicanálise. *In*: FREUD, S. *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. v.14. p.240-251.
- FREUD, S.; BREUER, J. Estudios sobre la histeria. *In*: FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1990. v.2. p.1-309.
- HERRMANN, F. Duas notas sobre o itinerário da psicanálise. *Psicologia USP*, São Paulo, v.14, n.3, p.79-88, 2003. ISSN 0103-6564.

- LAPLANCHE, J. *Problemáticas I: a angústia*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- LAPLANCHE, J. *Problemáticas II: castração – simbolizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- LAPLANCHE, J. *Problemáticas III: a sublimação*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- LAPLANCHE, J. *Problemáticas IV: o inconsciente e o id*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LEBRUN, G. L'Idée d'épistémologie. *Manuscrito: Revista Internacional de Filosofia*, Campinas, SP, v.1, n.1, p.12-17, out. 1977. ISSN 0100-6045.
- LOFFREDO, A. M. Anotações sobre a escrita freudiana. *Psicanálise e Universidade*, São Paulo, n.12-13, p.109-125, 2001.
- LOFFREDO, A. M. Parábolas freudianas: as narcísicas feridas e o arqueólogo. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v.39, n.70, p.289-307, 2006.
- LOFFREDO, A. M. Sobre a escrita dos relatos clínicos freudianos. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v.35, n.64-65, p.175-189, 2002.
- LOFFREDO, A. M. Transmissão da psicanálise e universidade. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v.48, n.82, p.211-222, 2012.
- MAHONY, P. *Psicanálise e discurso*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- MEZAN, R. Que significa “pesquisa em Psicanálise?”. In: SILVA, M. E. L. da (coord.). *Investigação e Psicanálise*. Campinas, SP: Papirus, 1993. p.49-89.
- MEZAN, R. Sobre a epistemologia da psicanálise. In: MEZAN, R. *Interfaces da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.436-519.
- STRACHEY, J. Nota introdutória. In: FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1990. v.17. p.167-168.
- WERTHEIMER, M. Gestalt theory. In: ELLIS, W. D. (ed.). *A sourcebook of Gestalt psychology*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1938. p.71-88.

O diálogo possível com a psicanálise na universidade: um clínico na educação

Walter José Martins Migliorini

Sou psicólogo com uma trajetória clínica e acadêmica. Atualmente, estou em formação no Instituto de Psicanálise “Durval Marcondes”, da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Pretendo relatar algumas impressões dos dez anos de trabalho de ensino e pesquisa com referencial psicanalítico em um curso de graduação em Pedagogia de uma universidade pública. O objetivo é contar aquilo que me surpreendeu nessa experiência.

Ao longo do tempo, fui reconhecendo a importância do professor no desenvolvimento emocional das crianças. No Brasil, muitos alunos têm permanecido cada vez mais tempo nas escolas, seja no período regular ou em períodos alternativos, envolvidos em atividades acadêmicas, esportivas ou culturais. A escola tem aberto suas portas para a comunidade aos finais de semana e tenho ouvido relatos de professores que são procurados pelos pais para permanecerem com seus filhos mesmo depois de encerrado o ano letivo. Por exemplo, nas vésperas de Natal. Por sua presença

humana diária na vida da criança, o educador é um potencial agente de saúde mental em nosso meio.

Entretanto, é comum que o foco dos currículos dos cursos de graduação em Pedagogia seja, essencialmente, o desenvolvimento cognitivo, e que a vida emocional não seja abordada como uma variável significativa no processo de ensino e de aprendizagem. O risco é que contribuições significativas da clínica e dos estudos observacionais da interação mãe e bebê não sejam integradas na concepção de desenvolvimento infantil. Um exemplo são as evidências clínicas de que a atividade intelectual pode ser utilizada pela criança como uma defesa e, neste caso, não deve ser confundida com inteligência. Ou ainda, que as primeiras manifestações de atividade simbólica pelo bebê dependam de um vínculo materno afetivo estável e ocorram muito antes de se completar o processo de mielinização do sistema nervoso.

Coração de estudante

Na formação pedagógica, há também uma ideia generalizada de que a atenção à vida emocional da criança não é uma função ou uma tarefa do professor, já sobrecarregado com tantas outras atividades em sala de aula. Uma variante dessa ideia é que a vida emocional do professor não deve interferir em sua prática. No entanto, levar em conta a vida emocional não implica, necessariamente, intervir. Eu penso que a principal contribuição da psicanálise para o educador é o desenvolvimento de uma sensibilidade em relação à vida emocional do bebê e da criança. O

outro lado da moeda é a atenção do educador para com a sua própria vida emocional, que pode fazer toda a diferença em sua prática.

Verifiquei, desde o início, que o estudo da psicanálise provocava um vivo interesse nos alunos de Pedagogia, de modo que as aulas eram frequentemente enriquecidas com relatos surpreendentes de suas experiências pessoais ou profissionais (seja como estagiários ou educadores). Por exemplo, estudando o vínculo e a interação inicial mãe-bebê, uma aluna compreendeu, pela primeira vez, um fato que havia ocorrido em seu primeiro dia de estágio. Num berçário, ela foi encarregada de cuidar do bebê que estava dando mais trabalho para a equipe. Ele chorava com frequência e se mostrava muito irrequieto. Logo que foi colocado no colo da estagiária, espantosamente ele parou de chorar, aquietou-se e dormiu. O bebê era negro e a estagiária era a única pessoa negra no berçário. Esse foi um fator decisivo na aproximação e, com o passar do tempo, a dificuldade passou a ser outra: fazer o bebê aceitar o colo da mãe quando esta vinha buscá-lo no final do período.

Nesses momentos em que os alunos eram atingidos emocional e intelectualmente por um conceito, articulando a teoria com a vida, eu entendia que a psicanálise estava sendo, de fato, apreendida. Isso se torna ainda mais significativo se levarmos em conta que a maioria dos estudantes, geralmente, chega à universidade com uma visão empobrecida e esquemática da psicanálise, como, por exemplo, o conceito de fases estanques e

inarticuladas do desenvolvimento da libido, ou a ideia de que em psicanálise tudo é sexual. Os textos escritos por Freud ou por outros psicanalistas raramente haviam sido lidos.

Em alguns casos, estudar o desenvolvimento emocional possibilitou o reconhecimento e a apropriação não apenas de um determinado conceito, mas da própria sensibilidade e repertório pessoal do estudante para lidar com a criança no contexto escolar. É o caso do relato de uma professora que se deu conta, posteriormente, de ter explorado os fenômenos transicionais na seguinte situação:

Sou professora de Educação Infantil e estou enfrentando um desafio: trabalho em uma sala onde as crianças estão na faixa de dois a três anos de idade. São, em sua grande maioria, filhos únicos que chegam à instituição pela primeira vez. Portanto, quase todos eles estão em período de adaptação e, por isso, choram muito. Com uma dessas crianças, em particular, eu já tinha esgotado todos os recursos que conhecia e nada deu certo. A situação estava lamentável e estressante quando, então, encontrei a solução quando estava desenvolvendo uma atividade com massinha: a criança estava chorando ao meu lado... eu fui conversando com ela e fazendo um bonequinho de massa que espetei em um palito de sorvete. Fizemos então um combinado: que esse boneco, no qual colocamos o nome de Tutu, cuidaria dela e vice-versa, até que seu pai viesse buscá-la e ela pudesse entregar o boneco para ele. Foi ‘milagrosa’ a mudança. A menina parou de chorar no mesmo

instante. [...] Posso dizer que essa mediação foi a única solução para o problema de adaptação daquela criança.²³

A professora e a criança exploraram o uso de objetos de valor simbólico, ou seja, a área dos fenômenos transicionais; mais precisamente, o Tutu era um *objeto tutor* (Guerra, 2017). Entretanto, é importante salientar que o cenário encontrado no contexto escolar nem sempre é favorável a procedimentos como esse, que levam em conta o mundo interno da criança. Nas escolas, é fato corriqueiro que as manifestações da vida emocional e do erotismo infantil sejam vistas pelo educador sob a perspectiva da sexualidade genital adulta. Ou ainda ignoradas, tratadas como exceções, confundidas com problemas psicológicos e desvios de comportamento a serem corrigidos ou punidos.

Os alunos de Pedagogia também relatavam com frequência histórias de crianças que foram privadas de seus objetos transicionais ou proibidas de trazê-los para a escola. Outra prática comum era a professora guardar o objeto transicional e oferecê-lo à criança apenas na hora de dormir. Às vezes, os paninhos também eram lavados na instituição. Isso parece indicar que o conceito de objeto transicional também não é, necessariamente, conhecido e operante no contexto da Educação Infantil.

Esse desconhecimento aparece também nos achados das pesquisas sobre Psicanálise e Educação. Por exemplo, nos

²³ Depoimento obtido por meio de comunicação oral da educadora Ramos, A. R., em 15 de maio de 2010, na cidade de São Carlos-SP.

documentos atuais do Ministério da Educação sobre Educação Infantil, não há menção aos conceitos de sexualidade infantil e período edípico (Sommerhalder, 2010). Nos berçários, via de regra, os cuidados com o bebê não são considerados como um trabalho de prevenção em saúde mental. Tudo isso parece indicar que os conceitos psicanalíticos não foram ainda apropriados pelos educadores. Uma pesquisa sobre as Campanhas Nacionais de Amamentação no período de 1999 (ano de sua criação) até 2010 revelou que os benefícios emocionais da amamentação são tratados de modo periférico e que o termo “saúde mental” é mencionado uma única vez em todo esse período (Migliorini; Priolo; Dalla Valle, 2014).

Abrindo trilha

As atividades profissionais do professor universitário se apoiam no ensino, na pesquisa e na extensão. Sendo assim, ao longo do tempo, percebi que o meu trabalho foi assumindo uma determinada feição: a de um clínico num curso de Pedagogia. O eixo de praticamente todas as atividades que desenvolvi foi o estudo do desenvolvimento emocional na perspectiva psicanalítica. Nas aulas, priorizei a leitura de textos teóricos (Freud, 1996b; Winnicott, 2006) e de estudos de caso extraídos da literatura (Freud, 1996a; Winnicott, 1984; Safra, 1984; Dolto, 1981). Na pesquisa e na extensão, realizei atendimentos clínicos e investiguei o uso de consultas em contexto de serviço público de atendimento à criança (Migliorini, 2004, 2005). A divulgação dos estudos de

casos resultantes dessa pesquisa (tomados os cuidados éticos) forneceu um rico material para apresentação e discussão da teoria durante as aulas. Esse material foi fundamental para sensibilizar os alunos e dar vida aos conceitos.

É importante salientar que, durante dez anos, o espaço que encontrei na universidade pública foi essencial para tornar possível essa experiência de manter a clínica como o centro de gravidade da pesquisa, da extensão e do ensino dentro de um curso de Pedagogia. As dificuldades que encontrei na realização de todo esse trabalho foram aquelas resultantes de um campo de experiência a ser construído. Às vezes, via-me com “um pé em duas canoas” – a academia e a clínica – ao ser questionado por alguns colegas sobre a relevância da psicanálise para a Educação ou sobre o uso de um “modelo clínico” considerado ultrapassado ou mesmo nocivo por alguns pedagogos. De modo geral, entretanto, o trabalho foi bem recebido, especialmente pelos alunos.

Pensamento clínico

Gradualmente, fui reconhecendo a importância do desenvolvimento de um pensamento clínico como um objetivo de ensino. Entendo por pensamento clínico aquele que leva em conta a vida emocional da criança. Ele ocorre naturalmente entre mães, educadores e, de modo trabalhado, nos psicoterapeutas e analistas. Essa ideia não é nova: já a encontramos em Winnicott (2005), quando ele afirmava que, em determinadas situações, os pais não se davam conta do caráter terapêutico do suporte que forneciam a

seus filhos. Certa vez, ao estudar o conceito de tendência antissocial, uma aluna relatou para a classe a seguinte experiência:

Aconteceu com minha filha, que estava com cinco anos de idade, por ocasião do nascimento de um sobrinho, filho de minha irmã. Eu e minha irmã não tivemos muito contato durante a sua gravidez, pelo fato de morarmos em cidades distantes. Assim, minha filha não participou do período de gestação da tia. Lembrando que minha filha, além de ser filha única, era até então a única sobrinha e neta. Quando o bebê de minha irmã nasceu, fomos visitá-lo e eu resolvi ficar alguns dias em sua casa. Eu papariquei muito o bebê, assim como fez toda a família. Voltamos para casa e confesso que não percebi mudanças em seu comportamento. Ela foi direto para o seu quarto e, passado algum tempo, comecei a ouvir uma música. Perguntei a minha filha se ela ouvia aquela música, e ela disse que não. Porém, como o barulho era insistente, comecei a desconfiar que algo estava errado. Perguntei novamente e ela respondeu que era sua caixinha de músicas, que havia quebrado. Percebi que não era um som de caixinha de música, e que o barulho vinha do quarto dela, mais exatamente da caixa de brinquedos. Revirei a caixa e qual não foi minha surpresa quando me deparei com o celular de minha irmã escondido. Minha filha o havia pego para punir a mim ou a minha irmã. Conversei com ela e disse que sua atitude estava errada, pois o aparelho pertencia a sua tia. Fiz com que ela ligasse para minha irmã dizendo o que havia ocorrido, e ela se mostrou compreensiva. Eu, porém, resolvi redobrar os cuidados com ela durante um tempo, inclusive permitindo que ela usasse coisas de bebê, como mamadeira, xampu e sabonetes. Se eu não tivesse ficado atenta ao que aconteceu e dado esse tempo para que minha filha regredisse e recebesse de volta o amor que achou que tivesse perdido de minha parte, talvez esse ato tivesse consequências mais graves. (Migliorini; Freitas, 2018).

A apreensão do conceito de tendência antissocial e o reconhecimento dos próprios recursos pessoais da aluna para lidar com a sua filha são exemplos do que denomino de pensamento clínico. Essa história é também uma evidência de que o estudo do desenvolvimento emocional é uma contribuição significativa da psicanálise para a formação do educador.

Considerações finais

Explorar a interface entre clínica e Educação possibilitou verificar o quanto as contribuições psicanalíticas são ainda desconhecidas no contexto escolar. Permitiu também vislumbrar a extensão do sofrimento das crianças, encontrado pelos professores em seu dia a dia. Apesar desse cenário, o professor tem sido o profissional com quem as crianças convivem a maior parte do tempo ao longo do dia, e quem informalmente realiza a detecção de dificuldades emocionais, orienta os pais e encaminha a criança para a psicoterapia.

Referências

DOLTO, F. *No jogo do desejo: ensaios clínicos*. São Paulo: Ática, 1981.

FREUD, S. Análise da fobia de um menino de cinco anos. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. v.5. p.15-154.

- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. v.7. p.119-229.
- GUERRA, V. Simbolização e objetos na vida psíquica: os objetos tutores. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v.50, n.92, p.267-287, jun. 2017. ISSN 0103-5835.
- MIGLIORINI, W. J. M. O uso de consultas em contexto de serviço público de atendimento à criança. In: ENCONTRO LATINO-AMERICANO SOBRE O PENSAMENTO DE DONALD WINNICOTT, 13., 2004, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre: Sociedade Psicanalítica de Pelotas, 2004. p.690-696.
- MIGLIORINI, W. J. M. Um procedimento para entrevistas iniciais com crianças. In: OUTEIRAL, J. O.; HIZADA, S. (org.). *Winnicott: Seminários Brasileiros*. Rio de Janeiro: Revinter, 2005. p.411-419.
- MIGLIORINI, W. J. M.; FREITAS, L. M. C. Objetos transacionais e o desenvolvimento da capacidade de incomodar. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v.51, n.95, jul./dez. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352018000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 mar. 2019.
- MIGLIORINI, W. J. M.; PRIOLE, P.; DALLA VALLE, L. Saúde mental e fatores emocionais nas campanhas brasileiras da Semana Mundial de Aleitamento Materno. *Boletim de psicologia*, São Paulo, v.64, n.140, p.49-63, jun. 2014. ISSN 006-5943.
- SAFRA, G. *Um método de consulta terapêutica através do uso de histórias infantis*. 1984. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.
- SOMMERHALDER, A. *A educação e o cuidado da criança: o que advogam os documentos políticos do Ministério da Educação para a Educação Infantil?*. 2010. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2010.
- WINNICOTT, D. W. *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

WINNICOTT, D. W. *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

WINNICOTT, D. W. *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Reflexões sobre a psicanálise na universidade²⁴

Leliane M. A. Gliosce Moreira

“Que todo o nosso conhecimento começa com a experiência, não há dúvida alguma, pois do contrário, por meio do que a faculdade de conhecimento deveria ser despertada para o exercício senão através de objetos que tocam nossos sentidos e em parte produzem por si próprios representações, em parte põe em movimento a atividade do nosso entendimento para compará-las, conectá-las ou separá-las e, desse modo, assimilar a matéria bruta das impressões sensíveis a um conhecimento dos objetos que se chama experiência? Segundo o tempo, portanto, nenhum conhecimento em nós precede a experiência, e todo ele começa com ela. [...] ‘Com efeito, de muito conhecimento derivado de fontes da experiência costuma-se dizer que somos capazes ou participantes dele *a priori*’”. (Kant, 2000, p.53)

Agradeço a presença de todos e o convite da Prof^a Paulina e da SBPSP para participar de uma mesa redonda com outros colegas para tratar de um tema tão instigante: Reflexões sobre a psicanálise na universidade.

²⁴ Trabalho apresentado na “Jornada Transmissão da Psicanálise: Universidade – SBPSP”, promovida pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, em 19 de novembro de 2011.

Freud afirmou que a psicanálise pode prescindir da universidade, já que em termos teóricos o psicanalista teria à mão uma literatura especializada e os encontros científicos realizados pelas sociedades de psicanálise para o seu aprimoramento. Quanto à formação prática, Freud apontou a análise pessoal e a supervisão dos casos atendidos pelo psicanalista como os meios fundamentais para esse fim. Essas afirmações de Freud (1969) estavam dirigidas ao ensino da psicanálise para os médicos e constam do texto de 1918: “Deve a psicanálise ser ensinada na universidade?”

Contudo, ele também afirmou que as sociedades psicanalíticas foram criadas a partir do fato, mas não exclusivamente, de a psicanálise não ter sido incorporada à universidade, e que o ensino da psicanálise na universidade permitiria que “os estudantes compreendessem os fatores mentais presentes nas diferentes funções vitais”. A psicanálise teria, então, a função de aprofundar a compreensão das relações entre a vida mental e a vida física, permitindo, por exemplo, que a psiquiatria abandonasse o seu caráter puramente descritivo, para que os alunos aprendessem “algo sobre psicanálise e algo a partir da psicanálise”.

A minha experiência como psicanalista e supervisora de estágio em psicodiagnóstico nessa abordagem teórico-clínica em um curso de graduação em Psicologia indica que o algo a ser ensinado e aprendido por intermédio da psicanálise não é uma tarefa fácil de ser realizada. Voltaremos a isso mais tarde.

A relação mais íntima entre a psicanálise e a universidade no Brasil se deu por meio da sua inclusão nos cursos de formação de

psicólogo, principalmente na década de setenta, quando a clínica alcançou representatividade por meio da influência das psicoterapias de base psicanalítica. Ser clínico ou psicoterapeuta era a representação dominante no imaginário dos estudantes de Psicologia, e o trabalho de consultório se colocava como o ideal supervalorizado da prática liberal. A grande difusão da psicanálise nessa época se deu principalmente pelo avanço de uma sociedade moderna cuja perspectiva subjetivista encontrou na psicanálise um espelhamento.

A formação de psicólogos se expandiu, e hoje existem muitos cursos de graduação de Psicologia no Brasil com a finalidade primordial de formar profissionais. Entretanto, seguindo o preceito da análise pessoal para a qualificação da formação clínica, os estudantes de Psicologia e os psicólogos que atuavam nessa área passaram a representar a maior parte da clientela dos psicanalistas e reivindicaram mais tarde a formação e o direito de exercer a psicanálise. Muitos desses psicólogos já estavam inseridos nos cursos de graduação de Psicologia ensinando disciplinas de técnicas psicoterápicas, personalidade, técnicas avaliativas e psicodiagnósticas, além da supervisão clínica. Muitos deles foram se tornando psicanalistas e buscaram formação acadêmica em pós-graduações (mestrado e doutorado) no Brasil e no exterior para garantir um lugar de maior relevância na universidade. Por meio dessa posição, eles puderam sustentar a psicanálise em nome próprio em sua práxis na universidade.

Essa é a experiência de muitos dos meus colegas e a minha própria: ensinar psicanálise na universidade no Brasil. Essa afirmação é por si só bastante complexa e paradoxal em vários aspectos: como ensinar uma práxis cuja transmissão se realiza primordialmente por meio do processo de análise? De qual universidade estamos falando: daquela que forma profissionais para o mercado de trabalho ou daquela que se norteia pela produção de conhecimento? Qual o estado da educação superior no Brasil?

Cada um desses vértices, possibilitaria, creio eu, muitas discussões importantes, mas, entendendo que era preciso fazer uma escolha, permiti-me pôr em debate o ensino da psicanálise como práxis na universidade.

Segundo Safra (2001), “sabemos que, desde as suas origens, a psicanálise surge não só como terapêutica, mas também como um método de investigação, inicialmente bastante subordinada ao projeto científico”. Pode-se dizer, então, que o método psicanalítico não busca um objetivo determinado nem algo a ser concluído, mas como um procedimento processual, está diretamente relacionado às peculiaridades da subjetividade humana: “ela é um processo investigativo não conclusivo” (Safra, 2001).

Essa é uma perspectiva fundamental para pensarmos o ensino da psicanálise na universidade, na medida em que permite retomarmos alguns significados do verbo conhecer: “ter a ideia de”, “buscar saber”. Visto por esse ângulo, o ensino da psicanálise pode ser entendido como um lócus no qual se dá a produção de um

conhecimento sobre a subjetividade humana e sobre a situação clínica no qual estão implicados o estudante, o supervisor/psicanalista e a pessoa em atendimento.

É claro que não é fácil romper com a dicotomia sujeito-objeto, nem com a premissa da Psicologia de que é possível prever e controlar o comportamento humano, mas a perspectiva de poder vir-a-ser um ser pensante instiga os jovens estudantes a desejar saber e isso nos leva rumo à investigação, não à deriva, com rigor e fidelidade aos princípios que norteiam a prática da investigação psicanalítica. Ou seja, a psicanálise na universidade afirma o lugar do desejo, o saber habitado pelo desejo, instigando o desejo de saber.

Na medida em que ela está fundada nesta tríplice aliança – prática, saber e transmissão –, a psicanálise contribui para a universidade por contrapor-se ao reducionismo, principalmente à faceta da hegemonia do biotecnicismo, já que o que está em jogo hoje é o mapeamento cerebral das regiões focais onde estão marcados os nossos destinos subjetivos, reduzindo nosso *pathos* às concepções neurocientíficas. Faz-se importante aqui um parêntese para explicitar que minhas ressalvas às neurociências se referem à hegemonia de um modo de pensar que reduz o ser humano ao seu organismo, levando à ilusão de que seus mecanismos de funcionamento no mundo se dão, e podem ser plenamente conhecidos, por meio dessa perspectiva. É claro que isso também é produto da cultura contemporânea, que busca

soluções e tratamentos medicamentosos para o sofrimento humano. Mas isso é um outro assunto.

Como consequência daquela perspectiva, a psicanálise ocupa um lugar fundamental como um método de investigação do *modus operandi* da universidade, trazendo o cenário para a “boca de cena”: a produção de um conhecimento de algo que não está dado, que será revelado por meio da relação entre todos os envolvidos no processo. Para tanto, é preciso manter o ensino da psicanálise sustentado no campo da transmissão e no rigor conceitual em prol de uma prática que privilegia o espaço do diálogo.

Tal como propôs a Universidade de Paris quando desfez a oposição entre os locais da prática e os de teoria com a proposição “todo estudante deve ser também um praticante; todo praticante deve ser também um estudante; todo professor e todo pesquisador devem ser também praticantes”, o lugar da psicanálise na universidade está consolidado pelo resgate da condição humana numa perspectiva ética que convoca todos os envolvidos (estudante, supervisor/psicanalista e a pessoa atendida) a aprender com a experiência.

Referências

FREUD, S. Sobre o ensino da psicanálise nas universidades. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v.17. p.217-219.

KANT, I. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Coleção Os Pensadores).

SAFRA, G. Investigação em psicanálise na universidade. *Psicologia USP*, São Paulo, v.12, n.2, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642001000200014>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642001000200014. Acesso em: 12 nov. 2010.

Conexões entre psicanálise e universidade: a transmissão de conhecimento entre os dois universos

Profa. Dra. Ivonise Fernandes da Motta

Coautores: Cláudia Yaísa G. da Silva, Claudio Bastidas, Denise Bellotto de Moraes, Gláucia Rocha, Kayoko Yamamoto, Manuela Pérgola, Maria Tereza Oliveira, Mauricio Ceroni Ivo, Nirã dos Santos Valentim, Raquel M. B. Guirado, Rita Tropa Marques, Veridiana S. Prado Vega, Vinicius de Vincenzo Aguiar, Yara Ishara

Para o cientista, formular questões é quase tudo. As respostas, quando aparecem, apenas conduzem a outras questões. A ideia do conhecimento acabado é o pesadelo do cientista. Ele estremece só de pensar numa coisa dessas (Winnicott, 1999).

A importância da pesquisa dos usos do conhecimento oriundos da psicanálise é cada vez mais reconhecida na clínica da atualidade. Após mais de um século da sua origem, muito se tem aprofundado e ampliado sobre a teoria e a técnica de psicoterapia psicanalítica. Trabalhos como o de consultas terapêuticas e orientação de pais psicanaliticamente fundamentada, dentre outros, revestem-se de interesse, dadas algumas características da demanda da clientela contemporânea: disponibilidade de tempo,

dinheiro, mudanças rápidas no modo de viver atual, levando à vivência de crises.

Esses avanços no terreno da prática psicanalítica também são valiosos quanto à prevenção em saúde mental. Com uma melhor compreensão de como se dá a construção dos alicerces básicos da vida mental e de possíveis alternativas de intervenção, um grande auxílio pode ser dado ao indivíduo já em épocas precoces de seu desenvolvimento – conforme o caso, intervenção de forma abreviada, de curta duração, o que vem ao encontro das necessidades de clientela menos protegidas.

A interlocução entre o método psicanalítico e os problemas e métodos abarcados no ambiente acadêmico tem sido o motor de nosso trabalho, desde a realização de minha dissertação de mestrado – *Observação de fenômenos emergentes na psicoterapia quando a psicoterapeuta está grávida* (Catafesta, 1984) – até minha tese de doutorado – *Intervenções no desenvolvimento psíquico: um trabalho preventivo* (Catafesta, 1992).

A criação do Laboratório de Clínica Psicoterápica surgiu nesse contexto. Após muitos anos dedicados à supervisão de casos clínicos atendidos na Clínica-Escola do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), observou-se a necessidade de desenvolver projetos e de realizar pesquisas para que novos conhecimentos e novas alternativas de tratamento surgissem, condizentes com as demandas da clínica psicoterápica atual. Como dito acima,

pesquisas sobre orientação de pais, consultas terapêuticas, intervenções psicoterápicas facilitadoras do desenvolvimento psíquico etc.

A orientação básica desse laboratório é a realização de pesquisas e atividades na área de aprofundamento e ampliação do conhecimento quanto ao desenvolvimento e amadurecimento emocional. Trabalhos que visem a uma investigação dos mais variados fatores que interferem na facilitação ou na obstrução das possibilidades de desenvolvimento psíquico da criança, do adolescente ou do adulto. A orientação teórica de nosso trabalho é norteadada pelas ideias do pediatra, pensador e psicanalista inglês D. W. Winnicott e seguidores. Sendo assim, a visão que embasa nosso trabalho é a da existência de possíveis intervenções psicoterápicas e preventivas no meio ambiente que possam vir a interferir favoravelmente na atualização do potencial de vida de cada ser humano.

Quanto às especificações dos objetivos, pode-se acrescentar:

- propiciar o desenvolvimento de pesquisas na área do desenvolvimento psíquico, englobando suas mais variadas facetas, tais como: aspectos culturais, sociais, emocionais, educacionais etc.;
- propiciar a realização de pesquisas quanto a intervenções psicoterápicas psicanaliticamente fundamentadas, tanto as de longa quanto as de curta duração;

- propiciar a realização de pesquisas na área da prevenção em saúde mental, tais como a realização de consultas terapêuticas e orientação de pais;
- propiciar a realização de pesquisas que integram os três objetivos acima descritos.

De acordo com as diretrizes e especificações básicas desse laboratório, optamos por nomeá-lo “Laboratório de Pesquisa sobre o Desenvolvimento Psíquico e a Criatividade em Diferentes Abordagens Psicoterápicas”, representado pela sigla “Lapecri”. Esse nome caracteriza, pois, o trabalho desenvolvido.

A partir de então, os laços foram estreitados e concretizados no desenvolvimento das várias pesquisas. Dos dados daí obtidos, surge a possibilidade de discussão criativa e a realização de novos projetos e trabalhos.

Quanto aos objetivos propostos acima e em relação ao primeiro deles – “propiciar o desenvolvimento de pesquisas na área do desenvolvimento psíquico englobando suas mais variadas facetas, tais como: aspectos culturais, sociais, emocionais, educacionais etc.” –, apresentaremos a seguir alguns trabalhos que temos desenvolvido.

Identificação e desenvolvimento de alunos com altas habilidades

Pesquisa realizada em parceria com o Instituto Social para Motivar, Apoiar e Reconhecer Talentos (Ismart), e que derivou numa dissertação de mestrado no IPUSP (Ivo, 2012). O Ismart foi criado em 1999 e é uma entidade privada, sem fins lucrativos, que

identifica jovens talentos de baixa renda, de 12 a 15 anos de idade, e concede-lhes bolsas em escolas particulares de excelência e o acesso a programas de desenvolvimento e orientação profissional, do ensino fundamental à universidade. A missão do instituto é concretizar o pleno potencial profissional de jovens talentos acadêmicos de baixa renda por meio de programas calcados na valorização da excelência, da ética e da criatividade produtiva.

Diversas pesquisas indicam que falhas em identificar e – consequentemente – atender as necessidades especiais de alunos com altas habilidades podem colocá-los em risco de um suposto “fracasso escolar” e comprometer seu desenvolvimento cognitivo e emocional, impedindo-os de realizar plenamente o seu potencial.

Por meio da pesquisa com os alunos que apresentaram altas habilidades selecionadas para o projeto, pode-se investigar como o processo utilizado para a escolha do aluno com perfil desejado é conduzido e se o método empregado na identificação desses jovens atende aos objetivos e à missão traçados pelo instituto. Pretende-se, ainda, avaliar a influência das relações familiares durante o processo e seus reflexos no desempenho desse aluno.

Nesse sentido, o apoio do ambiente no qual esses alunos estão inseridos, aliado à dupla “interesse-motivação”, são essenciais para o alcance de seus objetivos.

Vale ressaltar a importância de intervenções que promovam um ambiente facilitador do desenvolvimento emocional e cognitivo do jovem com altas habilidades, assim como um espaço de acolhimento para o interesse singular do jovem, que promoverão

um terreno fértil para que ele se motive e alcance o máximo de seu potencial, ao mesmo tempo em que aprenda a lidar com as dificuldades inerentes à vida em sociedade.

Ainda focalizando o primeiro objetivo, relataremos pesquisa que tem por tema o rap, a adolescência e o amadurecimento emocional.

Rap, adolescência e amadurecimento emocional

Essa investigação foi desenvolvida a fim de refletir sobre a importância do ambiente e da cultura no processo de amadurecimento emocional de adolescentes e jovens que se ligam ao gênero musical intitulado “rap”. Para tanto, analisamos excertos de músicas de rap do cenário paulistano, tendo como referencial teórico psicanalítico o pensamento de Winnicott. Dessa pesquisa derivou uma dissertação de mestrado (Silva, 2016).

O primeiro ambiente que com frequência exerce a função de cuidado e provimento infantil facilitando o amadurecimento emocional é a família. Esta é a instituição social com a qual a criança inicialmente se relaciona e da qual surgirão as figuras que servirão de base para a formação da identidade pessoal em etapas posteriores. Nas situações em que o ambiente favorece o amadurecimento emocional, o indivíduo tem a possibilidade de adentrar na adolescência com mais recursos psíquicos para lidar com as questões ou conflitos pessoais que frequentemente surgem.

Direcionando para a pesquisa desenvolvida, verificou-se em algumas músicas analisadas o destaque para as referências

familiares como norteadoras de conduta e estímulo para que os jovens possam dar seguimento aos seus propósitos de vida pessoais ou profissionais. A família parece ocupar a função de ambiente que oferece acolhimento e sustentação emocional. Tais considerações podem ser ilustradas pelo seguinte excerto:

“Minha mãe dizia assim: – não vou durar pra sempre/Por isso, filho, seja inteligente/Ela se foi, mas se emocionou com o meu primeiro disco/Pra ela o mais importante é ter ido com Deus, sabendo que tô com minhas filhas/E manos meus”²⁵ (RZO, 2003 apud Silva, 2016, p.85).

Winnicott (1990) confirma que quando a família consegue ser referência para o adolescente, este tende a se sentir mais seguro para explorar os demais campos da sociedade, estabelecendo novas identificações. A socialização também é uma importante conquista no âmbito do amadurecimento pessoal, pois contribui para a apropriação do legado social e cultural. Assim, em geral, o ambiente juvenil também é composto por outro setor além do cenário familiar, permeado pelos pares e grupos que o jovem passa a integrar.

Os adolescentes e jovens provenientes das comunidades periféricas e que se encontram envolvidos no rap costumam se referir aos pares com a nomenclatura de “manos”, uma referência a irmãos. A irmandade da periferia parece valorizar a união entre a juventude, pois esta é mencionada como um dos motores que

²⁵ Trecho da música *Vários manos*.

impulsionam os jovens a suplantarem os desafios e buscarem caminhos mais autônomos.

Nas composições analisadas, a força da irmandade do rap pareceu ser marcada como um ambiente social que o adolescente e o jovem da comunidade podem ter como inspiração. Os fragmentos a seguir podem indicar essa ideia:

“Os moleque balançando as cabeça sozinho são meus irmão/Lembro os neguinho dizendo que eu era o futuro do Brasil no rap/E agradeço a vocês/Não me sinto o melhor, mas sou um deles”²⁶ (Projota, 2010 apud Silva, 2016, p.86).

“A atitude, a união, aqui sempre vai prevalecer/Ao meu redor os meus manos também pensam igual a mim/A nossa cara é unir”²⁷ (Sabotage; SP Funk; RZO, 2001 apud Silva, 2016, p.99).

No processo de amadurecimento emocional, vale salientar ainda a implicação da cultura como via facilitadora à integração do ego e ao desenvolvimento psíquico. A teoria winnicottiana considera que os elementos culturais na adolescência e na fase adulta são uma expansão dos fenômenos transicionais e do brincar espontâneo da criança, propiciando a expressão da criatividade autêntica (Winnicott, 1975).

No estudo mencionado, a música, e mais especificamente o rap, parece ter adquirido o sentido de elemento cultural utilizado para a expressão da subjetividade, uma via facilitadora à integração e que proporciona a transformação pessoal em um

²⁶ Trecho da música *O rap em ação*.

²⁷ Trecho da música *Enxame*.

transcurso mais saudável. Tais aspectos podem ser exemplificados na seguinte narrativa: “Porque eu canto é com amor essa porra de rap/Eu já vi a morte na minha frente, a morte não me esquece/O que me fez diferente, foi aceitar meu talento”²⁸ (Criolo, 2006 apud Silva, 2016, p.77).

Refletimos que por meio da música é possível a criação de novos sentidos à vida, contribuindo para que o indivíduo encontre diferentes formas de lidar com as situações adversas que se apresentam a ele, lançando mão da criatividade para inscrever algo novo. Nesse contexto, é possível que o rap, como experiência cultural, possa atuar como uma brincadeira criativa, no sentido winnicottiano, indicando o grau de integração e amadurecimento emocional existentes.

Por fim, refletimos que por meio dos excertos musicais extraídos das letras de rap, foi possível identificarmos aspectos que denotam a importância do ambiente e da cultura para facilitar a integração e conduzir à continuidade do amadurecimento emocional dos adolescentes e jovens que se encontram no entorno do rap. Assim, concluímos que o amadurecimento emocional saudável também pode ser favorecido pelas produções e criações cotidianas encontradas nos diferentes cenários e atividades nos quais o ser humano se implica genuinamente.

No que diz respeito ao segundo objetivo do laboratório de pesquisa – “propiciar a realização de pesquisas quanto a intervenções psicoterápicas psicanaliticamente fundamentadas,

²⁸ Trecho da música *É o teste*.

tanto as de longa quanto as de curta duração” –, primeiramente destacamos o fato incontestável de que, inseridas no ambiente acadêmico, as postulações psicanalíticas encontraram terreno fértil à verificação de sua validade.

Em 1952, Eysenck publicou estudo em que havia revisado 24 pesquisas sobre psicoterapia e concluído que não havia evidências de que esse tipo de tratamento seria mais efetivo que nenhum outro. À parte as críticas quanto à severidade dos critérios estabelecidos no estudo, pode-se atribuir a ele o grande impulso para as pesquisas na área, levando ao seu crescimento e à obtenção de resultados positivos. A partir de então, gerações de pesquisadores ligados a grandes universidades e a centros de pesquisa e formação de psicoterapeutas delinearão projetos e desenvolveram instrumentos quantitativos e qualitativos que atendiam às necessidades de investigar a eficácia das psicoterapias, de estudar detalhadamente o processo psicoterapêutico, de comparar modalidades de psicoterapia diferentes, de identificar quais componentes estariam relacionados aos resultados, dentre outras (Lepper; Riding, 2006).

Pesquisadores que investigavam psicoterapias de orientação psicanalítica não se furtaram a participar desse movimento, o que levou à necessidade de melhor definir constructos utilizados nesse campo. Desde os primeiros casos clínicos relatados por S. Freud até os *Estudos de caso sistemáticos* (Serralta; Nunes; Eizirik, 2011) utilizados na pesquisa em psicoterapia psicanalítica, muito se realizou.

Um marco na pesquisa com essa modalidade de atendimento é o trabalho realizado pelo grupo da Universidade da Pensilvânia, liderado por Lester Luborsky, desde os anos de 1960 e que tem por foco estudos de resultado e processos em psicoterapia de orientação psicanalítica. Com base nos primeiros resultados obtidos, que indicavam que as características dos pacientes e do terapeuta não prediziam os resultados da psicoterapia, esse grupo realizou investigações intensivas sobre esses processos. Desenvolveu diversas medidas necessárias à realização de pesquisas sistemáticas, por exemplo, medidas de Aliança Terapêutica e um sistema de avaliação do Tema Central de Conflito Relacional para formulação do foco (Crits-Christoph; Barber; Gibbons, 2011).

É interessante observar que, ao olharmos para o percurso da pesquisa realizada pelo grupo da Universidade da Pensilvânia, aqui em relato brevíssimo, e o compararmos ao nosso no Brasil, percebemos que a rota de nossa pesquisa tem costumado se iniciar pelo atendimento às necessidades da comunidade para, posteriormente, e se possível, buscar evidências empíricas sobre sua eficácia. As carências do atendimento em saúde mental em nosso país impelem-nos mais à prática do que à pesquisa sistemática. Esta última demorada e onerosa.

Isto não significa que não haja esforços desse tipo em nosso país. Um dos grupos importantes na atividade de pesquisa em psicoterapia psicanalítica é o da Universidade do Vale dos Sinos, que tem feito importante intercâmbio com a comunidade de

pesquisa em psicoterapia psicanalítica internacional (Bittencourt et al., 2014; Gastaud et al., 2015; Jung et al., 2014; Serralta; Nunes; Eizirik, 2011; Ramires et al., 2015).

No Lapecri realizamos pesquisa que visa ao estudo de processos de psicoterapia de orientação psicanalítica de tempo breve com especial interesse sobre a aliança terapêutica, características do paciente, indicação à psicoterapia breve, intervenções do terapeuta e processo de mudança em psicoterapia. Esses são temas relevantes em se tratando de pesquisa em psicoterapia psicanalítica e que demandam novos estudos e investigações.

Quanto ao terceiro objetivo do Lapecri – “propiciar a realização de pesquisas na área da prevenção em saúde mental, tais como a realização de consultas terapêuticas e orientação de pais”, relataremos algumas pesquisas, a seguir.

Estudo piloto de mulheres com endometriose

Esse estudo foi realizado com um grupo de seis pacientes diagnosticadas como portadoras de endometriose e acompanhadas em um hospital da rede pública da cidade de São Paulo.

A endometriose é a presença de endométrio (tecido que reveste interiormente o útero, preparando-o para receber o embrião) fora da cavidade uterina, isto é, em outros órgãos, como trompas, ovários, intestinos, bexiga. Em casos mais raros, pode ser encontrado em órgãos mais distantes do útero, como pulmão, pleura e sistema nervoso central. A endometriose, em muitos

casos, pode ser dolorosa e causar infertilidade. Considera-se que ela afete uma em cada dez mulheres em idade reprodutiva; para cada cinco mulheres que apresentam dificuldades de engravidar, duas têm endometriose.

O objetivo dessa pesquisa foi identificar e estudar convergências dos traços de personalidade dessas pacientes e, se possível, sugerir intervenções com o intuito de prevenção da doença.

A metodologia constou da realização de uma entrevista individual no ambiente hospitalar com duração média de 90 minutos. Os prontuários das pacientes foram analisados e solicitada a realização de um desenho com o tema “Desenhe uma mulher” ao final de cada entrevista. Após a conclusão do desenho, foi solicitada uma associação verbal da paciente referente a ele.

As conclusões do estudo apontaram para um prognóstico favorável quanto a intervenções terapêuticas realizadas por equipe multidisciplinar, pois vão ao encontro de necessidades básicas que pudemos encontrar nessa amostra: “holding”, trabalho corporal, aumentar o contato psíquico, facilitar a elevação da autoestima e a confiança em si mesma. Uma equipe que tenha condições de acompanhar as pacientes a fim de que melhores recursos egoicos sejam utilizados nas várias fases do tratamento – que podem incluir dores, cirurgias, infertilidade – pode prestar auxílio a esse grupo de mulheres para que consigam algum alívio de seus sintomas, assim como um melhor direcionamento de seu desenvolvimento psíquico.

O brincar em crianças obesas

Essa pesquisa foi realizada em parceria com o Departamento de Pediatria da Unifesp – Disciplina de Nutrologia – Ambulatório de Obesidade e Nutrição (Gomes; Moraes; Motta, 2011).

A obesidade é considerada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) uma epidemia global. Os diversos fatores que compõem sua causa e que são decorrentes dela direta ou indiretamente têm sido objeto de inúmeros estudos produzidos na atualidade. Trata-se de um grande problema de saúde pública por ser um importante fator de risco para o desenvolvimento de doenças de alta incidência populacional, sobretudo as doenças cardiovasculares, que são a principal causa de morte prematura entre adultos. Além da saúde física, a obesidade oferece riscos de ordem psicológica e social, fazendo com que muitas vezes a criança passe a ser vítima de bullying. Os prejuízos consequentes podem também comprometer o desenvolvimento emocional da criança, se se perpetuarem ao longo da vida e ainda contribuírem para que os problemas relacionados ao excesso de peso se mantenham e possam se agravar.

Essa pesquisa teve como objetivo investigar o brincar em crianças escolares com idades entre 7 anos e um mês e 10 anos e um mês de ambos os sexos, com diagnóstico nutricional de obesidade, matriculadas nos ambulatórios de Obesidade da Disciplina de Nutrologia do Departamento de Pediatria da Unifesp. O trabalho também investigou características do ambiente familiar em relação à estimulação do brincar, bem como os costumes e a

cultura familiar do brincar dessas crianças e o comportamento familiar em relação às atividades culturais e de lazer.

A investigação foi realizada em duas etapas: observação lúdica e aplicação de questionário, composto por algumas perguntas voltadas aos pais (ou ao responsável pela criança; em alguns casos, a avó) e outras voltadas à própria criança. O conteúdo das questões referia-se ao comportamento cultural em relação ao brincar na família. Essa parte da investigação visava compreender qual relação a família tinha com o brincar na prática diária, quais eram as suas referências (construídas ao longo de suas vidas) e qual o lugar que essa ação ocupava em suas vidas. A observação lúdica foi realizada com a criança em uma sessão de 50 minutos. Foram oferecidos diversos tipos de brinquedos, e a criança estava livre para brincar com qualquer um que escolhesse, da maneira que quisesse. A psicóloga e pesquisadora estava à disposição e podia participar da brincadeira, caso a criança a solicitasse.

Com base na análise dos dados do estudo, constatou-se que crianças obesas que participaram da pesquisa exploraram pouco a diversidade dos materiais disponibilizados durante a observação lúdica, buscando mais o contato com objetos familiares a elas. Relataram preferência por brincadeiras mais ativas e dinâmicas, apesar de realizarem predominantemente brincadeiras sedentárias. Devido à maneira como as famílias se organizam e às características e hábitos que cultivam, o espaço que a criança encontra no seio familiar privilegia as atividades sedentárias, pois elas têm poucas possibilidades de sair de casa. As mães e avós

entrevistadas relataram passar bastante tempo com as crianças e, em geral, demonstraram ter um vínculo muito forte com os filhos e netos. Todavia, esse vínculo tendia mais para uma relação de dependência da criança com o adulto do que para uma relação facilitadora do processo de individuação da criança. As crianças que se apresentaram vinculadas desse modo muito dependente às mães e avós demonstraram maior passividade e pouca espontaneidade. Mães e avós entrevistadas relataram uma transição importante do padrão cultural no que diz respeito ao brincar. Essas mulheres contaram que em sua própria infância o brincar se dava na rua e a interação lúdica com os pais ocorria por meio do contar histórias. Desta forma, observam-se mudanças significativas do ambiente urbano às interações sociais, de modo que atualmente há o predomínio de um outro padrão de comportamento, no qual o brincar sedentário, que favorece a obesidade, ganha destaque e a interação com os pais perde espaço para as horas passadas diante da TV.

A principal conclusão desse estudo foi que as crianças obesas apresentam disponibilidade para o brincar de uma maneira que pode favorecer sua saúde e conseqüentemente minimizar o problema da obesidade, já que elas expressaram grande interesse por brincadeiras ativas. Deste modo, é preciso haver incentivo a programas de intervenção que proporcionem um ambiente seguro e espaço amplo para estimular a criança a abandonar a vida sedentária, isto preferencialmente de maneira lúdica. Ao mesmo tempo, o trabalho terapêutico deve se concentrar na ampliação dos

recursos emocionais dessas crianças, para que consigam lidar com as frustrações de novas maneiras, ajudando-as a se desenvolver, estimulando o brincar criativo.

Outra pesquisa realizada versa sobre o fenômeno da criatividade, amplamente estudado por diversas áreas do conhecimento, como Educação, Sociologia, Antropologia, Filosofia e Psicologia, nas quais são distinguidos diferentes tipos de criatividade. Na Psicanálise, encontram-se especificidades que permitem outra compreensão do fenômeno. Este trabalho referencia-se na teoria do desenvolvimento emocional de D. W. Winnicott. De acordo com esta, a criatividade encontra suas bases na vivência satisfatória da ilusão de onipotência, que resulta no sentimento de que a vida vale a pena ser vivida. Para o autor, a *criatividade originária* diz respeito à capacidade do indivíduo de recriar o mundo e de experienciá-lo de maneira singular, conferindo sentido a atitudes, pensamentos, sensações e sentimentos. Pretende-se investigar e compreender a construção e o desenvolvimento desse conceito ao longo da obra do autor. Além disso, tem o intuito de auxiliar psicoterapeutas e pesquisadores a compreender o tema. São diferenciados três níveis de análise do fenômeno na obra winnicottiana: ontologia, descrição ao longo da teoria e suas manifestações clínicas. Tal investigação se realiza através da leitura estrutural da obra de Winnicott, bem como de comentadores de seu trabalho. A criatividade como resultado da experiência de ilusão marca uma importante diferença em relação

às teorias freudiana e kleiniana sobre o tema, sendo esse aspecto um dos principais resultados desse trabalho.

As próximas pesquisas se conectam aos três objetivos do Lapecri.

Intervenções no desenvolvimento psíquico: promoção de saúde mental

Neste trabalho, foi utilizado o conceito de *saúde mental* como o grau de maturidade esperado para determinada etapa do desenvolvimento. Isto é, a saúde mental refere-se à capacidade que um indivíduo tem para viver e dar conta das angústias e dificuldades esperadas para sua idade. Nesta perspectiva, o desenvolvimento prematuro ou um atraso evidenciaria um elemento que – em princípio – não pertence à saúde.

No início da vida, a saúde mental resulta primordialmente do relacionamento mãe-criança. Nesse sentido, o ambiente que circunda o par mãe-bebê pode ser facilitador ou não em relação às necessidades de ambos. Com o passar dos anos, se tudo correu suficientemente bem, a saúde mental passa a ser definida como um ambiente no qual seja possível que a criança construa um “self” e que a família ofereça as condições necessárias ao processo de amadurecimento.

Para vários autores, dentre eles Winnicott (1975, 1980, 1987, 1999, 1990) e Dolto (1988), haveria, tanto do ponto de vista físico quanto emocional, uma tendência à saúde em qualquer modalidade de tratamento. O aparecimento de um sintoma

também poderia ser focado por esse ângulo, como uma tentativa de buscar a saúde.

Sabemos que alguns esforços têm sido feitos a fim de auxiliar os pais a cumprirem suas funções parentais do ponto de vista psicológico, como os grupos de orientação de pais em escolas, grupos de gestantes em hospitais ou palestras sobre o desenvolvimento psicológico da criança. E tanto o pediatra como a escola desempenham a função de interventores que, ao terem auxílio do psicólogo, poderão intervir em várias crises do desenvolvimento, facilitando sua resolução na direção da saúde mental.

Independentemente das situações de crise, vale também ajudar a família no conjunto de medidas da fase de prevenção primária, denominada “promoção de saúde” (mental), na qual se procura não apenas evitar distúrbios, mas também melhorar a eficácia da adaptação familiar. Cabe aqui ressaltar a investigação de Yamamoto (1990), que aprofunda esse tema.

Levando-se em conta os progressos no campo psicanalítico, tanto no que se refere à teoria como à prática clínica, caberia citar as palavras de Françoise Dolto (1988, p.12) quanto à utilização desse conhecimento:

Sempre pensei, quanto a mim, que o papel do psicanalista não se limita à cura propriamente dita, nem à capitalização egoísta de um saber, mas se estende, tomando raízes na sua experiência do sofrimento humano, para além do consultório e dos seus conceitos; às vezes atividades sociais e públicas, às intervenções cotidianas. A palavra e o escrito do psicanalista devem endereçar-se sobretudo

àqueles que estão lutando na vida real. Suas intervenções devem despertar os adultos, levá-los a buscar a atitude certa a tomar em relação às dificuldades de seus filhos. Esta atitude – dinâmica, flexível, viva, sempre desperta, à escuta, pronta a reagir segundo a verdade –, uma vez estabelecida, pode prevenir as perturbações, canalizar as trocas simbólicas em direção à criatividade e ao desenvolvimento e não para conduzir a impasses. E mais vale prevenir do que remediar.

O uso do conhecimento psicanalítico na prática clínica: a busca da saúde

Como já afirmamos, nas origens da psicanálise já se notaram diferentes direções em sua utilização. Freud (1977), na análise do pequeno Hans, usou dos conhecimentos psicanalíticos de forma diversa da psicanálise clássica ao orientar o pai desse menino a efetuar o tratamento analítico do filho.

Winnicott (1979), em seu relato do caso “Piggle”, narra o acompanhamento de uma criança dos 2 anos e quatro meses até aos 5 anos e dois meses através de 16 consultas nas quais conflitos inconscientes foram trabalhados. No seu trabalho sobre o Jogo de Rabiscos (Squiggle Game), relata como através de consultas com crianças e mesmo com adultos pôde utilizar os conhecimentos psicanalíticos para realizar o contato e o trabalho com conflitos inconscientes.

Consideramos esse tipo de pesquisa importante por utilizar o conhecimento acumulado em psicanálise, adaptando-o à realidade usual da prática médica e psicológica. Para nós que vivemos paralelamente a um crescente progresso da teoria e da

técnica psicanalíticas, com uma acessibilidade cada vez menor aos tratamentos psicanalíticos clássicos, devido ao alto custo, essa experiência mostra-se de relevante valor.

Esses avanços no terreno da prática psicanalítica são valiosos quanto à prevenção em saúde mental. Com uma melhor compreensão de como se dá a construção dos alicerces básicos da vida mental e de possíveis alternativas de intervenção, auxílio pode ser dado ao indivíduo já em épocas precoces de seu desenvolvimento: conforme o caso, de forma abreviada, de curta duração, o que vem ao encontro das necessidades de clientelas menos protegidas. É nosso interesse focalizar a atenção para essa área de investigação, pois acreditamos que com os crescentes avanços na área psicanalítica temos recursos para desenvolver maior número de trabalhos clínicos que favoreçam o desenvolvimento infantil em direção à saúde e à maturidade.

Acreditamos que, para prestar auxílio à criança em desenvolvimento, é importante compreender os pais e as dificuldades apresentadas na relação com o filho. A criança, assim como os pais e a família, tem uma história. O lugar que ela ocupa nessa história é relevante para se compreender seu desenvolvimento e os obstáculos encontrados nesse percurso. A compreensão dessa história é fundamental para a compreensão do sintoma ou de angústias emergentes e para a intervenção psicoterápica a ser realizada.

Nosso trabalho teve sua origem no atendimento de famílias que, por indicação pediátrica, vieram pedir auxílio quanto a

sintomas apresentados por seus filhos ou por dificuldades sentidas pelos pais no desempenho de suas funções parentais. Os casos trazidos nesta pesquisa foram tratados pelo método psicoterápico derivado da psicanálise. Através da compreensão da demanda dos pais e da criança, entrevistamos na família, adaptando-nos às suas possibilidades afetivas do momento.

Com o passar dos anos, várias outras famílias vieram buscar ajuda, indicadas pela escola, por outro profissional da área de saúde ou por vontade própria (mobilizadas por alguma necessidade). É nossa hipótese de trabalho que o psicólogo pode fornecer ajuda aos pais, ocupando um lugar decisivo em várias crises vividas pela família, principalmente no que se refere ao desempenho das funções parentais. Nesse sentido, a intervenção realizada pelo psicólogo objetivaria a promoção de saúde, como também evitar a gênese de distúrbios.

Outra meta importante desse trabalho foi observar a eficácia e as limitações das intervenções realizadas. Essas intervenções, que se caracterizaram por serem abreviadas (em contraposição à técnica clássica da psicanálise, que se estende ao longo de vários anos, com várias sessões semanais), tiveram como aspecto essencial tentar preparar a família, os pais, para que, no desempenho de suas funções parentais, tivessem melhores condições de promover a saúde, propiciando o desenvolvimento psicológico dos filhos. Dito de outra maneira, a intervenção visou preparar família, criança e pais para que melhores condições de desenvolvimento fossem propiciadas no ambiente natural da

criança. Havendo “crises”, que a intervenção auxiliasse em seu enfrentamento. Havendo dificuldades no exercício da função materna, paterna ou na compreensão da vida mental da criança, que a intervenção oferecesse algum auxílio nesse sentido.

É importante ressaltar que não foi nossa preocupação investigar um método de trabalho psicoterápico. Foi, sim, nosso objetivo, estudar como podemos auxiliar os pais a desempenharem melhor suas funções parentais, que sucesso conseguimos e quando e como fracassamos.

Cabe ainda assinalar que nas últimas décadas temos desenvolvido essa modalidade de trabalho. É nosso objetivo comunicar o resultado de nossas observações.

Na realização de nossa investigação, estudamos 20 famílias que vieram procurar ajuda especializada, motivadas fundamentalmente por três razões básicas: algum sintoma apresentado pela criança; momento “crítico” vivenciado pelos pais ou pela família (crise conjugal, separação dos pais, perda de algum membro da família); presença de angústia acentuada por um dos pais ou por ambos no vínculo específico com um dos filhos ou com os filhos em geral.

Das 20 crianças atendidas, 14 eram do sexo masculino e seis do sexo feminino. Através do estudo realizado, observamos que auxílio poderia ser prestado aos pais quanto ao desempenho de suas funções maternas e paternas, de maneira abreviada. Utilizando-se dos conhecimentos oriundos da psicanálise, ajuda

pode ser fornecida à família, já nos primórdios do desenvolvimento da criança.

Observamos que o sucesso ou o fracasso das intervenções realizadas estão relacionados fundamentalmente com as condições emocionais dos pais. Quando o trabalho psicoterápico abreviado é realizado com pais com capacidade para conter angústias e depressão, os resultados são mais eficazes. Quando essas capacidades não estão presentes nos pais, os resultados são limitados. É quando ocorre o fracasso.

Um maior contato com a realidade psíquica do filho, assim como com a sua própria, e o contato com aspectos de seu próprio self projetados na criança, mostraram-se enriquecedores. Observamos que a partir desse processo surge a possibilidade de resgate da capacidade de continência de angústias, tão importante no vínculo pais-filhos. A função especular também se torna possível, pois os pais recuperam a possibilidade de “olhar” o filho com maior nitidez quanto às dificuldades apresentadas naquele determinado momento evolutivo.

Naqueles casos em que os pais continuaram utilizando o filho como continente de identificações projetivas maciças, notamos a necessidade de realização de psicoterapia de base analítica de longa duração. O trabalho psicoterápico abreviado mostrou-se insuficiente, ocorrendo o fracasso. As possibilidades de percepção e relacionamento com o filho, com características de maior integração (depressão), não se mostraram presentes.

Observamos que a participação dos pais na tentativa de prestar auxílio ao desenvolvimento do filho é importante para o resgate de confiança nas próprias capacidades para exercer as funções maternas e paternas. O trabalho abreviado com os pais, quer através de consultas, quer através de orientação psicanaliticamente fundamentada, utiliza-se das condições emocionais favoráveis dos pais para facilitar o desenvolvimento da criança. Através dos resultados de nossa pesquisa, concluímos que é possível a utilização dos conhecimentos psicanalíticos com essa finalidade.

Acrescentamos que outra pesquisa recente, em nível de mestrado, intitulada “Comunicação entre a mãe e a criança: intervenção psicológica em consulta terapêutica conjunta”, compreende no desenho metodológico a realização de uma consulta terapêutica conjunta com a mãe e a criança visando investigar como ocorre a comunicação entre elas e os efeitos das intervenções do psicoterapeuta. A análise dos resultados observará se o brincar e as intervenções em consulta terapêutica conjunta favorecem a adaptação ativa da mãe às necessidades da criança, e, ainda, se há efeitos sobre o motivo da procura e o sintoma. Possibilitar a participação da mãe na psicoterapia do próprio filho, para além do fornecimento de informações, alinha-se com pesquisas que apontam para a eficácia do trabalho terapêutico com pais (Motta, 2006, 2008a, 2008b; Puget, 2009; Moreira, 2015). Entende-se como mãe aquela pessoa que exerce a função materna, de cuidados físicos e psicológicos da criança, independentemente

de relação consanguínea ou de gênero. A pesquisa confere destaque à experiência, como o acontecimento do encontro entre a mãe e o(a) filho(a) com potencial para possibilitar novos alicerces para a relação, de intimidade, de contato, de criatividade, de confiança, de esperança.

Continuando a elencar pesquisas que englobam os três objetivos do Lapecri, temos desenvolvido os trabalhos a seguir.

A entrega de um filho para adoção e o mito do amor materno

A decisão de entregar um filho para adoção ou a ideia de fazê-lo poderá ter muitos significados, desde aceitar a impossibilidade de criá-lo, até rejeição à criança ou aceitar a desilusão do amor e do desejo de “maternar” (Motta, 2006). O objetivo dessa pesquisa foi investigar de que modo o mito do amor materno afeta as ideias e concepções presentes nos profissionais de saúde em relação à entrega de um filho para adoção.

Em situações de adoção, é possível constatar o quanto os profissionais de saúde ficam expostos a elementos das suas histórias pessoais e das suas experiências subjetivas, associados a situações de perdas, lutos, abandonos e rejeições. Este é, sem dúvida, um campo propício às projeções e às significações singulares, mesmo quando a atuação do profissional é subsidiada por leis, critérios norteadores e teorias. Por outro lado, esses profissionais lidam ainda com as interfaces das suas histórias familiares e, assim, com valores, sentidos e crenças que possuem acerca do que é e de como funciona uma família (Paiva, 2004).

Relativamente à entrega de um filho para adoção, a literatura e a prática clínica sugerem que as opiniões são bastante divergentes: algumas pesquisas existentes nessa área de estudo dão primazia à ideia da entrega de um filho para adoção como abandono da criança, outras, pelo contrário, defendem que esse comportamento poderá ser um ato de proteção desta.

O tratamento preconceituoso e tendencioso assumido por grande parte da sociedade, e até mesmo pelos profissionais que têm contato com essa realidade, parece estar relacionado com o mito do amor materno, interiorizado pela nossa cultura. Nesse âmbito, o dom da maternidade é concebido como algo natural, instintivo e inerente a todas as mulheres, pelo que a ausência desse sentimento é assumida como uma patologia (Badinter, 1985).

Acreditamos que estudando as ideias e concepções dos profissionais de saúde que estabelecem um relacionamento profissional com essas mulheres poderemos desenvolver medidas de intervenção, quer profiláticas, quer terapêuticas, que ajudem, por um lado, a que mais precocemente as crianças possam ter um projeto de vida alternativo à sua família biológica (quando esta não tem disponibilidade afetiva ou é de qualidade inadequada) e, por outro, a minimizar os eventuais efeitos nefastos que essas situações acarretam para a vida emocional, social e familiar dessas mulheres.

Com essa pesquisa objetivamos trazer algumas colaborações sobre as práticas clínicas utilizadas pelos profissionais de saúde para atender a essas mulheres com o intuito de promover tanto um

relacionamento mais saudável como um ambiente mais facilitador do desenvolvimento humano.

Pesquisa, ciência e a terapêutica da Psicanálise

Esta pesquisa promoveu uma investigação teórica sobre a terapêutica da psicanálise e as diferenças entre o método psicanalítico e as psicoterapias cognitivas, também conhecidas como a “via americana”.

Em instituições com tendência notadamente organicista – sobretudo nos casos das instituições ligadas à medicina –, fica patente a relação de exclusão da subjetividade, o que é evidenciado por uma prática clínica marcada, entre outros aspectos, por noções de terapêuticas ligadas à estatística, à validade e à reprodutibilidade das técnicas e de tratamentos baseados nos paradigmas de “normal e patológico”, “típico e atípico”, bem como de “saúde e doença”. Sendo assim, a psicanálise geralmente é excluída dessas instituições devido a uma suposta falta de eficácia ou em razão do questionamento de sua terapêutica diante de outras abordagens, consideradas mais objetivas e cartesianamente compreensíveis aos profissionais que não atuam no campo psicanalítico – tal como seria a psicologia cognitiva e a comportamental.

A psicanálise, em razão de suas especificidades clínicas, teóricas e técnicas, difere do método científico tradicional, que propõe uma investigação objetiva onde há uma clara separação entre o sujeito que investiga e o objeto investigado. Na psicanálise,

a presença, influência, diagnóstico e tratamento operados pelo analista são concebidos, por outro lado, conforme uma condição de intersubjetividade, isto é: a constituição do processo analítico resulta da trama tecida pelo encontro entre as reações subjetivas de ambos os participantes, um em relação ao outro (Goulart, 2009).

Por isso, o diagnóstico psicanalítico só pode ser realizado mediante a transferência, não sendo um processo externo ao que se passa intersubjetivamente. Outra diferença é a análise do próprio analista, ou seja, o cientista (analista) aplica a si mesmo a ciência que ele faz. Isso traz uma implicação ética importante, pois o psicanalista, diferentemente do cientista tradicional, está envolvido/implicado na relação; ele não é um mero observador. Por isso, é preciso haver um cuidado na avaliação de uma prática por meio de instrumentos ou critérios externos a ela (Nogueira, 2004).

Será que essas ponderações são feitas nas críticas que alegam uma falta de cientificidade à psicanálise? Apesar do cuidado metodológico necessário a toda crítica, para que não sejam comparadas práticas com epistemologias e objetos de estudo diferentes, percebemos que a psicanálise e sua terapêutica são muito pouco conhecidas, transmitidas e formalizadas, especialmente pela comunidade não psicanalítica. Por que isso acontece? Nossa hipótese é que ocorre em parte devido à complexidade da teoria e de seus conceitos, assim como por uma certa oposição da comunidade psicanalítica em abordar os efeitos

de sua prática e de sua terapêutica como se fossem tarefas de menor importância ou que infringissem a ética da psicanálise, sendo tais temáticas tratadas com cautela, até mesmo por Sigmund Freud.

Há muitos desafios lançados pela sociedade contemporânea aos psicanalistas. Um deles é se, depois de mais de um século da criação da psicanálise por Freud, ela é ainda capaz de tratar o sofrimento desta sociedade tão diferente daquela do século XIX, quando a psicanálise surgiu. Se ela é capaz, como dialogar com uma sociedade tão cientificista e avessa às, muitas vezes, difíceis “novidades” que o inconsciente de cada um reserva? Como implicar um sujeito nos problemas sobre os quais ele apresenta queixas, quando há uma indústria farmacêutica que incentiva a desimplicação subjetiva, por meio de uma excessiva patologização do sofrimento, ao mesmo tempo em que oferece uma “resposta” ao sofrimento psíquico em pílulas, cujo consumo excessivo expressa uma demanda de felicidade?

O que o psicanalista pode prometer é um trabalho no sentido de elucidar o desejo do sujeito e de ajudá-lo a decifrar aquilo que insiste na sua existência, ou seja, a desvendar os motivos das repetições dos sintomas que não se explicam por causas fisiológicas e dos padrões que causam grandes transtornos, mas parecem se repetir à revelia do sujeito, causando mal-estar.

Esse mal-estar aparece geralmente na forma de um sintoma que perturba o sujeito e o faz sofrer, mas do qual ele não consegue

se desvencilhar sozinho. Essa é a condição do sofrimento psíquico, que é acolhido tanto por psicoterapeutas como por psicanalistas.

Participação do Lapecri na parceria entre o IPUSP e a Coordenadoria da Infância e Juventude do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo

A proteção à infância e à juventude tem sido apontada em diversos setores como prioridade social, sendo vários os avanços e esforços realizados nas últimas décadas voltados ao asseguramento dos direitos de crianças e adolescentes. O Lapecri, por meio de sua inclusão e participação na parceria firmada entre o Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e a Coordenadoria da Infância e Juventude do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, tem se disposto a contribuir no processo de proteção a crianças, particularmente aquelas em situação de risco e vulnerabilidade.

A contribuição do laboratório visa, por um lado, promover a realização de pesquisas interventivas que possam atuar preventivamente em situações de risco e violência contra essas crianças – como a que versa sobre o mito do amor materno, as concepções e preconceitos em relação à entrega de um filho para adoção. Além de orientação às pesquisas voltadas à proteção e ao asseguramento dos direitos de crianças, o Lapecri, por meio da parceria supracitada, tem se disposto a contribuir na formação dos profissionais que atuam em Varas de Infância e Juventude, seja por meio de aulas ministradas a esses profissionais (em parceria com a

Escola Paulista de Magistratura), seja na disponibilização de bibliografia especializada sobre o tema. Dessa forma, o laboratório pretende aqui atender aos eixos norteadores no trabalho da universidade: ensino, pesquisa e prestação de serviços à comunidade. Considera que o referencial psicanalítico, particularmente o conhecimento voltado ao uso de intervenções breves e pontuais, pode ser de significativa relevância aos desafios presentes nessa área.

Outra pesquisa em desenvolvimento no âmbito da Coordenadoria da Infância e Juventude do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo (TJSP) se volta para os adolescentes que foram legalmente destituídos do poder familiar e atualmente vivem em instituições de acolhimento. O objetivo da pesquisa, realizada no doutorado, é identificar, a partir do referencial teórico psicanalítico, qual a perspectiva de futuro desses jovens e analisar a qualidade da capacidade de esperança deles. Sabemos que, no Brasil, os adolescentes são o público com menores chances de colocação em família substituta, seja na modalidade de adoção, guarda ou tutela. Portanto, em geral, permanecem residindo nas instituições de acolhimento até alcançarem a maioridade. Winnicott (1989) já apontava a importância da capacidade de ter esperança como um recurso que denota saúde mental, o que sustenta no sujeito a crença de encontrar algo bom e de que se necessita. Portanto, acreditamos na relevância de proporcionar espaços de reflexão sobre o futuro a esses adolescentes como um fator protetivo em saúde mental, pois, ao se pensar sobre o que está

por vir, existe a possibilidade de ressignificar escolhas, decisões e de motivar o comportamento em direção ao resgate dos recursos internos de que se dispõe, para dar novos sentidos à construção da própria vida.

Quando a psicoterapeuta está grávida: um terceiro no setting

Em relação à pesquisa de psicoterapia de orientação psicanalítica de longa duração, a investigação realizada quando a psicanalista está grávida abordou tema significativo e que trouxe resultados dignos de consideração. Nessa pesquisa, foram acompanhados 24 casos, atendidos por três psicoterapeutas grávidas. Uma das psicoterapeutas acompanhou três clientes adultas; a segunda forneceu dados de sete casos, cinco clientes adultas, um cliente adulto e um menino; e a terceira, autora deste capítulo (Motta, 2009), acompanhou 14 casos: três clientes adultas e 11 crianças e púberes (seis meninos e cinco meninas). Os seguintes aspectos direcionaram essa pesquisa: possível facilitação e catalisação de vivências referentes ao rompimento da simbiose com a figura materna e a presença inegável da sexualidade da psicoterapeuta, com possíveis interferências no processo psicoterápico.

Os seguintes resultados foram encontrados em relação aos clientes: sentimentos de hostilidade, inveja e ciúme; facilitação de revivências de faltas primitivas no contato materno; facilitação de fantasias e angústias relacionadas à sexualidade genital; facilitação de vivências depressivas; revivências de abortos e irmãos mortos;

facilitação de pesquisa em relação à sexualidade e ao interior feminino; vivências de rivalidade com irmãos. Dois tipos de atuações relacionados à gravidez da psicoterapeuta foram observados: interrupção brusca da psicoterapia, engravidar quando da gravidez da psicoterapeuta. Em relação às psicoterapeutas, encontraram-se os seguintes resultados: tendência à negação dos efeitos da gravidez; superinvestimento na gravidez; sentimentos de incapacidade; dificuldades na contenção da hostilidade dos clientes.

Há um número reduzido de trabalhos nessa área nas últimas décadas. Um terceiro no setting, um terceiro elemento presente na sala de atendimento, na relação psicoterápica, que não é apenas e tão somente uma mera fantasia, mas um ser que vai gradativamente tomando mais lugar e espaço entre paciente e psicoterapeuta, traz novas facetas ao setting psicoterápico. Por isso mesmo, confirmamos ser este um tema privilegiado de pesquisa e conhecimento.

Psicoterapia breve para mulheres com câncer de mama

A pesquisa de doutorado do IPUSP foi realizada entre 2012 e 2014, em ambulatório de oncologia de cidade do Grande ABC, e teve por objetivo investigar os efeitos terapêuticos da Psicoterapia Breve Operacionalizada (PBO) no atendimento a mulheres diagnosticadas com câncer de mama e em tratamento oncológico (Valentim, 2015).

O câncer de mama é o segundo tipo de câncer que mais acomete mulheres, e de acordo com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), em países em desenvolvimento como o Brasil, o responsável pelo maior número de mortes. O diagnóstico de câncer de mama evoca medo da morte e um processo de luto referente à perda da mama (ou de parte dela) na mastectomia. Os efeitos colaterais provenientes do tratamento, principalmente a quimioterapia, são causadores de insegurança e sofrimento nas pacientes.

O método utilizado na pesquisa – PBO – foi desenvolvido por Simon (2005, 2015) tendo como base a psicanálise e a teoria da adaptação (Simon, 1989). O autor aborda a necessidade de que a psicoterapia, como tratamento do sofrimento psíquico, possa ser viável para a população de forma geral, atendendo inclusive à demanda de pessoas que possuem escassos recursos financeiros e de tempo para investir em psicoterapia de longo prazo ou em motivação para um trabalho de aprofundamento nos psicodinamismos inconscientes.

Nesse estudo, 17 mulheres com diagnóstico de câncer de mama e em alguma das fases do tratamento oncológico – quimioterapia, radioterapia, hormonioterapia, cirurgia – foram atendidas em PBO. A média de idade foi de 47 anos; onze delas foram submetidas à mastectomia radical (com retirada total da mama), nove estavam em quimioterapia e oito em hormonioterapia.

Ao longo do desenvolvimento do processo psicoterapêutico breve, notou-se que a fragilidade evocada pelo diagnóstico de

câncer poderia ser compreendida: pelo adoecimento grave, pela situação de lidar com a possibilidade de morte e pelos tratamentos oncológicos invasivos que, sob a égide do instinto de morte, intensificavam o estado de desamparo do ego regredido.

A cirurgia de mastectomia, embora compreendida como um dos tratamentos para o câncer, foi percebida pelas participantes como uma mutilação de uma parte importante do corpo, que deixava em seu lugar uma falta, deflagrando uma ferida narcísica.

O atendimento breve mostrou-se eficiente em 82,4 % dos casos atendidos na pesquisa, favorecendo a adaptação à situação dolorosa que vivenciavam, melhorando a aceitação do diagnóstico e do tratamento oncológico, favorecendo que as participantes ressignificassem a experiência do adoecimento a partir da compreensão dos dinamismos inconscientes. A transferência positiva, a aliança terapêutica e a motivação para a psicoterapia breve foram fundamentais para o aproveitamento das sessões.

Outra recente pesquisa que realizamos versou sobre “Influências da transgeracionalidade em gestantes primigestas”. A investigação foi realizada sobre a influência da presença das avós para o casal que estava esperando o primeiro filho. Nesse trabalho, a transgeracionalidade foi compreendida como essencial na formação da identidade materna e em toda sua carga psíquica, incluindo costumes, ideias, valores, traumas, fardos e segredos que envolvem a gestante, que sofrerá as influências que cada família exerce sobre ela. O trabalho empreendeu entrevistas semidirigidas às gestantes e aplicação de quatro pranchas do Teste de Apercepção

Temática – TAT. Por meio da análise realizada, notou-se que as gestantes sofrem significativa influência maternal, pois a presença, as ideias e os costumes fazem com que elas abdicuem com frequência dos seus conceitos para seguir os da família, o que, muitas vezes, traz frustração à nova mãe, por não se sentir livre para exercer o seu papel materno de acordo com o seu modelo ideal. Portanto, indica-se que nesse processo a gestante busque um acompanhamento psicológico a fim de reconhecer o seu psiquismo e diferenciá-lo da família.

Intervenção com crianças e adolescentes portadores de TDAH

Essa pesquisa foi realizada em parceria com o Nani/Unifesp (Núcleo de Atendimento Neuropsicológico Infantil Interdisciplinar da Universidade Federal de São Paulo), e teve por objetivo verificar a possibilidade de intervenção entre crianças e adolescentes portadores de TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade) e seus familiares, com embasamento psicanalítico. Durante três meses foi realizada intervenção com cinco sujeitos, de 9 a 12 anos, e seus respectivos responsáveis. Os encontros foram realizados em grupo, semanalmente, com duração de uma hora e meia, através de uma oficina do brincar com o uso de histórias. Paralelamente, em sala separada, ocorreu o grupo de orientação aos familiares. O embasamento psicanalítico teve por fundamento as ideias de D. W. Winnicott. Os resultados encontrados confirmam a eficácia desse modelo de trabalho: intervenção combinada (grupo de crianças e adolescentes e familiares) e a

utilização de oficinas do brincar com o uso de histórias como um bom modelo de intervenção para crianças e adolescentes portadores de TDAH.

Considerações finais

Neste artigo, demos primazia a um dos três pilares básicos da universidade: a pesquisa. Mas os dois outros, ensino e atendimento à comunidade, também estiveram presentes na maioria dos trabalhos desenvolvidos. Escolhemos algumas das pesquisas que realizamos e que estamos desenvolvendo com o intuito de ilustrar os objetivos que orientam nosso caminho e o trabalho que vem sendo realizado ao longo de décadas.

Neste percurso de muitos anos trabalhando com pesquisas que finalizaram e finalizam em dissertações de mestrado e teses de doutorado, acompanhamos o caminhar gradativo da produção de conhecimento, com integração a cada passo dos conhecimentos advindos da psicanálise e da universidade. Os caminhos têm se mostrado promissores e confirmam o lugar da universidade de estabelecer e fortalecer essa ponte. É nosso intuito seguir essa direção. E é nesse percurso que se encontram os vários laboratórios de pesquisa do Departamento de Psicologia Clínica e do IPUSP.

Referências

- AGUIAR, V. V. *Reflexões e contribuições sobre a terapêutica da psicanálise lacaniana aos profissionais de saúde*. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- AMARAL, L. A. Atividade física e diferença significativa/deficiência: algumas questões psicossociais remetidas à inclusão/convívio pelo. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADE MOTORA ADAPTADA*, 4., 2001, Curitiba. *Anais* [...]. Curitiba: Sobama, 2001. p.30-31.
- BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BITTENCOURT, A. A. *et al.* Integrando método clínico e investigação empírica para a compreensão do abandono em psicoterapia psicanalítica. *Aletheia*, Canoas, v.43-44, p.147-159, jan./ago. 2014. ISSN 1413-0394.
- CATAFESTA, I. F. M. *Intervenções no desenvolvimento psíquico: um trabalho preventivo*. 1992. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.
- CATAFESTA, I. F. M. *Observação de fenômenos emergentes na psicoterapia quando da gravidez da psicoterapeuta*. 1984. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.
- CRITS-CHRISTOPH, P.; BARBER, J. P.; GIBBONS, M. B. C. University of Pennsylvania Center for Psychotherapy Research. *In: NORCROSS, J. C.; VANDENBOS, G. R.; FREEDHEIM, D. K. (org.). History of Psychotherapy: continuity and change*. 2. ed. Washington, D.C.: American Psychological Association, 2011. p.370-374.
- DOLTO, F. *Dificuldade de viver*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

FREUD, S. Duas histórias clínicas (o pequeno Hans e o homem dos ratos). In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v.10.

GASTAUD, M. B. *et al.* Assessing levels of similarity to a “psychodynamic prototype” in psychodynamic psychotherapy with children: a case study approach (preliminary findings). *Trends Psychiatry Psychother*, Porto Alegre, v.37, n.3, p.161-165, Sept. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2237-6089-2014-0059>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-60892015000300161&lng=en&nrm=is. Acesso em: 26 maio 2016.

GOMES, J. F.; MORAES, D. B.; MOTTA, I. F. O brincar em crianças obesas: um estudo de crianças em tratamento ambulatorial. *Mudanças: Psicologia da Saúde*, São Bernardo do Campo, v.19, n.1-2, p.51-59, jan./dez. 2011.

GOULART, A. A. Intersubjetividade e especificidade em psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v.43, n.3, p.59-70, set. 2009.

IVO, M. C. A. *Identificação de jovens com altas habilidades: uma abordagem winnicottiana da criatividade*. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

JUNG, S. L. *et al.* Momentos distintos no abandono da psicoterapia psicanalítica. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v.63, n.2 p.133-141, 2014. ISSN 0047-2085.

LEPPER, G.; RIDING, N. *Researching the psychotherapy process*. Hampshire: Palgrave, 2006.

MARTINS, I. S. *et al.* Doenças cardiovasculares ateroscleróticas, dislipidemias, hipertensão, obesidade e diabetes melito em população da área metropolitana da região Sudeste do Brasil: I – Metodologia da pesquisa. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v.27, n.4, p.250-261. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-89101993000400004>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89101993000400004&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 20 out. 2009.

- MOREIRA, L. M. A. G. *Consultas terapêuticas com pais e filhos: resgatando a experiência compartilhada do brincar*. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- MOTTA, I. F. Intervenções psicoterápicas em instituições públicas de saúde: orientação de pais, alcances e limites. *In: CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA SAÚDE – INTERVENÇÃO EM PSICOLOGIA E SAÚDE*, 7., 2008a, Lisboa. *Actas [...]*. Lisboa: Printipo, 2008a. p.283-286.
- MOTTA, I. F. Intervenções psicoterápicas no desenvolvimento psicológico: o trabalho com os pais. *In: SILVARES, E. F. M.; ASSUMPÇÃO JÚNIOR, F.B.; PRISZKULNIK, L. (org.). Fundamentos de psicologia: família diagnóstico e abordagens terapêuticas*. 1.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008b. p.113-123. v.1.
- MOTTA, I. F. *Orientação de pais: novas perspectivas no desenvolvimento de crianças e adolescentes*. 1.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. v.1.
- MOTTA, I. F. (org.). *Psicanálise no século XXI: as conferências brasileiras de Robert Rodman*. São Paulo: Ideias & Letras, 2006.
- MOTTA, I. F. Quando a psicanalista está grávida: facilitação de pesquisas sobre o interior materno e feminino. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v.42, n.76, p.91-105, jun. 2009. ISSN 0103-5835.
- MOTTA, M. A. P. As mães que abandonam e as mães abandonadas. *In: SCHETTINI FILHO, L.; SCHETTINI, S. S. (org.). Adoção: os vários lados dessa história*. Recife: Bagaço, 2006. p.32-51.
- NOGUEIRA, L. C. A pesquisa em Psicanálise. *Psicologia USP*, São Paulo, v.15, n.1-2, p.83-106, jun. 2004.
- PAIVA, L. D. *Adoção: significados e possibilidades*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- PUGET, J. Teoría de la técnica: qué, cómo, cuándo, dónde, por qué, para qué, una clínica de pareja, de familia y de grupo. *Vínculo*, Revista do Nesme, São Paulo, n.6, v.2, p.123, dez. 2009. ISSN 1806-2490.

RAMIRES, V. R. R. *et al.* Interaction structures in the psychodynamic therapy of a boy diagnosed with Asperger's disorder: a single-case study. *Research in Psychotherapy: Psychopathology, Process and Outcome*, Milão, v.18, n.2, p.129-140, 2015.

ROCHA, G. M. A. *et al.* Questionário de Estruturas Relacionais (ECR-RS): evidências de validade de construto e precisão. *Psico-USF*, Campinas, SP, v.22, n.1, p.121-132, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-82712017220111>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-82712017000100121&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 12 dez. 2017.

SAFRA, G. *Curando com histórias: a inclusão dos pais na consulta terapêutica da criança*. São Paulo: Edições Sobornost, 2005.

SANTEIRO, T. V.; ROCHA, G. M. A. (org.). *Clínica de orientação psicanalítica: compromisso, sonhos e inspirações no processo de formação*. São Paulo: Vetor, 2015.

SERRALTA, F. B.; NUNES, M. L. T.; EIZIRIK, C. L. Considerações metodológicas sobre o estudo de caso na pesquisa em psicoterapia. *Estudos de Psicologia*, Campinas, SP, v.28, n.4, p.501-510, 2011. ISSN: 0103-166X.

SILVA, C. Y. G. da. *Nas batidas do rap, nas entrelinhas dos versos: uma reflexão winnicottiana sobre o amadurecimento juvenil*. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SIMON, R. *A psicoterapia no século XXI: possibilidades, novas perspectivas e desafios*. 2015. Trabalho apresentado ao 11º Congresso Latino-americano de Psicoterapia, São Paulo, 2015.

SIMON, R. *Psicoterapia breve operacionalizada: teoria e técnica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

SIMON, R. *Psicoterapia clínica preventiva*. São Paulo: EPU, 1989.

VALENTIM, N. S. *Psicoterapia breve operacionalizada em mulheres com câncer de mama*. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

WINNICOTT, D. W. *Clinica psicoanalítica infantil*. Buenos Aires: Hormé, 1980.

WINNICOTT, D. W. *Natureza humana*. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. Psicanálise e ciência: amigas ou parentes?. In: WINNICOTT, D. W. *Tudo começa em casa*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.XIV.

WINNICOTT, D. W. *The Piggle*: relato do tratamento psicanalítico de uma menina. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

YAMAMOTO, K. *Estudo do método e resultados da psicoterapia preventiva da família*. 1990. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1990.

Psicanálise e universidade: o IUSAM

Sara Zac de Filc

*Tradução: Maria Lucia Castilho Romera
Rita de Cássia C. S. Mendes*

O Instituto Universitário de Saúde Mental (IUSAM) é a criação, pela primeira vez na história da psicanálise, de um instituto universitário no seio de uma instituição psicanalítica, a Associação Psicanalítica de Buenos Aires (APdeBA). Quer dizer, não é a presença da psicanálise na universidade, mas da universidade na APdeBA. Incluir a universidade não tem sido simples. Foi preciso tomar consciência da magnitude do passo dado e da necessidade de seguir inovando permanentemente sem nenhuma experiência prévia. Era preciso, além disso, convencer as autoridades que regem a vida acadêmica de Buenos Aires da importância e do valor da análise de formação como requisito fundamental da formação do analista.

Em 1975, Jean Laplanche conseguiu criar o doutorado em Psicopatologia Clínica e Psicanálise da Universidade de Paris. Ele mesmo descreve seu trabalho na universidade como “uma aventura, um doutorado que foi atacado violentamente e, às vezes, com má fé por aqueles que acreditavam ser ele uma instituição que

ameaçava a instituição psicanalítica” (Laplanche, 1975). Sempre sustentou que a presença da psicanálise na universidade era uma garantia da confrontação rigorosa de posições, da argumentação e da refutação.

A psicanálise, como atividade formativa, permaneceu excluída da universidade e teve que se desenvolver em âmbitos privados. Por um lado, apresentavam-se as objeções oficiais que, segundo alguns, diziam respeito às reconhecidas resistências à sexualidade infantil, ao antissemitismo, ao poder médico, ao enfrentamento à cultura que representava as concepções da psicanálise etc.; por outro, as objeções que alguns analistas, temerosos, apresentavam também da interferência que poderia significar para a especificidade do saber psicanalítico e para superá-la. Na década de 20, começaram-se a criar as primeiras sociedades psicanalíticas, que funcionavam sob as normas da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), fundada por Freud em 1910.

À medida que a psicanálise se desenvolveu, cresceu o número de associações psicanalíticas e foram seus institutos os encarregados da formação psicanalítica de acordo os requisitos estabelecidos pela IPA para todas as instituições que a constituíam. Elas cumpriram um papel importante, já que, junto às suas associações componentes, provisórias e a seus grupos de estudos, tomaram para si a qualidade da formação psicanalítica. Essa modalidade dispôs, também, a um certo isolamento e a certa endogamia.

As instituições, em geral, e a universidade apresentaram fortes resistências à psicanálise, tanto como discurso teórico como quanto uma prática clínica específica. Distintos motivos determinaram que a psicanálise não entrasse na universidade. Um dos acadêmicos que avaliou o projeto do IUSAM (o licenciado Roberto Follari) afirmou:

A teoria psicanalítica tem sido, ela mesma, refratária a ser incluída dentro da instituição universitária. A impossibilidade de esta manter relações clínicas de longo período ou tempo, o predomínio inevitável do discurso teórico, diretamente acima da experiência direta da escuta do inconsciente e, por que não dizê-lo, a não permissão pela universidade da obtenção de ganhos econômicos facultados na atividade privada representam um acúmulo de causas – não unidirecionais, mas convergentes em seus efeitos – que tem afastado a prática psicanalítica do ensino investigativo dentro das universidades.

E havia algo de razão nisso.

Nos Estados Unidos, a partir do final da II Guerra Mundial e nos anos seguintes, a maioria das cadeiras universitárias de psiquiatria, assim como a direção dos serviços, esteve a cargo de psicanalistas. Mas, na década de noventa, conhecida como a “década das Neurociências”, foi imposto o *chamado* lobby dos laboratórios. Alguns institutos de formação psicanalítica da IPA foram alojados em universidades tais como a Emory, a Columbia (desde os anos 40), a New York University etc. Mas isso não implica que acreditassem, academicamente, nos candidatos.

Nos ano de 1957, a Universidade de Buenos Aires criou a carreira de Psicologia e a psicanálise teve um lugar importante na formação da graduação. Já desde o começo, seus primeiros professores, pioneiros da psicanálise em Buenos Aires, estabeleceram limites rigorosos para o ensino da psicanálise ao deixar claro que “não se pode ensinar na universidade o mesmo e em igual forma em que se faz nos Institutos de psicanálise”. Foi isso que a APdeBA buscou rever com o IUSAM, que é um instituto universitário.

Na década de oitenta, com o advento da democracia, a Faculdade de Medicina de Buenos Aires criou o Departamento de Saúde Mental, segundo as propostas de Goldemberg e Etchegoyen, e se fizeram os primeiros concursos de professores ingressando um grupo de psicanalistas, dos quais vários eram membros da APdeBA.

A partir da década de noventa, e seguindo uma tendência mundial, muitas universidades públicas e privadas incorporaram mestres e doutores em psicanálise com planos de estudos baseados no trabalho teórico, não se ocupando da formação dos analistas, já que não exigiam nem análise pessoal, e as supervisões clínicas é que constituíam o fundamental em nossa formação.

Também no mundo psicanalítico, existia o temor de que a universidade fosse interferir nas modalidades autoestabelecidas pela psicanálise no que diz respeito à sua intitucionalização, titulação, nomeações, requisitos, etc., que se devem a um modelo de organização preestabelecida.

Sabemos que houve e há mestrados e até doutorados de psicanálise em muitas universidades de nosso país e, também, em outros países latino-americanos. Também, quase em paralelo, a Associação Psicanalítica do Uruguai (APU) institucionalizou o seu curso de formação de analista como mestrado pela universidade de seu país.

A APdeBA buscou superar a situação, levando, como disse anteriormente, a universidade ao seu seio, ou seja, ao ponto central de sua instituição. Assim, criamos, por assim dizer, nossa própria universidade. Com o Instituto Universitário de Saúde Mental da Associação Psicanalítica de Buenos Aires, conseguimos colocar a formação analítica integral em uma matriz acadêmica. Algo único e inédito na história da relação entre a psicanálise e a universidade.

Todos sabemos que não é possível dissociar o processo da formação analítica do contexto das condições político-institucionais em que se desenvolve, já que afeta as normas, os procedimentos deste. Os conhecimentos psicanalíticos respondem ao que é próprio ou específico do homem e, nesse sentido, podem e devem ser compartilhados com a universidade.

Ao longo desses anos, tivemos muitos obstáculos: a reconhecida resistência à psicanálise (reiteradamente manifestada no seu processo de avaliação); a luta pelo reconhecimento de seu estatuto científico; as dúvidas suscitadas por sua localização epistemológica, dentre e entre os demais saberes; sua relação com o campo da Saúde Mental; que tipo de investigação poderia levar adiante; se deveria se considerar uma profissão etc. E o maior de

todos os obstáculos: fazer reconhecer a legitimidade da análise didática como parte essencial da formação (um requisito até agora impensável no âmbito universitário). Finalmente, esse critério foi aceito pelas autoridades oficiais e, com ele, a admissão do desejo e a transferência na formação dentro de um âmbito acadêmico. Assim, o Instituto Universitário foi aprovado pela CONEAU e autorizado a funcionar pelo Dec. PEN. nº 352, de 20 de abril de 2005.

O IUSAM tem outras carreiras profissionais que se constituem nos pilares da interdisciplinaridade. Vale lembrar o que Freud dizia:

“Se alguma vez se fundasse uma Escola Superior Psicanalítica – coisa que hoje pode soar fantástica – deveria ensinar-se nela: ... junto a psicologia do profundo, sempre o essencial, uma introdução à biologia, e deveria contemplar disciplinas tais como: história da cultura, mitologia, psicologia da religião e ciência da literatura. Sem elas, o analista cairia desamparado frente à grande parte de seu material” (Freud, 1976, p.278).

Nosso projeto é acompanhado de um importante programa de abertura feito à comunidade, através de programas de extensão e de um plano de investigação. Além dos conhecidos problemas delineados pela investigação em psicanálise, a ideia é que esta, deixando a salvo as sutilezas de sua prática, dê conta de seu *modus operandi*, o que redundará em estender sua autoridade e prestígio à comunidade científica.

Como sociedade componente da IPA, APdeBA tem seguido os requisitos exigidos quanto à formação de analistas. A ideia básica é que a instituição se responsabilize integralmente pela formação de seus candidatos. Por essa razão, o esquema dos requisitos da IPA foi deslocado para o IUSAM, enquanto a formação passava a ser, academicamente, uma titulação de especialização. Só os candidatos que completam sua formação são eleitos para ingressar na APdeBA. A passagem a membro aderente ou titular, assim como o consentimento da função didática, segue sendo prerrogativa da APdeBA. A análise didática, exigida para a formação, mantém as condições de privacidade, isolamento e intimidade, e é absolutamente fora de qualquer regulação acadêmica.

Os candidatos têm uma variedade de ofertas acadêmicas complementares para a sua formação, e podem compartilhar um âmbito inovador na interface com uma série de disciplinas relacionadas.

Quero citar as palavras de nosso primeiro reitor, Dr. H. Ferrari, ao referir-se a algumas das vantagens de ter se criado uma universidade para a psicanálise.

1 – Em nosso projeto, a psicanálise não se inclui em uma universidade já estabelecida. Cria sua própria universidade e tem uma instituição psicanalítica atrás que respalda seu funcionamento e garante sua identidade.

2 – Rompemos com uma larga tradição não escrita que excluiu injustamente a formação analítica da universidade. Sendo a universidade uma das instituições mais valorizadas pela cultura, por que a formação analítica plena deveria estar à margem dela?

3 – Com este projeto, a psicanálise não faz concessões ao discurso da ciência nem se amedronta em relação ao “discurso universitário” ou de mero conhecimento racional. Mas está em condições de contrapor-se e dialogar com os movimentos culturais de vanguarda dentro de sua própria casa, para que, na linha do que nos diz Lacan (1966), “o conhecimento não seja, como o foi durante séculos, uma defesa contra a verdade”.

4 – A formação analítica dos candidatos, em um enquadre acadêmico, pode manter certa distância dos conflitos de poder, políticos e ideológicos presentes na associação psicanalítica, que às vezes contaminam e prejudicam as atividades propriamente relacionadas com a formação.

5 – É benéfico para a psicanálise compartilhar um lugar junto a outros saberes. Um lugar próprio lhe permite defender, entre os demais conhecimentos, sua irreduzível especificidade.

6 – O tripé da formação é novidade na universidade. O caráter integral e mutuamente complementar da análise didática, das supervisões e dos seminários teóricos é mantido (em lugar de separado, como em outras propostas). A ênfase está posta em uma formação psicanalítica plena.

7 – A metodologia pedagógica do processo de ensino-aprendizagem de toda a oferta acadêmica reflete os postulados

essenciais da psicanálise e é acompanhada de supervisões individuais e grupais, tutorias, grupos de reflexão, consultorias e da análise pessoal.

8 – Multiplicam-se as oportunidades e os recursos para a investigação.

9 – A afiliação universitária das atividades de extensão prestigia e aumenta a demanda de benefícios.

Desde 2005, a APdeBA “tem” um instituto universitário para a formação de seus analistas que agrega a formação acadêmica à formação analítica. Não se transforma nem se confunde com um instituto universitário. Dessa maneira, preserva sua autonomia e fins específicos quanto à difusão e expansão da psicanálise. Em nossa sociedade, no começo, surgiram dúvidas e inquietações, em especial supondo que a identidade psicanalítica da instituição seria mudada ou alterada. Mas estamos seguros de que essa nova experiência se afirmou e se constitui em uma ferramenta fundamental para que a psicanálise prossiga se sustentando solidamente no meio social, resultando em benefício para toda a psicanálise e para a IPA. Esta contribuiu para o projeto através de significativo respaldo econômico com fundos específicos. Essa trajetória fundada e aprovada por organismos oficiais abre um valioso e importante precedente em nossas instituições.

Pela primeira vez, uma sociedade membro da IPA criou uma universidade sustentada em uma associação psicanalítica. Por não haver experiência prévia, exige que tomemos consciência da magnitude do passo dado e do dever de seguir inovando

permanentemente e dando ao projeto uma dimensão sonhada e um caminho que se estenda para novos desdobramentos a serem alcançados.

Referências

FREUD, S. A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial. *In*: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, 1896. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.1. p.278.

LACAN, J. La science et la verité. *In*: LACAN, J. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966. p.7-29.

LAPLANCHE, J. Doctorat de 3 ème cycle: psychopathologie clinique et psychanalyse. *Psychanalyse à l'Université*, Paris, v.1, p.213-215, 1975.



SEÇÃO B

**Psicanálise e universidade:
experiências e reflexões no modelo
de transmissão oral**

Interlocuções da psicanálise: universidade e SBPSP

Maria Lúcia V. Violante

Uma vez que o objetivo desta jornada é a “Transmissão da Psicanálise – na SBPSP e na universidade” –, como membro desta última e não da primeira, inicio minhas reflexões sobre a “transmissão”, o que pressupõe a “apreensão”.

Em se tratando da SBPSP, cujo objetivo é a formação do psicanalista, ela dispõe de meios para transmitir o saber psicanalítico em suas três dimensões, a saber: uma teoria sobre o psiquismo (“objeto de estudo da psicanálise”); um método de investigação desse objeto, ou seja, o inconsciente; e uma técnica terapêutica.

Tais dimensões abrangem as três pedras angulares da psicanálise: a sexualidade e a destrutividade, onde se enraíza o inconsciente; o recalque/a resistência; e a transferência. Tais dimensões e pedras angulares não figuram em nenhuma das abordagens da Psicologia, o que já revela a diferença entre ambos os campos do saber.

Como sou psicóloga e psicanalista (formada no *Sedes Sapientiae*), sinto-me confortável para afirmar que a Psicanálise é um saber sobre a *psique* e que, portanto, é diferente da Psicologia, não se confundindo com nenhuma de suas múltiplas abordagens.

Como bem alerta André Green (2003, p.490), “A confusão maior e mais perigosa seria, sem dúvida, minimizar a diferença entre a psicologia sob todas as suas formas e a psicanálise”. Afinal, como ele mesmo diz: “A psicanálise é a ciência fundamental do psiquismo”.

Tendo como meta tornar-se psicanalista, o aprendiz deve dispor de um bom mestre, de um analista e de um supervisor – todos dotados de formação em psicanálise.

Na universidade, ou, mais especificamente, na pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC/SP, cujo objetivo é a formação de mestres e de doutores, a transmissão da psicanálise, no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise, restringe-se à dimensão teórica e de “pesquisa em psicanálise” – o que pode ocorrer na clínica ou fora dela.

Como “ser psicanalista” não é pré-requisito para ingressar no mestrado ou no doutorado em Psicologia Clínica – e nem, em particular, no Núcleo de Psicanálise –, os alunos dispõem de professores e de orientadores (todos doutores) que lhes ensinam a teoria psicanalítica e o que é a “pesquisa em psicanálise”.

Uma vez que a pós-graduação abrange o ensino, a pesquisa e a extensão, sem dúvida alguma é possível e desejável a

interlocução entre a PUC/SP e a SBPSP – respeitando-se a razão de ser de cada instituição.

Nestes dezoito anos em que leciono e oriento dissertações e teses em Psicanálise, adquiri a convicção de que a apreensão desse saber depende, para além de condições intelectivas, de experiências de vida e de condições psíquicas – o que coloca limitações à academia...

Referências

GREEN, A. A crise do entendimento psicanalítico. *Psicanálise Contemporânea: Revista Francesa de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n.2.001, p.477-492, 2003. Número especial.

Jornada de transmissão da psicanálise: universidade e SBPSP

João Baptista Novaes Ferreira França

Neste evento de interface, vou falar da formação psicanalítica nos Institutos de Psicanálise e, em particular, no Instituto Durval Marcondes, da SBPSP.

Freud foi um pensador raro pela persistência e paixão com que foi desenvolvendo sua doutrina e sua prática, com coerência e espírito científico.

Como disciplina nova, a psicanálise começou como atividade médica. Doenças diversas e incapacitantes como histeria, manifestações e sintomas estranhos e que desafiavam os conhecimentos médicos e internações em clínicas de repouso despertaram o interesse de Freud para a hipnose e a sugestão, com métodos novos e revolucionários da época. Era o caminho que mais lhe parecia promissor para o tratamento dos pacientes com esses sintomas.

Ao observar as circunstâncias de vida dos pacientes e estudando as possibilidades de melhora que obteve ao dar atenção a fatores psíquicos, Freud foi desenvolvendo um método próprio

de abordagem e de revelação dos fatores psíquicos subjacentes à consciência.

Seu interesse e sua curiosidade, ao lado de uma mente exploratória, expandiram-se para a compreensão da natureza humana e de sua parte oculta, e para o entendimento de um sistema coerente quanto à natureza do ser humano.

Nas duas primeiras décadas do século XX, Freud escreveu trabalhos de pesquisa e relatos de centenas de observações e cogitações, estudando sonhos, sexualidade, o inconsciente, muitos outros temas e casos clínicos.

De acordo com a história do movimento psicanalítico, Freud se defrontou no início com enormes resistências no mundo médico de então, mas uma nova barreira a transpor foi constituída pelas objeções, pelas pesquisas e pelas dissidências dos próprios psicanalistas daqueles primórdios; foram surgindo no mundo psicanalítico questões não só científicas, mas também pessoais e políticas, favorecidas pela natureza do próprio campo estudado.

Após as primeiras e sérias dissidências havidas, apropriações e deformações de conceitos da psicanálise nascente, Freud e seus discípulos mais diretos resolveram criar uma instituição que zelasse pela ortodoxia de suas ideias e pela formação de novos aderentes. Foi criada a IPA, e, aos poucos, os institutos de formação.

A psicanálise se difundiu muito no início e nos meados do século 20. O mundo científico, filosófico, cultural ficou como que encantado pela nova doutrina, que se tornou um sucesso na era do

cinema e nos Estados Unidos. Depois foi a vez da América Latina, e com a abertura da IPA, já tivemos dois presidentes da associação latino-americanos.

Em São Paulo, a psicanálise nasceu de grupos culturais ligados à universidade na década de 1920; o entrosamento com a universidade experimentou um retraimento em meados e no fim do século, para em seguida haver novo e crescente interesse em aproximação e diálogo nos dias de hoje.

Em 1926, Freud escreveu sobre a questão da análise leiga, defendendo a importância de uma formação específica para o futuro analista. Nesse trabalho, afirma que uma faculdade de psicanálise, se houvesse, teria que ter como ponto fundamental o estudo da psicologia profunda, mas outros conhecimentos teriam que ser abordados, como biologia e psiquiatria, e haveria lugar e importância para ramos de conhecimento distantes da medicina, como história da civilização, mitologia, psicologia da religião e ciência da literatura (Freud, 2017).

Entendo que uma imersão no mundo e em métodos acadêmicos, se não é indispensável para a formação psicanalítica, representa, sim, um acréscimo enriquecedor para a dimensão científica e cultural do psicanalista.

A formação psicanalítica nos institutos de psicanálise

O primeiro instituto de psicanálise começou na Alemanha; e outros institutos, à medida que eram criados, foram aderindo às normas daquele. Os primeiros seguiram o esquema desenvolvido

em Berlim por Eitingon no início da década de 1920, modelo que se baseia no tripé formado por análise didática, supervisão e seminários. Esse tripé é aceito até hoje por todos os institutos de psicanálise ligados à IPA, com algumas diferenças quanto à ênfase ou importância de cada perna do tripé.

Gostaria de detalhar as características e a razão de ser das atividades que se integram no todo da formação, e como se realizam no instituto de São Paulo.

A formação psicanalítica compreende situações privadas e públicas. As supervisões e, principalmente, a análise pessoal correspondem ao setor privado, e se assemelham à relação de um mestre e seu discípulo. Os seminários clínicos e teóricos constituem a parte mais pública do treinamento daqueles que querem se tornar psicanalistas.

A formação psicanalítica, em seu todo, se dá pela soma e integração de todas as experiências do futuro analista, visando à introjeção da função analítica. É um aprendizado que não cessa com o término da formação, mas vai se prolongando pela experiência da clínica e pela experiência de vida dos analistas em contato com seus pares.

Fazendo um paralelo com um curso universitário, sabemos que a conclusão do curso não significa o fim de um aprendizado, mas o início de uma carreira na qual uma outra modalidade de aprendizado vai se desenvolvendo gradativamente com a experiência profissional.

A recomendação de uma análise pessoal, regulamentada nos institutos como análise didática com características de frequência, duração e conduzida por psicanalista habilitado pelos seus pares, surgiu da observação de que ninguém poderia conhecer a natureza do paciente sem antes tomar contato com as próprias características e resistências.

Na nossa sociedade e no instituto, a análise didática corresponde à parte mais importante da formação. Entendemos que um curso teórico representa um outro viés, e o mesmo acontece em relação às supervisões, integrando um todo para que o membro filiado (o candidato) tenha, ao lado do estudo e da ventilação de conceitos e da experiência com professores e colegas, a longa experiência de elaborar as próprias emoções e aceitar as manifestações do inconsciente de maneira vivenciada, podendo compreender as vicissitudes da transferência.

Entendemos que a mente do analista é o seu principal instrumento de trabalho.

A compreensão do que se passa com o paciente, sua dinâmica e fenomenologia requerem uma percepção não só intelectual; ela depende da empatia, do colocar-se no lugar do outro, de sentir seu sofrimento, valores e da experiência emocional compartilhada. A *reverie* compreende um conjunto de fenômenos intersubjetivos empáticos que ocorrem com a imersão nos sentimentos do outro e com a possibilidade de resgate da própria identidade do analista. Este precisa compreender sua

contratransferência para poder usá-la de acordo com seu preparo e utilização da aprendizagem introjetada.

O treinamento e amadurecimento dessas qualidades do analista passam pelo desenvolvimento da capacidade de contenção e abstinência, o que não significa um analista frio, mas sim alguém em constante elaboração de suas emoções e experiência.

As supervisões constituem um acompanhamento do trabalho clínico do candidato e de sua capacidade de correlação teórico-clínica, além da oportunidade, possibilidade de observação e conversa sobre fatores que surgem no trabalho, como o acompanhamento da transferência e da contratransferência.

No nosso instituto, temos duas supervisões com candidatos que atendem seus pacientes com alta frequência de sessões, pelo menos em boa parte do tempo de supervisão. Essas supervisões são feitas com diferentes supervisores, com no mínimo 80 horas cada.

Espero ter dado um esboço dos fundamentos e das atividades de nosso Instituto.

Referências

FREUD, S. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

Transmissão da psicanálise na universidade: intercâmbio e contribuições mútuas entre a universidade e a SBPSP

Gina Khafif Levinzon

A universidade tem um papel fundamental na transmissão da psicanálise. É o lugar onde o conhecimento se expande e se formam pessoas que colocarão em prática os conceitos aprendidos e em que há o estímulo para pesquisa e para o questionamento das ideias já formuladas, abrindo caminho para o novo ainda não pensado.

Minha própria experiência pessoal de contato mais sistemático com a psicanálise começou na graduação, no Instituto de Psicologia da USP, com as aulas sobre a obra de Freud ministradas pela Profa. Amina Maggi, que também pertencia à Sociedade Brasileira de Psicanálise. As aulas de Amina eram muito apreciadas e sempre lotadas de alunos, o que fez com que muitos deles seguissem o campo da psicanálise. Terminada a faculdade, nos reuníamos por anos a fio nos grupos de estudo da professora. Sabíamos que o que tínhamos aprendido na universidade era

apenas o ponto de partida para uma jornada sem fim no estudo e na prática psicanalíticos...

O ensino da psicanálise continua na universidade, talvez hoje com mais questionamentos por parte de certos setores da psicologia, ou colocado um pouco mais de lado em função da necessidade dos alunos de encontrarem formas mais rápidas de encontrar sustento econômico depois de formados.

De qualquer forma, encontramos pessoas interessadas em se aprofundar no estudo da teoria e da técnica psicanalíticas após a graduação, e este era um espaço preenchido apenas parcialmente pelos cursos de pós-graduação *strictu sensu* na universidade.

Em 1996, ao verificar essa lacuna, Ryad Simon criou no Instituto de Psicologia da USP o curso de especialização em Psicoterapia Psicanalítica, inspirado no projeto de Durval Marcondes de inserir a psicanálise no âmbito universitário. Ryad observou nos cursos que ministrava na pós-graduação que boa parte dos participantes era constituída apenas de ouvintes, mais interessados em estudar a teoria e a técnica de Melanie Klein e de Bion do que em desenvolver trabalhos próprios de pesquisa.

O curso de especialização, do qual faço parte como professora desde sua fundação, há 23 anos, representa, a meu ver, uma amostra exemplar de como se pode transmitir a psicanálise no âmbito da universidade. Com duração de três anos, é constituído por aulas teóricas de Freud, Melanie Klein, Bion, Winnicott e Teoria da Técnica, além de supervisões sistemáticas de casos clínicos. Todos os professores são psicanalistas, sendo metade

deles pertencente à Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Nossos alunos vêm das regiões mais diversas, inclusive de outros estados. São pessoas interessadas em se aprimorar na teoria e técnica psicanalíticas, e que depois continuam nosso trabalho ministrando cursos e organizando atividades em suas regiões. Realizamos a cada ano um encontro, no qual convidamos palestrantes para falar de assuntos relacionados com a Psicoterapia Psicanalítica, inclusive muitos membros da SBPSP, e observamos o enorme interesse por esses temas, com audiência de cerca de 350 a 400 pessoas.

Entre os diversos ângulos da teoria e da prática da Psicoterapia Psicanalítica estudados, poderíamos citar alguns:

- manejo da transferência e contratransferência na psicoterapia psicanalítica (Simon, 2001);
- a visão *winnicotiana* do manejo na psicoterapia psicanalítica (Kehdy, 2002);
- a influência da teoria na interpretação (Simon, 2003);
- contranferência e transferência em psicoterapia psicanalítica de “quadros medianos” (Simon, 2004);
- uma ponte entre Klein e Winnicott – a função reparadora do psicoterapeuta psicanalista (Simon, 2005);
- o futuro da psicoterapia psicanalítica (Simon, 2006);
- psicoterapia de base analítica e psicanálise: sobre as semelhanças e diferenças de abordagens (Fagundes, 2006);

- a construção da identidade do psicoterapeuta psicanalista (Di Ciero Filho, 2006);
- depressão na clínica psicanalítica (Levinzon, 2006);
- os relacionamentos amorosos na contemporaneidade e a psicoterapia psicanalítica (Gomes, 2006);
- o estudo da obra de Bion em ambiente universitário (Sandler, 2006);
- a supervisão em psicoterapia psicanalítica (Yamamoto, 2006);
- os bastidores do processo de formação em psicoterapia psicanalítica (Godoy, 2006);
- pesquisa em psicoterapia psicanalítica: a frequência de sessões – uma ou duas sessões semanais (Simon, 2007);
- progresso aparente e progresso real em psicoterapia psicanalítica (Simon, 2008);
- psicoterapia psicanalítica e as contribuições de Bion (Kirschbaum, 2009);
- ciúme e psicoterapia psicanalítica (Simon, 2010);
- contratransferência erótica transposta e *acting out* (Simon, 2011);
- a clínica do conjugal na interface com o parental (Gomes, 2011);
- adolescência e adoção na psicoterapia psicanalítica (Levinzon, 2011).

Além desses temas, a técnica psicanalítica, segundo autores contemporâneos como Ogden, Antonino Ferro, Baranger, entre

outros, é apresentada e permite o aprendizado e a discussão de visões diferentes e complementares no atendimento clínico.

A equipe docente se reúne uma vez por mês, e um dos assuntos mais tratados é a busca de uma caracterização mais objetiva do que seria a Psicoterapia Psicanalítica, em suas diferenças e semelhanças com a psicanálise. Não é um tema fácil e de consenso, mas sabemos que a diversidade enriquece a busca de conhecimento.

Temos a enorme satisfação de ver nossos alunos concluírem o curso, em geral com turmas muito unidas, dedicados à continuidade do estudo e da prática psicanalíticas. Muitos deles inclusive se candidatam a completar sua formação como psicanalistas ingressando no quadro de membros filiados da SBPSP.

Penso que o intercâmbio da Sociedade de Psicanálise com a universidade é fundamental, porque ele permite que a psicanálise não se torne uma atividade fechada entre alguns grupos selecionados. Essa troca possibilita não só a difusão das ideias psicanalíticas, como também estimula a renovação dos conceitos e da prática, estimulada pela pesquisa e pelo espírito jovem.

A frase de Fernando Pessoa/Alberto Caeiro (1993, p.24) – “Sinto-me nascido a cada momento/ Para a eterna novidade do mundo” – expressa de modo sublime a beleza da ampliação do conhecimento...

Referências

- CAEIRO, A. O meu olhar é nítido como um girassol. *In: PESSOA, F. Poemas de Alberto Caeiro*. 10.ed. Lisboa: Ática, 1993. p.24.
- DI CIERO FILHO, P. O psicoterapeuta psicanalista: a construção de uma identidade. *In: SIMON, R.; LEVINZON, G. K. (org.). Progressos em psicoterapia psicanalítica: dez anos, uma história*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p.59-64.
- FAGUNDES, J. O. Psicoterapia de base analítica e psicanálise: sobre as semelhanças e diferenças de abordagens ou o que uma abordagem tem que a outra não tem. *In: SIMON, R.; LEVINZON, G. K. (org.). Progressos em psicoterapia psicanalítica: dez anos, uma história*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p.65-76.
- GODOY, M. B. R. Psicoterapia psicanalítica e a transmissão da herança viva: os bastidores do processo de formação. *In: SIMON, R.; LEVINZON, G. K. (org.). Progressos em psicoterapia psicanalítica: dez anos, uma história*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p.305-330.
- GOMES, I. C. A clínica do conjugal na interface com o parental: uma proposta de compreensão dos sintomas dos filhos. *In: SIMON, R.; YAMAMOTO, K.; LEVINZON, G. K. (org.). XV Encontro do Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica: temas clínicos em psicoterapia psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p.48-54.
- GOMES, I. C. Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade e a psicoterapia psicanalítica. *In: SIMON, R.; LEVINZON, G. K. (org.). Progressos em psicoterapia psicanalítica: dez anos, uma história*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p.159-172.
- KEHDY, R. O manejo na psicoterapia psicanalítica – uma visão winnicotiana. *Psic: Revista de Psicologia da Vetor Editora*, São Paulo, v.3, n.1, p.6-15, jun. 2002. ISSN 1676-7314.

- KIRSCHBAUM, I. Psicoterapia psicanalítica e as contribuições de Bion. *In*: SIMON, R.; YAMAMOTO, K.; LEVINZON, G. K. *XIII Encontro do Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica: psicoterapia psicanalítica na atualidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. p.21-33.
- LEVINZON, G. K. Adolescência e adoção. *In*: SIMON, R.; YAMAMOTO, K.; LEVINZON, G. K. (org.). *XV Encontro do Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica: temas clínicos em psicoterapia psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p.56-63.
- LEVINZON, G. K. Depressão na clínica psicanalítica. *In*: SIMON, R.; LEVINZON, G. K. (org.). *Progressos em psicoterapia psicanalítica: dez anos, uma história*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p.133-150.
- SANDLER, P. C. Mil perguntas – um curso sobre a obra de Bion em ambiente universitário. *In*: SIMON, R.; LEVINZON, G. K. (org.). *Progressos em psicoterapia psicanalítica: dez anos, uma história*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p.243-280.
- SIMON, R. A influência da teoria na interpretação. *In*: ENCONTRO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA DA USP “A INTERPRETAÇÃO NA PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA”, 7., 2003, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: USP, 2003. p.7-30.
- SIMON, R. Contratransferência erótica transposta: um vislumbre sobre actingout. *In*: SIMON, R.; LEVINZON, G. K.; YAMAMOTO, K. (org.). *Encontro do Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica: temas clínicos em psicoterapia psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p.11-17.
- SIMON, R. Cotransferência e transferência em psicoterapia psicanalítica de “quadros medianos”. *In*: SIMON, R.; YAMAMOTO, K. (org.). *8º Encontro do Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica: variedades de transferência na clínica psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p.7-30.
- SIMON, R. Manejo da transferência e da contratransferência na psicoterapia psicanalítica. *In*: ENCONTRO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM

PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA DA USP “A CLÍNICA EM PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA”, 5., 2001. São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: USP, 2001. p.5-17.

SIMON, R. O ciúme, esse desdenhado: transpondo labirintos na psicoterapia psicanalítica. *In: SIMON, R.; LEVINZON, G. K.; YAMAMOTO, K. (org.). XIV Encontro do Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica: expansões em psicoterapia psicanalítica.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. p.11-21.

SIMON, R. O futuro da psicoterapia psicanalítica. *In: SIMON, R.; LEVINZON, G. K. (org.). Progressos em psicoterapia psicanalítica: dez anos, uma história.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p.17-34.

SIMON, R. Uma ponte entre Klein e Winnicott – a função reparadora do psicoterapeuta psicanalista. *In: SIMON, R.; LEVINZON, G. K.; YAMAMOTO, K. (org.). IX Encontro do Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica da USP: nas fronteiras da psicoterapia psicanalítica.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. p.7-26.

SIMON, R. Pesquisa em psicoterapia psicanalítica: uma ou duas sessões semanais? *In: SIMON, R.; LEVINZON, G. K.; YAMAMOTO, K. (org.). XI Encontro do Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica: novos desafios em psicoterapia psicanalítica.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p.7-21.

SIMON, R. Progresso aparente e progresso real em psicoterapia psicanalítica. *In: SIMON, R.; LEVINZON, G. K.; YAMAMOTO, K. (org.). XII Encontro do Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica: desafios da psicoterapia psicanalítica na atualidade.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p.11-26.

YAMAMOTO, K. Encontros e desencontros na supervisão em psicoterapia psicanalítica. *In: SIMON, R.; LEVINZON, G. K. (org.). Progressos em psicoterapia psicanalítica: dez anos, uma história.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p.281-304.

Jornada: psicanálise e universidade

Paulina Cymrot

Freud foi pesquisador e docente na universidade no início da sua atividade como médico (Quinodoz, 2007). No que se refere à psicanálise, entendeu que ela não se ensina, mas pode ser aprendida. Isto porque não é possível ensinar uma pessoa a escutar-se para poder apreender algo do mundo interno de outra pessoa. Não é possível sonhar uma sessão de análise, estar continente para os conteúdos de outra pessoa sem se perceber. Não é possível falar de teorias sem tê-las assimilado. O psicanalista que possui uma prática clínica, a meu ver, tem mais condições de transmitir a psicanálise na universidade.

Penso que a formação do psicanalista está relacionada ao seu estado mental, que é variável. Essa formação é continuada, interminável. Na universidade, nos institutos de formação de psicanalistas, importa considerar a pessoa do psicanalista, seu caráter. Sabemos que há uma pluralidade de teorias em psicanálise, mas isso não é o mesmo que ecletismo.

Quem transmite uma teoria, uma metodologia, o faz por razões conscientes e inconscientes, e precisa questionar o que faz,

para que faz, por que faz, qual a sua concepção de homem, de desenvolvimento humano, de psicologia e de psicopatologia, de objetivo da psicanálise.

O que se pretende com a transmissão da psicanálise?

Acredito que quem transmite um conhecimento precisa ter a responsabilidade, a amplitude, a profundidade, o preparo para a discussão dos diferentes olhares e modos de pensar na psicanálise. Paixão, compaixão, fé no que praticamos, respeito mútuo nos ajudam a discutir a formação psicanalítica.

Referências

QUINODOZ, J. M. *Ler Freud: guia de leitura da obra de Sigmund Freud*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

Transmissão da psicanálise na universidade

Leila Gnatos Lombardi

Odilon de Mello Franco, em comunicação oral feita em seminários teóricos da SBPSP, alertava-nos para o fato de que a psicanálise não nos pertence (analistas, professores...), sendo ela um patrimônio da humanidade desde sua descoberta. Assim como muitas outras descobertas, como a da energia elétrica, apropriamo-nos dela, mas alguém a descobriu e lhe deu forma. Em razão disso, recorreremos, por inspiração bioniana, à ideia de que os pensamentos estão aí à espera de um pensador. E quando algo novo é apresentado, resistimos. Exemplos simples são as conquistas do mundo virtual, essas máquinas maravilhosas e infernais (computadores, celulares) sem as quais já não ficamos quando passam a ser nossos instrumentos de facilitação do viver; a geração mais velha sabe que a linguagem virtual não é fácil. Sabemos disso, mas mesmo assim resistimos.

A psicanálise foi desde o início uma descoberta prazerosa e trabalhosa; tomou conta da vida de Freud, que a apresentou numa ciência que desse conta da complexidade da natureza da mente.

A noção de inconsciente, com sua lógica própria, tirava a segurança de que a consciência abarcava tudo e ameaçava a noção positivista vigente. Natural que provocasse uma revolução e muita resistência, e natural que Freud, para lhe dar forma, experimentá-la, realizá-la e difundi-la tivesse que cuidar dela e questionasse a “apropriação indébita de sua cria”. Faz sentido seu artigo ambíguo de 1918, onde diz que sua ciência prescinde da universidade e, ao mesmo tempo, sugere como incluí-la nesta (Freud, 1976).

Penso que desde então sempre foi assim: a psicanálise é uma grande e rica descoberta e gera muita resistência ao seu conhecimento, ao seu exercício e também aos seus efeitos em cada um.

Seu *objeto* – a realidade psíquica – só é vislumbrado ao revelar o mistério inalcançável da existência humana; e essa viagem em busca de si mesmo – propiciada por seu *método* – é longa e turbulenta.

Daí as permanentes e polêmicas questões sobre sua transmissão. Acredito que quem teve o privilégio de se beneficiar da psicanálise, ou se apropriou dela como profissão, inevitavelmente a transmite onde estiver, todavia há uma distinção entre transmissão institucional e pessoal.

Há também uma distinção entre instituição psicanalítica e universidade que acho importante considerar. A Sociedade Psicanalítica é um núcleo gerador e tem, portanto, a função de formar profissionais especializados e habilitados na sua área, de manter a psicanálise viva, atualizada e de expandi-la. Assim provê

e exige o tripé da formação, a começar da própria análise, além da supervisão e da teoria. É esse seu papel.

Já a universidade é um campo aberto ao conhecimento, abrangendo variados saberes; terreno profícuo para experiências e investigações. Ela pode incluir a psicanálise, mas não a representa. E exatamente por não ter que “cuidar” da psicanálise e sem o peso de carregar o patrimônio psicanalítico, pode ser um espaço mais aberto de debates e trocas. É uma parceria fértil.

A psicanálise como instituição não tem sido muito eficiente como presença, na cultura e na sociedade até recentemente, embora seus pioneiros sempre tenham estado envolvidos com a comunidade. Essa necessidade surgiu quando começou a faltar essa busca no homem contemporâneo, o que automaticamente se refletiu nos interessados em usufruir dela. Sua extensão deve-se mais aos profissionais que, ao saírem para o mundo, escolheram sua forma de exercê-la, seja na academia, na cultura ou atendendo demandas de outras instituições.

Vale acrescentar que, historicamente, a inclusão da psicanálise na academia também se deve às faculdades de Psicologia. A Psicologia foi reconhecida como profissão na década de sessenta, com predomínio dos psicólogos sociais e experimentais, mas a partir da década de setenta ganhou ênfase a divulgação das psicoterapias de base psicanalítica e a abertura de faculdades cujos estágios eram oferecidos por profissionais dessa área.

Estamos em outro momento – haja vista esta jornada e tantas outras interlocuções que estão acontecendo nesta casa hoje, com muita abertura, num enriquecimento mútuo.

Todavia, como fui convidada a falar de outros tempos, vou relatar um pouco como acontecia a transmissão da psicanálise na minha experiência na universidade.

Fui professora e supervisora clínica na PUC Campinas durante trinta anos. Quando iniciei, no final dos anos setenta, havia na academia uma oposição ao reconhecimento da psicanálise como um método legítimo na produção de conhecimento; além disso, no Departamento de Psicologia Clínica da universidade predominava o behaviorismo.

Por volta da mesma época, houve uma pressão da Sociedade de Psicanálise contra os psicanalistas dessa instituição que atuavam como professores na universidade, fora dos institutos de psicanálise.

Trabalhava-se no meio de forças antagônicas, mas éramos um grupo que tinha tido bons professores, com experiência e identificados com a psicanálise. E apesar das divergências com os behavioristas, éramos amigos; a maioria era colega, da casa, e como o curso era novo e pequeno, tínhamos a oportunidade de alguma interferência nas decisões e no currículo.

Assim, oferecíamos na graduação algumas disciplinas teóricas e estágios supervisionados em psicologia de base analítica na clínica. Enquanto isso, saíamos em busca de formação, pois a universidade não oferecia alternativas. “Importamos” inclusive um

analista da Sociedade para análise pessoal, pois na cidade não havia nenhum.

Ao mesmo tempo, era voz corrente que psicanálise não se ensina na universidade, o que não correspondia à nossa experiência, nem como estudantes nem como professores; recebêramos boas sementes psicanalíticas. Mas ficavam as perguntas: então onde começa? É geração espontânea? Como a psicanálise pode interessar se ela não foi apresentada na época da busca da identidade profissional? De onde vêm os futuros analistas e analisandos?

Não havia uma preocupação de transmitir psicanálise, o que queríamos era oferecer oportunidade aos alunos e clientes de se beneficiar dela, porque a tínhamos descoberto e funcionava. Se a psicologia profunda, como dizia Freud, não fosse um conhecimento disponível na graduação, seria um descuido para com os estudantes.

Como apresentá-la? Não era competência da universidade a oferta de análise pessoal; as disciplinas teóricas não eram suficientes, pois conhecer não se reduz a adquirir informações, é resultado da experiência emocional compartilhada.

Mas a supervisão, oferecida em pequenos grupos, era a melhor possibilidade. A supervisão não é um espaço analítico *strictu sensu*, mas um dos constituintes do edifício psicanalítico, momento de apropriação do método, do fazer psicanalítico. Se isso acontecer através do método, num clima de intimidade, criando um campo emocional e buscando a livre associação num pensar

compartilhado, criam-se as condições para a transmissão na própria experiência. As funções da personalidade do estagiário (que Bion chamava de funções psicanalíticas da personalidade, uma pré-concepção) se expressam e se desenvolvem.

Os estagiários atendiam seus primeiros pacientes na clínica e essa experiência permitia contato com a realidade psíquica, sua e do paciente, criando vislumbres do inconsciente.

Os efeitos ansiógenos e turbulentos dessa experiência eram acolhidos na supervisão, servindo de abrigo e continência. Mas a experiência apenas não gera desenvolvimento, se não for compreendida e se não se refletir sobre ela em busca de significados emocionais e em direção à pensabilidade, o que ocorria nos grupos de supervisão. E como a teoria é inseparável da prática, ela ia sendo introduzida aos poucos tendo por base a curiosidade que a experiência despertava.

Nesse processo de dar significado à experiência, o aluno se dava conta de ser ele mesmo seu objeto de trabalho e ficava estimulado a se experimentar e a se conhecer mais.

No natural movimento do iniciante de desejar as “respostas certas” para suas dúvidas, ao ser convidado a fazer conjecturas, começa a escutar a si próprio e a valorizar o que pensa. Ancorados em Fabio Herrmann, entendemos ser supervisão um lugar de experimentação e criação de teoria, de observação do particular à generalização teórica.

Outra experiência de transmissão na universidade foi a criação do PAP – Programa de Aprimoramento Profissional, em

1994. Aproveitando a abertura da pós-graduação *latu sensu*, montamos um programa de 40 horas, como uma residência, com bolsa da Fundap, de forma que o recém-formado tinha a clínica como campo de estágio e muitas horas de estudo e supervisão. Como eu participava da seleção e da coordenação do programa, aí sim, a análise pessoal era um critério de seleção no aprimoramento em Psicologia Psicanalítica. Foi a realização de um sonho poder oferecer a recém-formados a oportunidade de ter experiências variadas de atendimento e investigação, além de trocas com profissionais de outras áreas na universidade e na rede municipal.

Realizamos outros projetos no Departamento de Psicologia Clínica, mas para relatá-los precisaria me estender demais, o que não seria viável no espaço deste artigo.

Fica, então, a pergunta – dessa maneira é possível transmitir a psicanálise?

Conclusão

A psicanálise não nos pertence, mas se nos apropriarmos dela, seja em que função for, teremos a responsabilidade ética de transmiti-la. Mas como só se ensina e se transmite quem se é, temos também a responsabilidade de cuidar dela em nós, já que somos seres inacabados, sempre em transformação, que, querendo ou não, a correnteza inevitável do viver requer.

Encerrar a psicanálise em quaisquer muros é tanático; ela precisa ser cuidada, ampliada, confrontada e transmitida, para ficar

disponível à população como cloro na água – evocando palavras da Dra. Lygia Alcântara em reuniões científicas da SBPSP.

Porque a cabeça da gente é uma só
e as coisas que há e que estão para
haver, são demais de muitas, muito
maiores, diferentes, e a gente tem
de aumentar a cabeça para o total.
Todos os sucedidos acontecendo,
o sentir forte da gente – o que
produz os ventos....

Guimarães Rosa (1986)

Referências

GUIMARÃES ROSA, J. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FREUD, S. Sobre o ensino da Psicanálise na universidade. In: FREUD, S. *Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro. Imago, 1976. p.214-220. v.27.

Psicanálise além da clínica²⁹

Deise Maria Basso
Denise Benato Brock
Sílvia Luciano Toledo

Gostaríamos de agradecer à comissão organizadora da jornada “Transmissão da Psicanálise: Universidade – SPBSP”, e em especial à colega Marina Ramalho Miranda, pela oportunidade de contarmos nossa experiência na cidade de Piracicaba. Consideramos nossos projetos um exercício de Clínica Extensa e vamos relatar duas atividades diferentes: a primeira, “Cinema e Psicanálise”, e a segunda, um curso destinado a médicos, com o tema “Humanização: relação médico-paciente”.

Sabemos ser a clínica o berço da psicanálise, porém, num trabalho como este, o método psicanalítico ultrapassa a técnica, ao conseguir um efeito interpretativo como o que emerge dessas atividades.

De acordo com Herrmann (2005, p.25, grifos nossos), a Clínica Extensa é um conceito que se refere ao método psicanalítico

²⁹ Texto referente à comunicação proferida na jornada “Transmissão da Psicanálise: Universidade-SBPSP”.

fora do consultório: “o conceito que sustenta essa intrínseca extensão da clínica é o de *função terapêutica* [...] é a propriedade de nosso método que assegura a inseparável convivência entre saber e cura”.

Desde Freud, psicanálise e cultura estão entrelaçadas. Em toda a sua obra, ele usou interpretações da cultura, dos mitos ou da literatura para entender o humano. Assim, ao nos depararmos com a interligação entre Psicanálise e Cultura, e em especial com o cinema, percebemos a importância da articulação que se faz entre ambos, suas aproximações e mútuas contribuições.

A psicanálise e o cinema surgiram na mesma época, e foi no século XX que se deu a ascensão dessas criações que marcaram a modernidade.

Cinema enquanto arte, cultura, sonho e fantasia se torna um tema fascinante para a psicanálise. Com o objetivo de apreciar um filme e refletir sobre ele do ponto de vista psicanalítico é que o Grupo Tear de Psicanálise³⁰, em parceria com o Sesc Piracicaba, criou o projeto “Cinema e Psicanálise”.

O projeto foi criado em 2007, com o intuito de difundir a psicanálise na comunidade, de forma singular e acessível a todos, por meio da exibição de filmes, seguidos de reflexões orientadas pelo psicanalista convidado. Através da ficção, podemos nos aproximar do que é mais íntimo e genuíno em cada

³⁰ O Grupo Tear de Psicanálise é formado por Deise Maria Basso, Denise Benato Brock e Silvia Luciana Toledo.

um. É a oportunidade de entrar em contato com questões subjetivas, desencadeadas pela percepção da arte.

O nosso primeiro encontro aconteceu no consultório, e em seguida recorremos ao Sesc Piracicaba, que nos recebeu prontamente e acolheu a nossa ideia. O projeto ganhou um espaço de compatibilidade com seu interesse e público. Sem fins lucrativos, passou a ser uma das atividades dentro da programação dessa unidade do Sesc.

A vinda dos palestrantes sempre foi motivada pela paixão e pela divulgação da psicanálise. Mas com a fidelidade do público e o reconhecimento desse trabalho, o Sesc passou a remunerar os psicanalistas convidados.

Tendo em vista que o Sesc possui uma lista de filmes com direito à exibição, tanto o público como os palestrantes sugerem filmes sobre os quais gostariam de refletir.

Cada filme atrai um tipo de público, visto que a divulgação atinge um grande número de pessoas através do jornal local e de sites de programas culturais da região. Criamos inicialmente um e-mail para divulgação dos nossos contatos durante esses anos (em torno de 800 e-mails), e depois uma página no Facebook: “Tear de Psicanálise”. É um canal aberto onde as pessoas sugerem filmes e dão sua opinião sobre os palestrantes, além de fazerem comentários sobre o evento.

A idade dos participantes varia entre 12 e 90 anos, e a quantidade de pessoas presentes encontra-se entre 50 a 250 em cada evento. Esse é um projeto que possibilita o encontro entre

colegas de profissão, universitários, escoteiros, grupos da terceira idade, alunos de escolas convidadas. Comparecem também mães, avós, donas de casa, filhos e o associado do Sesc, que muitas vezes está em outra atividade no local. Geralmente é um público fiel e participativo, e as pessoas voltam a cada evento. Notamos que muitas das conversas e discussões continuam na lanchonete do Sesc após os comentários do palestrante.

Recebemos pessoas de São Pedro, Americana, Santa Bárbara, Rio Claro, Limeira, Cerquilha, Charqueada, Capivari, Campinas, Jundiaí, Ribeirão Preto, São Paulo e outras cidades.

Todo filme, assim como os comentários sobre ele, toca em questões humanas, podendo atingir todo o público presente, independentemente de sua área de atuação, sexo, idade ou classe social.

No início, tínhamos apenas quatro exibições de filmes durante o ano; depois, passamos para cinco; e atualmente temos seis, com psicanalistas diferentes para comentá-los.

Para que haja a otimização da nossa atividade e para que os objetivos sejam alcançados, após o filme, de preferência não muito longo, o palestrante faz suas considerações e, em seguida, abre a conversa a todos os presentes. A reflexão tem sido profunda e a participação das pessoas sempre constante, marcante e essencial. É um momento de troca de experiências, de impressões e de indagações, do saber e da transmissão do conhecimento psicanalítico.

Assim, nosso “Cinema e Psicanálise” no Sesc Piracicaba tornou-se um lugar de descanso e entretenimento, que pode “tocar” a cada um de forma singular na sua realidade interna e ao mesmo tempo conversar com outros, numa realidade compartilhada com a possibilidade da disseminação do conhecimento psicanalítico, cultural e de outras subjetividades.

Dentre os “comentários” dos que participaram, alguns chamam atenção, por exemplo, de um engenheiro civil na apresentação do filme *Cisne negro*, fazendo referência à personagem principal que puxava sua própria pele: “E não é assim mesmo? Quando estamos sem pele, não costumamos misturar realidade e fantasia?”. Duas irmãs, após assistirem ao filme *Simplesmente Martha*, chegaram à conclusão de que “Fazia um tempão que não conversávamos tanto. Saímos dali e fomos sentar numa mesa e tomando café passamos a tarde conversando”. Já um rapaz de 30 e poucos anos, depois da sessão do filme *Santiago*, afirmou: “Não consegui prestar muita atenção no filme porque comecei a ‘viajar’ pela minha infância e lembrei-me da casa da minha tia...”. Para um outro, engenheiro, “O filme era o mesmo, mas eu assisti a um filme e minha namorada outro. Cada um assistiu a um filme”.

Cinema e psicanálise, um casamento saudável, que tem gerado bons frutos. Um deles é a oportunidade de conversar sobre a transmissão da Psicanálise nesta jornada e em outros grupos.

Outra experiência de Clínica Extensa se deu através de um curso denominado “Humanização: relação médico-paciente”, que

contou com a participação do colega Almir Linhares de Faria³¹. Nos dizeres de Balint (1988), a pessoa do médico pode ser um medicamento poderoso e eficaz. Necessário se torna, pois, que o profissional saiba se receitar adequadamente.

A Unimed de Santa Bárbara d'Oeste-SP, de Americana-SP e de Nova Odessa-SP, preocupada com reclamações frequentes dos usuários de planos de saúde, como mau atendimento, horas de espera nos consultórios, dificuldade em marcar horários para consultas, entre outras, solicitou um curso que trabalhasse a humanização dos atendimentos.

Os médicos teriam outro curso, denominado “Curso de cooperativismo”, para trabalhar questões sobre convênios e limites dos planos de saúde que afetam o dia a dia da relação com o paciente.

Essa possibilidade permitiu que ficassemos disponíveis para “trabalhar” com angústias despertadas nos médicos no contato com seus pacientes.

Os encontros ocorreram aos sábados, das 8h às 17h, com horários para almoço e café, com interações que permitiram um vínculo produtivo. Cada encontro reuniu aproximadamente 15 médicos com especialidades diferentes, totalizando 125 profissionais ao longo de todo o ano de trabalho. As dinâmicas dos encontros foram diferenciadas e alteradas de acordo com a necessidade e a pedido do grupo. Apresentamos vídeos, entrevistas

³¹ Doutor em Psicologia, psicólogo e psicanalista, docente e presidente da Sociedade de Psicanálise de Campinas (SPCAMP).

com médicos, exposições teóricas, dinâmicas de grupos, exemplos clínicos.

No final de cada encontro, foi entregue aos participantes um questionário de avaliação e sugestão, sem obrigatoriedade de identificação, para que a própria Unimed avaliasse os resultados das reuniões. Observamos que as avaliações foram satisfatórias e com grande aceitação do grupo.

A doença costuma desorganizar a vida familiar, pois não só altera a rotina da família, como também pode fazer com que projetos e sonhos sejam adiados ou mesmo impedidos de se realizarem definitivamente. Lidar com a doença e com a morte é penetrar em uma densa área da experiência humana, carregada de emoções que envolvem o relacionamento com situações-limite.

Estar exposto a essa experiência, seja como enfermo ou como quem trata dele, exige cuidados e atenção especial, pois envolve a pessoa, quer ela queira ou não, em uma atmosfera carregada emocional e simbolicamente.

Se em um hospital nos protegemos da contaminação da doença através de assepsia, luvas, avental de chumbo, qual seria o anteparo criado em nível mental para nos proteger desse contato com a morte e a doença, que não é vivido somente através do nosso corpo, mas principalmente através de nossas emoções, sentimentos e pensamentos?

Os profissionais da área da saúde tendem a desenvolver mecanismos que os protejam das situações dramáticas vividas pelos pacientes. Tais mecanismos, úteis à manutenção da

integridade do psiquismo profissional, atenuam a sensibilidade aos dramas humanos, perdendo assim um importante caminho que poderia se tornar facilitador do tratamento.

A conversa sobre esses sentimentos e atitudes envolvidos no relacionamento médico-paciente fez com que os médicos tivessem um novo entendimento e não ficassem tão expostos e vulneráveis a ataques e atuações de pacientes, da equipe de enfermagem ou das secretárias, podendo assim acolher melhor o paciente. Quanto maior a clareza em relação ao meio em que se vive e aos sentimentos internos, maiores as possibilidades de mudança.

Nos encontros conversamos sobre temas que consideramos essenciais, expandindo-os através de perguntas e/ou comentários dos médicos para outros temas que surgiam espontaneamente e pertinentes ao contexto, tais como: a escolha profissional; a identidade médica; transferência e contratransferência; mecanismos de defesa; capacidade de integração; impulso de vida e de morte; o médico como paciente; a empatia; o médico sem lugar; o médico e a família; a capacidade de cuidar; a confiança; divisão do corpo; divisão da mente; a equipe que acompanha o médico, entre outros.

Não foi uma tarefa fácil, apesar de a maioria dos médicos terem se posicionado a favor de reuniões como essas e até sugerido dar continuidade ao trabalho em novos encontros.

Fato observado pelos próprios médicos foi que a grade curricular da Medicina faz “esfriar” o jovem estudante sobre questões humanas, visto que o “primeiro paciente” é um cadáver e

o paciente vivo só vai aparecer para o jovem médico do meio para o fim do curso. Somado a isso, uma rotina sempre muito pesada com horas ininterruptas de plantões, estudos, muita competitividade no mercado de trabalho, acaba por roubar tempo e espaço mental para sua vida pessoal. Isso se prolonga muitas vezes pela vida profissional, distanciando-o do contato humano com o paciente.

Nosso objetivo foi compreender as queixas dos médicos e encontrar um novo caminho para lidar com elas. Aos poucos, percebemos o desamparo em que os médicos se encontravam, necessitando de espaço de acolhimento para profundas inquietações. Utilizando o conhecimento psicanalítico, tentamos aumentar a capacidade de pensar os acontecimentos diários, refletindo juntos através de exemplos trazidos pelos próprios médicos.

Referências

BALINT, M. *O médico, seu paciente e a doença*. Rio de Janeiro: Atheneu, 1988.

CISNE Negro. Direção: Darren Aronofsky. Estados Unidos: Fox Home Entertainment, 2011. 1 DVD (108 min), *widescreen*, color.

HERRMANN, F. Clínica extensa. In: BARONE, L. M. C. (coord.). *A psicanálise e a clínica extensa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. p.17-31.

SANTIAGO. Direção: João Moreira Salles. Brasil: VideoFilmes, 2007. 1 DVD (79 min), *widescreen*, p&b.

SIMPLESMENTE Martha. Direção: Sandra Nettelbeck. Alemanha: Paramount Pictures, 2003. 1 DVD (106 min), *widescreen*, color.

Trajectoria percorrida dentro da psicanálise para a sua transmissão além dos limites do consultório

Paula B. G. Cuter

Acredito que o famoso tripé, essencial para a formação de um psicanalista, é o ponto de partida e a essência do que vai nos nortear por todo o caminho dentro da psicanálise. Quando eu estava no quarto ano da faculdade, senti a necessidade premente de procurar a minha análise pessoal. Foi, na realidade, o primeiro contato vivo com a psicanálise. Iniciei a minha primeira análise com a psicanalista Maria Cecília Andreucci Pereira Gomes, por quem tenho uma profunda gratidão, pois a nossa caminhada me trouxe a possibilidade de compreender que era possível ressignificar os nossos objetos internos. Hoje, em análise com o psicanalista Dr. Roosevelt Cassorla, posso dizer o que significa adentrar nas profundezas da mente. Minha profunda gratidão a ele também, por quem me sinto verdadeiramente acompanhada e acolhida em minhas maiores angústias.

Ao terminar a faculdade, todos os meus estágios tinham sido feitos na área da psicanálise. E uma das minhas supervisoras de

psicanálise infantil, Rahel Bóraks, me orientou a prestar o exame de seleção do Grupo de Estudos de Psiquiatria, Psicoterapia e Psicanálise da Infância (Geppi), uma vez que eu tinha em mente que gostaria de trabalhar com crianças dentro de uma orientação psicanalítica. Durante três anos fiz esse curso de especialização, que me deu o aporte teórico necessário para iniciar a clínica e me aprofundar mais na relação mãe-bebê no primeiro ano de vida da criança.

Alguns psicanalistas ligados ao Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo se juntaram e resolveram montar um grupo de estudos em Sorocaba com psicanalistas da Sociedade que se prontificaram a ministrar aulas mensais sobre Freud, Melanie Klein, Winnicott, Bion e Kohut. Tivemos a oportunidade de, durante dois anos, nos enriquecer com os conhecimentos dos queridos João França, Neyla França, o falecido Jaques Sztterling e Teresa Haudenschild.

Continuei com a minha análise pessoal, supervisão e sempre fazendo cursos, congressos e jornadas. Uma colega de Sorocaba, que tem amizade com a minha querida mestra e estimuladora, Marina Ramalho Miranda, convidou-a para dar um grupo de estudos na cidade sobre transtornos alimentares. Marina prontamente aceitou e está conosco até hoje. É por conta dela e desse grupo que hoje estou aqui, tendo a oportunidade de falar um pouco do trabalho que os psicoterapeutas de orientação psicanalítica exercem em Sorocaba além dos limites do consultório.

Particpei do processo seletivo de 2010 do Instituto e fui aprovada, embora ainda não tenha iniciado os cursos por conta da escolha de primeiro dar andamento ao meu mestrado em Comunicação e Cultura na Universidade de Sorocaba (Uniso). Esse foi um passo necessário para o ingresso no ensino na vida acadêmica. A minha tese de dissertação tem como título *O potencial comunicativo/educativo do filme Freud além da alma*.³²

Gostaria de falar um pouco da minha experiência, em Sorocaba, em dar aulas no curso de Formação de Soldados da Polícia Militar, no curso de gestantes da Medicina Preventiva da Unimed, no acompanhamento do Curso de observação de bebês, dado pela psicanalista Mariza Inglês de Souza, e da minha docência no curso de pós-graduação em psicoterapia psicanalítica do Cefas.

Curso de Formação de Soldados da Polícia Militar de Sorocaba

A disciplina de Psicologia faz parte da grade curricular do curso de formação de soldados da Polícia Militar. Quando fui convidada a dar aula nessa disciplina, estava havendo uma dificuldade por parte dos soldados já formados em lidar com os menores infratores e muitos casos de alcoolismo entre os policiais militares. Como o curso tem a duração de um ano, montei as minhas aulas pensando em como eu poderia, ao mesmo tempo, passar uma ideia de como a mente de um ser humano se constitui e de como se formam os sintomas. Organizei as minhas aulas com

³² Cf.: CUTER, 2018.

os seguintes temas: O desenvolvimento psicosssexual (Freud); O desenvolvimento emocional da criança (Bick e Klein); Adolescência normal e patológica (Aberastury); e Delinquência juvenil (Winnicott). Foi uma experiência surpreendente, e o interesse pelo assunto fez com que eu tivesse que estender meus horários, porque as aulas suscitavam questões pessoais importantes que eles traziam dentro da classe. Muitos deles foram encaminhados para psicoterapia.

Curso de observação da relação mãe-bebê

A psicanalista Mariza Inglês de Souza dá o curso de Observação da relação mãe-bebê na Associação Criança, de Sorocaba, para os profissionais da área interessados. A Associação Criança é uma entidade que trata de crianças e adolescentes das favelas de Sorocaba. Como eu já havia feito o curso de Observação de bebês com a psicanalista Mariza Pelella Mélega, e me interessei muito por essa fase de desenvolvimento da criança, pedi para a Mariza para ser sua monitora no curso, com interesse em desenvolver um trabalho posterior de intervenção precoce. Consegui fazer dois trabalhos de intervenção precoce em uma creche modelo de Sorocaba (filiada ao Hospital Oftalmológico de Sorocaba), e surgiu dentro de uma das observações de uma das alunas a necessidade do trabalho de intervenção precoce na família do bebê observado. Este ainda é um trabalho que está em fase de germinação em Sorocaba, e cujos resultados são muito positivos em um espaço de tempo relativamente curto.

Curso de gestantes da Medicina Preventiva da Unimed

A Medicina Preventiva da Unimed já tem esse curso há algum tempo. Todas as gestantes que fazem pré-natal na Unimed fazem parte desse programa. Os casais têm aulas mensais de Psicologia, Nutrição, Enfermagem e Fisioterapia. As minhas aulas foram montadas em cima de um questionário prévio que fiz com as gestantes, em que procurei saber quais as dúvidas, os medos, as angústias e o que elas esperavam ouvir da Psicologia. Depois de detectar as maiores angústias (estavam relacionadas ao medo de não conseguir amamentar; de não ser uma boa mãe; da depressão pós-parto; de que o bebê sentisse que elas não gostavam dele por não “conversarem” com a barriga; ou de não se sentirem tão alegres como elas achavam que as mães deveriam se sentir ao saberem que estavam grávidas; de cuidar do umbigo; de que os maridos se desinteressassem delas e procurassem relações extraconjugais; de ficar de fora da dupla por parte do pai; da responsabilidade de passar da condição de filhos para pais), montei as minhas aulas. Falei das características, das dúvidas e das angústias dos três trimestres da gravidez; da preocupação materna primária; da depressão pós-parto; e da importância da relação mãe-bebê no primeiro ano de vida. O trabalho foi um pouco conflitante com a visão da enfermagem que se tornava um pouco inflexível em relação ao medo da mãe de não conseguir amamentar. Mas foram obstáculos superados e de mútuo aprendizado.

Aulas sobre Freud, Melanie Klein, Winnicott e observação de bebês na pós-graduação do Cefas

Desde 2013, comecei a lecionar disciplinas sobre Freud, Winnicott, Melanie Klein e observação de bebês no curso de pós-graduação do Cefas de Psicoterapia Psicanalítica, o que tem sido uma experiência muito rica no sentido de levar a psicanálise não só aos médicos e psicólogos, mas a profissionais de outras áreas que têm interesse de aprender um pouco mais sobre a mente humana.

Agradeço profundamente à Marina Ramalho Miranda por acreditar em nosso trabalho e por ser sempre uma incentivadora do nosso crescimento. Ela é uma companhia viva, sensível e de uma generosidade ímpar. Obrigada pela oportunidade.

Referências

CUTER, P. B. G. *O potencial comunicativo/educativo do filme Freud Além da Alma*. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2018.

Notas sobre o conhecimento psicanalítico: algumas reflexões³³

Ernesto René Sang

Gostaria de partir da constatação a que cheguei analisando os grupos de supervisão tanto para terapeutas em curso de especialização quanto para estagiários quintanistas de Clínica-Escola. Com base em um relato detalhado do diálogo e das vivências acontecidas em sessão entre paciente e terapeuta, tenho constatado que, ao poder fazer, como supervisor, uma descrição da vivência psíquica do paciente que parece estar se desenrolando na dupla, o supervisionando começa a “reconhecer” o paciente com o qual esteve na sessão. Esse é um primeiro passo imprescindível, a meu ver, para que ele se perceba em condições de poder interagir nessa relação com vistas a poder conversar terapeuticamente com o paciente.

Certamente, essa experiência encontra seu fundamento na minha própria experiência de ser supervisionado ao longo da

³³ Comunicação na mesa redonda: “Reflexões sobre a psicanálise na universidade”, na jornada “Transmissão da Psicanálise: Universidade – SBPSP”, 19 de novembro de 2011.

minha formação como psicanalista, assim como no trabalho diário atual.

Podemos começar a pensar a partir desse ponto em alguns aspectos que a supervisão, como transmissão de um conhecimento vivencial da experiência analítica, alcança em relação às ansiedades que o atendimento psicoterápico mobiliza no terapeuta iniciante.

Qual a natureza do conhecimento que se propõe conseguir no setting analítico? Inicialmente, Freud propôs³⁴ que o objetivo da terapêutica analítica consistia em tornar consciente o inconsciente. Ele supunha que a apreensão da realidade psíquica era quase naturalmente evidente, dada as condições do setting analítico: associação livre de ideias do paciente e atenção uniformemente flutuante de ideias no analista dentro da configuração do espaço físico da sala de análise (uso do divã pelo paciente e o analista sentado atrás do divã). O manifesto aponta para o que está latente nas entrelinhas como conteúdo psíquico significativo.

É preciso relembrar o percurso que Freud percorreu ao atender seus primeiros pacientes para chegar a essa formulação do método psicanalítico como uma terapêutica.

A partir da experiência de Breuer no tratamento de sua primeira paciente histérica, Freud percebeu que era necessário,

³⁴ Tal proposição pode ser apreendida em vários textos da obra freudiana, desde as pré-psicanalíticas até as pós-1920. Destacamos dentre elas: “Estudos sobre a Histeria” (1893-1895); “Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise)” 1913; “Conferências introdutórias sobre a Psicanálise” (1915-1917): como XVII e XXVIII; “Novas conferências introdutórias” (1932-1933), como: XXIX e XXXI; “Análise terminável e interminável”(1937).

antes de mais nada, *ouvir sua paciente* quando a hipnose e, logo depois, a técnica da sugestão ativa para chegar às lembranças do evento traumático que deram origem ao conflito psíquico fracassam.

A hipótese inicial de Freud consistia na ideia de que algum fato material teria acontecido de maneira a causar os sintomas que acometiam suas pacientes. De certa forma, esse raciocínio de Freud não é incomum, mesmo nos dias de hoje. Diante da demanda por atendimento psicológico, quase sempre nos perguntamos: o que aconteceu com essa pessoa para que ele tenha desenvolvido esses sintomas? Diante dessa questão, nossa atenção se volta a investigar os fatos materiais do desenvolvimento e da vida do paciente. O que aconteceu com essa pessoa? *Que trauma teria sofrido?* É nesse ponto que o olhar psicanalítico entra para criar um diferencial importante. Voltemos ao percurso de Freud. Suas pacientes relatavam outras coisas além das recordações associadas ao evento que estava procurando. Parte do que suas pacientes lhe contavam se originava de experiências semiesquecidas, mas os relatos do passado dessas pessoas também continham elementos provenientes de *fantasias*. Tais fantasias produziam na mente consciente do paciente falsas “recordações”, indistinguíveis de recordações obscuras de acontecimentos reais da infância. Ou seja, não era possível distinguir de forma confiável, nas histórias de suas pacientes, o que era história e o que era história distorcida pela fantasia, ou ainda, o que era fantasia pura.

Diante disso, Freud passou a estudar essas outras recordações. Observou que suas pacientes eram incapazes de distinguir entre essas fantasias e as recordações de acontecimentos reais, não porque fossem psicóticas – o que não eram –, mas por causa de uma peculiaridade das fantasias em questão: *as fantasias eram todas inconscientes, carregadas de emoção*, e costumavam conter algum fundo de verdade, embora mínimo e distorcido. Elas descreviam os acontecimentos da maneira que o paciente, por uma razão ou por outra, poderia ter *desejado* que se tivessem passado. “O inconsciente contém, além de recordações fiéis de acontecimentos materiais, fantasias que são amálgamas de memória e desejo – e os dois tipos de idéia têm exatamente o mesmo efeito sobre a mente”, como comenta Capier (1990, p.31).

Além disso, descobrir que a materialidade do evento traumático dificilmente surgia como tal das associações da paciente, com o caráter inegavelmente real, levou Freud a admitir que o que suas pacientes relatavam se referia ao modo como os eventos ditos traumáticos foram vivenciados psiquicamente. “Em outras palavras, o que contava era o significado subjetivo dos acontecimentos, e não seu impacto psicológico sobre o aparelho mental” (Capier,1990, p.31). O que é, então, o significado subjetivo dos acontecimentos? O significado subjetivo dos acontecimentos está representado nas fantasias inconscientes das suas pacientes sobre sua história. As distorções da memória correspondiam a uma combinação de percepções e fantasias carregadas de emoção, ao que Freud chamou de *realidade psíquica*. Isto o levou a afirmar

que, na neurose, a *realidade psíquica* é mais importante do que a *realidade material*.

Na realidade psíquica, as experiências e as ideias são imbuídas de significado pelos temores e pelos desejos do sujeito. Sendo assim, o conceito de realidade psíquica implica uma relevância emocional. Surge, então, a psicanálise tal e qual a conhecemos nos dias de hoje. É preciso desviar a atenção dos acontecimentos históricos puros para a fusão da realidade externa (percepção) com os desejos e os temores movidos pela pulsão (fantasia inconsciente), i. é., a realidade psíquica. É a isto que me refiro para os propósitos desta fala sobre o ensino na supervisão psicanalítica: *o conhecimento psicanalítico é o conhecimento da realidade psíquica do sujeito*.

Para descrever e investigar essa realidade psíquica, ou seja, a importância emocional inconsciente que os acontecimentos têm para os pacientes, é necessário desenvolver a capacidade de observar a emocionalidade oculta nas palavras e expressões dos pacientes. Essa capacidade consiste em se concentrar em padrões de fenômenos psicológicos que, a princípio, parecem sem sentido ou obscuros, mas que se tornam inevitavelmente significativos quando observados com atenção. Freud chamou a faculdade que nos permite perceber esses estados de “órgão para a percepção das qualidades psíquicas”. A propósito, não é suficiente que o bebê receba o cuidado necessário da mãe para seu desenvolvimento emocional, é necessário que ele tenha condições de desenvolver esse “órgão para a percepção das qualidades psíquicas”, que lhe

permite apreciar os cuidados maternos com as emoções que são ofertadas pela mãe em relação a ele.

Gostaria de ilustrar como um material clínico ganha significado e relevância emocional para o paciente à luz do conceito de realidade psíquica.

Um estagiário atendia a um rapaz de 16 anos de idade de mais de 1,90 m de altura, rapaz de poucas palavras, que costumava apagar repentinamente quando estava dentro de um ônibus. Contar em sessão suas dificuldades do dia a dia e sua insatisfação consigo mesmo ao lidar com sua vida fez com que esse estagiário verbalizasse para o rapaz que quando ele estava dentro do ônibus e começava a se sentir mal, era como se toda a situação de estar dentro do ônibus se transformasse numa voz que o envolvia, dizendo: “Paulo, você é grande demais! Esse mundo é pequeno demais para você! Você não tem jeito! Você vai se dar mal!”. Assim, para deixar de ouvir e sentir tudo isso, ele apagava. O rapaz olhou surpreso para o estagiário, como se ele tivesse “adivinhado” o que se passava com ele. Ou seja, poderíamos dizer que o estagiário, com sua sensibilidade e imaginação clínica, foi capaz de verbalizar a vivência claustrofóbica latente no relato do seu paciente. Ao terminar a sessão, Paulo, de maneira entusiasmada, quis continuar a contar para o estagiário os outros medos que o acometiam. Poderíamos dizer que foi fisgado pela curiosidade sobre sua vida mental.

Outra estagiária relatou que estava atendendo uma moça de 35 anos que a procurou porque até aquele dia não havia conseguido

se separar dos pais. Não só morava com eles, como trabalhava desde os 20 anos na empresa do pai. Começou a trabalhar com ele para ajudá-lo a resgatar a empresa que estava como um Titanic, nas palavras do pai. Na época, a mãe e ela descobriram que o pai tinha uma amante, o que colocou em crise a estabilidade da família. Por isso, a paciente também se dispôs a ir trabalhar com o pai, para ficar perto dele. Ela havia terminado há alguns anos uma faculdade, mas nunca havia exercido a profissão e há cinco anos havia começado a fazer outra faculdade. Na sessão relatada, a paciente estava sumamente aflita porque queria que a terapeuta a ajudasse a encontrar uma resposta para uma possível questão que o entrevistador, para uma vaga de estágio, poderia lhe fazer. “Quais são seus pontos fracos?”. Embora a terapeuta percebesse a urgência pontual da paciente, procurou manter uma postura terapêutica de incentivar a paciente a se confrontar com sua ansiedade para mobilizar suas associações. Após algum tempo, propôs que ela pensasse em seus pontos fortes, invertendo a questão, supondo que a paciente pudesse se lembrar de sua experiência de trabalho na empresa do pai. No entanto, mesmo assim, ela insistiu aflita que não sentia ter havido uma experiência de trabalho significativa, nem contava com experiências de relacionamentos. Diante disso, a terapeuta, um pouco decepcionada e sentindo-se pressionada pela paciente, completou sua intervenção apontando como a paciente se esvaziava de suas experiências. Intervenção pertinente, mas, de alguma forma, a própria terapeuta percebeu que havia ficado faltando algo.

Conversando na supervisão, ela se lembrou das dificuldades de relacionamento amoroso que a paciente vinha relatando, dizendo que quando o relacionamento com algum namorado passava da fase de atração sexual e se encaminhava para um conhecimento mais íntimo e interpessoal, a paciente começava a se desinteressar, a criar conflitos que, de modo geral, acabavam em rompimento. A terapeuta tinha em mente que a paciente, durante a sessão, colocava na possibilidade desse estágio sua chance de se tornar independente do pai, de passar a ter uma autonomia até então não experimentada. Do meu ponto de vista, sugeri então que a paciente mantinha um vínculo amoroso com esse pai que se sobrepunha ao vínculo de trabalho, tornando inconsistente para si mesma a experiência de trabalho. A terapeuta encontrou sentido nessa minha sugestão, mas não conseguiu encontrar em si mesma a convicção que lhe permitia verbalizar isso para sua paciente. Certamente, há outros aspectos a serem desenvolvidos nessa dinâmica psíquica, mas o que desejo trazer como ilustração é que embora a terapeuta tivesse conhecimento da teoria da situação edipiana que tornava compreensível minha sugestão, o fato é que durante a sessão sentiu-se pressionada pela ansiedade da paciente, com sua atenção voltada para a imediaticidade factual do momento: como ajudá-la a encontrar uma resposta. A terapeuta não conseguiu levar em conta a própria pressão que sentia como uma reação emocional despertada na situação como uma manifestação contratransferencial inconsciente, expressão correlata do fenômeno transferencial que é atualizada na relação

paciente-terapeuta. À luz do conceito de realidade psíquica, poder-se-ia entender que a paciente estava endereçando à terapeuta a vivência de se sentir pressionada de ter capacidade para poder se olhar e se posicionar, visto que ela se sentia como uma moça que até aquele momento continuava vivendo à sombra dos pais, num relacionamento que já havia sido idílico com o pai, acumpliciada com a mãe, que percebia que o tempo havia corrido, que ela já estava com 35 anos e com uma sensação de não ter vida própria.

A supervisão de atendimento terapêutico é o momento de mostrar como nas entrelinhas do que é relatado pelo terapeuta é possível discernir o latente do manifesto, o inconsciente do consciente, o psíquico do factual, dado que a situação terapêutica, antes de mais nada, é uma situação relacional. E essa concepção relacional da situação terapêutica é o que nos permite nos aproximarmos da realidade psíquica.

Referências

CAPER, R. *Fatos imateriais: a descoberta de Freud da realidade psíquica e o desenvolvimento kleiniano do trabalho de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

Grupo de Estudo Multidisciplinar sobre Transtornos Alimentares – TA: uma experiência de oito anos

Maria Auxiliadora Borges dos Santos

Tendo me tornado membro associado nesta sociedade em 1998, passei a me interessar por transtornos alimentares em Franca, onde morava e trabalhava, e em 2003, recém-chegada a Ribeirão Preto, onde passei a morar e a participar da SBPRP como membro associado, recebi o convite honroso dos professores Manoel dos Santos (USP)³⁵ e José Ernesto dos Santos (USP)³⁶ para coordenar um grupo de estudos sobre Transtornos Alimentares – TA sob a ótica da psicanálise, que desse suporte ao Grupo de Assistência aos Transtornos Alimentares do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (Grata).

Recebi em 2003, para compor esse grupo, médicos residentes, nutricionistas e psicólogos interessados pelo tema. Passamos a estudar textos sobre transtornos alimentares escritos

³⁵ Faculdade de Filosofia Ciências e Letras – USP – Ribeirão Preto.

³⁶ Faculdade de Medicina – USP – Ribeirão Preto.

por colegas desta sociedade e de outros autores reconhecidos por nós, sempre nos referendando nos aspectos dos pacientes atendidos por esses profissionais, fortemente mobilizados pelas identificações projetivas suscitadas em seus campos de trabalho e que emergiam em nossas conversas. Assim, o grupo é que dirigia a escolha do texto e do tema, dependendo do aspecto emergente entre os membros participantes. Normal e frequentemente, os textos temáticos remetiam-nos a outros textos esclarecedores dos conceitos psicanalíticos necessários à compreensão do tema estudado.

Assim funcionou, assim produzimos e escrevemos um bom trabalho multidisciplinar, apresentado em um congresso do Comitê Mulheres e Psicanálise (Women and Psychoanalysis Committee – COWAP) no Rio de Janeiro sobre “A experiência emocional do feminino”, trabalho onde refletimos sobre as dificuldades das anoréxicas e bulímicas com a sua feminilidade e sexualidade e sobre seu desespero por novos modelos de funcionamento psíquico mais vitalizadores. Enfim, comprovamos na prática que a assessoria de Psicanálise da Grata à universidade mostrou-se altamente produtiva para o grupo, inclusive levando muitos dos membros a evoluírem em seu caminho pessoal e profissional.

Por oito anos houve uma frequência alta dos membros do grupo que estavam em trabalho de análise, mas também havia certo número de membros que “sideravam” o “grupo estável”, e que se recusavam a se analisar e permaneciam temporariamente nas

reuniões, abandonando o grupo em muito pouco tempo. Eles passaram a criar confronto com os membros analisados, como se não estivessem aptos a digerir o alimento dado pelo grupo. A maioria dos “rejeitadores” do grupo de estudos era de médicos residentes.

Do grupo de membros estáveis e com análise, alguns tomaram o rumo do doutorado e da formação psicanalítica, demonstrando também mudança positiva e significativa no manejo dos pacientes atendidos pelo Grata.

À parte a possibilidade realista de que tenha havido também falhas em minha continência sobre a agonia desses membros não analisados, não podemos desconsiderar que um coordenador de grupo não é um psicanalista no exercício de seu ofício, sendo o *setting* outro para essa função.

Sabemos que os pacientes com transtornos alimentares são tardiamente identificados e sempre por um médico, um gastroenterologista, um hebiatra, um ginecologista ou um pediatra, que ou retém os casos sem melhora ou, pelo medo contratransferencial, encaminham rapidamente os casos aos nutricionistas. O psicanalista aparece lá na frente, como último recurso.

Ora, a medicina tem tratado com psicofármacos esses quadros, pois o médico não é formado em seu curso básico para identificar e conduzir tais casos, e muito menos conhece a origem psicogênica e transgeracional dos transtornos alimentares, que poderia ser identificada nos primórdios da relação mãe-bebê por

um pediatra bem treinado em observar os aspectos inconscientes que ocorrem nessa unidade (mãe-bebê).

Foi no contato fugaz com os membros residentes em medicina que observei maior resistência à assimilação de um novo vértice de conhecimento, assentado na existência do inconsciente do ser humano.

Apresentei um artigo, depois publicado na Revista da FMRP em 2006, onde dei ênfase ao cuidado com a equipe multidisciplinar, e então questiono agora: “por que o cuidador muitas vezes se recusa a ser cuidado para que possa cuidar adequadamente dos pacientes com transtorno alimentar?”

Em nosso berço de formação psicanalítica, tem sido obrigatória a experiência da análise didática por larga extensão de tempo para nos capacitar internamente a cuidar dos nossos pacientes.

Primeiro, e isso é uma lei natural, precisamos ser cuidados, para depois cuidar. E por que o médico se recusa a ser cuidado?

Entre as várias razões, inclusive a psicopatologia do médico, deparamo-nos com um currículo básico do curso de Medicina que endereça todas as causas das doenças ao corpo³⁷. Daí os vários confrontos com o grupo de estudo e as várias “reações terapêuticas negativas” diante dos temas, ou “distorções” na captação destes.

³⁷ É assim que o médico cristaliza o seu raciocínio e se torna, ele próprio, um ser irracional que nega fortemente as evidências do funcionamento mental na origem das doenças do ser humano.

Assim, sai o médico, racional, do curso de Medicina, desconhecendo que o sofrimento humano nem sempre reside no corpo, que muitas vezes é o “porta-voz” da alma doente.

O próprio médico precisa, com ajuda, descobrir no curso básico de Medicina que ele próprio pode sofrer pelas ideias, pelos valores conflitados e pelas fantasias inconscientes dentro de si, que podem eclodir, por exemplo, em obesidade ou em outro tipo de sintoma à espera de compreensão, decodificação e resolução, e nem sempre de medicação somente.

Porém, como não é preparado no curso básico para considerar tais possibilidades, o residente, ou o médico formado, pode ficar totalmente aterrorizado diante da necessidade de pensar de outra forma. Nessa hora, tornam-se onipotentes e autoritários, denotando suas fobias diante de um mundo de conhecimentos que lhes é totalmente desconhecido e inapreensível.

Ora, como é que esse médico pode conduzir um caso de anorexia/bulimia/obesidade mórbida?

Impressionante é notar que a cultura psicanalítica tem tido maior inserção nos meios não médicos do que no meio onde deveria ser mais conhecida e utilizada. O menor contingente de profissionais que vem à procura de análise constitui exatamente o dos médicos, apesar do alto grau de insalubridade a que estão expostos.

O tratamento de um transtorno alimentar envolve necessariamente uma equipe multidisciplinar constituída de

médico, nutricionista e psicanalista, preparada para detectar os riscos precoces nas seguintes situações:

- 1) gravidez/parto conflituosos;
- 2) depressão materna;
- 3) vínculos de fusão psicótica entre mãe-bebê;
- 4) perdas ou lutos maternos não elaborados;
- 5) ausência da figura paterna;
- 6) comportamento de autossuficiência do bebê;
- 7) inibição de atitudes exploratórias do bebê;
- 8) mãe intrusiva/ausente;
- 9) bebê como receptáculo das agonias maternas.

Considerando que o “lugar de formação” do psicanalista deva continuar sendo dentro das sociedades por sua natureza artesanal, por outro lado, é possível que o aluno de Medicina receba o conhecimento de que sintomas corporais podem constituir outra gramática: a do mundo interno em guerra, que se expressa no corpo.

Como toda gramática, o sintoma pode ser uma metáfora à espera de decifração de seus aspectos inconscientes.

Para isto, é preciso incluir, a meu ver, duas novas facetas no ensino básico da Medicina, que ampliarão enormemente a visão do médico:

- 1) o ensino de Freud, que, como sabemos, escreveu para leigos;
- 2) noções de psiquismo fetal – curso de observação de bebês modelo Ester Bick.

Penso também que as várias outras Sociedades de Psicanálise, a exemplo desta, deveriam promover outros eventos de “conjugação” com as outras universidades. Também deveríamos, nós das Sociedades de Psicanálise, oferecer grupos de supervisão aos residentes. Outra medida seria a de constituir grupos de estudo operados dentro das sociedades, oferecidos aos universitários. E, é claro, é preciso divulgar e possibilitar análises de custo menor a eles. A “conjugação” Psicanálise-Universidade nada mais reflete que a “conjugação” entre “mente-corpo”, absolutamente necessária para aplacar parte da dor humana.



SEÇÃO C

**A transmissão da psicanálise:
espaços desafiantes em sua
transitoriedade**

Apresentação: Seção C

João Luiz Leitão Paravidini

A noção primordial da transmissão da psicanálise encontra-se na inquietante perspectiva do que se faz transmissível, enquanto efeito de permanência, ancorado no que emana das contingências dos laços e dos acontecimentos vitais, de forma que, quando tomamos por direção a transmissão do saber inconsciente, em sua vinculação mais íntima com o real da pulsão, com o sujeito de desejo e seu pathos, o que salta à frente, de forma inquietante, é sua perspectiva faltosa, claudicante ou, mesmo, ficcional.

Cabe a nós, analistas, operar e fazer sustentar a transmissão da própria falta, tornando-a presente em cada um de nossos múltiplos afazeres, ao recusar os encantos das soluções “prontas”, generalizáveis e normalizadoras, para que assim (re)lancemos nossos olhares e reflexões sobre aspectos teóricos e práticos instigantes que se apresentem na trajetória cotidiana da invenção do humano.

É com esse “espírito” que haveremos de acompanhar os dois conjuntos de trabalhos que compõem esta seção, oriundos de

desafios distintos, mas que se norteiam pela implicação *invenção* e *sensibilidade*.

O primeiro conjunto é formado pelos trabalhos de quatro psicanalistas membros da Associação Clínica Freudiana de Uberlândia, apresentados no colóquio sobre o “Amor e o feminino”. De modo amplo, os trabalhos partem da indagação quanto ao lugar que o amor ocupa na esfera psíquica e sua insofismável marca do feminino. Ainda que seja dessa posição de onde todas partem, decerto cada uma das psicanalistas nos traz sua contribuição singular.

No trabalho “As invenções do amor”, Roberta Paravidini sustenta como premissa a contingencialidade do encontro amoroso, tendo em vista a impossibilidade do reencontro com o objeto (amoroso) primordial, posto que mítico. Para a autora, a busca do sujeito seguirá metonimicamente através dos inúmeros outros objetos substitutivos feitos e refeitos pela vida afora em seus jogos de semblantes. Ela conclui existir “algo da ordem do saber fazer com o real e que cabe a cada um inventar”.

No texto de Shnaider Alves Santos, “As (im)possibilidades do amor”, acercamo-nos de sua proposição central: o amor trata com o impossível e toca nesse ponto fundamental que é nosso esforço em dar nome ao que sempre nos falta, “mas que cada um, um a um, deve inventar seu jeito particular de amar”.

Nas proposições presentes no texto de Isa Nunes de Oliveira, “Beauvoir e Sartre: o desejo de se fazerem ‘Um’”, partimos, com a autora, da conhecida formulação lacaniana de que o amor é o que

vem fazer suplência à não existência da relação sexual, para entrarmos, de uma forma muito cuidadosa, na vida amorosa do casal citado no título do trabalho, e ao final obtermos uma apreensão mais clara dessa assertiva de Lacan. Do percurso biográfico do “casal”, a autora faz extrair uma importante dimensão paradoxal do amor.

Já em “O avesso do amor ou o amor do avesso”, Margarete Domingues parte do aforisma de Lacan quanto à não existência da relação sexual, dada a incompletude presente no encontro entre os seres humanos, fazendo-nos acompanhá-la através de fragmentos da obra *A paixão segundo GH*, de Clarice Lispector, posto haver encontrado na escritora uma maneira singular de dissecar tal inexistência, indo ao encontro do real como o impossível de se dizer, bem como de algumas articulações compostas por trechos da obra de Roland Barthes (*Fragmentos de um discurso amoroso*). Ela também analisa a premissa de Lacan de que o amor faz suplência para a inexistência da relação sexual, mas assim o faz com o escopo de ampliar a própria apreensão do que tomamos imaginariamente como amor romântico.

O segundo conjunto da seção C é formado por dois trabalhos vinculados ao projeto “Aprendendo com a Emoção”, desenvolvido por psicanalistas do Centro de Estudos e Eventos Psicanalíticos de Uberlândia (Ceepu). Trata-se de um projeto para acolher servidores municipais da área de Educação (gestores) em função do alto índice de afastamento laboral desses profissionais por dificuldades de ordem psíquica. Assim, sua demanda principal

consistiu na sensibilização e na compreensão das dimensões afetivas relacionadas à saúde mental daqueles, criando vários espaços de discussão, reflexão e troca de experiências e vivências que pudessem originar a aprendizagem emocional.

No primeiro trabalho, “Entrelaçamento Psicanálise e Educação”, produzido por Helga de Souza Machado Quagliatto, Gislene Andrade Santos, Maria Luiza Soares Ferreira Borges e Maruzza T. Cerchi Borges Fonseca, encontramos as linhas mestras relativas à concepção e ao detalhado processo de preparação dos profissionais para a execução do projeto “Aprendendo com a Emoção”, em sua dupla vertente de atuação: grupos de trabalho e CineAnálise, que foram realizadas concomitantemente e de forma indissociada. Assim, nos grupos de trabalho, o tema “Tecendo um espaço para o aprender emocional” transformou-se no principal foco dessa “modalidade do projeto e revelou-se como um fio condutor para alinhar o desafio da função de desenvolver uma ampla possibilidade de compartilhar conhecimentos e experiências”. A proposta do CineAnálise foi incluída no projeto por “disponibilizar um espaço de trocas via exibições de filmes, seguidas de um diálogo aberto para reflexões, envolvendo questões relativas à contemporaneidade, que nos desafiam e demandam acompanhamento. Cabe-nos enfatizar, seguindo bem de perto as linhas finais do artigo, que coube ao trabalho realizado por toda a equipe desse projeto a “expansão de sentidos e horizontes, com paciência para o intervalo entre o semear e o surgimento do broto”.

E, diríamos ainda, deixar fazer-crescer, mediante todas as intempéries próprias do que é vivente.

O segundo trabalho, também vinculado ao projeto em questão, intitula-se “Experiência psicanalítica com grupos de gestores educacionais: tecendo um espaço para o aprender emocional”. Ele foi elaborado por Fanny Melo, Sílvia Alves Pereira, Anna Thereza Carneiro Pinto Abdala, Tassiana Machado Quagliatto e Helga de Souza Machado Quagliatto, que nos trazem um maior detalhamento do modo como foi concebido o processo de intervenção, a metodologia norteadora, a implementação e as ressonâncias transferenciais e contratransferenciais de todos os participantes envolvidos nos grupos de trabalho, conforme apresentado no texto anterior. Nesse artigo, contamos com a possibilidade de acompanhar a rica apreensão dos vários encontros realizados com dois grupos de trabalho, desde os temas selecionados nos encontros aos materiais utilizados, às dinâmicas empregadas e até uma efetiva extração das experiências produzidas pelos coordenadores e cocoordenadores a respeito de cada experiência. É importante ressaltar o quanto o trabalho pode produzir transformações nos dois grupos relatados.

Há uma passagem, no final desse último artigo, que pode nos auxiliar na produção de uma aproximação dos trabalhos presentes nas duas partes que formam esta seção e reafirmar a dimensão ética da psicanálise: “As ampliações teóricas e técnicas, devido à imprevisibilidade do que possa surgir, podem ser várias e distintas, já que cada encontro era único e a nossa tarefa era entrar em

contato com o que se apresentava no momento”. De fato, nossa tarefa analítica, seja ela focada na discussão e na apreensão do fenômeno do amor e suas invenções, seja imersa na Clínica Extensa herrmanniana, ou no trabalho com grupos bionianos, nos limites entre a psicanálise e educação, somente nos permite tangenciar as bordas do inapreensível, cabendo-nos suportar o que se faz contingencial, para que assim sejamos dignos de ousar produzir uma ficção de saber (verdade), uma ficção amorosa (laço desejanste) ou uma experiência do avesso (simbolização singular), ainda que perdue nossa ignorância, demasiadamente humana, ante o real.

As invenções do amor...

Roberta Augusta B. C. Paravidini

“Não fazes favor nenhum
Em gostar de alguém
Nem eu, nem eu, nem eu

Quem inventou o amor
Não fui eu, não fui eu
Não fui eu, não fui eu e nem ninguém

O amor acontece na vida
Estavas desprevenida
E por acaso eu também
E como o acaso é importante querida
De nossas vidas, a vida
Fez um brinquedo também.”

Caymmi, 1958.

Encontrei nesses versos de Dorival Caymmi (1958) palavras ressonantes da minha busca por abordar neste encontro de hoje o

que tanto nos inquieta no amor, que é da ordem do impossível, do saber inconsciente.

Em nosso ofício psicanalítico, trabalhamos intensamente para tentar circunscrever o que se passa nas relações amorosas: desde o amor cortês, como o que não cessa de não se escrever, até o amor contingencial, que cessa de não se escrever (Leite, 2013).

Tomarei o amor neste trabalho sob a perspectiva lacaniana desenvolvida nos anos 1970, segundo a qual o encontro amoroso é marcado pela contingência, como podemos acompanhar especialmente no *Seminário 20: mais, ainda* (Lacan, 2008), e no escrito “O aturdido” (Lacan, 2003). Do mesmo modo, tentarei articular, com essa poesia de Dorival Caymmi, algumas formulações lacanianas que referenciam nossa clínica, tais como: “A relação sexual não existe”.

“Amar é dar o que não se tem a quem não o quer”.

Na proposição lacaniana conforme a qual a relação sexual não existe, o amor surge como uma tentativa de transpor o muro que há entre um homem e uma mulher. Esse muro diz respeito à impossibilidade de completude no encontro de dois sujeitos.

Diante dessa impossibilidade pela via do amor, cada sujeito tenta fazer o outro como necessário, como aquele que foi eleito, tendo por base um referencial subjetivo que chamamos de grande Outro. Por isso, a relação nunca é propriamente a dois, pois sempre há o Outro, que nos indica o modo como o eleito vem a ocupar esse lugar privilegiado pela via das diretrizes simbólicas e imaginárias e pela via do *objeto* como o gozo do corpo impossível de apreender.

Em seus textos sobre as “Contribuições à Psicologia do amor”, Freud (1996) chama de “condição do amor” essa escolha que faz com que formulemos no outro algo muito específico, uma metáfora do nosso objeto de amor primordial, ao revestirmos esse semelhante de elementos imaginários, pintando um quadro, escrevendo uma carta, fazendo música, acreditando ali encontrar nosso amor. Como é impossível o reencontro com esse objeto, o amor primordial, porque ele é mítico, a busca pode seguir metonimicamente em inúmeros outros objetos substitutivos.

Em Freud, encontramos a marca fundamental da impossibilidade da relação amorosa e, por sua vez, a diversidade de impasses que podem ser colocados em questão.

Na escuta de nossos analisandos, somos testemunhas dessa diversidade de histórias de amor: encontros, desencontros, impasses, descrença, desistência. Entre encontros e desencontros, surge a falta; antes revestida pelo objeto de amor, passa a funcionar como causa dos desencontros pueris do cotidiano entre casais (Estacolchic; Rodrigues, 2011). A lâmpada que não foi trocada, o sapato deixado na sala, os “brinquedinhos” que nunca são deixados (celulares, videogames, *tablets*, vinhos, carros), elas querendo ser sempre jovens... As mulheres se queixam de ter que “fazer tudo”, e os homens tentam entender o que é a TPM. Elas querem mandar e dizem que eles “só fazem o que querem”. No terreno dos impasses, encontramos mulheres acuadas diante da demanda de amor de um homem, não sabendo o que fazer, pensando em fugir. E há os que desistem: preferem manter-se no amor autoerótico, na

masturbação e no gozo triste da pornografia virtual (Goya, 2014), que, hoje em dia, ocupa homens e mulheres.

Cada um responde, a seu modo próprio, à demanda de amor ou, como diria Lacan, cada um goza como pode. O encontro do acaso acontece. O que cada um vai viver nesse encontro depende do modo como pode se arranjar com isso que é da ordem do impossível. O encontro com o objeto suposto só pode se dar a partir desse recobrimento que Lacan nomeou de *i(a)*, o que significa dizer que revestimos o outro como objeto daquilo que tomamos do campo do grande Outro como o que nos é necessário, o que nos faz feliz. O outro tem o que me falta, o outro é o que eu gostaria de ser. O outro se torna a superfície das projeções narcísicas que a mim retornam. Assim, um homem faz de uma mulher seu objeto de desejo. A mulher, por sua vez, se faz objeto para esse homem. Nesse jogo, o homem faz o papel daquele que tem o que a mulher deseja, e a mulher faz o papel daquela que é o que lhe falta. Vejam que nesse jogo a falta está e estará sempre presente. “Estavas desprevenida e eu também” (Caymmi, 1958). Ama-se sempre da posição de um *falasser*: marcado pela linguagem, castrado, faltante.

Acontece que, às vezes, essa condição faltante se torna complicada para alguns sujeitos. No jogo dos semblantes, trata-se de um “fazer-se de” que não é o mesmo que mentir, tampouco de efetivamente “ser” ou “ter”. Desse modo, fazer-se objeto de amor de um homem não é o mesmo que ser um objeto que em breve se tornará dejetado (Berger, 2014), ao mesmo tempo em que fazer de

uma mulher seu objeto não implica um assujeitamento para nenhum dos envolvidos.

Vivemos em tempos de amores fluidos, queda dos semblantes e significativas mudanças nos elementos imaginários que sustentavam os lugares dos seres sexuados enquanto femininos e masculinos. Isso não é sem consequência.

Todavia a chamada feminização do mundo nada tem a ver com o universo feminino da nossa construção imaginária. Do ponto de vista da psicanálise, pensar um processo como esse é o que nos tem permitido dimensionar a perda de alguns referenciais simbólicos; vivemos, sim, um tempo de abalo no grande Outro.

Numa breve leitura da contemporaneidade, deparamo-nos com homens convidados a se feminilizar, e mulheres sofrem de uma espécie de empuxo ao masculino, virilizando-se em sua posição. Para essas mulheres, o amor é quase uma doença, e as promessas de amor são enormes bobagens. São mulheres falicizadas, a quem nada falta, que fazem de tudo para evitar o amor. Os homens, por sua vez, mostram-se cada vez mais destituídos dos atributos e insígnias da condição masculina. Cultivam o declínio do viril. Não fazem mais juras de amor, mas permanecem dependentes do amor de uma mulher, persistindo em amar uma mulher. Como escreve Leda Guimarães (2011, p.5):

Como um soldado remanescente de uma guerra perdida [...] esse novo homem, que não desistiu dos seus anseios de ser amado por uma mulher, em lugar de proferir suas juras de amor, já que nestas palavras as mulheres não mais acreditam, formula a súplica pela

via do semblante, utilizando tão sabiamente estratégias próprias à histeria. Vestindo a nova roupagem do homem pós-moderno, faz surgir o homem metrossexual, que tenta se feminilizar com os adereços estéticos propostos pelas mulheres contemporâneas, entregando-se a elas como seu novo brinquedo.

Eis aqui uma das invenções contemporâneas para tentar fazer laço!

Esse homem contemporâneo que ainda não desistiu da possibilidade de ser amado por uma mulher tem se esforçado, mas a demanda histórica metonimicamente infinita também se esforça por depreciar essas tentativas. Dessintonia no jogo de semblantes.

Se a identidade atual da mulher se sustenta no ideal daquela que pode ser “multifuncional”, o que ela indica ao homem é que a ela nada falta. E se nada lhe falta, ela não pode desejar. Tampouco ser desejada... E é comum ouvirmos de mulheres muito “bem-sucedidas” a afirmação de que “assustam os homens”... Esse lugar daquela que tudo tem só faz denunciar a falta do outro, do qual ela quer passar longe.

Viviana Berger (2014), uma psicanalista argentina, diz-nos que o “postição” (el postizo) feminino, os elementos de identificação, os semblantes inventados para criar uma identidade e encobrir a falta de um significante da mulher servem propriamente para este efeito: o postição denuncia que é falso, expõe a falta, mas ao mesmo tempo vela, encobre, causando o desejo do outro, instalando ali um enigma. Assim, na função de véu, permite acesso à comédia dos sexos. Pode, assim, a mulher ir além dos trágicos becos sem saída em que pode se perder.

Sendo assim, a prerrogativa de que só se ama da posição de castrado, de faltante, abre a via de elaboração para as invenções de encontros possíveis. “Para amar, é preciso experimentar e consentir com suas faltas e falhas e reconhecer que se tem necessidade do outro que lhe falta. Aqueles que acreditam que são completos e auto-suficientes em sua vida amorosa ou que almejam essa completude, não sabem amar” (Miller, 2008).

Se retomarmos a letra de Dorival Caymmi, não se faz favor nenhum em gostar de alguém. Nem eu nem você. Amar é dar o que não tem, a sua falta, a quem não o quer: a falta. E para ser amado, é importante inventar a transposição desse muro que há entre dois amantes. E a invenção cabe a cada um.

A psicanalista Heloisa Caldas (2008) propõe uma via possível para lidar com esses impasses. A via do humor. Então, podemos pensar que, se “baixarmos a guarda” da enfadonha guerra dos sexos, podemos inventar, cada um ao seu modo, podemos deixar que a vida faça seu brinquedo e tentarmos ser felizes na comédia dos sexos.

Parece-me ser esta uma aposta: fazer do trágico o ridículo, não em seu sentido depreciativo, mas estritamente como aquilo de que podemos rir, o amor nosso risível de cada dia. Lacan afirma que todo sujeito é, em tese, sempre feliz. Partindo dele, poderia parecer uma ironia, mas o que ele nos indica é que encontrar a felicidade dependerá da posição subjetiva de cada um, dos desdobramentos que poderá fazer.

Afinal, se saber amar é saber deixar alguém te amar, existe algo da ordem do saber fazer com o real e que cabe a cada um inventar.

Referências

BERGER, V. ¿Hacia una feminización del mundo? Tribulaciones del amor femenino em el Siglo XXI. *Radar*: Revista de la Nueva Escuela Lacaniana, Ciudad de México, n.118, mayo, 2014. Disponível em: <http://www.nelmexico.org/articulos/seccion/radar/edicion/120/815/Hacia-una-feminizacion-del-mundo>. Acesso em: 20 fev. 2015.

CALDAS, H. O amor nosso de cada dia. *Latusa*: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n.123, p.11-19, 2008.

ESTACOLCHIC, R.; RODRIGUEZ, S. *Filhos da mamãe*: destinos da sexualidade masculina. Salvador: Ágalma, 2011.

FREUD, S. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.11.

GOYA, A. *O Gozo triste*. Texto de orientação do 9º Congresso Internacional da Associação Mundial de Psicanálise. Disponível em: <http://www.congresamp2014.com>. Acesso em: 10 dez. 2014.

GUIMARÃES, L. O parceiro amoroso da mulher atual. *Opção lacaniana*, [s. I.], ano 2, n.5, p.1-6, jul. 2011. ISSN 2177-2673.

LACAN, J. *O seminário, livro 20*: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LEITE, M. P. S. *Deus é a mulher*. São Paulo: IMP, 2013.

MILLER, J.-A. O amor para a psicanálise. [Entrevista original cedida à] Hanna Waar. *Psicologia MSN.com*, [s. l.] out. 2008. Disponível em: <http://www.psicologiamsn.com/2011/12/amor-psicanalise-alain-miller.html>. Acesso em: 11 dez. 2012.

NEM eu. Intérprete: Ary Barroso. Compositor: Dorival Caymmi. *In*: ARY Caymmi/Dorival Barroso: um interpreta o outro. Intérprete: Dorival Caymmi e Ary Barroso. [S. l.]: Emi-Odeon, 1958. 1 CD, faixa 12.

As (im)possibilidades do amor

Shneider Alves Santos

O tema do amor é sempre atual. Os poetas sempre falam de amor, ainda que, com alguns, tenhamos a impressão de uma impossibilidade. Aliás, como veremos, o amor trata com o impossível. Então, falar de amor é transitar pelo possível e não possível a todo tempo. Uns o enaltecem como forma de completude e absoluta eficiência, e outros apontam sua insuficiência. Porém todos, inclusive nós, circulamos nessas duas vertentes do amor: possibilidade/impossibilidade, completude/incompletude.

Freud também se ocupou do amor. Aliás, o início de tudo se deu exatamente por uma história de amor: Ana O. e Breuer (Freud, 1994a), que foge apavorado. O outro, Freud, fica e inventa a Psicanálise. Então o amor torna-se a mola mestra de uma análise, seu início e seu fim. Lacan, em seu seminário sobre a *transferência*, nos diz que Freud se põe a serviço de Eros para se servir dele na condução do tratamento (Lacan, 1992). Mas não fez isso sem reservas, pois descrevia a transferência como um entrave ao tratamento. Depois de um tempo, cedeu a ela, à maneira de “se não posso vencê-la, junto-me a ela”. Criou a psicanálise servindo-se do

manejo desse nosso conhecido – o amor. Sua recomendação a quem exerce esse ofício era de que conduzisse sempre com a convicção de que o laço do paciente com seu analista é de amor, mas não se devia acreditar muito nessa posição de amado. Afinal, o amor seria um veículo de cura para o amor! Como assim? Isso mesmo! Adoecemos porque fantasiemos que o outro pode nos salvar e completar. A análise acolhe isso para nos “curar” disso. Um paciente sem qualquer noção de psicanálise sempre dizia no início de suas sessões: “Pois é, vamos continuar nossa história... de amor”.

É *por e de* amor que sofremos. E o que chamamos de *vínculo social* nada mais é do que a lição de Freud: o vínculo social é um vínculo erótico ou um vínculo amoroso. Só fazemos vínculo pela via do amor. O que significa isso? Significa nos endereçarmos ao Outro, permitir que a pulsão, que privilegia o corpo, circule pelo campo do Outro e passe a privilegiar o desejo. O amor, cuja base é narcísica, faz-nos conhecer a auteridade. Incrível como Freud descreve os paradoxos do amor em seu magnífico texto “O mal-estar na civilização”: devemos amar porque o amor nos protege do gozo mortífero, mas quando amamos nos fragilizamos e sofremos (Freud, 1994b).

A literatura está cheia de exemplos de laços amorosos (im)possíveis: Dante e Beatrice (*A divina comédia*); Capitu e Bentinho (*Dom Camurro*); Scarlett e Capitão Buttler (*E o vento levou...*); Penélope e Ulisses (*Odisseia*); Tristão e Isolda (*Tristão e Isolda*); Peter Parker e Mary Jane (*Homem Aranha*); Romeu e

Julieta (*Romeu e Julieta*); Cath Earnshaw e Heathcliff (*O morro dos ventos uivantes*); Capitão Vronsky e Anna Kariênina (*Anna Kariênina*); Orfeu e Eurídice (*Orfeu, O Encantador*); Cirano e Roxane (*Cirano de Bergerac*); Jack e Ennis (*O segredo de Brokeback Mountain*); Dom Quixote e Doroteia (*Dom Quixote de la Mancha*); Sartre e Simone; Simone e suas amantes; o amor de amigos, tais como Davi e Jônatas (Bíblia, 1 Samuel, 18, 1-4); Clarice e a linguagem; Joyce e a escrita. Além dos pares nossos de cada dia: nós e nossos amores... Não importa: embora de base narcísica, o amor é sempre um endereço ao outro... um encaminhamento não todo da pulsão.

O amor é coisa que nós não esquecemos. É para guardar do lado esquerdo do peito. É como um laço, um passo para uma armadilha. E como nos ensina Freud, o amor é necessário, mas é bom que também seja contingente, um encontro “de repente, não mais que de repente”. Bom, não de repente demais também! As amarrações de amor se fazem entre o impossível, o contingente e o necessário. Caso contrário, não haveria nenhuma construção civilizatória permanente. Então, o poeta tem razão ao dizer “que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure.” Ele nos marca para sempre e de forma intensa. Ele é da ordem do UM, pois cada amor é um novo amor que exige de nós invenção. Assim, penso que não haveria amor número 1, 2, 3... Cada um é sempre um. Diferente do outro e exigindo de nós novas construções e novas saídas diante do outro que nos convoca.

Quando amamos, fragilizamo-nos, mas nos fortalecemos também. Nossa vida, nosso cotidiano se altera e tudo passa a ter novos sentidos. Mas, atenção! Sentido demais enlouquece! Por isso, duvidar dos sentidos advindos da paixão é sempre bom. E amar a muitos ao mesmo tempo, cada um à sua maneira, ajuda a diluir a loucura. O amor tem estrutura de ficção, porque, assim como esta, é uma tentativa de resposta aos enigmas dos humanos. Aliás, essa é uma das funções do amor: dar sentido ao que, sem ele, não teria sentido algum: a vida, a morte, o sexo... O amor tem essa forte face voltada para o sentido. É por isso que tudo fica sem sentido quando perdemos um amor. E a sabedoria popular, muito sábia, nesse ponto, nos diz: “Nada como um novo amor para nos curar da dor do amor.”

É interessante! Ter vivido um amor não nos dá um saber total sobre o amor. Porque do amor só se sabe amando. E nunca sabemos exatamente o que buscamos, nem mesmo o que encontramos. Nosso inconsciente tem razões que nos ultrapassam, porque ele é eminentemente da ordem da experiência, como a análise. Ter passado por um amor não serve para nada, não serve de nada para se viver outro amor. De algum modo, até é preciso se esquecer do velho para se entrar no novo. Cada amor deverá, como uma análise, ser vivido como se fosse o primeiro e... único amor. Afinal, o nosso amor a gente inventa...

Amar significa desejar. E desejar é sempre se lançar e se relançar em uma experiência de busca de algo que está posto sempre um pouco mais além. O amor põe em cena sempre três

lugares: um amante, o amado e a falta que atravessa todos os seres falantes. Então o amor visa à cessação da falta. Quando amamos, dizemos: “É isso o que me falta!”. Entretanto ele está posto, também, em outra vertente que não elimina nem a falta nem o desconforto dos seres no mundo. Amor é o esforço para dar um nome próprio àquilo que nos falta (Miller, 2008).

Em nome do amor nós matamos e morremos. Daí a fundamental importância da nossa posição diante do amor que nos faz bascular entre a certeza louca de ter achado o objeto que nos falta e a desconfiança salutar de que talvez aquele não seja exatamente o objeto, embora possamos seguir com ele mesmo assim. Por isso, também em nome do amor, inventamos versos, grupos, arte, encontros, enfim, inventamos moda.

Em Freud, o amor é repetição: quando amamos, repetimos a busca pelo objeto perdido, assim repetimos o fracasso dessa busca. Para Lacan (1992), não sem Freud, o amor é invenção. É um modo de se dirigir ao objeto impossível a partir do significante. Por isso, é invenção de moda... E o interessante é que sempre encontramos alguém que diz sim às nossas invenções: os analistas, os amigos e, é claro, os amantes. Daí podermos dizer que o bom amante é aquele que topa essa empreitada. Há momentos em que isso se torna possível. Nem sempre. Eros e Tânatos são casados e andam de mãos atreladas. Será sempre uma aposta, um devir...

Enfim, a estrutura do amor é sempre a mesma: dar um nome ao que não se tem e é impossível de se ter. Mas cada um, um a um, deve inventar seu jeito particular de amar.

Referências

- ALIGUIERI, D. *A divina comédia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- ASSIS, M. Dom Casmurro. In: ASSIS, M. *Obras completas de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v.1.
- BÉDIER, J. *O romance de Tristão e Isolda*. São Paulo: Via Leitura, 2016.
- BÍBLIA. A. T. I Samuel. In: BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada: contendo o Antigo e Novo Testamentos*. Salt Lake City: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos dias, 2015. p.457-513.
- BRONTË, E. *O morro dos ventos uivantes*. São Paulo: Nova Cultural, 2002.
- CERVANTES, M. de. *Dom Quixote de la Mancha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- FREUD, S. Estudos sobre a histeria. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1994a. v.2.
- FREUD, S. O mal estar na civilização. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1994b. v.21.
- HOMERO. *Odisseia*. São Paulo: Penguin Companhia, 2018. (Coleção Obras fundamentais da literatura ocidental).
- JIMENES, G. *Orfeu, O Encantador*. São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- LACAN, J. *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1992.
- MILLER, J.-A. O amor para a psicanálise. [Entrevista original cedida à] Hanna Waar. *Psicologia MSN.com*, [s. l.] out. 2008. Disponível em: <http://www.psicologiamsn.com/2011/12/amor-psicanalise-alain-miller.html>. Acesso em: 15 out. 2012.
- MITCHELL, M. *E o vento levou*. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- PROULX, A. *O segredo de Brokeback Mountain*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.
- ROSTAND, E. *Cyrano de Bergerac*. São Paulo: Scipione, 2019.

SHEAKSPEARE, W. *Romeu e Julieta*. São Paulo: Penguin Companhia, 2016.

TOLSTÓI, L. *Anna Kariênina*. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.

Beauvoir e Sartre: o desejo de se fazerem “um”

Isa Nunes de Oliveira

Desejo refletir sobre a proposição lacaniana de que “o que vem em suplência à relação sexual é precisamente o amor” (Lacan, 1982, p.62). Essa proposição é muito difundida e, às vezes, confundida por aqueles que tentam apreender esse conceito. Para encaminhar tal discussão, escolhi a história de amor de um dos casais mais lendários da história: Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre.

A ideia de tomá-los como exemplo, para colocar em cena esse conceito lacaniano, ocorreu-me a partir da leitura do livro *Tête-à-tête: Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre*, de Hazel Rowley (2011), no qual busquei as informações para a discussão aqui proposta. Nele, a autora escreve uma dupla biografia do casal contada como se fosse um romance, porém com toda a força da realidade histórica.

Considero-os como um casal que viveu à frente de seu tempo. Trata-se de uma relação iniciada nos anos de 1930 (75 anos atrás), que durou mais de 50 anos e, no entanto, traz a marca contemporânea da fragilidade e fluidez dos laços amorosos atuais.

Sartre e Beauvoir tornaram-se famosos como livres pensadores e intelectuais. Como existencialistas, os dois acreditavam que os indivíduos não são mais nem menos que a soma de suas ações. A produção deles abrange um extraordinário leque de gêneros: peças, romances, ensaios filosóficos, narrativas de viagens, autobiografia, memórias e jornalismo. A maioria de seus escritos reflete de alguma forma suas próprias vidas.

O casal estava associado com a ideia de liberdade. Sartre, de acordo com Rowley (2011, p.7), dizia que “o homem é condenado a ser livre”, ou seja, somos condenados a fazer escolhas. Ambos desafiaram todas as convenções sociais: desde as sutilezas da burguesia até as mais rígidas concepções morais da época. Ninguém iria lhes impor como viver a vida, nem mesmo a vida amorosa. Eles tinham plena consciência de que a forma como escolheram se relacionar era da ordem de uma invenção.

Sartre e Beauvoir rejeitavam o modelo tradicional de casamento. Nunca viveram na mesma casa. Tinham, abertamente, outros amantes, conviviam com os amantes um do outro e, às vezes, até os dividiam, inclusive em viagens que faziam – e não foram poucas. Fizeram um pacto na origem da relação entre eles: enquanto os outros amores eram “contingentes”, o deles era “absoluto”.

A partir desse recorte da obra da biógrafa, busquei destacar as narrativas e os diálogos do casal que marcam suas características. Na relação que tiveram, Sartre e Beauvoir nunca deixaram de viver como escritores. Passaram grande parte de suas

vidas escrevendo em bibliotecas, hotéis e cafés. Era um engajamento total, todas as horas do dia. Prometeram contar tudo um ao outro, todos os detalhes.

Rowley (2011) comenta que a transformação da vida em narrativa era possivelmente o maior prazer do casal. Para Beauvoir e Sartre, a noção de privacidade era uma relíquia da hipocrisia burguesa. Segundo o ponto de vista deles, tinham a tarefa, como intelectuais, de examinar as experiências de uma forma crítica, de desconstruir mitos e transmitir a verdade ao mundo.

Quando se conheceram, em 1929, Sartre e Beauvoir tinham pouco mais de 20 anos e se preparavam para um exame de admissão para o cargo de professor de filosofia. Sartre era famoso por sua feiura. Sua adolescência o marcou de tristeza pelo sofrimento de ser feio, até descobrir que podia seduzir as mulheres com suas palavras, já que não podia contar com seus dotes físicos.

Beauvoir logo se encantou por ele. Sentia-se compreendida, amada e apoiada com sua presença. Considerava-o superior a ela e o achou incrível porque Sartre a encorajava a se descobrir e a desejar descobrir o mundo. Ela pensava que, com ele, nunca se estagnaria; buscava alcançar a verdade sobre si amando-o.

Sartre deixara claro desde o início da relação que a monogamia não lhe interessava. Gostava de mulheres e não pretendia parar de ter casos. Nem Beauvoir deveria fazê-lo, ele insistia. O amor que tinham um pelo outro era “essencial”. Eles eram um duplo do outro e seu relacionamento seguramente duraria a vida inteira. Mas não deveriam se privar do que

chamavam de “casos contingentes”. Decidiram que nunca teriam filhos. Como eram escritores, precisavam de tempo e liberdade, sem outras distrações.

Sartre estava convencido de que o amor não era possessão. Para ele, um tipo mais generoso de amor significava amar a outra pessoa como um ser livre. Quando Beauvoir o questionou sobre o ciúme, ele disse que, se contassem tudo um para o outro, nunca se sentiriam excluídos da vida do outro. Onde houvesse dúvidas, inseguranças e obsessões, deveriam se abrir, serem transparentes.

O que fez essa relação durar, sabendo da impossibilidade de bancar totalmente esse pacto de convívio? Toda a verdade é impossível de ser dita, e as promessas de amor não se cumprem totalmente. Ao mesmo tempo, transparência e promessas são impotentes para assegurar tudo o que está em jogo numa vida amorosa.

O que fez essa relação se eternizar? Por decisão consciente, renunciaram a todas as garantias tradicionais que visariam proteger uma relação, como casamento, fidelidade, filhos e, claro, as mentiras sinceras...

A biografia dos dois nos revela o quanto, muitas vezes, foi difícil para Beauvoir sustentar tal pacto quando alguma insegurança ou ciúme apareciam, mas ela nunca reclamava, apesar de ser mulher. Desde o começo, ela fazia um grande esforço para ver as coisas sobre a ótica de Sartre, em parte porque achava que lhe devia tudo, e também porque estava convencida de que o amava mais do que ele a amava.

Vinte anos depois de conhecê-lo, Beauvoir comenta em um de seus livros que, para a mulher apaixonada, não há o que a faça mais completamente feliz do que ser reconhecida pelo homem que ama como parte dele. Assim, ao integrar o *nós* dito por um homem, a mulher se associa e se identifica com ele. Ela sempre desejou ser reconhecida oficialmente como a mulher de Sartre. Esse desejo foi escrito de próprio punho por ela em suas memórias, sua versão do amor “essencial” entre eles.

Sartre era apaixonado pelo teatro da sedução. O sonho dele era seduzir as mulheres com o poder de sua fala, ser um *Don Juan* culto. Como se sentia medonho de tão feio, era essencial que as mulheres fossem bonitas. Admitia que quando conquistava uma mulher, ele não sabia bem o que fazer com ela. Adorava mesmo era arrancar uma confissão de amor delas. Isso nunca faltou! A longa lista de casos amorosos de Sartre, todos de conhecimento de Beauvoir, tinha relação com o prazer que ele sentia em ocupar, diante de outras mulheres, a posição masculina de domínio e poder. Certamente, Sartre desejava suas amantes para reencontrar sua posição viril, colocada em suspensão enquanto ele amava Beauvoir. É de uma posição feminina que o homem ama, como um ser castrado, como ser em falta. Já Beauvoir, buscava seus amantes quando se sentia preterida por Sartre.

O casal correspondia-se por cartas sempre que estava longe um do outro, inclusive descrevendo com todos os detalhes seus envoltimentos contingentes. Quando Sartre foi enviado para a guerra, Beauvoir disse que se ele fosse morto, ela morreria

também. Sartre, de acordo com Rowley (2011), disse a ela que uma das virtudes da guerra era a possibilidade de perceber como os dois eram apenas UM. Disse ele que Beauvoir não era apenas algo em sua vida, uma vez que a vida dele não pertencia a ele próprio. Para Sartre, Beauvoir era ele. Ela era, segundo ele, não só uma coisa da vida dele, mas também a única honestidade de sua vida.

Sartre, em uma de suas anotações para um tratado filosófico, argumentava que as relações com o outro sempre envolvem conflito. Cada um quer que o outro o ame, mas não leva em conta o fato de que amar é querer ser amado e que, assim, querendo que o outro ame, a pessoa só quer que o outro queira ser amado por sua vez. Daí a perpétua insatisfação do amante. Lacan resumiu tudo isso em *O seminário, livro 8: a transferência*, ao dizer que “o amor [...] é dar o que não se tem” (Lacan, 1992, p.345), o que significa reconhecer sua falta e oferecê-la ao outro. Não se trata de dar o que se possui, mas de dar algo que vai além de si mesmo – sua própria falta.

Depois de muitos anos de relação, Beauvoir percebeu que o homem que ela mais amava já não a desejava. Havia anos que a vida sexual dos dois era uma coisa morna. Os dois sabiam que a culpa era de Sartre. Discutiam essa “indiferença sexual” dele e atribuíam esse fato à incapacidade total de Sartre de perder o constrangimento em relação ao próprio corpo. Ele não se soltava. Ele confessava que o sexo para ele envolvia um leve sadismo, uma vez que sua parceira lhe cedia o corpo e ele jamais cedia o dele. Beauvoir diz que ele não dava muita importância à vida sexual. Ele

era um homem carinhoso e vivo em todos os lugares, mas não na cama.

Sartre sustentava financeiramente quase todas as suas amantes. Seus amigos ficavam impressionados com sua generosidade. Ele dava seu dinheiro a quem precisava sem fazer conta, dava seu tempo e a si mesmo. Não desejava nada em troca, não precisava. Nunca adquiriu nenhum bem, não tinha casa, morava em hotéis ou estúdios alugados. Não nutria nenhum apego a bens materiais.

Em diferentes momentos de sua vida, Beauvoir teve acessos de choro repentinos, causados por crises assustadoras de ansiedade e desespero, que ela mesma atribuía ao medo da morte e do vazio. Dizia que se sentia assolada numa espécie de tornado que a deixava nua. Mas admitia abertamente ser perseguida pela ideia que considerava o pior dos pesadelos: a morte de Sartre.

Durante seus últimos anos, Sartre teve várias crises graves de saúde. Nelas, não reconhecia os amigos nem sabia onde estava. Tinha dores horríveis no corpo; quase cego, já não conseguia ler nem escrever. Deprimia-se, via sua vida de escritor arruinada. Beauvoir ficava ali presente, amparando-o com toda a intensidade de seu amor.

Dois dias antes de morrer, Sartre, no leito do hospital, declarou-se para Beauvoir dizendo que a amava muito, e ofereceu seus lábios para serem beijados. Beauvoir o beijou. Sartre não costumava dizer aquilo nem fazer aquele gesto. Ela sentiu que seria

o último encontro deles em vida, já que ele não costumava ter essas atitudes.

A morte de Sartre deixou Beauvoir em estado de choque. Quando foi vê-lo morto, ela quis se deitar junto ao seu corpo no leito do hospital, debaixo dos lençóis, e assim dormiu até amanhecer. Ficou seriamente doente e esgotada nas semanas que se seguiram. Foi uma despedida dolorosa. Ela disse que a morte dele os separava e a morte dela própria não os reuniria, e que via a beleza de suas vidas terem se harmonizado por tão longo tempo. O fantasma da separação, que rondou sua vida toda, concretizou-se no real da morte de Sartre.

Beauvoir morreu seis anos após a morte dele. Suas cinzas foram sepultadas ao lado das de Sartre. Sempre há flores em seus túmulos, visitados por milhares de pessoas anualmente. Seus livros, traduzidos para dezenas de línguas, enchem as prateleiras das livrarias até hoje. Turistas em Paris nunca deixam de visitar os lugares em que eles viveram. Em um hotel em que eles moraram por muito tempo, há uma inscrição em seus nomes. De acordo com Rowley (2011, p.347), por baixo da placa de Sartre, há uma citação de uma de suas cartas para Beauvoir: “Uma coisa não mudou e não pode mudar: não importa o que aconteça e o que eu venha a ser, virei a ser o que eu for com você”. Embaixo do nome de Beauvoir também há uma frase de suas memórias: “Eu estava querendo iludir quando dizíamos que éramos uma pessoa só. Entre dois indivíduos, a harmonia nunca é um dado: precisa ser conquistada constantemente”.

Assim como essa história de amor, cada um tem a sua própria para contar, sempre marcada por uma dose de insatisfação misturada com o temor do fim da relação.

Pois bem! As relações amorosas persistem, as relações sexuais insistem e o ato sexual existe! Quando Lacan (2003, p.546) disse a famosa frase – “não há relação sexual” –, ele quis dizer que não haveria uma proporção, uma simetria na relação entre os sexos. Dessa forma, podemos entender assim que não existe proporção sexual entre um ser e outro, entre um que esteja do lado feminino e outro do lado masculino, independentemente de ser macho ou fêmea. Não há complementaridade alguma entre dois seres, por maior que seja a intimidade existente na relação.

Cada sexo se define por um operador simbólico comum, o falo, determinante na posição sexuada do lado masculino ou feminino. Juntando os lados, não se faz UM. Há uma dissimetria entre as duas posições. Resumindo, no campo da sexualidade, haverá sempre dois parceiros inadequados. Mesmo nas relações ditas homossexuais a dissimetria persiste.

Aí é que o amor entra na história! O amor tentará fazer esse UM tão almejado! Se o amor vem em suplência à falta é porque, quando se ama, se crê na ilusão de se ter encontrado um objeto capaz de levar à completude. Sartre e Beauvoir souberam manter essa ilusão através das palavras que circulavam entre eles. A força da união deles vinha da intensidade da produção intelectual, somada ao companheirismo e ao grande prazer que tinham em se

envolverem em conversas infundáveis durante muito mais do que mil e uma noites.

Se o amor consegue sustentar a proeza ilusória do almejado e mítico UM, o seu fracasso está antecipado implicitamente no próprio enunciado de que o amor vem em suplência à inexistência da relação sexual. Ou seja, se a impossibilidade do laço sexual com o objeto é o que permite a sua existência, é nela mesma que o amor encontra o seu limite. Ele é suplementar porque não alcançará o todo. Na verdade, o amor é impotente, pois acaba revelando o que tem por função velar. Sartre e Beauvoir souberam driblar a impotência do amor como lhes foi possível, e ainda o eternizaram por meio do registro em suas obras e no imaginário de quem os lê!

Referências

LACAN, J. *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1992.

LACAN, J. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1996.

LACAN, J. *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1982.

LACAN, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

ROWLEY, H. *Tête-à-tête: Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

O avesso do amor ou o amor do avesso

Margarete A. Domingues

Diante do aforisma de Lacan – “Não há relação sexual”, pois a completude entre os seres humanos é impossível –, proponho neste trabalho indicar em *A paixão segundo G. H.*, obra de Clarice Lispector, fragmentos em que ela disseca (na minha leitura) essa inexistência, indo ao encontro do real (lacaniano) como o impossível de se dizer. Faço, também, algumas articulações com trechos da obra de Roland Barthes (*Fragmentos de um discurso amoroso*).

Lacan considera que o amor faz suplência para a inexistência da relação sexual. Será? Qual amor? Barthes (2003), na apresentação de seu livro, relata que partiu do seguinte pressuposto:

o discurso amoroso é hoje de uma extrema solidão. Tal discurso talvez seja falado por milhares de sujeitos (quem pode saber?), mas não é sustentado por ninguém: é completamente relegado pelas linguagens existentes, ou ignorado ou depreciado ou zombado por elas, cortado não apenas do poder, mas também de seus mecanismos (ciência, saberes, artes).

Essa afirmação sobre a relação amorosa me parece totalmente atual.

Freud (1980), em *O mal-estar na cultura*, destaca que nos constituímos num desamparo fundamental que Lacan vai articular em seu primeiro ensino como a falta constitutiva fundante do sujeito. Para nos constituirmos como sujeitos e nos inscrevermos numa significação da sexuação (do lado homem ou do lado mulher), é necessário perdermos algo do que seria um gozo pleno para ganharmos em gozo fálico. É a significação fálica que possibilita entrarmos na diferença sexual.

Clarice fala dessa falta com uma clareza extraordinária:

Perdi alguma coisa que me era essencial, e que já não é mais. Não me é necessária, assim como se eu tivesse perdido uma terceira perna que até então me impossibilitava de andar mas que fazia de mim um tripé estável. Essa terceira perna eu perdi. E voltei a ser uma pessoa que nunca fui... Estou desorganizada porque perdi o que não precisava?... É difícil perder-se. É tão difícil que provavelmente arrumarei depressa um modo de me achar, mesmo que achar-me seja de novo a mentira de que vivo..." (Lispector, 2009, p.9-10).

Diante da perda inevitável que possibilita a constituição do psiquismo e a fundação do inconsciente, cada sujeito tentará negar essa falta de acordo com sua estrutura psíquica. Uma das formações do inconsciente é a produção de sintomas. Ao fim de seu ensino, Lacan afirma que o final de análise é para que o sujeito saiba o que fazer com seu *sinthoma*, para inventar seu modo singular de se posicionar na vida. É uma fórmula que denominou

de *savoir-y-faire* (saber-fazer-ali). Não se trata do saber-fazer do artesão, do ofício, que se pode transmitir de mestre a aprendiz, mas remete a uma questão fundamental: como alcançar o real? O *sinthoma* no final da análise tem muito mais a ver com o fazer do que com o pensar, portanto o que ele tem de praticável é um modo de sair da debilidade do pensamento, uma maneira de fazer com o vazio.

Freud disse que os poetas, os artistas, os escritores anteciparam aquilo que ele descobrira. O artista, em geral, tem um saber-fazer com o que lhe falta, com o vazio. Pela obra, ele vai inventando formas de viver.

Mas como adulto terei a coragem infantil de me perder? Perder-se significa ir achando e nem saber o que fazer do que se for achando. As duas pernas que andam, sem mais a terceira que prende. E eu quero ser presa. Não sei o que fazer da aterradora liberdade que pode me destruir... Fico tão assustada quando percebo que durante horas perdi minha formação humana. Não sei se terei uma outra para substituir a perdida... E sem dar uma forma, nada me existe. E – e se a realidade é mesmo que nada existiu?! ...que sei do resto? [...] Quem sabe nada existiu! [...] Uma forma contorna o caos (Lispector, 2009, p.12).

Seria o amor uma forma que contorna o caos? Diante da invenção singular que cada um produz para si, penso que essa forma pode ser várias coisas. Considero que pode ser inclusive o amor como comumente o apreendemos, o amor-paixão, o amor romântico, o amor cortês.

Talvez, para Clarice, que vai destronando o amor (romântico), sua saída tenha sido a invenção pela escrita. “E a mim – quem me quereria hoje? Quem já ficara tão mudo quanto eu? Quem, como eu, estava chamando o medo de amor? E querer, de amor? E precisar, de amor?...” (Lispector, 2009, p.95).

Somos seres falantes possuidores de um corpo de gozo afetado pela linguagem. Saber-fazer com isso será arte? Clarice é precisa:

Enquanto escrever e falar vou ter que fingir que alguém está segurando a minha mão. Oh pelo menos no começo, só no começo. Logo que puder dispensá-la, irei sozinha. Por enquanto preciso segurar esta tua mão – mesmo que não consiga inventar teu rosto e teus olhos e tua boca. Mas embora decepada, esta mão não me assusta. A invenção vem de tal ideia de amor como se a mão estivesse realmente ligada a um corpo que se não vejo é por incapacidade de amar mais. Não estou à altura de imaginar uma pessoa inteira porque não sou uma pessoa inteira. E como imaginar um rosto se não sei de que expressão preciso? (Lispector, 2009, p.16-17).

Clarice diz no texto que perdeu durante horas e horas a sua montagem humana e que, se tivesse coragem, continuaria perdida. Também diz de seu medo do novo e do medo de viver o que não entende: “quero sempre ter a garantia de pelo menos estar pensando que entendo, mas não sei me entregar à desorientação” (Lispector, 2009, p.11).

Não é uma característica dos enamorados se desorientarem, se desorganizarem? Se perderem o objeto amado, então é o caos.

No luto real, é a prova de realidade que me mostra que o objeto amado cessou de existir. No luto amoroso o objeto não está nem morto nem afastado. Sou eu quem decide que sua imagem deve morrer (e esta morte, irei talvez ao ponto de escondê-la dele próprio). Durante todo o tempo que durar esse estranho luto, terei que sofrer duas desgraças contrárias: sofrer pelo fato de o outro estar presente (continuando sem querer, a me ferir) e me entristecer pelo fato de ele estar morto (tal pelo menos, como eu o amava). Assim angustio-me (velho hábito) com um telefonema que não vem, mas devo me dizer ao mesmo tempo que esse silêncio, de qualquer modo, é inconsequente, pois que decidi fazer o luto de tal preocupação: só à imagem amorosa cabia me telefonar; desaparecida essa imagem, o telefone, tocando ou não, retoma sua existência fútil... o luto amoroso sempre deixa um resto: uma frase retorna sem cessar: Que pena... (Barthes, 2003, p.186-187).

Lispector (2009, p.13-14) diz:

Todo momento de achar é um perder-se a si próprio ...então que pelo menos eu tenha a coragem de deixar que essa forma se forme sozinha como uma crosta que por si mesma endurece, a nebulosa de fogo que se esfria em terra... Mas receio começar a compor para poder ser entendida pelo alguém imaginário, receio começar a “fazer” um sentido, com a mesma mansa loucura que até ontem era o meu modo sadio de caber num sistema [...]

Para que eu continue humana meu sacrifício será o de esquecer? Agora saberei reconhecer na face comum de algumas pessoas que – que elas esqueceram. E nem sabem mais que esqueceram o que esqueceram... Eu vi. Sei que vi porque não dei ao que vi o meu sentido. Sei que vi – porque não entendo... Escuta, vou ter que falar porque não sei o que fazer de ter vivido. Pior ainda: não quero o que vi. O que vi me arreventa a vida diária... Estou tão assustada que só

poderei aceitar que me perdi se imaginar que alguém me está dando a mão.

Esses fragmentos me fizeram pensar em situações clínicas, em relatos do cotidiano e mesmo naqueles momentos em que me vejo confrontada com o que fazer com o real do corpo me assolando incessantemente. A suposição é de que, estando de mãos dadas com alguém, isso se tornaria menos angustiante. Uma parceria amorosa parece ser com frequência a solução. Enquanto escrevia, cometi o lapso de escrever mais angustiante. Talvez tenha a ver com meu questionamento. É essa parceria a saída para o sujeito?

Embora cada sujeito seja absolutamente singular, é muito frequente na clínica ouvir narrativas similares que fazem pensar que os sujeitos vão integrando grupos particulares. Mulheres e/ou homens jovens dizem que as pessoas só querem curtidão; mulheres jovens dizem que não querem compromisso e/ou homens dizem que não encontram mulheres para relacionamento sério; mulheres mais velhas falam que homens só querem mulheres mais jovens; gays, lésbicas, travestis, transexuais dizem que a idade dificulta encontrar parceiros e que o mundo gay é muito exigente etc. Poderia enumerar diversas outras narrativas relacionadas à diversidade discursiva da sexualidade contemporânea – cultura do *crossdresser*, do transexual, relações virtuais etc. O que fazer quando se acredita que o outro tem a solução para aquilo do real do corpo, do inapreensível, do impossível da relação sexual?

A experiência analítica leva ao encontro com o real, e é com esse choque que o sujeito pode inventar sua saída singular. É pelo

simbólico, pela linguagem que bordejamos o real, embora, quando fazemos isso, ele já tenha escapado. Durante o processo analítico, a relação analista-analisante é de ordem amorosa. Desde Freud, sabemos do amor transferencial. Para que uma análise ocorra, é necessário que o analisante suponha um saber no analista sobre si. Estamos, portanto, na via do amor, que só será liquidada com o fim da análise.

Partindo da premissa de Lacan de que o amor faz suplência à não relação sexual, pode-se pensar que as formas de amar podem ser muito diferentes para cada sujeito. De maneira geral, parece haver uma predominância no imaginário social de que o amor romântico é a saída para o desamparo. Clarice Lispector me impactou, pois o que li me fez pensar que essa louca mulher genial fez um encontro com o real pela escrita, reduzindo o amor romântico a um dejetivo, um resto.

Por enquanto estou inventando a tua presença, como um dia também não saberei me arriscar a morrer sozinha, morrer é do maior risco, não saberei passar para a morte e pôr o primeiro pé na primeira ausência de mim – também nessa hora última e tão primeira inventarei a tua presença desconhecida e contigo começarei a morrer até poder aprender sozinha a não existir, e então te libertarei. Por enquanto eu te prendo... A verdade não me faz sentido! É por isso que eu a temia e a temo. Desamparada, eu te entrego tudo – para que faças disso uma coisa alegre. Por te falar eu te assustarei e te perderei? Mas se eu não falar eu me perderei, e por me perder eu te perderia. (Lispector, 2009, p.17).

Ser é ser além do humano. Ser homem não dá certo, ser homem tem sido um constrangimento. O desconhecido nos aguarda, mas

sinto que esse desconhecido é uma totalização e será a verdadeira humanização pela qual ansiamos. Estou falando da morte? Não, da vida. (Lispector, 2009, p.172).

Mas eu sei – eu sei – que há uma experiência de glória na qual a vida tem o puríssimo gosto do nada, e que em glória eu a sinto vazia. Quando se realiza o viver, pergunta-se: mas era só isto? E a resposta é: não é só isto, é exatamente isto... Pouco a pouco tirar de si, com um esforço atento que não se sente a dor, tirar de si, como quem se livra da própria pele, as características [...]

Eu tenho à medida que desigmo – e este é o esplendor de se ter uma linguagem. Mas eu tenho muito mais à medida, que não consigo designar... A linguagem é o meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso da minha linguagem. Só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu [...]

A trajetória somos nós mesmos. Em matéria de viver nunca se pode chegar antes... A insistência é o nosso esforço [...] A desistência é uma revelação. (Lispector, 2009, p.172-177).

(Em todas as religiões Deus exige ser amado). Para termos, faltamos apenas precisar. Precisar é sempre o momento supremo... A revelação do amor é uma revelação de carência – bem-aventurados os pobres de espírito porque deles é o dilacerante reino da vida [...] Se abandono a esperança, estou celebrando a minha carência, e esta é a maior gravidade do viver. E porque assumi a minha falta, então a vida está à mão. Muitos foram os que abandonaram tudo o que tinham, e foram em busca da fome maior. (Lispector, 2009, p.153).

Para Lacan (1985), a escrita é justamente a dimensão da linguagem que permite o acesso a um outro registro para além da referência fálica. A escrita é uma invenção. Considero que Clarice e

Barthes deram um tratamento para suas dores da alma por meio da invenção pela escrita. Ou será do amor por ela? Ambos tiveram suas histórias amorosas muito particulares, mas escancararam a incompletude do amor. Clarice viveu uma história de devastação, mas a escrita a tirou desse lugar. Ela disse que quando não escrevia estava morta. Isso são modalidades do amor.

Acredito que seja meu amor pela psicanálise que me trouxe aqui para trazer à discussão tais apontamentos. Na minha experiência analítica, asseguro que ela serviu e serve para diminuir as dores da minha alma, para transformar o meu sofrimento neurótico em um sofrimento banal (não todo) e para reorientar ou desorientar minha vida, o que é também uma maneira de orientar. Mas isso não significa que todo mundo precisa fazer análise, pois sua relevância varia de acordo com o momento da vida e os objetivos de cada um. Avesso do amor ou amor do avesso?

Referências

BARTHES, R. *Fragmentos de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v.21.

LACAN, J. *O seminário, livro 20: mais ainda*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.

LISPECTOR, C. *A paixão segundo G. H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

Entrelaçamento entre psicanálise e educação

Helga de Souza Machado Quagliatto

Gislene Andrade Santos

Maria Luiza Soares Ferreira Borges

Maruzza T. Cerchi Borges Fonseca

“Teço a vida
Nas cores vibrantes da emoção
Nos encontros e desencontros
Retrato paisagens
Revelo enseadas, recantos
Abismos, passagens
Onde recrio a magia
Tempestades, calma
São tecidas em silêncios nervosos
Inteirando natureza e coração.”

Bentes, 2008.

A Psicanálise como uma ciência que investiga a psique humana e os fenômenos grupais tem contribuído e se articulado

com a Educação na medida em que entende que essa área do conhecimento também possui como fundamento os processos civilizatórios e culturais. Nesta perspectiva, o Centro de Estudos e Eventos Psicanalíticos de Uberlândia (Ceepu), que desde 1990 trabalha pela difusão e transmissão da psicanálise em Uberlândia e região, foi convidado³⁸ a criar e desenvolver um projeto para os servidores municipais da área de Educação (gestores)³⁹ em função da experiência de seus profissionais em trabalharem com as questões emocionais em atendimentos individuais e grupais, e, também, no contexto da clínica extensa, que “consiste em um movimento no qual se estende o método psicanalítico para o mundo, para qualquer produção humana, seja social, literária ou individual” (Camargo; Terpin, 2007).

A motivação do convite estava relacionada aos desafios vivenciados pelos gestores educacionais na cultura e na sociedade contemporânea, associados ao alto índice de afastamento laboral desses profissionais por dificuldades de ordem psíquica. A demanda consistiu na sensibilização e na compreensão das dimensões afetivas relacionadas à saúde mental desses profissionais e de seus pares. A ousadia da proposta se sustentava na concepção de que qualquer mudança de postura ou de modos

³⁸ Agradecemos à secretária de Administração Municipal da cidade de Uberlândia/MG (gestão 2013/2016), Lilian Machado de Sá, a confiança no projeto do Ceepu: “Aprendendo com a emoção”.

³⁹ Gestores é a denominação utilizada para todos os profissionais que atuam na Educação Infantil do município de Uberlândia: educadores, professores, pedagogos, diretores, vice-diretores etc.

de agir não dependeria apenas da transmissão de conteúdos e informações, portanto não se baseava no trabalho da racionalidade dos sujeitos.

Concordamos com Gatti (2000, p.192), que ressalta:

Os conhecimentos adquirem sentido ou não, são aceitos ou não, incorporados ou não, em função de complexos processos não apenas cognitivos, mas sócio-afetivos e culturais. Essa é uma das razões pelas quais tantos programas que visam a mudanças cognitivas, de práticas, de posturas, mostram-se ineficazes. Sua centralização apenas nos aspectos cognitivos individuais esbarra nas representações sociais e na cultura de grupos.

Deste modo, pensamos em um trabalho de formação continuada compreendendo esse termo no sentido de vários espaços de discussão, reflexão e troca de experiências e vivências para a aprendizagem emocional, dentro de um cronograma sequencial que permitisse o acompanhamento de pessoas e grupo(s) por um período de nove meses, o que equivaleria ao ano letivo.

Respaldados pelo método investigativo proposto pela psicanálise, em que a escuta, a observação e a postura continente nos instrumentalizassem a considerar e a refletir sobre os afetos envolvidos na construção da identidade do gestor, visando ao desenvolvimento de capacidades simbólicas e criativas dentro do carácter intersubjetivo do processo educacional, lançamo-nos na busca de uma prática de entrelaçamento entre Psicanálise e Educação. Entretanto, deparamo-nos com um grande número de

profissionais da rede municipal, o que exigiu tanto o acolhimento da demanda em atividades grupais como o associar da ideia de desenvolvimento de educadores como multiplicadores em seus respectivos estabelecimentos de ensino.

Criamos duas propostas de atividades, que foram coordenadas, cocordenadas, monitoradas e/ou supervisionadas por psicólogos clínicos e psicanalistas, formando uma equipe que envolvia 30 membros do Ceepu. Estas seriam realizadas concomitantemente e de forma indissociada, quais sejam: Grupos de Trabalho e CineAnálise.

Apoiados em Freud (2011), que destaca que a psicologia individual e a social não diferem em sua essência, e em Bion (1970, p.175), que afirma que “qualquer grupo de indivíduos que se reúne para trabalhar mostra a atividade do Grupo de Trabalho, isto é, um funcionamento mental projetado para promover a tarefa em execução”, constituímos-nos como grupo para desenvolvermos a proposta de trabalhar com os gestores educacionais.

Grupos de trabalho

“Tecendo um espaço para o aprender emocional” transformou-se na temática dessa modalidade do projeto e revelou-se como um fio condutor para alinhar o desafio da função de desenvolver uma ampla possibilidade de compartilhar conhecimentos e experiências entre psicólogos que lidam com as paixões e os conflitos humanos, e os pedagogos com ampla vivência das dinâmicas e das dificuldades advindas do contexto

educacional. Sendo assim, devido à grande demanda de profissionais, os Grupos de Trabalho foram organizados com pelo menos um gestor em cada grupo, sendo este representante das 62 escolas municipais de Educação Infantil, que atendem crianças de 0 a 5 anos. Tal direcionamento partiu da compreensão dos coordenadores do Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais (Cemepe)⁴⁰ de que o pedagogo seria a pessoa com maior articulação entre os demais gestores, pais, alunos e comunidade. Definimos que a proposta seria apresentada aos pedagogos, e estes teriam a liberdade de decidir se participariam ou não.

Os Grupos de Trabalho foram organizados para ocorrerem mensalmente⁴¹, durante nove meses, com quatro horas de duração cada. Foram instituídos quatro grupos, cada um com 20 vagas, sendo dois no período da manhã e outros dois no período da tarde, a fim de atender aos diferentes turnos escolares, totalizando uma possibilidade de acolhimento a 80 pedagogos. Cada grupo contaria com a presença de um psicólogo, membro do Ceepu, na função de

⁴⁰ Instituição responsável pela formação continuada dos gestores do município de Uberlândia/MG e que, no projeto “Aprendendo com a emoção”, foi designada como articuladora na interlocução com o Ceepu na organização do espaço para receber os Grupos de Trabalho, na divulgação e nas inscrições das atividades desse projeto.

⁴¹ Inicialmente, pensou-se em grupos semanais ou quinzenais. Devido a questões institucionais, os pedagogos foram liberados uma vez ao mês para participar do projeto.

coordenador⁴², e outro na de cocoordenador.⁴³ A ideia era formar uma parceria em que aquele que iria conduzir a dinâmica, o coordenador e o colega cocoordenador que iria observar pudessem transitar de acordo com a compreensão advinda dos estímulos apresentados e propostos pelo grupo. Após o término de cada uma das atividades, o material seria relatado e supervisionado por um psicanalista⁴⁴ previamente escolhido pela dupla, para a compreensão dos sentidos dos movimentos transferenciais e contratransferenciais do grupo, visando também a emergência de um tema para o encontro seguinte.

No período que antecedeu o início do projeto, a comissão idealizadora e organizadora⁴⁵ deste selecionou a equipe de psicólogos que iria desenvolver tais atividades, tendo como critério seus investimentos psicanalíticos: análise pessoal, supervisão, estudos, experiência clínica, titulação e interesse na interface com a educação. Uma vez formado, esse grupo passou a se reunir semanalmente durante seis meses, preparando-se para a realização dessa tarefa. Nesses seminários, os psicólogos selecionaram,

⁴² Coordenadoras – psicólogas membros do Ceepu: Beatriz Santa Cecília Moraes, Ms. (UFU) Elisa Aires Rodrigues de Freitas, Fanny Melo e Silvia Alves Pereira.

⁴³ Cocoordenadoras – psicólogas membros do Ceepu: Ana Paula Lima Pereira, Ms. (UFU) Anna Thereza Carneiro Pinto Abdala, Regiana Lamartine Rodrigues e Ms. (UFU) Tassiana Machado Quagliatto.

⁴⁴ Supervisoras – psicanalistas membros do Ceepu: Elaine Guimarães Oliveira (SBPSP), Helga de Souza Machado Quagliatto (SBPSP) e Maruzza Tereza Cerchi Borges Fonseca (Instituto SBPRP).

⁴⁵ Esta é constituída pelas autoras deste artigo, que ocupam cargos na diretoria do Ceepu na gestão 2013/2016.

estudaram e discutiram textos psicanalíticos relativos ao desenvolvimento da primeira infância e buscaram apreender possíveis situações de conflito e dificuldades do ambiente escolar. Elaboraram dinâmicas de grupo, pesquisaram vídeos, selecionaram curtas metragens, sonharam poesias e histórias com o intuito de se aproximar do universo educacional e infantil.

O material de pesquisa e os encontros nos seminários prévios subsidiaram o grupo de psicólogos na construção de afinidades e aproximações, tanto das duplas de coordenadores e cocoordenadores como de toda a equipe, para constituírem uma identidade de trabalho. Conquistaram uma consonância teórica sobre a constituição da subjetividade e sobre o desenvolvimento cognitivo, motor, social e emocional-afetivo em que se baseia o processo educativo na primeira infância. Buscaram também dialogar sobre as características essenciais do professor, conhecendo as funções que ele poderia adotar a fim de ampliar suas competências. Abriram um espaço para discutir o lugar do gestor escolar e suas implicações como mediador das inter-relações escolares. E ainda, refletiram sobre os objetivos das Escolas Municipais de Educação Infantil (Emeis), sobre sua ressonância no desenvolvimento da criança, sobre a importância do acolhimento das angústias familiares, bem como sobre a identificação de demandas para encaminhamento médico (em especial, psiquiatria e neurologia) e psicológico.

A ideia era a de que, na medida em que as duplas de psicólogos se constituíssem como um Grupo de Trabalho, essa

experiência também pudesse ser vivenciada com o grupo de pedagogos, no sentido de criarem um espaço de reflexão, de diálogo, de análise e de auto-observação, gestando uma produção coletiva. Esperava-se que eles se constituíssem também como referência em seu cotidiano escolar, nas percepções para os encaminhamentos de suas próprias dificuldades emocionais e das de seus pares, ao se aproximarem da construção da função terapêutica, tornando-se, assim, multiplicadores, no sentido proposto por Herrmann (2015):

Por um lado, a Clínica Extensa realiza-se pela ação do método interpretativo, nossa marca, que dá vez ao conteúdo latente (também poderíamos dizer inconsciente) suporte dos sentidos que se mostram diretamente por palavras ou ações; por outro, cumpre “função terapêutica” – cura no sentido apontado por Freud (1926) no seu texto “A questão da Análise leiga” – de possibilitar ao paciente o uso de recursos internos que estavam até então inacessíveis pela força da repressão.

Estes foram os desafios a serem apreendidos para tecermos um espaço emocional. Nas palavras de Anzieu (1975)⁴⁶ apud Franch e Blum (2014, p.104):

... o grupo, como um sonho, é um aparelho de transformação psíquica; entretanto, para que o sonho seja produzido, é necessário que se conceba o espaço psíquico como um espaço tridimensional contornado. Da mesma maneira, para que uma cena onírica ocorra

⁴⁶ Cf.: Anzieu (2014).

dentro de um grupo, será necessária a constituição de um espaço psíquico grupal comum e compartilhado.

Cineanálise

O Cine Análise consiste em uma atividade promovida pelo Ceepu há alguns anos, cujo principal objetivo é despertar no público da comunidade um “olhar” mais sensível para temáticas relativas ao ser humano e a suas questões existenciais. Assim, através do estímulo da exibição de um filme, são extraídos questionamentos e reflexões sobre este, utilizando-se, para tanto, o referencial psicanalítico. Essa atividade foi incluída no presente projeto e disponibilizou um espaço de trocas via exibições de filmes, seguidas de um diálogo aberto para reflexões psicanalíticas envolvendo questões relativas à contemporaneidade, questões essas que nos desafiam e demandam acompanhamento. Visou também ao desenvolvimento de percepções de aspectos emocionais dos gestores educacionais em seu ofício e a uma compreensão mais ampla das vivências cotidianas de sala de aula, com todos os seus desafios e suas dificuldades peculiares.

A Psicanálise, desde os seus primórdios, através de Sigmund Freud, estabelece interlocuções com outras ciências humanas, como a Antropologia, as Artes, a Filosofia, a Literatura e a Sociologia, dentre outras. Nossa disciplina, como método de investigação de processos da mente e postura de observação e de indagação constante no que diz respeito ao humano, acompanha o tempo histórico. Alçamos voos e expandimos a escuta psicanalítica

para além das fronteiras dos consultórios, com o intuito de acolhermos terrores, angústias, inquietações, e de pensarmos os movimentos e as transformações que, constantemente, configuram-se em nossa cultura e sociedade.

A pós-modernidade, por um lado, com seus desdobramentos, nos traz condições que auxiliam nossas vidas, promove melhorias para as grandes metrópoles, desenvolve sofisticados avanços tecnológicos que favorecem as ciências, a comunicação, a informação e o conhecimento; por outro, nos invade com o excesso de estímulos e exigências e colabora com a escassez de tempo e com a eliminação de prioridades salutares, como a benéfica e indispensável convivência, prejudicando os elementos construtores e edificantes da alma. Percebemos que temos perdido a subjetividade, os vínculos afetivos, os desejos, bem como o desenvolvimento do espaço psíquico de representação e de elaborações das vivências; necessidades essas inerentes a um tempo que não ocorre no tempo imediato de uma tecla ou *touch* de uma máquina, mas no tempo afetivo do contato humano.

O cinema é um dos instrumentos de cultura de grande relevância e, para nós, psicanalistas e psicólogos, é considerado um precioso meio de expressão do psiquismo. Abarca uma gama de valiosos simbolismos que comunicam aspectos, dimensões e movimentos mentais. Nele, encontramos a música, a fotografia, a arquitetura, a dança, a representação, a expressão corporal e facial, a cultura de diferentes nações e a possibilidade de retratar tempos diversos, entre outras criações humanas, contribuindo, assim, com

uma multiplicidade de representações psíquicas e mesmo para sonharmos dimensões primordiais, não mentalizadas, com maior alcance.

Devido à sua riqueza metafórica para expressar o mundo psíquico, nesse projeto utilizamos a sétima arte seguida de discussão psicanalítica, na tentativa de colaborar com os educadores na lida com o seu cotidiano da sala de aula e suas vicissitudes. É no próprio ambiente escolar que se deflagra a falta de interesse em conhecer, aprender e lecionar, o não assumir responsabilidades, o desrespeito com o próximo, a impulsividade, a violência, as drogas e até os crimes que acarretam sofrimento e infinitas dificuldades de convivência saudável e prazerosa. Como contribuímos para a formação de seres humanos com desenvolvimento suficiente para acessar mais vezes o pensar e a ética? Esta perpassa os caminhos de desenvolver o ofício a que se propôs. Entretanto, apenas uma mente amadurecida, com capacidade de discriminação, de diferenciação e de aceitação do outro, diferente de si, alcança e usufrui de tal condição.

A exibição e os comentários dos filmes ocorreram mensalmente, em nove edições, de março a dezembro de 2014, no anfiteatro da Prefeitura Municipal de Uberlândia. As discussões com os gestores educacionais, incluindo profissionais da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Médio, foram feitas por psicanalistas e psicoterapeutas que integravam o Centro Clínico de Psicoterapia Psicanalítico do Ceepu, assessorados por um monitor desse mesmo centro clínico. Os filmes selecionados eram películas

que apresentavam situações e vivências importantes do ser humano, com maior ênfase nas fases da infância e adolescência, que possibilitaram trabalhar questões de grande relevância para o desenvolvimento psíquico.

O primeiro filme discutido foi *Pequena Miss Sunshine*⁴⁷ (Dayton; Faris, 2006), que nos possibilitou o trabalho com os seguintes temas: configurações familiares; importância da verdade; realidade e fantasia; crescimento psíquico; limites; afetividade; situações traumáticas; dor psíquica. Com o segundo filme, *Valentin*⁴⁸ (Agresti, 2003), destacamos as temáticas: medos; desamparo, fantasias; morte; perdas; angústias de separação; verdades; mentiras; desenvolvimento emocional. Através do impactante terceiro filme exibido, *Precisamos falar sobre o Kevin*⁴⁹ (Ramsay, 2012), aprofundamo-nos acerca dos conteúdos: experiência emocional do bebê e o olhar da mãe; constituição do psiquismo; função materna e paterna; limites; atuações; comportamento antissocial, delinquência e psicopatia; situações catastróficas na vida pessoal e escolar; massacre em escolas; trauma psíquico; violência; esperança, resgate e possibilidades de desenvolvimento psíquico. O quarto filme, *Aos treze*⁵⁰ (Hardwicke,

⁴⁷ Discutido pela psicanalista (SBPSP) Elaine G. Oliveira. Monitora: psicóloga Fábria T. A. Xavier.

⁴⁸ Discutido pela psicóloga Fanny Melo. Monitora: psicóloga Beatriz Vieira.

⁴⁹ Discutido pela psicanalista (SBPRP) Gislene Andrade Santos. Monitora: psicóloga Beatriz Santa Cecília Moraes.

⁵⁰ Discutido pela psicóloga (mestre-UFU) Elisa A. Rodrigues de Freitas. Monitora: psicóloga Regiana L. Rodrigues.

2003), propiciou um diálogo acerca das seguintes experiências na adolescência: mudanças psíquicas; drogas; novas identificações; papel da família; maternidade; autoimagem e sexualidade. Como quinta exibição, contamos com *Click*⁵¹ (Coraci, 2006), o qual possibilitou reflexões sobre: o homem moderno e o trabalho; qualidade de vida, essência e superficialidade; tempo e escolhas; sabor da vida; dor psíquica; atemporalidade; valores (conflito entre ser e ter); vazio existencial e depressão; e construção mental. O sexto filme, *O contador de histórias*⁵² (Villaça, 2009), enriqueceu a série com comentários sobre: potencialidade do vínculo amoroso; capacidade de resiliência; situações limítrofes; modelos novos de identificação; importância do sonhar na vida psíquica; *actings* – como forma de comunicação; comunicação intrapsíquica e intersíquica; intuição. Na sétima exibição, contamos com o filme, *Ensinando a viver*⁵³ (Neyjes, 2007), e o trabalho com: configurações familiares; função adotiva; perdas, luto; transformações; fantasias; alucinações; bullying; exclusão. O oitavo filme, *Um conto chinês*⁵⁴ (Borensztein, 2011), de modo bem-humorado, permitiu pensarmos sobre: conflitos e patologias da

⁵¹ Discutido pela psicóloga Eliane Ota Vieira. Monitora: psicóloga Vanessa Fernandes Peixoto.

⁵² Discutido pela psicanalista (Instituto-SBPRP) Maruzza T. C. B. Fonseca. Monitora: psicóloga Carolina A. Cherulli.

⁵³ Discutido pela psicanalista (Instituto-SBPRP, mestre-UFU) Maria Luiza S. F. Borges. Monitora: psicóloga Ana Paula L. Pereira.

⁵⁴ Discutido pela psicóloga Mirelle Bonesso. Monitora: psicóloga (mestre-UFU) Anna Thereza C. P. Abdala.

vida adulta e suas raízes na infância; importância dos novos vínculos afetivos; solidão e suas repercussões na vida escolar, relacional, afetiva e profissional; dificuldades em lidar com as próprias emoções; morte dos pais na infância; luto; neurose obsessiva. Na nona edição, encerramos o projeto com *Sociedade dos Poetas Mortos*⁵⁵ (Weir, 1989), destacando: função do professor como modelo inspirador de mentes pensantes; desejo pelo saber e a paixão de formar; criatividade e ousadia; quebra de paradigmas e coerência; preconceitos e discriminações; valores humanos e transformação.

Houve, por parte dos participantes, manifestações de encantamento com a escuta dos novos vértices apresentados. Entusiasmados, demonstraram um interesse crescente no decorrer das edições, surgindo, deles mesmos, certas criações de personagens com capacidade de conter as emoções vividas no momento, configurações de seus próprios sonhos, numa espécie de início da construção do importante acervo onírico.

Contornos possíveis

“E a vida vai tecendo laços,
Quase impossíveis de romper:
Tudo que amamos são pedaços vivos de nosso próprio ser.”
Bandeira, 2014, p.50.

⁵⁵ Discutido por Fanny Melo, psicóloga. Monitora: psicóloga Camilla Marchi Faria.

A contemporaneidade é emblemática quanto aos seus grandes avanços tecnológicos e quanto ao desenvolvimento dos meios de comunicação, com marcas de velocidade intensa, com situações que ocorrem e são compartilhadas em um tempo quase único. Por outro lado, a precariedade cresce em larga escala, por exemplo, com a baixa capacidade de formação de vínculos, com a dificuldade de contato com a alteridade, e, principalmente, com a significativa deficiência em realizar uma escuta das emoções – fenômenos nitidamente observados e “derramados” no ambiente escolar. Perante essa realidade, a escola se vê diante de desafios constantes, seja no sentido de manejar o binômio ensino-aprendizagem, seja em relação às novas demandas afetivo-emocionais presentes nesse processo.

O método psicanalítico, no projeto “Aprendendo com a emoção”, instrumentalizou-nos a desenvolver função terapêutica na modalidade de Clínica Extensa (Herrmann, 1993), possibilitando novas aberturas e expansões em duas vertentes: primeiramente, na dos profissionais gestores da educação, conferindo a eles a aquisição de novos sentidos nos desafios diários do seu ofício ao se deparar com as diferentes demandas de crianças e adolescentes e com as situações escolares; e, em segundo lugar, na dos profissionais psicólogos, capacitando-os através da eficácia do método psicanalítico, a semear e, posteriormente, colher sentidos e conhecimentos diante dos novos vértices de observação da área da Educação, através do olhar investigativo lançado para além das fronteiras usuais dos seus consultórios.

Segundo Marra (2012, p.5):

Bion enfatizou a dimensão do Ser na sua relação com o conhecer, isto é, o conhecimento ganha outra dimensão se realmente transforma o Ser, ou se se transforma em Ser. O fato é que, no final das contas, Psicanálise é uma experiência apoiada em grande parte em conversa, de preferência relacionada com a vida real.

Com o desenvolver dos encontros, pudemos acompanhar um crescente interesse e envolvimento dos participantes em compartilhar suas vivências, em serem ouvidos e acolhidos em suas dores, dúvidas e paixões, muitas delas sentidas em “carne viva” diante da experiência de um verdadeiro caos relatado. Assim sendo, podemos afirmar que o trabalho realizado nesse projeto pôde manter acesa a chama da esperança no desenvolvimento do *ser* dos gestores educacionais e psicólogos, restituindo e construindo novos e criativos vínculos entre os seus pares, alunos, familiares, entre outros, e possibilitando a expansão de sentidos e horizontes, com paciência para o intervalo entre o semear e o surgimento do broto.

Nessa rica experiência, transitamos entre períodos de fé e muitas vezes de certa invisibilidade, talvez parte do processo de acompanhar o desenvolvimento do espaço psíquico.

Referências

ANZIEU, D. Etude psychanalytique des groupes réels. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v.48, n.2, p.101-111, 2014.

- AOS treze. Direção: Catherine Hardwicke. Produção: Jeff Levy-Hinte; Michel London. Estados Unidos: Fox Searchlight Pictures, 2003. 1 DVD (100 min), *widescreen*, color.
- BANDEIRA, M. A vida assim nos afeiçoa. In: BANDEIRA, M. *A cinza das horas*. São Paulo: Global Editora, 2014. p.49-50. Disponível em: <http://pt.scribd.com/ebooks>. Acesso em: 1 jul. 2016.
- BENTES, M. da C. *Tecelã!*, São Paulo, 13 dez. 2008. Disponível em: http://www.poesias.omelhordaweb.com.br/pagina_textos_autor.php?cdPoesia=7998&cdEscritor=930&cdTipoPoesia=&TipoPoesia=. Acesso em: 1 jul. 2016.
- BION, W. R. *Experiências com grupos*. Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- CAMARGO, A. C.; TERPIN, S. S. Clínica Extensa-Enfermeiras no ambulatório HC em busca de identidade. *Revista percurso*, São Paulo, ano 20, n.38, jun. 2007. Disponível em: http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apg=artigo_view&ida=225&ori=edicao&id_edicao=38. Acesso em: 10 jul. 2016.
- CLICK. Direção: Frank Coraci. Produção: Adam Sandler. Estados Unidos: Columbia Pictures, 2006. 1 DVD (107 min), *widescreen*, color.
- O CONTADOR de histórias. Direção: Luis Villaça. Produção: Francisco Ramalho Jr.; Marcelo Torres; Denise Fraga. Brasil: Warner Bros., 2009. 1 DVD (110 min), *widescreen*, color.
- ENSINANDO a viver. Direção: Menno Neyjes. Produção: Jonh Cusack; Bobby Coleman; Amanda Peet; Sophie Okonedo; Oliver Platt. Estados Unidos: New Line Cinema, 2007. 1 DVD (110 min), *widescreen*, color.
- FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. v.15. p.13-113.
- GATTI, B. A. formação continuada de professores: a questão psicossocial. *Cadernos de pesquisa*, São Paulo, n.119, p.191-204, mar. 2000. ISSN 0100-1574.

HERRMANN, F. *Clínica psicanalítica: a arte da interpretação*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

HERRMANN, L. Psicanálise em clínica extensa. *Blog de psicanálise*: Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, São Paulo, 20 abr. 2015. Disponível em: <https://psicanaliseblog.com.br/?s=leda+Herrmann+Cl%C3%ADnica+extensa>. Acesso em: 25 jun. 2016.

MARRA, E. de S. Afinal, o que é experiência emocional em Psicanálise?. In: REZZE, C. J., MARRA, E de S.; PETRICIANI, M. *Afinal, o que é experiência emocional em Psicanálise?*. São Paulo: Primavera Editorial, 2012. p.4-7.

PEQUENA Miss Sunshine. Direção: Jonathan Dayton; Valerie Faris. Produção: Albert Berger; David T. Friendly; Marc Turtletaub; Ron Yerxa. Estados Unidos: Fox Searchlight Pictures, 2006. 1 DVD (111 min), *widescreen*, color.

PRECISAMOS falar sobre o Kevin. Direção: Lynne Ramsay. Produção: Jennifer Fox; Luc Roeg; Robert Salerno. Reino Unido: BBC Filmes, 2012. 1 DVD (112 min), *widescreen*, color.

SOCIEDADE dos poetas mortos. Direção: Peter Weir. Produção: Paul Junger Witt; Tony Thomas. Estados Unidos: Sony Pictures, 1989. 1 DVD (129 min), *widescreen*, color.

UM CONTO chinês. Direção: Sebastian Borensztein. Produção: Axel Kuschevatzky; Pablo Bossi; Gerardo Herrero; Juan Pablo Buscarini; Benjamin Odell. Argentina: Telefe, 2011. 1 DVD (93 min), *widescreen*, color.

VALENTIN. Direção: Alejandro Agresti. Produção: Julio Fernandez; Carmem Maura; Jean Pierre Noher; Julieta Cardinali; Rodrigo Noya. Argentina: Miramax Films, 2003. 1 DVD (86 min), *widescreen*, color.

Experiência psicanalítica com grupos de gestores educacionais: “Tecendo um Espaço para o Aprender Emocional”

Fanny Melo

Sílvia Alves Pereira

Anna Thereza Carneiro Pinto Abdala

Tassiana Machado Quagliatto

Helga de Souza Machado Quagliatto

“Nossa chave (a Psicanálise) já foi usada para abrir muitas portas, mas há mil outras esperando por nós. A educação é uma das portas a serem abertas com humildade. Encontrar uma maneira é nosso desafio.”

Eizirik, 1998

A psicanálise tem se deparado com uma demanda, interna e externa, de intercâmbio referente à sua inserção nas instituições. É um retorno a um lugar onde os pioneiros circularam. Freud trabalhou em hospitais, como Salpêtrière, assim como Winnicott e Bion, nos hospitais psiquiátricos, atendendo no contexto da Segunda Guerra Mundial. Mas observamos que os psicanalistas

foram se afastando das instituições em prol dos seus consultórios particulares por descompassos na compreensão do método, limitações na técnica ou outras razões, sejam elas históricas e culturais, que não poderíamos, neste texto, dimensionar.

Entretanto, a psicanálise tem se proposto a retornar a esses espaços, indo ao encontro dos saberes que são produzidos nas instituições e construindo novos modos de intervenção, sustentados pelo método psicanalítico. Segundo Herrmann (1989), a origem e a finalidade da teoria e a forma da técnica dependem precisamente da noção de unidade que o método proporciona. O método antecede a teoria e a técnica. Portanto, para garantir essa coesão, o método tem que ser respeitado, ainda que a técnica e a teoria advindas dele apresentem variações.

Lançamo-nos neste caminho através de uma experiência psicanalítica institucional, fruto da parceria entre a Prefeitura Municipal de Uberlândia (PMU)⁵⁶ e o Centro de Estudos e Eventos Psicanalíticos de Uberlândia (Ceepu). Devido à grande demanda referente a dificuldades de ordem emocional no âmbito escolar, essa experiência entrelaçou Psicanálise e Educação através da realização de grupos com gestores que atuam na Educação Infantil, ou seja, com crianças de 0 a 5 anos de idade.

A experiência denominada “Tecendo um espaço para o aprender emocional” era uma modalidade do projeto “Aprendendo com a emoção”. Constituíram-se quatro grupos, os quais

⁵⁶ A parceria foi articulada pela secretária de Administração do Município de Uberlândia/MG, gestão 2013/2016, Lilian Machado de Sá, a quem agradecemos.

aconteceram mensalmente no período de março a dezembro de 2014. Com quatro horas de duração a cada encontro, os grupos foram coordenados e cocoordenados por psicólogos membros do Ceepu. Disponibilizaram-se, inicialmente, 80 vagas para os pedagogos⁵⁷ das 62 Escolas Municipais de Educação Infantil (Emeis), porém elas não foram totalmente preenchidas, gerando uma oferta para outros profissionais. No total, foram inscritos 69 gestores educacionais, sendo que 45 concluíram o processo.

O vértice de trabalho era o desenvolvimento de habilidades de escuta e observação para auxiliar na comunicação afetiva e efetiva entre gestores, alunos e famílias, instrumentalizando-os para terem maior segurança e crítica no exercício de suas competências, além de sensibilizar a equipe para as questões afetivo-emocionais que interferem no processo de ensino-aprendizagem, buscando orientá-la no manejo psicopedagógico e na realização de encaminhamentos.

A condução dos grupos, a escolha dos temas e de recursos como estímulo, bem como o uso de técnicas grupais, deram-se de maneira diferente em cada grupo. Entretanto todas as duplas de coordenadores e cocoordenadores, auxiliadas pelo trabalho de supervisão psicanalítica, pautaram-se pelo método psicanalítico (Herrmann, 1989), deixando surgir o material e tomando-o em

⁵⁷ Os pedagogos foram apontados pelos coordenadores do Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais (Cemepe) como as pessoas com maior articulação entre os gestores: educadores, professores, diretores, vice-diretores etc., bem como pais, alunos e comunidade escolar, sendo considerados os representantes de cada uma das Emeis mais indicados para participarem dessa modalidade do projeto.

consideração. Além disso, apostaram na compreensão de que o sujeito se estrutura a partir de diversos grupos de sua convivência, os quais são influenciados por outros grupos, e que esse processo possibilita que sejam agentes ativos de transformações.

Em uma tentativa de embasar a construção desses grupos, apoiamo-nos nas contribuições de Bion (1962). Ele nos alerta que qualquer grupo se movimenta em dois planos: grupo de trabalho e grupo de pressupostos básicos. O grupo de trabalho, no plano consciente, objetiva executar alguma tarefa específica, enquanto o grupo de pressupostos básicos opera em nível inconsciente, apresentando ações relativas ao movimento das pulsões e das fantasias.

O autor ainda explorou o modo como o sujeito se relaciona com o grupo, que em sua compreensão é a partir da relação continente-contido. Na dinâmica entre duas mentes, contido ou conteúdo é aquilo que é acolhido e vai para dentro do continente, que recebe o contido (Bion, 1963). No entanto, há diversos tipos de continentes e de contidos que também, como em uma relação interpessoal, podem vir a surgir no grupo. Ora uma mente é continente, ora é conteúdo; ou, mais especificamente, parte da mente ora é continente, parte é conteúdo. Esses movimentos influenciam na dinâmica grupal.

A experiência dos grupos

Pelo vértice estético dos modelos artísticos e literários e com o intuito de construirmos uma rede de trocas coletivas,

apresentaremos o desenvolvimento dos encontros de dois grupos – A e B – abordando os temas, os movimentos e a condução do trabalho. A tentativa era de criar um espaço de diálogo e confiança no qual os gestores educacionais pudessem expor suas vivências, práticas e angústias diárias.

Grupo A

Inicialmente, realizamos a apresentação da coordenadora, da cocordenadora, dos participantes do grupo e do Ceepu. O primeiro tema selecionado para a discussão foram as complicações advindas de uma má comunicação no ambiente institucional, aproveitando-nos de uma situação que ocorreu antes do início do grupo. Com esse movimento, apresentou-se também o estilo de trabalho proposto pelo projeto: um convite para aprender com as boas e más experiências. Como modelo de aproximação ao tema, assistimos e discutimos o filme *Tomboy* (Sciamma, 2011).

Para além da discussão inicial do grupo, o filme provocou também um debate sobre como a promoção do amadurecimento das crianças não fica apenas restrita ao ambiente familiar, mas também perpassa pelas escolas. Surgiu a necessidade do grupo de compreender tais questões do desenvolvimento para não se ter posturas repreensivas, patologizantes e/ou preconceituosas diante de movimentos naturais do crescimento infantil, ampliando o questionamento sobre as dificuldades advindas do relacionamento com as famílias. Tínhamos, então, o fato selecionado para o

próximo encontro: a relação entre escola e família e suas funções para as crianças.

No encontro seguinte, para introduzir o tema, foi exposto um material teórico acerca das funções materna, paterna e escolar, fomentando a discussão sobre os impasses de pais e professores nesse trânsito de funções. Como modelo artístico de aproximação, utilizamos dois relatos. O primeiro é uma carta do governo dos Estados Unidos aos índios, convidando-os para enviarem seus jovens para as escolas a fim de serem educados, convite que foi recusado pelos índios, que alegaram que as escolas tirariam uma capacidade fundamental dos jovens índios: a capacidade de sobrevivência (Brandão, 1985). A outra história é o relato de Gregório Filho (2010) sobre a sua experiência no primeiro ano escolar, em razão da qual sua criatividade foi tolhida por uma professora. Ao final, foi exibido o curta-metragem *Cuerdas* (Solís, 2013), propiciando a reflexão acerca da escolha profissional do educador e do resgate da importância da função criativa e amorosa não somente com as crianças, mas também com os pais.

Com base no material apresentado, as queixas e associações sobre a conflituosa relação escola/família foram se intensificando. Com os relatos, fomos nos aproximando cada vez mais das pessoas que ali estavam e constituindo um espaço de expressão verbal e não verbal, acolhendo as diversas emoções que esse ambiente e suas relações suscitavam. Percebemos que, se a condição de acolhimento não fosse desenvolvida nesses profissionais, tornar-

se-ia restrita à condição de as crianças serem acolhidas em sua totalidade no ambiente escolar.

Tal discussão também nos convidou a pensar quem poderia exercer essa função mediadora no cotidiano escolar. Destacamos o trabalho do psicólogo, que pode ajudar a criar espaços de reflexão, acolhendo as angústias das crianças, de seus familiares e de todo o corpo de gestores educacionais. Pensamos que a prática psicológica pode ser ampliada e “re-vista”, não se restringindo ao entendimento/atendimento de fracassos escolares, mas a toda a organização que envolve a escola. Compreendemos, portanto, ser preferencial que esse profissional não faça parte do sistema institucional no qual está atuando para poder estar livre nas suas compreensões e intervenções.

Retomando o grupo após esses primeiros encontros, observamos que ele ainda mantinha uma postura passiva e pouco espontânea diante da nossa proposta. Entendemos que esta era nova em suas formações profissionais, já que eles estavam mais acostumados a ouvir “especialistas” do que a construir um pensamento crítico e reflexivo tendo por base suas próprias experiências. Sentimos, assim, a necessidade de falarmos mais sobre a importância do brincar no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças como forma de preparar o campo para o estudo mais detalhado do desenvolvimento e da constituição psíquica, buscando também resgatar o infantil em cada um daqueles adultos.

Havia também muitas queixas de que as atividades não eram desenvolvidas adequadamente nas escolas por limitações institucionais e docentes. Como forma de provocá-los a sair desse lugar, utilizamos o documentário *Só dez por cento é mentira* (Cezar, 2008), a partir do qual pudemos explicitar esse movimento e percebemos que as pessoas do grupo se abriram para sair da condição de apenas se queixarem para a de questionadoras e protagonistas de suas práticas. As discussões passaram a ter outros elementos, como ligações espontâneas entre o que estavam vivendo em suas rotinas escolares, as suas inseguranças teóricas no manejo adequado com crianças pequenas e suas famílias, como também associações com suas vidas pessoais e familiares.

A partir desse ponto, retomamos a necessidade de trabalharmos mais sobre a constituição e o desenvolvimento infantil, pois os participantes se apresentavam inseguros na fundamentação de suas intervenções diante dos pais e diretores, por exemplo, quando eram questionados sobre o uso de brincadeiras como atividades de ensino. Confeccionamos uma apostila de todo o processo de desenvolvimento e tomamos o cuidado de colocar em evidência a importância do processo mais do que das aquisições. Nossa proposta era a de construirmos juntos conhecimentos sempre considerando a experiência vivida. Identificamos histórias em que relatavam dúvidas em relação ao manejo adequado com certas crianças que apresentavam dificuldades de aprendizagem, comportamental, física, sensorial, emocional e/ou social. Nesse momento, percebemos a importância

de discutirmos sobre esses impasses e levarmos, também, informações sobre a rede de saúde e assistência social da cidade para que realizassem encaminhamentos necessários e procurassem parceiros no município.

Para encerrar os encontros, preparamos um vídeo mostrando toda a trajetória de temas e discussões percorridas durante o ano, resgatando a história da experiência vivenciada com aquele grupo. E ao final, entregamos para os participantes um texto com trechos extraídos da avaliação que eles haviam feito sobre os encontros.

Este relato macroscópico mostra o processo de formação de um grupo de trabalho. Nos encontros, inicialmente, as dificuldades eram atribuídas à instituição, passando em seguida para a culpabilização das famílias e depois por um movimento de retraimento, com uma postura mais passiva, em que os participantes queriam apenas assimilar conhecimentos. Ao final, percebemos uma mudança para uma postura mais espontânea, ativa e lúdica, em que os participantes se apresentaram como protagonistas de suas questões, podendo se inserir no sistema de trocas institucionais, trabalhando na tarefa de se fundamentarem teoricamente para desempenharem suas competências e desenvolverem habilidades de escuta, diálogo e acolhimento para enfrentarem os problemas cotidianos.

Grupo B

O primeiro desafio a que nos propusemos, junto com os gestores educacionais, foi o de ampliar a concepção de mundo interno, o que só seria possível se eles tivessem um maior contato com suas próprias emoções. Para tanto, recorreremos à arte e à literatura com o intuito de transformar questões imperceptíveis, porém sentidas no contexto escolar, em algo que poderia ser pensado e nomeado através da vivência e experiência emocional em grupo, se este pudesse vir a ser um Grupo de Trabalho (Bion, 1970).

Assim, iniciamos as atividades. Os participantes se apresentaram utilizando um novelo que resultou na formação de uma “rede”/“teia”, que trouxe a ideia de que, apesar de sermos seres solitários, existe a condição da vivência em grupo. Eles puderam experimentar a sensação de acolhimento diante das questões de desamparo, dúvidas e angústias e que são comuns àquelas que vivenciam no ambiente escolar. Apresentamos também a estória *O catador de pensamentos* (Feth, 1996), na qual o personagem principal, através de sua dedicação, paciência e observação, pôde ampliar sua condição de pensar, possibilitando a “transformação de pensamentos”.

A partir das inquietações apresentadas nesse primeiro encontro, selecionamos como tema de trabalho o desenvolvimento no que se refere ao significado da vida intrauterina até o momento da experiência do nascimento, sua repercussão para o bebê e a mãe, como também a importância dos cuidados primários. Recorreremos

a diversos autores e destacamos o desenvolvimento libidinal proposto por Freud (1980) e a ideia de Winnicott (1993, p.5) de que “o desenvolvimento emocional do primeiro ano de vida lança as fundações da saúde mental do indivíduo humano”. Segundo esse autor, “a mãe suficientemente boa” – não necessariamente a mãe biológica – é aquela que efetua uma adaptação ativa às necessidades do bebê, que diminuem gradativamente, de acordo com a capacidade deste de aquilatar o fracasso da adaptação e de tolerar os resultados da frustração, sendo esta a herança do processo de maturação (Winnicott, 1993, p.5).

Ampliamos esse conceito para falar da “instituição suficientemente boa”. Ressaltamos a importância do acolhimento dos profissionais ao bebê que chega às Emeis, geralmente em torno do quarto mês de vida, e onde permanece até os 5 anos, sendo este o local em que a criança passa a maior parte do tempo do seu dia. Conversamos sobre o momento da chegada, sobre a angústia de separação e sobre a seriedade de se ter um profissional de referência para os cuidados com a criança, desenvolvendo a noção de confiabilidade.

Apresentamos para discussão *Son-rise: a miracle of love* (1979), *A origem dos bebês segundo Kiki Cavalcanti* (1995), *Procurando Nemo* (2003), *Tomboy* (2011), *Precisamos falar sobre o Kevin* (2012), e *Cuerdas* (2013), objetivando que o grupo percebesse as falhas e obstruções no desenvolvimento, assim como compreendesse que este não ocorre de maneira linear e

progressiva. As aquisições conquistadas podem se perder diante de uma posterior ruptura das condições mínimas ambientais.

Gradualmente, questões da rotina das crianças puderam ser apresentadas, como, por exemplo, os objetos de apego das crianças pequenas, que são retirados precocemente ao iniciarem a vida escolar; os bebês que são estimulados a usar o vaso sanitário no mesmo horário e todos ao mesmo tempo, ainda que não tenham equilíbrio para sentar; o banho, realizado de forma coletiva e fragmentada, no qual um cuidador tira a roupa enquanto outro dá o banho para um terceiro secar e vestir, ou seja, um modelo que nos remete ao “fordismo”⁵⁸.

Os participantes do grupo relataram também dúvidas diante das mordidas das crianças e do despreparo da equipe para o processo de inclusão escolar. Todas essas discussões possibilitaram o trabalho com modelos artísticos e referências psicanalíticas sobre objetos transicionais e fenômenos transicionais; sobre discriminação eu/não eu; sobre motilidade e agressividade (Winnicott, 1993); sobre hábitos de higiene (Isaacs, 1973); e também sobre questões relativas à sexualidade infantil e à construção da identidade. Utilizamos ainda os conceitos de espontaneidade e criatividade no brincar (Winnicott, 1975, 1993),

⁵⁸ *Fordismo*, termo criado em 1914 pelo empresário Henry Ford (1863-1947), e que se refere aos sistemas de produção em massa (linha de produção) e gestão idealizados em 1913 por ele. Trata-se de uma forma de racionalização da produção capitalista baseada em inovações técnicas e organizacionais que se articulam tendo em vista, de um lado, a produção em massa, e, do outro, o consumo em massa. (Fordismo, 2014).

envolvendo os processos de subjetivação e simbolização, que foram ilustrados pelo curta-metragem *The adventures of a cardboard box* (Doran, 2011).

No decorrer dos encontros, pudemos perceber o quanto os profissionais envolvidos foram remontando e expressando as próprias experiências, emoções, dúvidas e dificuldades enquanto filhos, pais, mães e gestores, concomitante à qualidade dos vínculos que foram estabelecidos, contribuindo para que esse Grupo de Trabalho (Bion, 1970) se aproximasse da função terapêutica proposta por Herrmann (1992) como a dimensão essencial do encontro humano, significativo à escuta e ao reconhecimento da verdade do outro, possibilitando que ocorra desenvolvimento emocional. Essas experiências também mobilizaram angústias na dupla que conduzia os encontros, sendo acompanhadas, acolhidas e transformadas por intermédio das supervisões, ou seja, pelos movimentos vivos das dinâmicas transferenciais e contratransferenciais.

Os participantes ainda afirmaram que a oportunidade de um maior entendimento acerca da saúde mental os auxiliou no manejo em sala de aula, aperfeiçoando a condição de observação e continência, exercitando a intuição e afinando a percepção para questões apresentadas pelas crianças que necessitam de uma atenção especial. E ressaltaram a melhor condição de identificarem a necessidade de realizar encaminhamentos a outros profissionais, buscando contatos na rede municipal.

Ogden (2007) descreve esse processo como *turning experience inside out* – a experiência do avesso. Trata-se de transformar uma experiência ou a qualidade do mundo interno do sujeito – a qual, em um primeiro momento, era não nomeável e muito assustadora – em algo simbolizável. Nas palavras de uma educadora desse grupo: “...Sempre está na hora de arrumar, de recomeçar, de desconstruir, reinventar... É importante dizer que não faltou reflexão sobre o nosso papel, somos multiplicadores, uma sementinha foi plantada dentro de nós” (As autoras).

Tecendo o aprender emocional

O grupo é um espaço muito potente de criação, seja nas identificações que possibilita, no encontro com a alteridade, ou, também, pela possibilidade de ser sentido como um lugar seguro e confiável para a troca de experiências. Entretanto, impõe um limite a determinadas exposições pessoais que não fazem parte daquele contexto. Mas, para algumas pessoas, essa diferenciação dos espaços individuais e grupais resulta como terapêutica. Temos, como exemplo, as articulações que foram surgindo a partir do próprio grupo ao se reconhecer como potência para reivindicar mudanças sociais, formando uma rede de apoio mútuo.

Outra hipótese sobre o que pode tornar o trabalho com grupos insatisfatório é a limitação dos coordenadores em se darem conta dos processos que ali ocorrem. Essa limitação não é intrínseca ao grupo, visto que em análises individuais também temos dificuldades de acesso e barreiras pessoais. Por isso,

reforçamos a relevância dos espaços de análise pessoal e supervisão.

Apesar das dificuldades, notamos um processo de amadurecimento em que novos sentidos foram construídos a partir das vivências em cada encontro, transformando a experiência em Grupos de Trabalho. As inúmeras queixas e atitudes passivas dos participantes foram se expandindo na direção do trabalho centrado na tarefa de se constituírem como profissionais mais coesos e críticos. O trabalho de desvelamento de sentidos criou condições para o desenvolvimento de um pensar autêntico, considerando a experiência emocional.

Ao serem apresentados à rede de atenção à saúde e assistência social da cidade, pôde-se perceber um processo de aproximação com as ideias de prevenção em saúde mental e o quanto é imprescindível o trabalho em parceria, com uma equipe multiprofissional. Desta maneira, além dos gestores se instrumentalizarem para uma melhor condição emocional no seu exercício profissional, eles compreenderam o significado de serem multiplicadores enquanto agentes de saúde mental no cotidiano escolar, e as significativas repercussões dessa função no processo ensino/aprendizagem.

As ampliações teóricas e técnicas, devido à imprevisibilidade do que surgia, podiam ser várias e distintas, já que cada encontro era único e a nossa tarefa era entrar em contato com o que se apresentava no momento. De posse dessas ideias, concluímos que na experiência psicanalítica pode-se estar diante de um ou mais

indivíduos, desde que se tenha disposição para o encontro com várias produções psíquicas, como na metáfora em que as mesmas notas musicais compõem melodias diferentes, desde as mais simples até as mais sofisticadas e complexas, assim como as mesmas e poucas letras de um alfabeto, com as quais, conforme o arranjo, compõem-se infinitas palavras. Utilizar o método psicanalítico é poder entrar em contato não só com a história contada, mas com os não ditos, os tons e os afetos despertados no encontro humano.

Referências

- A ORIGEM dos bebês segundo Kiki Cavalcanti. Direção: Anna Muylaert. Produção: Pico Garcez. Brasil: Synapse Produções Ltda., 1995. (16 min), color. 35 mm.
- BION, W. R. *Elementos de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1963.
- BION, W. R. *Experiências em grupos*. Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- BION, W. R. *O aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago, 1962.
- BRANDÃO, C. R. A carta das seis nações. In: BRANDÃO, C. R. *O que é educação?* São Paulo: Brasiliense, 1985. p.8-9
- CUERDAS. Direção: Pedro Solís. Produção: Nicolás Matji. 2013. Espanha: La Fiesta P. C. Online (10 min), color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OrGEjSn1v8Y>. Acesso em: 15 maio 2014.
- EIZIRIK, C. L. *Sobre as mudanças sociais, culturais e familiares*: observações psicanalíticas. 1998. Trabalho apresentado ao 1º Encontro do Núcleo de Psicanálise de Campinas e Região, Campinas, SP, 1998.
- FETH, M. *O catador de pensamentos*. São Paulo: Brinque Book, 1996.

FORDISMO. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2014]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fordismo>. Acesso em: 12 maio 2014.

GREGÓRIO FILHO, F. *Lembranças amorosas*. São Paulo: Global, 2010.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. *Edição Standard brasileira das obras completas psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v.7.

HERRMANN, F. Interpretação: a invariância do método nas várias teorias e práticas clínicas. In: FIGUEIRA, S. A. (org.). *Interpretação: sobre o método da psicanálise*. São Paulo: Imago, 1989. p.13-33.

HERRMANN, F. *O divã a passeio: à procura da psicanálise onde não parece estar*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

ISAACS, S. O hábito – com referência particular à educação para a limpeza. In: KLEIN, M. et al. *A educação de crianças: à luz da investigação psicanalítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1973. p.102-135.

OGDEN, T. H. On Talking-as-dreaming. *The international journal of psychoanalysis*, Washington, DC., v.88, n.3, p.575-589, Dec. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1516/PU23-5627-04Ko-7502>. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doi/10.1516/PU23-5627-04Ko-7502>. Acesso em: 10 mar. 2014.

PRECISAMOS falar sobre o Kevin. Direção: Lynne Ramsay. Produção: Jennifer Fox; Luc Roeg; Robert Salerno. Reino Unido: BBC Filmes, 2012. 1 DVD (112 min), *widescreen*, color.

PROCURANDO Nemo. Direção: Andrew Stanton; Lee Unkrich. Produção: Graham Walters. Estados Unidos: Pixar; Walt Disney Pictures, 2003. 1 DVD (101 min), *widescreen*, color.

SÓ dez por cento é mentira. Direção: Pedro Cezar. Produção: Pedro Cezar; Kátia Adler; Marcelo Paes. Brasil: Downtown Filmes, 2008. Online (76 min), color.

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=XCMczEBuII4>. Acesso em: 20 maio 2014.

SON-RISE: a miracle of love. Direção: Glenn Jordan. Produção: Richard M. Rosenbloom. Estados Unidos: NBC, 1979. 1 DVD (137 min), color.

THE ADVENTURES of a cardboard box. Direção: Temujin Doran. Reino Unido: Studiocanoe, 2011. Online (8 min), color. Disponível em: <https://vimeo.com/25239728>. Acesso em: 4 mar. 2014. 2011.

TOMBOY. Direção: Céline Sciamma. Produção: Bénédicte Couvreur. França: Hold Up Films; Arte France Cinéma, 2011. 1 DVD (82 min), *widescreen*, color.

WINNICOTT, D. W. *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.



SEÇÃO D

**Diálogos por escrito: a tessitura de
uma trama intertextual e
interinstitucional**

Apresentação: Seção D

Leda Herrmann

Maria Lucia Castilho Romera

Esta seção, que encerra o último livro da nossa trilogia, intenta registrar as ressonâncias de uma interlocução proposta entre alunos, professores, psicanalistas e pesquisadores das Ciências Humanas, com especial foco na Psicanálise. Envolve instituições, particularmente a Universidade Federal de Uberlândia (UFU), e a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), que, dentro de suas especificidades, transmitem esse saber e zelam por sua manutenção como importante ferramenta psicoterápica e, também, como fundamental método de investigação, circunscrevendo-o como *ciência geral dos sentidos humanos*⁵⁹.

Os trabalhos que aqui comparecem representam alguns projetos de pesquisa e/ou embriões de textos para publicação. Foram apresentados em uma reunião intitulada “Roda em

⁵⁹ Na perspectiva da Teoria dos Campos e de Fabio Herrmann (1999).

Movimento Investigativo da Psicanálise na Universidade”.⁶⁰ A dinâmica proposta para tal reunião era a da comunicação, pelos alunos mestrandos e seus orientadores, da repercussão dos comentários que lhes haviam sido enviados. Estes, feitos por escrito, por colegas psicanalistas da SBPSP direta ou indiretamente ligados à Diretoria Científica (2010/2012) dessa instituição. Os comentários se efetivaram após a leitura de cada texto-projeto referente a alguma pesquisa-investigação, conduzida principalmente, mas não exclusivamente, no Programa de Pós-Graduação da UFU. Também aqui, nesta seção, esses comentários aparecerão após os respectivos textos-projetos, salvo um deles, onde o comentário foi incorporado ao texto em sua versão final.

O que se projetava como desfecho para as produções em questão era o encaminhamento para publicação em alguma revista científica do campo psicanalítico. Talvez, a motivação maior fosse juntar a originalidade das perguntas iniciais proferidas pela geração mais jovem – aqueles que, por ainda não acharem que sabem, podem perguntar sobre quase tudo – com as respostas daqueles que, já tendo trilhado boa parte do caminho, desconfiam se estas se deslocaram demais da origem das perguntas.

A forma como os textos estão apresentados nesta seção é testemunho de uma troca proveitosa para ambos os lados, pois os frutos reapresentados e aqui publicados são resultado do trabalho que os autores empreenderam a partir dos seus textos iniciais,

⁶⁰ Atividade extensiva ao Pré-Congresso Latino-Americano de Psicanálise – GPU/UFU – Uberlândia – MG, 24 e 25 de agosto de 2012.

“sacudidos” pelos comentários dos psicanalistas. Estes últimos veem agora o alcance do diálogo de 2012.

Cada autor-pesquisador recebeu e elaborou de um modo particular os comentários dos colegas. Desde agradecimentos até justificativas defensivas, passando por associações e expansões do diálogo projetado. Tais aportes estão colocados na forma de pós-escritos efetivados por alguns autores. Dos sete textos apresentados, três foram publicados em revistas, sendo uma delas da SBPSP; um se desdobrou em um projeto de doutoramento; e os outros três não foram encaminhados para eventual publicação. No entanto, um dentre esses três últimos dá provas inequívocas de que houve uma expansão da conversa, com a realização de um belo trabalho de ressonância entre os pares em diálogo.

Os autores procuraram trazer para o texto final deste livro uma originalidade ao circunscreverem as ressonâncias e/ou repercussões⁶¹ que todo esse movimento investigativo proporcionou ou desencadeou⁶².

Cada pesquisador traz em sua bagagem formas específicas de criar e de vestir as roupagens técnico-teóricas de seu ofício clínico. Traz inquietações, traços de heranças, marcas de sofrimentos e angústias. Também anseios por sair do anonimato

⁶¹ Esses termos são aqui empregados tendo por base a diferenciação que faz Bachelard (2008) entre ressonâncias, enquanto duplicidade fenomenológica que se dispersa nos diferentes planos da nossa vida no mundo e repercussão enquanto duplicidade operadora de uma revirada do ser.

⁶² Os textos finais ficaram isentos, por assim dizer, de seguirem as normas da ABNT de forma estrita, em função da finalidade da atividade proposta.

ou tirar dessa condição alguma de suas práticas clínico-sociais. Relata árduas manobras para que se possa extrair da lama/(não)linguagem mais do que ouro ou prata, o minério humano ou o resto de humanidade que ainda brota como seiva viva.

Referências

BACHELARD, G. *Poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HERRMANN, F. *A psique e o eu*. São Paulo: HePsyché, 1999.

Costuras possíveis: diálogos institucionais de um exercício de interpretação psicanalítica nos palcos⁶³

Rafael de Melo Costa

Maria Lucia Castilho Romera

Luiz Carlos Avelino Silva

Plano 0: introdução

Nelson Rodrigues: um irascível interpretante do homem e de seu cotidiano. Alguém que “se afasta da superficialidade para entrar de cheio no que concerne à alma” (Gonçalves, 2011, p.94). Para Jabor (2011), um deflagrador de “verdades imortais que estavam ali, no meio da rua, na nossa cara, e que ninguém via”.

Estas são duas das definições que utilizamos como ponto de partida na escrita e no processo investigativo que culminou no artigo intitulado “Costura delirante de um vestido de noiva: um

⁶³ Nossos sinceros agradecimentos a todos os professores, colegas e instituições que foram parceiros nas várias etapas desse processo, em especial à Profa. Dra. Leda Herrmann, pela substancial contribuição e abertura para diálogo.

exercício de interpretação psicanalítica nos palcos” (Costa; Romera; Silva, 2014). Com o convite para compormos o terceiro livro da trilogia *Psicanálise em perspectiva: espaços possíveis para a construção de diálogos interinstitucionais*, a retomada dessas conceituações nos serve de mote para apresentarmos as tramas que sustentam e que possibilitaram a produção deste artigo acadêmico, os diálogos sempre presentes, mas que na formatação final acabaram ocupando as notas de rodapé. Numa selvagem analogia com o fazer rodrigueano, ambicionamos aqui revelar o óbvio edificante sobre o qual se deu esta produção, o diálogo entre as instituições.

Em cada etapa, diálogos e atritos, e, com isso, transformações estéticas e de conteúdos foram modificando o texto. De “Planos reais? Costura delirante de um vestido sem noiva” (Costa; Romera; Silva, 2012), passamos a “Costura delirante de um vestido de noiva: um exercício de interpretação psicanalítica nos palcos”, e agora para “Costuras possíveis: diálogos institucionais de um exercício de interpretação psicanalítica nos palcos”. Portanto, o que se segue não é uma replicação do artigo já publicado na revista *Ide*, mas sim sua utilização como recurso de explanação do seu caminho de construção e das instituições que o influenciaram.

Mantendo a estruturação original, seguiremos arquitetados em planos: Realidade – Memória – Alucinação, bem como a peça *Vestido de noiva*, campo maior desta investigação, incorporando agora a cada plano fases e instituições com as quais dialogamos.

Plano 1: realidade

O ponto de partida para a construção deste artigo foram reflexões efetivadas em uma disciplina do mestrado do curso de Artes.⁶⁴ Nela, o critério de avaliação era a construção de um artigo de modo que houvesse uma articulação do tema das aulas, Tempo e Memória, com a pesquisa de mestrado de cada aluno. Sendo o universo rodrigueano⁶⁵ meu campo de investigação, o material que emergiu como possibilidade de atuação e atravessamento foi a peça *Vestido de noiva*.

Encenada em 28 de dezembro de 1943 pelo grupo *Os comediantes* (Rio de Janeiro), a peça é considerada pela crítica teatral brasileira como um divisor de águas, que insere o teatro brasileiro na contemporaneidade. Entretanto, Cafezeiro e Gadelha (1996) elucidam que essa produção se constituiu em um campo já trabalhado pelas ideias e propostas de Mário e Oswald de Andrade, pelo Teatro de Brinquedo, pelo Teatro do Estudante e por alguns

⁶⁴ Tópicos Especiais em Crítica e Cultura: Dramaturgia(s), Mediações e Recepções do Programa de Pós-Graduação em Artes – Mestrado, da Universidade Federal de Uberlândia, cursada em 2011 e ministrada pelos professores Dr. Luiz Humberto Martins Arantes e Dra. Maria do P. Socorro Calixto Marques

⁶⁵ Universo Rodrigueano: termo que designa o campo transferencial estabelecido entre o pesquisador e as obras de Nelson Rodrigues. Não obedecendo assim um recorte *a priori* de qual será o material analisado. Este termo surge durante o próprio fazer analítico que culminou na dissertação *Se parece com Nelson é vida, ou A Psicanálise como ela é: Narrativas de uma investigação psicanalítica* orientado pela Professora Dr^a Maria Lucia Castilho Romera e defendido em 2013 no PGPSI-UFU.

autores do *Trianon*, o que em nada diminui o prestígio ou a genialidade da obra, mas acrescenta a esta uma perspectiva de culminância e não só de ruptura.

Vestido de noiva é a segunda peça de Nelson e foi escrita tendo como estrutura um antigo fascínio seu: contar uma história sem obedecer à ordem cronológica dos fatos. Dessa forma, Nelson escreveu a história de Alaíde, uma jovem que é atropelada e levada em estado de choque para o hospital. Tudo indica que ela está fora de si, em estado inconsciente, mas sua mente funciona a todo vapor, como é percebido pelo espectador. O passado aflora e, entre desejos oprimidos, fatos, reminiscências de leituras e delírios, a peça se desenvolve no entrelaçamento de seus três planos: realidade, memória e alucinação (Cavalcanti, 1955 apud Cadengue, 2000).

Em síntese, trata-se da história de Alaíde, que obteve o amor de Pedro, namorado de sua irmã, Lúcia, e se sente insegura desconfiando de que os dois possam reatar o romance. É depois de uma briga com a sua irmã que Alaíde corre desesperada, é atropelada e levada em coma para o hospital. Na peça, a ação passa-se em sua memória enquanto Alaíde, a protagonista, está sendo operada no plano da realidade. É nesse caos que se constroem os personagens que, por mais que partam da óptica da protagonista, não se configuram como abstrações e sim como caricaturas humanas. Por exemplo, Pedro deixa de ser apenas um para representar diversos Pedros durante a peça, e a identificação de Alaíde com Madame Clessi toma proporções não de apoio ao

adultério ou a intenção de levar uma vida cortesã. A atuação de Clessi, vista pela perspectiva interpretante deste trabalho, é percebida desde o início da peça em sua postura de auxiliar Alaíde a definir-se, ora lembrando o que ouve, ora se questionando no plano da alucinação.

Plano 2: memória

Se o ponto de partida para esta escrita foi junto as Artes, seu estofo de criação e decantação de ideias foram as aproximações ao que Romera (2002) delineou como *postura interrogante-interpretante*. Nela, a envergadura metodológica psicanalítica supõe uma *suspensão-suspeição* da realidade rotineira como abertura de sentidos possíveis. Refletindo sobre essa forma de investigação psicanalítica⁶⁶, aproximamo-nos das conceituações que pensam as memórias como um sentido dentre muitos outros, fruto não só da realidade em si, mas da própria percepção de quem viveu (Maluf, 1995).

Nesse caminho, “começamos a perceber que não existe uma memória em estado puro, ou seja, ela subsiste alterada pelo pensamento liberto da censura social” (Fraga, 1998, p.66). Destaca-se, assim, a realidade como ficção; o fascínio da proposta rodrigueana de não se saber ao certo até que ponto a memória está distorcida pela imaginação da protagonista Alaíde; bem como a

⁶⁶ Realizada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, PGPSI-UFU

ambiguidade que torna Madame Clessi a mais real das personagens.

Se o arcabouço teórico, bem como a obra analisada, traz a marca estruturante de uma realidade criada pelos olhos de quem lembra o futuro, acrescentamos, nessa mistura, duas análises consagradas da peça de Nelson Rodrigues. Estas coadunaram com tal perspectiva, na medida em que criaram para si, também, olhares e roteiros específicos em relação ao que a peça trata.

A primeira, feita por Eudinyr Fraga, é uma apreensão da obra teatral de Nelson Rodrigues com a lente do expressionismo. Fraga, desde o início, esclarece que sua intenção não é a de afirmar que Nelson foi um expressionista, mas sim de demonstrar que a sua visão de mundo muito se assemelha a essa concepção existencial e artística (Fraga, 1998, p.19).

A segunda, realizada por Carmine Martuscello (1993), é uma leitura psicanalítica sobre as peças do autor com o intuito de buscar nestas os aspectos da personalidade daquele que as escreveu. Sua fundamentação está na afirmativa de que “a elaboração criadora propiciada pela arte é uma alternativa ao sintoma, e transforma o que seria um impasse patológico numa saída proveitosa e saudável” (Martuscello, 1993, p.14).

Em meio à nossa busca criacional via método psicanalítico, faz-se mister afirmar que Martuscello realizou o que comumente chamamos de Psicanálise Aplicada. Ao percorrer as peças rodrigueanas realizando uma leitura com base na teoria freudiana,

o autor constrói uma análise na qual as peças, de algum modo, ilustram uma teoria freudiana, sem que essa última se afete.⁶⁷

Plano 3: alucinação

Alucino! Alucinamos *na* e *sobre* a vida, no real e no imoral. Alucinar em um tempo de ponteiros descompassados, mas que ainda nessa condição registram e fundam sua própria lógica. A alucinação que é de um homem, e também constituinte do próprio homem, que, alucinando, cria Alaíde. Em personagem esta nos chega embalada, embrulhada como arte e afirmada como obra, tão obra que a lógica alucinante já nos leva a afirmar que se apresenta “como um conjunto articulado que possui sua própria afetividade, seu próprio sentido do que é próximo ou distante, verdadeiro ou falso” (Frayse-Pereira, 2004, p.35).

E nesse embaralhar de planos, emerge a primeira roupagem deste artigo/vestido: *Planos reais? Costura delirante de um vestido sem noiva*, que trazia no seu bojo nosso próprio enredo sobre a peça, o qual parte da consideração de que *Vestido de noiva* é uma peça que, ao se utilizar da metáfora do entre a vida e a morte encena a busca livre, *pér via* de associação, de sentidos possíveis quando não se tem definido o sentido rotineiro da própria história. Em outras palavras, encena a associação livre *na* e *pela qual*

⁶⁷ Minerbo e outros (2006) fazem uma sucinta distinção entre o exercício de psicanálise aplicada e uma interpretação psicanalítica, visto que essa última visa a criar-achar a teoria própria do material analisado, seja ele filme, peça, paciente etc.

estamos designados a nos constituir. Na peça, vemos afetos que vagam em busca de suas ideias reprimidas. A mistura temporal expressa por meio do embaralhar entre os planos da alucinação, memória e realidade coloca em evidência a intemporalidade do inconsciente que, no seu característico tempo, nos estrutura na condição de estranhos na própria morada. Mais do que seus conteúdos manifestos e latentes, a peça é por nós apreendida como uma preciosidade enquanto estruturação da forma de funcionamento mental do homem na sua busca diária de constituição de si.

Assim como Alaíde, esta investigação usa do seu plano da alucinação para fantasiar rumo à criação e à percepção de outros sentidos, partindo da concepção de que “o importante é que os três planos constroem uma realidade – a da cena” (Lopes, 1983 apud Cadengue, 2000, p.30). E, se possível for, propomos pensar a cena como realidade de um plano da vida humana criado com lógica, razão, pesadelo ou sonho e delírio, visto que esses últimos, “mesmo sem traduzir em fatos ligados ao passado, pertencem ao homem (é força de expressão), e o que nos pertence é real, embora viva no rol das coisas esquecidas” (Gomes, 1955 apud Cadengue, 2000, p.32).

Uma questão levantada por Sábato Magaldi servirá para concluir nossa análise da peça. Esse autor destaca que, mesmo após a morte de Alaíde no plano da realidade, seu delírio continua. “Assim como são tênues as fronteiras entre os planos da memória e da alucinação, nada impede que Alaíde, no hausto final, antecipasse o que ocorreria na realidade” (Magaldi, 1981, p.18).

Com uma proposta alucinatória, destacamos que essa problematização coloca em xeque toda a análise até aqui desenvolvida, na qual afirmamos que a peça, com sua desordem temporal e confluência dos planos, ilustra a busca de Alaíde pela construção de si. No entanto, a questão levantada por Magaldi evidenciou-nos que quem na verdade assume o papel de criador do enredo é o próprio espectador, estando ele na ilusória condição de autor de Alaíde, aquele que, em meio à reminiscência, às lembranças e aos possíveis fatos (caso estes venham a de alguma forma existir), alucina rumo à criação da realidade. A peça passa então a encenar não a busca de Alaíde de construção de si, mas a possibilitar a experiência afetiva de nos vermos numa posição que já é nossa por sermos humanos, construtores da própria ficção, seja em sua superfície social (realidade) ou individual (identidade).

E foi com esse arremate articulado que, em 2012, o então esboço de artigo derivado dessa pesquisa de mestrado (*Planos reais? Costura delirante de um vestido sem noiva*⁶⁸) foi proposto para participar da Roda em Movimento Investigativo. Tal texto foi comentado pela Dra. Leda Herrmann, representante da SBPSP no alinhavo dessa costura.

Escreveu Leda Herrmann:

Trata-se de texto bastante desafiador que, para manter a postura interpretativa psicanalítica, recorre à própria crítica teatral de consagrados autores. Analisando a peça “Vestido de noiva”

⁶⁸ Texto escrito tendo por base a relação orientando-orientador de Rafael de Melo Costa e Maria Lucia Castilho Romera no PGPSI UFU.

interpretativamente, isto é, buscando sentidos para uma narrativa teatral que confunde planos – factuais, cronológicos, de história de vida e de vivências internas de uma mulher/personagem –, o texto constrói uma conexão entre esses vários planos que resulta no deslinde de um específico sentido dessa conexão, o da criação, pelo espectador, do enredo que arma a peça – uma história que se conta na mistura de planos reais e delirantes. Os autores, ao caminhar com o processo interpretativo da psicanálise, tal como desvelado pela Teoria dos Campos, nos contam que abandonam uma primeira proposta de sentido. Essa proposta é apresentada pelo meio do texto, a de que a “confluência dos planos ilustra a busca de Alaíde por construção de si”. Passam para a acima enunciada, de que a própria forma de composição teatral nesses planos confluentes mostra-se em sentidos que o espectador cria e compartilha. Um exercício de interpretação psicanalítica em clínica extensa. (Os autores).

Plano 4: costura possível – um exercício de interpretação psicanalítica

Após a apreciação que o artigo recebeu na “Roda em Movimento Investigativo”, estagnamos no frenesi do não ouvir de forma direta que o artigo estava pronto para publicação. A questão que nos assolou era: precisávamos ter esse aval? Ou seja, qual seria o sentido de propormos uma interlocução-comentário com o de uma colega de uma instituição psicanalítica?

Na releitura do comentário, a afirmação que nos confortava: “Um exercício de interpretação psicanalítica em clínica extensa”. Fazer diálogos entre instituições, submeter e afirmar o trabalho realizado é colocar-se em risco diante da realidade que sua escrita

produz no contato com um outro. Não era nossa angústia a de um aprendiz solicitando cumprimentos, estávamos mais próximos do desespero de um artista que teme estar delirando. E diante do delírio, a saída assumida é o compartilhar da realidade.

Foi assim que em um novo debruçar sobre o texto reaquecemos o estado presente de investigação/criação e integramos a presença do Prof. Dr. Luiz Carlos Avelino Silva, que já nos fomentava nas discussões sobre Nelson Rodrigues. Ou seja, “ele já estava lá sem nunca ter aparecido”, como se fora uma alusão ao tal fundamental conceito de inconsciente.

Com um novo time de costureiros, deixamos de duvidar da realidade de cada plano e passamos a afirmar a ação desta investigação. Intitulamos a experiência *havida*: “Costura delirante de um vestido de noiva: um exercício de interpretação psicanalítica nos palcos”.

A noiva, vida e morte, “re tornada”!

Referências

CADENGUE, A. O vestido de noiva de Bollini: a experiência histórica de um espetáculo. *Folhetim*, Rio de Janeiro, n.7, p.14-33, maio/ago. 2000. ISSN 1415-370X.

CAFEZEIRO, E.; GADELHA, C. *História do teatro brasileiro*: um percurso de Anchieta a Nelson Rodrigues. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.

COSTA, R. de M. *Se parece com Nelson e vida ou a psicanálise como ela é...: narrativas de uma investigação psicanalítica*. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

- COSTA, R. de M.; ROMERA, M. L. C.; SILVA, L. C. A. Costura delirante de um vestido de noiva: um exercício de interpretação psicanalítica nos palcos. *Ide*, São Paulo, v.36, n.57, p.191-208, jan. 2014. ISSN 0101-3106.
- COSTA, R. de M.; ROMERA, M. L. C.; SILVA, L. C. A. *Planos reais? Costura delirantes de um vestido de noiva*. 2012. Trabalho apresentando ao Pré-Congresso da Fepal: “Tradição/Invenção”. Uberlândia, 2012.
- FRAGA, E. *Nelson Rodrigues expressionista*. Cotia: Ateliê Editoria, 1998.
- FRAYSE-PEREIRA, J. A. O paciente como obra de arte: uma questão teórico-clínica. In: HERRMANN, F.; LOWENKRON, T. (org.). *Pesquisando com o método psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p.33-41.
- GONÇALVES, L. Os comediantes: vestido de noiva. *Folhetim*, Rio de Janeiro, n.29, p.93-95, 2011.
- JABOR, A. A obra de arte tem de ser imperfeita. *Estadão*, São Paulo, 7 jun. 2011. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,a-obra-de-arte-tem-de-ser-imperfeita-imp-,728839>. Acesso em: 31 out. 2012.
- MAGALDI, S. Introdução. In: RODRIGUES, N. *Teatro completo: peças psicológicas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. v.1.
- MAGALDI, S. *Nelson Rodrigues: dramaturgia e encenações*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- MALUF, M. A reconstrução do passado. In: MALUF, M. *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995. p.15-89.
- MARTUSCELLO, C. *O teatro de Nelson Rodrigues: uma leitura psicanalítica*. São Paulo: Siciliano, 1993.
- MINERBO, M. et al. O Clube da Luta: narcisismo, identificação e psicologia das massas. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v.39, n.70, jun. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-58352006000100009&script=sci_arttext. Acesso em: 31 out. 2012.

ROMERA, M. L. C. Postura interrogante-interpretante: por quem os sinos dobram? *In: GIOVANNETTI, A. et al. (org.). O psicanalista: hoje e amanhã; II Encontro Psicanalítico da Teoria dos Campos por escrito. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p.47-57.*

A clínica psicanalítica em desafios: conjugações entre o mito e o sagrado⁶⁹

Maria Lucia Castilho Romera

Fabiola Graciele Abadia Borges

Introdução

Desde Freud os psicanalistas recorrem aos mitos como sustentáculos imprescindíveis para a elaboração e expressão de suas ideias e apreensões. No mundo psíquico ou no reino dos sentidos humanos, a conjugação de ordem mítica tem valor imponderável. Nos momentos mais sórdidos, nas condições limite, no fio da navalha, constata-se que há sempre algo a faltar. Há algo

⁶⁹ A elaboração do presente texto teve como um de seus ancoradouros o Grupo de Estudos Teoria dos Campos, coordenado por Leda Herrmann, na SBPSP. Por ocasião do evento Roda em Movimento Investigativo e considerando o comentário da colega da SBPSP, Maria do Carmo M. Davids do Amaral, transformou-se no capítulo da coletânea *Entre o mito, o sagrado e o poético* (Cunha, 2013), publicado pelo grupo de pesquisa Poéticas do Imaginário, da Universidade Federal de Uberlândia, sob o título: *Nos vãos e devãos do mito: a clínica psicanalítica e a constituição psíquica*.

que e sobre o que não se diz. Há o mistério, o sagrado. Há o irrepresentável como *há* o inconsciente.

É neste sentido que tentaremos fazer nossa incursão investigativa, respeitando o silêncio daquilo que não pode ser tocado pelo homem, mas tão somente por sua sombra, pelos restos de seu desejo. Atravessaremos o mito de Eco-Narciso contando com o mais simples dos atos psicanalíticos, por ser seu ato fundador – o interpretativo. Experiências clínicas, evocadas na investigação, ajudarão a sustentar o limite entre a linguagem compreensível e um “ecoísmo”, a quase não se querer dizer. Do risco do desconhecido da travessia, talvez possamos sair mais silenciados e desconhecidos das certezas e dos dogmas da condição humana quando esta já quase não pode ser mais reconhecida como tal.

Uma história que ecoa: por onde *há* eco?

Muitos séculos após a criação do mito de Eco e Narciso⁷⁰ por Ovídio (2003), este permanece ainda atraindo ouvidos e fantasias. Aqui, também as nossas, que intrigados com tal (des)encontro amoroso e, sobretudo, com a figura de Eco, construímos ou

⁷⁰ Há no texto completo “Nos vãos e desvãos do mito: a clínica psicanalítica e a constituição psíquica”, publicado no livro *Entre o mito, o sagrado e o poético*, evocações clínicas e a apresentação completa do mito pelas autoras. Mas ele também pode ser lido diretamente em *As metamorfoses*, de Ovídio (2003).

confabulamos com alguns autores novos entrelaçamentos de sentidos.

Para tanto, buscamos ancoragem no método de investigação da Psicanálise, que é a interpretação. Esta busca seu particular conhecimento por meio da suspensão da redução consensual dos sentidos, possibilitando que outros sentidos que estão à margem possam advir e serem apreendidos (Herrmann, 1999b). Logo, nossa pretensão é experimentar a tessitura de sentidos outros sobre o mito aqui apresentado, questionando-nos se esta estranha história de amor aliada a uma outra, urdida na experiência clínica, pode, nos des-vãos dos ditos e desditas, nos dizer algo da constituição do psiquismo, da identidade ou do sujeito. Buscamos, ainda, uma expressividade possível das condições psíquicas consideradas extremas, onde quase não se esboça o reconhecimento de si por parte do sujeito. Misturado ao mundo, cria, por assim dizer, o des-mundo, deixando-se invadir por algo que só compete aos mitos.

A figura de Narciso em seus emblemas é muito conhecida, e seu drama explorado em diversas áreas, desde as Artes até a Psicologia e a Psicanálise. Mas Eco, esta que vai definhando até ser apenas e tão somente uma voz em repetição, uma voz oca, ficou à sombra. Parece, entretanto, que se não fosse Eco, Narciso não conseguiria tamanha expressividade da condição humana, possibilitando inclusive construções teóricas como a de Freud (1969c), ao concluir, com base em seus estudos, a existência de um

narcisismo primário a todos os humanos. Uma espécie de olho do oco, por assim dizer.

Tal atração de Narciso sobre os leitores também pode ser compreendida por meio de uma hipótese apresentada ainda por Freud: “...pois parece muito evidente que o narcisismo de outra pessoa exerce grande atração sobre aqueles que renunciaram a uma parte de seu próprio narcisismo e estão em busca de amor objetual” (Freud, 1969c, p.105-106). Haveria, então, uma espécie de inveja de Narciso, aquele que se encanta consigo mesmo, pretendendo uma completude jamais atingida.

Pois bem, podemos circunscrever em uma pergunta os andaimes da reflexão que conduziram à construção deste ensaio: qual a razão de Eco, apesar de sua trágica história, ser uma quase desconhecida, embora sua figura seja central na tragédia do próprio Narciso?

O amor em eco: repetição e desejo

Fica evidente que Eco procura pelo amor, ainda que tentando fugir para os mais recônditos esconderijos após a recusa de Narciso, “Mesmo assim, o amor atrelou-se a ela/E só fez crescer seu sofrimento” (Ovídio, 2003, p.62). Sua voz, vinda das cavernas solitárias, ecoava um amor-paixão, *pathos*, sofrimento de saber-se irremedialmente incompleta, sem um outro capaz de preencher e calar a dor do desamparo, que às vezes “ressoa cruel e abjeta”.

Eco, desde suas origens no mito, representa a busca pelo amor, pela complementaridade, através do encontro ideal e, ao

mesmo tempo e paradoxalmente, da inviabilidade desse encontro – traição. Todavia, ela vai além e provoca, tocando segredos e dores que sempre são dores de amor... muitas vezes não correspondido. Amor que deseja e teme a fusão com o outro, o mais íntimo desconhecido.

Talvez a bela ninfa que morre seca de paixão aproxime os homens de sua humanidade, da “verdade psicológica” (Herrmann, 1999a) segundo a qual não há distinção definitiva e absoluta entre o eu e o mundo. A raiz natural é a da mistura. Nasce-se amalgamado ao mundo e aos outros e essa liga nunca se rompe totalmente. É um eterno retorno, retorno até mesmo terno, se no caminho houver condições favoráveis.

Todavia, tal interpenetração eu/outro, não em raros momentos pode ser sentida como uma ameaça de aniquilamento, sobretudo para o eu adulto, que se agarra à ilusão de independência, de não ser o outro (Herrmann, 1999a). Ilusão essa necessária para a constituição do sujeito e para afastar a loucura, entendida aqui como a fusão com o outro, resultado de uma busca ilusória de completude.

Em certo sentido, o raciocínio apresentado pode se relacionar à noção de *Unheimlich* em Freud (1969b), que em diferentes traduções pode ser compreendida com *inquietante* e, numa versão mais conhecida na língua portuguesa, como *estranho*. Segundo o pensamento freudiano, o sentimento “estranho”, inquietante, advém do familiar, de algo reprimido. Assim, incômodo e estranhamento presentificam-se na figura de Eco, algo

que existe e insiste no vácuo do outro e apenas nele. Secando, tornando-se pedra-imóvel se nela não houver ancoradouro. Na mistura, qualquer ameaça ao outro se constitui diretamente em uma ameaça a si próprio, sendo o inverso também verdadeiro e, nesse estado de coisas, atualiza-se a angústia, de vida e de morte.

É nessa ferida – quase narcísica – que Eco coloca seu dedo de ninfa rejeitada. Ela não teria vida/voz própria... Mas quem tem? É como se ela arrastasse os homens para um lugar de indiferenciação em mergulho pela queda, no amálgama. Apontando para a noção de que nada é absoluto e fixo na constituição da identidade, sobretudo quando se enfrenta situações nas quais há um “aquecimento das relações – paixão amorosa, terror, vertigem, luta, fenômenos de massa, etc.” (Herrmann, 1999a, p.170). Em tais ocasiões, salta a evidência de que muito do que se chama confiadamente de eu pode ser facilmente liquefeito no do outro que nos assalta. Na clínica, os estados de indiferenciação podem ecoar no campo transferencial. Aí o traçado em eco da relação exigirá cautela.

No decorrer do processo de constituição identitária, supõe-se que o sujeito garanta um sentido de imanência, isto é, além de saber-se diferente do outro, também se sabe o mesmo, a despeito dos vários disfarces que utiliza na vida cotidiana. Transitar nesses polos não é tarefa fácil, pois “Perder-se no outro, para recuperar-se acrescentado, exige uma boa dose de certeza intuitiva de ser-se. Onde é extremamente frouxo o sentido de imanência, a perda afigura-se definitiva e aniquiladora” (Herrmann, 2001, p.249).

Perder-se para o encontro pode configurar uma perda de si diante do outro ou diante das várias possibilidades de experimentação que esse encontro favorece. Como vimos em Eco, vítima de uma vingança, não é dada outra saída a não ser ancorar-se em Narciso como um recurso de sobrevivência e insistir em saídas possíveis de ruptura com a imagem. Esta que se faz mistério, jamais podendo ser tocada, mas apenas vista ou vislumbrada pelos seus reflexos, que ecoam.

A fim de dar sustentação às relações, ao vínculo com a cultura e à sociedade (e para não enlouquecer), são utilizados cotidianamente e, desde muito cedo, disfarces que possibilitam multiplicidades no ser e que, para além ou aquém disso, continuam propiciando a noção de mesmidade. Tais disfarces nada mais seriam do que “a duplicação sub-reptícia do eu nos processos intrapsíquicos” (Herrmann, 1999a, p.209), em outras palavras, conjuntos de representações denominados de eu. Há sempre um “eu” no comando, mas todos possuem um arsenal de autorrepresentações, vários “eus”, com regras de funcionamento próprias. Assim, a busca dar-se-ia por uma condição de trânsito entre esses diversos disfarces que constituem o humano.

Ressonâncias finais

Conjugamos com alguns autores a noção de que “a dimensão do sagrado é muito simples e pertence ao reino deste mundo: sagrada é a própria vida” (Kehl, 2000, p.43-44).

A Psicanálise se constitui como uma particular forma de ciência que produz conhecimento sobre o sujeito e seu mundo, por conter em si seu dispositivo fundante: a arte da interpretação. Interpretação que faz ver sob diferentes perspectivas aquilo que tomamos como objeto de análise. Essa capacidade de constante revisão é um dos aspectos que aproxima a Psicanálise da Literatura e faz possível reinventar aqui a história de Eco e Narciso, que pode contar tanto de nossas relações e do nosso próprio processo de construção psíquica.

O narcisismo, bem como a figura que Eco representa, aponta para uma dificuldade em transitar pelas representações possíveis de si e do mundo. Rigidez essa que produz adoecimento e com frequência dificuldade de conectar-se intimamente consigo ou com o outro. Através de Eco, sobretudo, fica escancarado que também se é o que não se deseja ser: *secura*, resumos de aspectos dolorosos dos quais se quer fugir por serem estranhamente familiares. *Secura* com a linguagem que sai em eco desafiando a sujeição.

Eco e Narciso, uma história de amor. Eco, nosso estranho-inquietante, elo de tensão daquilo que denominamos de interno e externo, eu e outro. Não somos todos um pouco condição em Eco a partir de uma falta? Incômodos que nos impulsionaram à elaboração de novos sentidos, considerando que não há objeto ou fragmento do real que se deixe representar todo, pois “toda representação contém seu traço de saudade e seu resto de silêncio – de algo que já não está, de algo que nunca se entregou inteiro à

simbolização” (Kehl, 2000, p.40). Assim, ficamos por aqui, silenciadas com nossos restos ecoantes...

Comentário: Maria do Carmo / SBPSP – DC

O artigo apresenta um texto elegante, tema interessante e bem apresentada construção de ideias. A leitura é fluida, mesmo poética, muito de acordo com a proposta apresentada de, através do mito de Eco e Narciso e de um caso clínico, falar sobre “a fina ponte que medeia dois abismos: o eu e o outro”. Eco é aqui vista como a repetição desmedida, que anula as diferenças, e que só existe a partir da fala do outro, no caso, Narciso. A interpretação foi o método investigativo.

O texto tem um ritmo envolvente, melodioso, que nos leva ao mundo ficcional, mitológico ou teórico.

Foi necessária uma segunda leitura para que eu pudesse me ater a parte teórica, absorvida que estava pelo linguajar característico dos relatos da mitologia. Eu diria que a melodia se sobrepôs à letra da música...

A apresentação impressa permite nova leitura, mas em uma exposição oral, talvez fosse interessante quebrar um pouco esse ritmo para marcar as colocações teóricas.

Pós-escrito – reverberações do comentário nas autoras

Tentei pensar o que poderia significar: “a melodia se sobrepôs à letra da música...” Seria um canto de sereia ou sereias?

Seduzir o leitor para devorá-lo? Minha mãe sempre dizia: cuidado com o canto da sereia!! Mas o canto permite a aproximação daquilo que é intrigante, quase assustador, ou seja, um corpo de mulher abocanhado por um peixe ou uma cabeça de peixe subsumida no corpo de uma mulher. O estranho familiar!

Além disso, pensei que o conteúdo importa menos que a forma ou a estrutura. O movimento interpretativo é maior que o resultado ou conteúdo da interpretação. Acho que podemos enviar o texto para a revista.

Ressonâncias – Fabíola

Na roda que gira, qual a melhor disposição?
De mãos dadas a sentar em cadeiras
ou de cócoras nas pausas da canção?

Foram essas as ideias que me surgiram em vórtice após o comentário de Maria do Carmo. Ao ressaltar o tom poético do texto, aponta delicadamente para um difícil aspecto que envolve a Psicanálise, sobretudo, em interface com a Literatura: qual a forma de sua comunicação?

Importante questionamento, visto que a proposta deste projeto, “Roda em movimento investigativo”, é discutir o processo de publicização dos trabalhos em Psicanálise via publicação em *revistas científicas*. E eis que me deparo então, aqui, com um impasse: qual a linguagem da Psicanálise? Estaria mais próxima da ciência ou da Arte?

Pois bem, sem a necessidade de adentrar ao campo que denomino de ciência e mesmo de arte, é possível considerar que o que chamamos de ciência em Psicanálise é específico, pois ao tornar central a ideia do inconsciente, já se impõe travar investigação/curiosidade com outro modo menos cotidiano de funcionamento e linguagem... Essa lógica de funcionamento⁷¹, por sua vez, não se dá a conhecer de modo acessível, direto, mas se mostra também por sua forma. Se tomarmos os textos clínicos de Freud, por exemplo, percebemos que o conteúdo dos casos está imiscuído na forma da narrativa, o que faz com que haja diferenças entre elas.

Tal consideração nos faz pensar na relevância da forma em Psicanálise, assim como na Arte. Pensá-las, com suas devidas diferenças, porém com certa proximidade no que diz respeito ao processo de possibilidade de criação de sentidos sobre o mundo.

Assim, no trabalho investigativo, que é sempre uma aventura de arriscar devaneios sobre inquietações e problemas⁷², fomos tomadas pela linguagem do mito, em tom quase lírico, a fim de travar embate com a questão que se impunha a nós sobre “a fina ponte que medeia dois abismos: o eu e o outro”, suscitada pela história de Eco e Narciso. Houve um tombamento, um *pathos* evocado pelos personagens e sentido também por nós, autoras, evidenciado na linguagem do texto.

⁷¹ Referências às ideias de Herrmann na Teoria dos Campos.

⁷² Entendendo devaneio com a mesma seriedade que entendemos a brincadeira para a criança.

É certo, contudo, que nem só de poesia viverá o psicanalista e aí, a despeito de toda a argumentação acima, ainda se mantém a questão de Maria do Carmo, que agora vejo da seguinte perspectiva: a necessidade de cuidado para não mortificar a teoria/sentidos possibilitados pela investigação, devido à sobreposição da forma. Esta, por vez, precisa ter o seu lugar, que é de potencialização do conteúdo revelado/inventado, o que importa muito ao desenvolvimento da Psicanálise.

Referências

BORGES, F. G. A.; ROMERA, M. L. C. Nos vãos e desvãos do mito: a clínica psicanalítica e a constituição psíquica. In: CUNHA, B. R. R. (org.). *Entre o mito, o sagrado e o poético: ecos de uma sinfonia*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013. p.118-129.

FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969c. v.19.

FREUD, S. O estranho. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969b. v.17.

FREUD, S. Sexualidade feminina. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969d. v.21.

FREUD, S. Sobre o narcisismo uma introdução. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969a. v.14.

HERRMANN, F. A paixão do disfarce. In: HERRMANN, F. *A Psique e o Eu*. São Paulo: Hepsyché, 1999a. p.145-220.

HERRMANN, F. Narcisismo. *In: HERRMANN, F. Andaimos do real: o método da Psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p.229-234.

HERRMANN, F. *O que é psicanálise: para iniciantes ou não*. São Paulo: Editora Psique, 1999b.

KEHL, M. R. O sexo, a morte, a mãe e o mal. *In: NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. (org.). Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000. p.137-148.

OVÍDIO. *As metamorfoses*. São Paulo: Madras Editora, 2003.

O masculino em crise identitária

Mariana Paula Oliveira

Esta investigação psicanalítica se inclina sobre a construção subjetiva das identidades de gênero, a fim de tomar em consideração o sofrimento do homem em razão da perda de um lugar histórico e culturalmente construído e por tanto tempo vigente no cotidiano e no imaginário do homem e da mulher, sustentando suas relações. Diante das mudanças advindas da emancipação da mulher, do poder alcançado pela ciência e perdido pela igreja, além da lógica de produção-consumo que rege nossa sociedade, há um hiato entre o discurso de igualdade e o sentimento dos homens perante as novas construções de relações entre gêneros.

Juliana e Pedro, um casal de namorados, fazem o estilo “Eduardo e Mônica”.⁷³ Começaram a namorar quando Juliana estava se formando e Pedro entrando para a faculdade. Ela logo começou a trabalhar, enquanto ele era sustentado financeiramente pelos pais durante toda a faculdade. Ambos tinham a mesma idade.

⁷³ Cf.: Eduardo e Mônica..., 1986.

Diferentemente da história da música, com o passar do tempo o casal entrou em crise, se separou, e cada um seguiu o seu caminho. É certo que não há um único motivo para a separação, mas ficou explícito que Pedro não conseguiu lidar com o fato de que, ainda estudante, namorava uma empresária com pós-graduação.

Sabemos que esse tipo de situação veio a se tornar frequente há pouco tempo na história da nossa sociedade, há poucas décadas. Há séculos a configuração de relação entre gêneros, de forma geral, trazia o homem em posição superior à da mulher: posição de poder, prestígio, liberdade, além de superioridade financeira: o homem era o provedor. Bastava nascer homem, e todos esses atributos pareciam vir acoplados ao cromossomo Y, quase que naturalmente. Quanto à mulher, restou-lhe uma árdua luta para ter o direito de trabalhar, liderar, ser econômica e afetivamente independente, não se casar, e até sentir prazer sexual.

Nossa sociedade vive as ressonâncias do modelo de família patriarcal, ainda amplamente vigente. Esse modelo é bastante responsável pelo nosso imaginário sobre as relações de gênero, sobre o que vem a ser o feminino e o masculino.

A crise na representação tradicional dos gêneros é relacionada fortemente à liberalização da sexualidade que acompanhamos desde a segunda metade do século passado, principalmente a partir do movimento feminista, que, segundo Céli Pinto (2003), começou ainda no final do século XIX, tendo maior repercussão na década de 70 do século XX, no contexto da

ditadura. Mas até chegarmos nesse ponto, várias outras construções históricas e culturais nos conduziram nessa direção.

Uma delas é, sem dúvida, a queda do poder da Igreja na idade moderna, e de seus ideais de comportamento cristão. Dentre esses ideais, havia a necessidade de santificar a alma, evitando e penitenciando os pecados do corpo. De acordo com Barros (2008, p.17), segundo o pensamento platônico: “a alma era o intelecto e a vontade, e deveria ser desenvolvida harmoniosamente, isto é, junto com o corpo. O Cristianismo se inspirou no amor formulado por Platão, baseado no dualismo corpo e alma, desvalorizando o amor corpóreo.”

Além disso, para o ideal religioso, a mulher ocupava lugar de devoção e obediência ao homem, tendo também como destino natural a maternidade. Mas o Deus cristão foi perdendo o trono enquanto outro deus o empossava: a ciência. Esta, agora, detém o poder de tudo explicar, de tudo curar, e de trazer o bem à humanidade. Durante certo tempo, a Igreja ainda deteve algum controle sobre as pesquisas científicas e tentou evitar que viessem à tona conhecimentos que a desfavorecessem, como a teoria heliocêntrica no século XVI, por exemplo, e outras mais recentes no terreno da sexualidade, que tiravam da condição de patológicos os desviantes daquilo que a Igreja e a aristocracia consideravam normal: homem e mulher, casados, que se relacionavam sexualmente para fins reprodutivos.

No campo da ciência, o psiquiatra e médico-legista Richard von Krafft-Ebbing catalogou os desvios do erotismo em um único

manual: *Psychopathia sexualis*. Segundo Jurandir Freire Costa (1992, p.80), se o referido autor “não foi o pai fundador, foi seguramente o sumo-sacerdote do decálogo sexual moderno”. Interessante observar os termos religiosos dessa citação, corroborando a ideia de deus-ciência. No *Psychoathia sexualis*, figuravam como patologias, por exemplo, a homossexualidade, a masturbação e o fetichismo. Alguns trechos do manual foram redigidos em latim, para desencorajar a leitura de leigos. A Igreja também celebrava missas em latim. Não seriam lógicas parecidas? Pereira (2009, p.381) afirma: “A ciência deveria, pois, deliberar sobre quais as práticas eróticas seriam naturais e quais seriam patológicas. Havia uma nova distribuição de fronteiras entre o campo da moral, da medicina e da justiça.”

A esse modelo imposto de normalidade quanto à conduta sexual, sabe-se, a sociedade nunca se adequou. Ou, quando se adequou, forçadamente sofreu. Um exemplo disso são as neuroses, as histerias. As maneiras de se viver a sexualidade humana vão para além desse padrão imposto, e como não podiam ser vividas nos lares, para elas foram criadas outras paredes, como as boates gays e as casas de prostituição.

Aqui é preciso acrescentar outro fator fundamental que influi nas relações e representações de gênero: a emergência de uma sociedade de consumo, para a qual interessa a variedade de ofertas alimentando a lógica produção-consumo. A vida sexual se torna produto, o outro se torna objeto, e é preciso haver a disponibilidade de produtos variados para os gostos também

variados dos fregueses. Padrão único e preconceito não são boas fontes de lucro, todavia medicamentos anticoncepcionais, estimulantes para a ereção, indústria pornográfica, cirurgias plásticas e de mudança de sexo são.

Diante de tudo isso, o que antes era considerado pecado, e em seguida, doença, cada vez mais interessa ser reconhecido como expressão natural da sexualidade humana. Com esse aumento no leque de possibilidades de vivências sexuais, ao mesmo tempo em que a mulher foi conquistando (à custa de suor e fogo nos sutiãs) mais e melhores lugares no cenário social – inclusive nos topos de hierarquias, como na presidência de grandes empresas e de países –, houve conseqüentemente sérias mudanças nas relações entre os gêneros.

Se a mulher tanto batalhou para ampliar suas representações no mundo humano, o homem também pagou o ônus por suas representações, tanto na situação de superioridade quanto agora, diante de sua possível perda. Georges Boris (2003) destaca rituais de “iniciação masculina” de algumas sociedades primitivas, mas também presentes de formas mais sutis em nossa sociedade, em que o garoto precisa provar sua masculinidade, sua virilidade, assumindo esse lugar tão privilegiado: macho, adulto, heterossexual. Tal autor afirma ainda que a subjetividade masculina é construída pelo negativo, ou seja, ser homem é não ser um bebê, não ser uma mulher e, também, não ser um homossexual, o que o leva a carregar uma série de outras características do

estereótipo masculino, como ter uma relação próxima com a violência, e ser privado do direito de sentir dor.

Sendo assim, não foi tão natural que o homem usufruísse de poder sobre a mulher, mas, mesmo assim, essa era/é uma representação da identidade masculina forte o bastante para amparar o homem por séculos. E a mulher também. Mas, obviamente, esta não tinha muito interesse na manutenção desse formato de relação.

Então a mulher se movimentou e pôde alcançar lugares de igualdade bem como de superioridade na relação com o homem. Parte dos homens reagiu, e ainda o faz, tentando impedir a emancipação e ascensão das mulheres.

O discurso das leis e da boa convivência diz que a igualdade é o que se deseja. Mas o desejo, na concepção psicanalítica – mais especificamente usando o conceito de Fabio Herrmann⁷⁴ (2001) –, é da ordem do inconsciente, e almeja tanto aquilo que se quer como também o que não se quer.

O homem quer e não quer o poder. Quer e não quer a independência. Assim como a mulher. Percebe-se, aqui, que não é possível falar em masculino sem se falar em feminino, e vice-versa. Assim como, falando em construção da subjetividade dos gêneros, estamos dentro do terreno da construção do psiquismo humano.

Então a mulher lutou e realizou transformações na cultura patriarcal. Perdeu a inveja do falo – se é que ela existiu. Adquiriu

⁷⁴ Desejo como matriz simbólica das emoções (Herrmann, 2001).

seus próprios falos. E o homem? O que fez com tudo isso? Como se vê diante de tantas transformações?

O masculino sofre um abalo identitário. O discurso vigente de igualdade, de direitos iguais, que demonstra a concordância do homem em dividir a conta com a mulher no restaurante, no motel, em ser sustentado por ela em casa num período de desemprego, em cuidar dos filhos enquanto ela trabalha até tarde, parece não tão vigente assim na lógica das emoções, visto que, como no caso de Juliana e Pedro, os atos dizem outra coisa: dizem de um incômodo.

Em tempos pós-modernos, a liquidez das ideias não acompanha o ritmo das mudanças no inconsciente. A identidade é uma construção ilusória protetora, que se dá na interação com o outro, pelo ato de se disfarçar. Identidade é representação do desejo. E nós só o conhecemos por intermédio da identidade. Herrmann (2001, p.175) trabalha esses conceitos através da interessante metáfora:

As representações do desejo são como vestes para um corpo invisível. Roupas não fazem parte do corpo, a roupa vestida esconde o corpo, mas, por efeito da substituição de várias roupas, é possível vislumbrar a forma do corpo: é o que há em comum às formas das vestes.

Masculino e feminino são roupas-representações que se atrelaram na história da humanidade aos corpos XY e XX, respectivamente. Porém, nas últimas décadas, tem se estabelecido um movimento que desatrela e dá independência a tais vestes.

O cartunista Laerte Coutinho, que desde 2009 se transveste de mulher e assume sua bissexualidade, define-se como “transgênero”, preferindo o uso desse termo no lugar de “travesti”, para suspender os sentidos preconceituosos do segundo termo. Em um programa de TV,⁷⁵ ele define os transgêneros como: “pessoas que não se conformam com a gaiola dos gêneros, com essa forma rígida de dois comportamentos únicos *pra* todos os seres”.

Em outro programa,⁷⁶ também na TV, o cartunista se posiciona sobre a postura predominante dos homens: “A revolução feminina é um dos marcos da humanidade. O que não aconteceu foi uma revolução masculina”. Em sua fala e suas vestes, Laerte parece propor essa revolução, relativizando os conceitos de feminino e masculino, desatrelando-os de atributos que não os sustentam mais (poder, dinheiro, hierarquia, anatomia, roupa), propondo novos amparos a tais identidades, amparos menos impostos e mais construídos pelas próprias subjetividades, afirmando, a partir da sua experiência, que não se trata de uma construção fácil, mas que ela visa a um lugar mais confortável para o seu desejo.

⁷⁵ Cf.: Entrevista... (2011).

⁷⁶ Cf.: Entrevista... (2012).

Figura 1 – Tirinha: Nunca vai acabar?



Fonte: Coutinho (2010).⁷⁷

Comentário: Sandra R. Moreira de Souza Freitas / SBPSP –
Diretoria Científica

Neste seu trabalho, a autora lança mão de uma série de variáveis, que praticamente abarcam a história da humanidade – sexualidade, religião, ciência, ciência do consumo, revolução feminina. Tratado de forma superficial (mesmo por conta da questão de espaço), tal leque de temas acaba por relegar o tema maior – a construção da subjetividade – a umas poucas páginas.

⁷⁷ Também publicado em: COUTINHO, L. [Sem título]. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, jun. 2010. Caderno Ilustrado.

Minha sugestão seria a de uma troca: condensar a primeira parte do trabalho e elaborar mais a questão do conceito de identidade e desejo.

O fecho do trabalho – um cartum do Laerte (Figura 1) – é muito oportuno: no caso da publicação do trabalho, sugiro, aqui, um exame da questão dos direitos autorais.

Pós-escrito: Mariana Paula Oliveira

Sobre o processo

A escrita geralmente é um processo solitário. A ideia de enviar o texto a um leitor-colega, proposta do projeto Roda em Movimento, é, na minha visão, bastante profícua em dois pontos que destaco: o primeiro, o da companhia. No universo acadêmico, precisamos escrever, escrever para publicar, publicar para.... Para quê? Para propagar a ciência? Para pontuar nos programas de pós-graduação das universidades? Para pontuar nos currículos? Esse “para quê?” está tão valorizado que costuma vir primeiro. Mas para quem se escreve? O/A escritor/a da academia geralmente desconhece seus leitores. Não sabemos nem ao certo se nosso artigo, caso publicado, será lido. Aqui, no projeto Roda em Movimento, o primeiro movimento dos organizadores foi o de escolher o/a primeiro/a leitor/a. E, além disso, este/a comunicarnos-ia sobre sua leitura, seus pensares e críticas. Há uma troca e, por isso, o segundo ponto profícua: o texto, como sugere o nome do projeto, segue em movimento. A partir do texto-resposta do/da

comentarista, a escrita pode amadurecer. O encontro com o outro tem dessas coisas. Teorias psicanalíticas bem o demonstram.

Sobre o texto-projeto e seus desdobramentos

Escrevi este texto quando fazia o meu projeto de doutorado. Tratava-se de um ensaio, dos primeiros escritos em cima das primeiras pesquisas, num exercício de formulação e entendimento do meu objeto, o masculino, caindo, às vezes, no senso comum. Como notou Sandra, superdimensionei a amplitude da escrita; certamente não seria possível abarcar a história da humanidade, e pouco espaço restou para a questão da construção da subjetividade masculina. De lá para cá houve um processo de decupagem que resultou na escolha mais precisa do objeto, agora representações do masculino, e da metodologia: entrevistas com homens com base em fotografias que eles produziram para responder à demanda: “Fotografe a sua experiência cotidiana de ser homem”.

Agora, findado o doutorado (Oliveira, 2017), a pesquisa seguiu pelos caminhos possibilitados por outros encontros. Na teoria, os *Estudos de Gênero* foram parceiros fundamentais. Teóricos como Judith Butler (1990, 1993, 2004), no cenário internacional, e Patrícia Porchat (2013a, 2013b, 2014), no nacional, resgatam a potência da psicanálise no entendimento das questões de gênero superando um discurso heteronormativo que ainda aparece em parte importante de suas teorias. Tais estudos, especialmente a teoria *Queer*, questionam as normas que produzem os corpos, a lógica binária que parece reger a

sexualidade na cultura, produzindo também, e principalmente, conforme aponta Porchat (2013a), as margens. A psicanálise se interessa pelas lógicas inconscientes que regem as relações humanas e, assim, a própria cultura. Para ela, a cultura é a casa construída por nós, de acordo com o nosso desejo, o que faz dela lugar de contradições, de amor e ódio, vida e morte, liberdade e opressão. Por vezes, a psicanálise se enquadrou em lógicas que deveria denunciar, como a do patriarcado e da homofobia. A interlocução com a teoria *Queer* ajuda-nos a superar esses momentos e a evoluirmos em ética, pautados pela construção e o desenvolvimento de teorias que questionam as normatizações.

A arte, como a de Laerte em seus cartuns, também colabora com esse desafio ético, posto que é campo de resistência. Desde o início do doutorado, eu sabia que queria entrevistar homens, e pensava em usar da arte, de um recurso não verbal, para enriquecer o encontro com as subjetividades, favorecendo as sensações dos entrevistados, suas percepções, potencializando cada conversa. Um dia encontrei a dissertação de mestrado de Adriana Bosco (2009), uma pesquisa sobre o que é ser mulher através da fotografia e falas de mulheres, e, encantada com as possibilidades trazidas por essa metodologia, optei por utilizá-la.

Esse caminho nos levou a uma interpretação-entendimento das dificuldades daqueles homens diante das demandas de igualdade de gênero um tanto por lhes faltarem referências identitárias que conseguiriam melhor integrar representações de masculinidade e feminilidade da cultura. Alguns deles vivem um

estado de vórtice⁷⁸ representacional, um movimento entre se reconhecerem homens e não se reconhecerem representantes da masculinidade que conseguem definir.

No final do comentário, Sandra questionou sobre os direitos autorais na publicação da tirinha. Esta havia sido publicada em jornal e internet, assim, bastava que a fonte fosse citada para que os direitos autorais fossem respeitados. Naquela ocasião, eu havia escrito um e-mail a Laerte, pois não encontrava a fonte da publicação original. Ela me respondeu e trocamos ainda algumas palavras sobre meu doutorado, e cheguei a convidá-la para ler o texto e, quem sabe, escrevê-lo junto. Ao que ela declinou com muita simpatia, dizendo que estava bastante atarefada no momento.

Referências

BARROS, D. P. M. *A bissexualidade feminina: da discriminação ao processo de aceitação social*. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação, Centro Universitário Hermínio da Silveira, Rio de Janeiro, 2008.

BORIS, G. Os rituais da construção da subjetividade masculina. Ser macho ou ser homem? Uma história de dor, violência, paixão e regozijo. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL, GÊNERO E MOVIMENTOS SOCIAIS: IDENTIDADE, DIFERENÇA E MEDIAÇÕES*, 2., 2003, Florianópolis. *Anais* [...]. Florianópolis: UFSC, 2003. Disponível em: <http://www.rizoma.ufsc.br/html/68-of8a-st3.htm>. Acesso em: 10 mar. 2012.

BOSCO, A. *Entre a essência e a construção: experiências cotidianas do feminismo a partir da produção fotográfica de jovens mulheres paulistanas*. 2009.

⁷⁸ Conceito de Fabio Herrmann (2001, p.55).

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

BUTLER, J. *Bodies that matter: on the discursive limits of “sex”*. New York: Routledge, 1993.

BUTLER, J. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.

BUTLER, J. *Undoing gender*. New York: Routledge, 2004.

COSTA, J. F. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. 2.ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

COUTINHO, L. [Sem título]. *Manual do Minotauro*, [São Paulo], jun. 2010. Disponível em: manualdominotauro.blogspot.com.br. Acesso em: 23 out. 2010.

EDUARDO e Mônica. Intérprete: Renato Russo e Legião Urbana. Compositor: Renato Russo. *In: Dois*. Intérprete: Renato Russo e Legião Urbana. [S. l.]: EMI, 1986. 1 CD, faixa 4.

ENTREVISTA. *Provocações*. São Paulo: TV Cultura, 1 de março de 2011. Programa de televisão.

ENTREVISTA. *Roda Viva*. São Paulo: TV Cultura, 20 de fevereiro de 2012. Programa de televisão.

HERRMANN, F. *Introdução à teoria dos campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

OLIVEIRA, M. P. *A masculinidade nos homens: representações de gênero na fala e na fotografia de jovens paulistanos*. 2017. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

OLIVEIRA, M. P. *Ser ou apare-ser: eis a questão! Uma lógica possível de construção identitária adolescente no mundo virtual*. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

PEREIRA, M. E. C. Krafft-Ebing, a Psychopathia Sexualis e a criação da noção médica de sadismo. *Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v.12, n.2, p.379-386, jun. 2009. ISSN 1415-4714.

PINTO, C. R. J. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003. (Coleção História do Povo Brasileiro).

PORCHAT, P. A transexualidade hoje: questões para pensar o corpo e o gênero na psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v.48, n.4, p.113-126, 2014.

PORCHAT, P. Psicanálise, gênero e singularidade. *Revista Faac*, Bauru, v.2, n.2, p.195-202, mar. 2013b.

PORCHAT, P. Tópicos e desafios para uma psicanálise queer. In: TEIXEIRA-FILHO, F. S. *et al.* (org.). *Queering: problematizações e insurgências na psicologia contemporânea*. Cuiabá: Editora da UFMT, 2013a. p.73-82.

A clínica psicanalítica infantil revelando a natureza do pedido por atendimento: a reparação do narcisismo dos pais⁷⁹

Cristianne Spirandeli Marques
Iralva Moreira Soares Milagre

Introdução

Alguns autores da clínica psicanalítica infantil têm investigado a decisão de tomar uma criança em análise e a relação dessa decisão com a forma como pais, escola, médicos e instituições solicitam o atendimento. Analisar *quem pede e o que pede* é um elemento estrutural que deve ser levado em consideração de acordo com Gueller (2012).

Este pequeno ensaio de reflexão sobre a clínica psicanalítica infantil busca identificar algumas características da demanda

⁷⁹ Trabalho apresentado na “Roda em Movimento Investigativo da Psicanálise na Universidade”, atividade extensiva ao Pré-Congresso Latino-Americano de Psicanálise – GPU/UFU – Uberlândia-MG, 24 e 25 de agosto de 2012, e no 29º Congresso da Fepal – Invenção-Tradição, São Paulo-SP – 10 a 13 de outubro de 2012, no eixo temático: “Crianças e adolescentes”.

trazida pela família, considerando o campo do diagnóstico transferencial por meio do método psicanalítico. Investigamos como o encontro com a família num trabalho conjunto pais-filhos pode revelar, no pedido dos pais por atendimento, a reparação do narcisismo destes como condição de enfrentamento dos sintomas apresentados pela criança, que aqui chamaremos de João (caso clínico), a partir do momento em que se cria um espaço de escuta ao que se manifesta alheio, ou seja, aquilo que o sujeito não domina, mas que está lá, à espera de ser tomado em consideração.

O método na clínica psicanalítica infantil

Sustentada pelo método de observação da relação mãe-bebê de Mariza Péllela Mélega (1997) procurou estender essa técnica ao trabalho clínico com crianças, primeiramente com caráter diagnóstico e em seguida como parte do processo de análise: o atendimento clínico conjunto pais-filhos.

Essa abordagem psicoterapêutica combina o caráter continente do observador psicanalítico com intervenções dirigidas aos vínculos que se tornam manifestos por meio das condutas dos participantes, família e psicoterapeuta, durante a sessão.

Neste sentido, Herrmann (1995) enfatiza que a escuta – ferramenta fundamental do psicanalista – tenta privilegiar, dentre os significados possíveis de um material, aqueles que dão conta do esforço baldado do paciente de se representar no aqui e agora da sessão. Desta forma, quando se fala na sessão, além de comunicar certos fatos, são evocadas formas de pensar que provocam reações

nos interlocutores, fazendo os participantes da sessão descobrirem e redescobrirem o que não sabiam ou não podiam até então ouvir e pensar sobre si mesmos.

Ocorre que, de acordo com Gueller (2012, p.52), “se aquele (paciente) que consulta pode supor um saber do Outro sobre seu sofrimento e suporta não ouvir uma resposta imediata, o analista passa a fazer parte, por isto, do campo no qual a pessoa se faz ouvir e, assim, poderá participar da configuração desse campo”. Freud denominava a isso de neurose de transferência.

Como a criança ainda se remete ao Outro e o identifica com sujeitos que reconhece como distintos dela e dos quais depende, a “não resposta” do adulto – o silêncio, a ocultação, a mistificação ou a ignorância – a quem ela endereça uma pergunta tende a produzir sintoma: raiva excessiva, intolerância, medo etc. Ao não encontrar resposta, a criança perde as referências simbólicas que lhe permitem continuar pensando, e são produzidos entraves em sua constituição.

A partir do momento em que uma criança é tomada em análise, muitos preceitos precisam ser pensados e investigados pelo analista, já que se pressupõe que uma criança não tem condição, por si só, de procurar atendimento analítico.

Sendo assim, quem deve procurar saber e compreender o motivo da demanda, e principalmente de quem traz essa demanda, é o analista, tendo em vista que quem traz uma criança para ser atendida por um profissional deve ser tomada como uma pessoa

importante no processo, já que está implicada de uma maneira direta nele.

O atendimento conjunto pais-filhos vem ao encontro da necessidade do analista de vivenciar o modo relacional dos envolvidos no setting psicoterapêutico, assim como de acompanhar os discursos originados de simples brincadeiras com materiais concretos, ou mesmo em pequenas “historinhas” que vão sendo criadas ou recriadas pela própria criança. Faz-se importante ao analista – particularmente no atendimento infantil – se “desvestir” de sua postura de detentor do saber e mergulhar, literalmente, no mundo de fantasias da criança para que, por meio das brincadeiras e das histórias “inventadas”, possa se aproximar do mundo infantil produzido e tentar compreender a formação dos problemas vividos pelos pais, e que estão a determinar a forma de relação no grupo familiar.

Gueller (2012), em seu trabalho sobre o atendimento infantil, propôs quatro agrupamentos estruturais sobre o pedido por atendimento dos pais. Ela os explicita da seguinte forma: 1) quando a solicitação dos pais é propícia ao tratamento psicanalítico; 2) quando o pedido deles é de reparação do seu próprio narcisismo; 3) quando o pedido é de restabelecimento da condição de gozo da mãe ou do pai; e, por último, 4) quando não há demanda, mas imposição de tratamento por um terceiro.

De posse da experiência clínica e de seus desafios, procuramos refletir sobre a vinda do pequeno João, de cinco anos, que foi trazido pela mãe e uma irmã de 12 anos que, no primeiro

dia de atendimento, manifestou a intenção de ficar na sala de espera e não acompanhar a mãe e o irmão à sessão. João fora encaminhado pela escola para acompanhamento psicológico, já que era tido como uma criança muito agitada, agressiva, briguenta e egocêntrica. A mãe concordava com a escola (o que nos retira do eixo demanda por imposição, proposto por Gueller (2012), e nos insere no de um desconforto vivido também pela mãe) com o fato de que o filho precisava de um acompanhamento psicológico.

Em casa, segundo a mãe, João era “muito difícil, nervoso, briga por qualquer coisa, dá birra e sempre que é contrariado, joga as coisas da casa no chão, quebra as plantas da mãe e aperta a própria cabeça com as mãos”.

A mãe dizia não saber mais o que fazer, pois o filho piorava a cada dia que passava. O pai, que compareceu apenas ao segundo atendimento, relatou que trocara o carro da família por uma moto e, desde essa data, sempre que o filho era contrariado pelo pai, fazia xixi na moto dele. A irmã de João, segundo os pais, era uma menina muito tranquila, obediente, responsável e nunca dera trabalho para eles, como estava acontecendo com João, que era diferente.

Fragmento de um atendimento: quando o pedido dos pais é de reparação do seu próprio narcisismo

De posse dos animais da caixa de zoológico, João começa uma luta entre os animais: um leão e outros bichos. O leão sempre vence, ele é muito violento com os outros animais. A estagiária pergunta para ele se os animais estão brincando ou brigando, e ele

responde que estão brigando. Ela questiona o motivo e ele diz não saber. Ela pergunta por que o leão está bravo, por que ele mata todos os outros animais, já que a criança dizia isso. João não responde e se mostra insatisfeito e um pouco agressivo com as perguntas.

Na mesma sessão, depois de brincar rapidamente com um dadinho, João volta para o zoológico para fazer a mesma brincadeira. A estagiária sugere que construam uma história e João se interessa. Ela sugere que façam uma história dos animais no zoológico e a criança aceita com facilidade. Então ele escolhe três animais (leão, tartaruga e zebra), coloca-os no tabuleiro e diz que somente esses animais farão parte da história. A estagiária diz que para ficar mais interessante, teriam que pensar em quem ficaria com cada animal para representá-lo. Então ele distribui assim: O leão é ele, a tartaruga é a estagiária e a zebra é sua mãe. A história começa com o leão pulando no zoológico e rugindo. A estagiária aproxima a tartaruga e cumprimenta o leão, com “voz de tartaruga” e o leão a responde “com voz bem grossa de leão”. Inicia-se um diálogo entre a tartaruga e o leão, quando esta pergunta o que o leão está fazendo e ele responde que está sozinho no zoológico. A tartaruga pergunta por que ele está sozinho e ele responde que é porque ele brigou com todos os outros animais e eles foram embora. A tartaruga pergunta por que eles brigaram e ele diz que não sabe, mas que ele tem um problema. A tartaruga pergunta qual é o problema e ele diz não saber. A tartaruga pergunta para o leão, se quando ele tem um problema, ele procura alguém para

conversar ou para ajudá-lo e ele responde que sim. A tartaruga pergunta quem é essa pessoa. Ele aponta o dedo para a tartaruga. A tartaruga responde que acha muito legal ele confiar nela para ajudá-lo e que vai fazer o possível para conseguir isso. Ela pergunta: você está sozinho porque brigou com seus amigos do zoológico, mas o que aconteceu exatamente? Eu gostaria tanto de saber para tentar ajudar! A criança se afasta e diz que não quer mais brincar. A tartaruga pergunta o que aconteceu. Ele responde que não quer falar, que odeia falar. A mãe diz: “Mas como que na hora que eu e seu pai estamos conversando, você sempre quer falar e não deixa a gente conversar? Agora fala, tá na hora de falar!”. Há um silêncio. A tartaruga pergunta se ele não quer falar com ela e ele diz “que não vai mais conversar, que é para ela perguntar as coisas para sua mãe, mas a mãe não sabe de nada.” Ele se afasta para perto do pé da mesa e fica “emburrado”. A mãe diz: “na hora que começa a mexer com ele, ele percebe!”. João olha para a estagiária, dá um sorriso e diz que vai brincar com os super-heróis.

De acordo com Gueller (2012), quando a criança não ocupa o lugar de eu ideal (ou deixou de fazê-lo), sendo considerada como um filho terrível, muito custoso, a impotência impera e a expectativa é de que o analista restabeleça o equilíbrio perdido, a imagem ideal de pais perdida. Essa imagem vem ao nosso encontro pela filha obediente e tranquila que eles cuidaram e que faz de João uma criança diferente.

Últimas considerações

Na tentativa do analista de dar voz à criança, a mãe evidencia essa perda e desamparo do eu ideal. Levantamos a hipótese, nesse processo inicial, de que os pais talvez carreguem uma ilusão narcísica sobre os filhos, de um eu idealizado por eles, deixando de perceberem que João, por vezes, manifesta o sentimento de uma estabilidade parental ameaçada, apresentando, assim, uma busca incessante por ser reconhecido às avessas, por meio do excesso de agressividade e de sinais de ataque. Uma possibilidade transferencial se anuncia com a tartaruga como intermédio (não só bichinhos maus), e abre a chance de refletir na historinha citada, sendo que o leão (João) não conseguiu incluir ainda a zebrinha (a mãe) em nenhum momento da história. Só que ainda não houve a oportunidade de explorar se a zebrinha percebeu isso e como se sentiu quando isso aconteceu. Cabe ao analista ainda acolher as perguntas/os pedidos dos pais no tempo necessário, a fim de auxiliá-los a terem condições de desenvolver ou voltar a ter uma interlocução fecunda com seus filhos.

Comentário: Silvia Martinelli Deroualle / SBPSP – DC

Prezadas colegas,

Na leitura do artigo duas questões me pareceram centrais, a saber: a questão do método na clínica psicanalítica infantil e o motivo da demanda.

Silvia Bleichmar, em seu livro *Clínica psicanalítica e neogênese* (ed. Anna Blume), discute os modelos diagnósticos e as

estratégias da intervenção clínica. É bem interessante a forma como diferencia “o motivo da consulta” da “razão da análise”: no primeiro, temos a angústia manifesta do paciente, e o segundo depende da escuta analítica deste. A partir das razões da análise ela articula a proposta de tratamento que ganha flexibilidade, liberando o analista da estereotipia imobilizadora da técnica. Acho que seria interessante no artigo de vocês trabalhar mais a questão da metapsicologia da técnica, elucidando questões que são fundamentais para o analista de crianças: atender em separado os pais de uma criança? Tomá-la, já de início, em atendimento individual? Fazer sessões com os pais antes do trabalho individual com a criança? Na minha leitura não ficou muito claro o porquê da presença da mãe na sala de análise.

Quanto ao motivo da demanda, é bem interessante a ideia do paciente em sua “busca incessante de ser reconhecido às avessas: pelo excesso de agressividade”. Talvez fosse interessante articular essa hipótese diagnóstica com a questão técnica (presença da mãe na sala de análise).

O lugar do “eu ideal”, que essa família espera que seja ocupado pela criança, é um lugar terrível e aprisionante, pois fica restrito a uma só possibilidade de ser e existir; nesse sentido, o ser reconhecido às avessas demonstra a força e a luta desse paciente.

Bem, essas foram algumas ideias que me ocorreram na leitura do artigo e que me levaram a essas reflexões.

Pós-escritos reverberações do comentário nas autoras

Agradecemos o cuidado e, principalmente, as contribuições pontuais por parte da comentadora na leitura do nosso texto. Com o intuito de apenas ressaltar o valor da troca neste projeto riquíssimo de transmissão da psicanálise, o artigo ainda se manteve em sua estrutura inicial, mas com certeza os aportes apresentados no comentário sobre o pensamento de Silvia Bleichmar podem ser tomados em consideração.

Dois pontos fundamentais nos provocaram de imediato diante da leitura do comentário.

Primeiro, a investigação da metapsicologia da técnica, cujo valor essencial parece residir no rigor na concepção de sujeito e método em psicanálise. Assim sendo, tanto o fazer do analista quanto a própria transmissão da psicanálise, segundo Bleichmar (2005), estariam fundamentados em: “não se aprende a falar letra por letra ou palavra por palavra; quando a grade simbólica cai sobre o sujeito, a única maneira possível de apropriação consiste em metabolizar aqueles elementos que organizam conhecimentos e a partir dos quais se podem estabelecer ordens de significação do mundo”.

O segundo ponto de provocação passa a ser a ideia de que, de acordo com Bleichmar (2005), “a psique não somente recebe e metaboliza os ruídos do corpo como também os ruídos da cultura, da história factual, da linguagem, que dizem respeito à especificidade de uma história individual que não é redutível à história da espécie. Cabe à experiência analítica tecer novas

possibilidades simbólicas, que disponibilizem a abertura de novas perspectivas de vida” e, desta forma, tomar em consideração o que se produz (o que cai e recai sobre o sujeito) a partir da relação humana.

Neste sentido, os pontos de provocação invocam um valor significativo e buscam ir além da mera consideração pela repetição identitária da relação da criança com seus cuidadores num processo de análise. O impacto, *o que cai*, de acordo com Bleichmar (2005), por assim dizer, do discurso da família sobre o sintoma, sobre a criança e sobre o campo da análise (criamos ruído não só nos pacientezinhos), cria ruído que vale a escuta pela sua produção, principalmente no início do processo de análise com crianças e adolescentes.

São assim, como dito acima, apenas provocações que necessitam de um debruçar ainda mais apurado sobre elas.

Referências

BLEICHMAR, S. *Clínica psicanalítica e neogênese*. São Paulo: Anna lume, 2005.

GUELLER, A. S. Atendimento psicanalítico de crianças. *Revista Mente & Cérebro*, São Paulo, n.19, p.51-55, mar. 2012.

HERRMANN, L.; HERRMANN, F. Da interpretação na teoria dos campos: condições e consequências. *In*: OITEIRAL, J. O.; THOMAZ, T. O. (org.). *Psicanálise brasileira: brasileiros pensando a Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p.30-39.

MÉLEGA, M. P. O psicanalista trabalhando em contextos clínicos e não clínicos. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v.30, n.55/56, p.95-108, 1997. ISSN 0103-5835.

O discurso atual sobre cansaço: reflexões sobre a dessubjetivação própria aos quadros depressivos⁸⁰

Cristianne Spirandeli Marques
Marema Pereira Benfica

Introdução

Este artigo tem por objetivo apresentar como o discurso atual em relação ao cansaço pode se apresentar como um modo de dessubjetivação própria aos quadros depressivos.

Os profissionais de psicologia têm sido cada vez mais solicitados a falar a respeito da depressão e de suas manifestações no cotidiano do sujeito humano, visto que formas particulares vêm sendo apresentadas – como a constante queixa de cansaço excessivo encontrada entre estudantes universitários,

⁸⁰ Projeto de pesquisa apresentado pela docente Profa. Ms. Cristianne Spirandeli Marques ao Comitê de Ética e ao Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão do Centro Universitário de Patos de Minas, no XI Pibic (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), tendo por orientanda Marema Pereira Benfica. O projeto foi aprovado e realizado em 2010.

profissionais da área administrativa e pessoas acima de 50 anos (aposentadas ou não).

Neste sentido, fez-se fundamental, a princípio, distinguir a ideia de depressão para a psiquiatria e para a psicanálise, uma vez que a primeira entende a depressão como uma síndrome que deve ser erradicada, considerando-a uma disfunção orgânica, com fracasso do funcionamento do corpo. Daí o valor dos psicofármacos e da recuperação científica positiva pela neurociência.

A psicanálise, no entanto, de acordo com Delouya (2001 apud Teixeira, 2005), convida à reflexão de que a depressão surgiria como um corolário de alguns estágios da constituição psíquica.

Com ênfase na condição humana de produção psíquica de conflitos internos – por meio das investigações de Freud (1980) –, a psicanálise trouxe um alerta sobre uma condição particular da depressão. Esse autor situou os estados de melancolia (depressão) no registro da perda, preocupando-se em compreender a maneira como cada indivíduo pode reagir psiquicamente a ela.

Desta forma, a investigação de peculiaridades subjetivas atuais, como o discurso do sujeito de se retirar do trabalho ou de outras atividades para descansar, no entanto sem conseguir realizá-lo, e sua reincidência frequente enquanto queixa, fez com que atentássemos para o valor da investigação dos sentidos desses “sintomas”, próprios aos sujeitos contemporâneos.

Este trabalho veio ao encontro da possibilidade de investigar teórica e praticamente a condição de constituição da subjetividade

pela via do discurso sobre o cansaço e sua relação com o que seria próprio aos chamados quadros de depressão.

Neste sentido, contamos com um grupo formado por funcionários do Centro Universitário de Patos de Minas (Unipam), por estudantes da mesma instituição que estão terminando o curso superior e por alunos (acima de 50 anos) que participam do Projeto Unipam Sênior.

A escuta constante de queixas sobre cansaço, que a princípio surgia aleatoriamente pelos arredores e corredores da instituição, deu origem à produção do projeto e à execução desta pesquisa.

O questionário que serviu de base para a entrevista foi composto de sete questões dirigidas ao sujeito da pesquisa, no entanto, num segundo momento da mesma questão, esta foi dirigida projetivamente a um terceiro. Exemplo: “Você já se observou queixando-se de cansaço e ao se retirar para descansar não conseguiu fazê-lo?” (ouvir a resposta). “Você conhece alguma pessoa que já esteve nessa situação?”

O intuito do questionário foi minimizar possíveis resistências sobre o tema da pesquisa, permitindo que o conteúdo do discurso emergisse, assim como que tivéssemos acesso por extensão a possíveis discursos de outros sujeitos não entrevistados, mas existentes em relação ao tema da pesquisa.

Os voluntários foram informados acerca dos objetivos da pesquisa, de sua opção individual de participar ou não, do sigilo da identidade e da importância para a construção do conhecimento científico que a pesquisa poderia gerar. A amostragem foi

composta de dez pessoas voluntárias (3% a 5% da população Unipam) de cada grupo distinto de funcionários, estudantes e alunos do Unipam Sênior, perfazendo um total de 30 sujeitos entrevistados.

Depressão na atualidade

A depressão pode ser considerada como um sintoma social que ocorre em todas as faixas etárias, resultante das dificuldades e condicionantes do viver na sociedade atual, que é complexa e com profundas e rápidas transformações socioambientais e culturais, resultando numa significativa alteração no modo como os seres humanos vivem e estabelecem sua relação com a natureza (Barbosa, 2008; Matos et al. 2006).

Sendo assim, várias investigações (Teixeira, 2005; Berlinck; Fédida, 2000; Rocha, 2008) têm sido feitas com o intuito de esclarecer tanto teórica quanto clinicamente o que vem sendo compreendido por depressão e suas transformações na atualidade.

A depressão, que ao mesmo tempo é classificada como um transtorno de humor, uma alteração afetiva em que o sujeito modifica sua autopercepção, passando a enxergar seus problemas como grandes catástrofes, também é tratada como uma doença da sociedade moderna, tendo características de patologia grave ou apenas sendo entendida como um sintoma do sujeito diante de uma situação do cotidiano, com tipologias de melancolia ou de patologia (Esteves; Galvan, 2006).

O que tem sido constatado é que a depressão é uma patologia que ultrapassa as causas biológicas, sendo relacionada também com aspectos sociais, culturais e ambientais. Observa-se um expressivo e crescente quadro de diagnósticos de depressão, com um aumento de investimento científico e de recursos materiais e humanos responsáveis pelos altos custos de tratamento, diretos e indiretos, produzindo grandes prejuízos para o indivíduo e para a sociedade devido à sua natureza crônica, tornando-se uma importante morbidade de referência na contemporaneidade, considerada uma doença da problemática social contemporânea (Barbosa, 2008; Matos et al. 2006).

Vários são os sintomas descritos na depressão, como apatia, irritabilidade, perda de interesse, tristeza, atraso motor ou agitação, ideias agressivas, desolação e múltiplas queixas somáticas (insônia, fadiga, anorexia).

Observa-se que as pessoas estão sempre em busca de bem-estar, físico e emocional, procurando utilizar fatores relacionados ao aumento da autoestima incrementando a condição narcísica, sendo esses fatores nem sempre conquistados, desencadeando assim frustrações graças à insatisfação. O resultado disso é o surgimento do sofrimento, que se manifesta nas diversas condutas do cotidiano (Esteves; Galvan, 2006).

Existe uma preocupação crescente acerca da depressão, mobilizando diversas áreas do conhecimento. Vários tratamentos estão sendo propostos para a doença, como na psiquiatria, sendo a intervenção com base no uso de medicações, e na psicanálise, com

o trabalho terapêutico alicerçado na história de vida do sujeito e na construção de sua subjetividade (Daniel; Souza, 2006).

A psicanálise, como teoria sobre a constituição subjetiva, procura investigar os modos de organização psíquica e como os sintomas são produzidos na interação do psíquico com o social, na relação do homem com o outro. Ela adota uma concepção de sujeito atravessada pelo desejo – o sujeito do inconsciente, constituído em meio a uma realidade psíquica e social.

A descoberta do inconsciente e a criação do conceito de realidade psíquica possibilitaram uma ruptura com a concepção de sujeito da consciência concebida pela modernidade. O trabalho de refletir sobre a depressão à luz da psicanálise passou a demandar um olhar para o homem em toda a sua complexidade, bem como o direcionamento desse olhar amplo à construção da subjetividade, por ser a depressão um fenômeno produtor de sofrimento que integra a vida humana (Daniel; Souza, 2006).

Freud (1975, 1976a, 1976b) atribuiu a neurose nos adultos a traumas infantis, e, para ele, a depressão seria multicausal, variando de acordo com a vulnerabilidade de cada indivíduo, assim como com a exposição a estressores na infância. O conceito de trauma, para Freud (1975, 1976a, 1976b), está ligado ao plano psíquico, sendo um choque violento capaz de romper a barreira protetora do ego, causando perturbações sobre o psíquico do indivíduo.

Para Freud (1975, 1976a, 1976b), o psiquismo é estruturado a partir da primitiva relação do bebê com seus pais, e a etiologia

das neuroses está relacionada com uma bagagem pré-histórica do indivíduo, somada com suas experiências infantis e com um fator traumático, como a ameaça de separação da mãe, resultando em prejuízos na qualidade de vida e nas relações interpessoais e até em manifestações clínicas como depressão, entre outras patologias (Zavaschi et al., 2002).

Neste estudo, encontramos condições de sofrimento interessantes como, por exemplo, o fato de que nosso sujeito demanda por descanso e, quando tenta fazê-lo, não consegue. O que chamou ainda mais nossa atenção foi que nossos entrevistados desconhecem o porquê disso.

Desta forma, assistimos junto com eles à presença constante e recorrente de queixas sobre um cansaço que não “dá descanso”, gerando, por isto, condições significativas de ansiedade e até um significativo modo de apatia.

“O que pode não dar descanso?”

A depressão figura como uma das principais formas de manifestação do sofrimento psíquico presente na contemporaneidade, sendo comum a referência a esse período como “era das depressões”, em comparação ao final do século XIX, que foi marcado pela histeria (Roudinesco, 1998, 2000 apud Teixeira, 2005).

As relações interpessoais frágeis e superficiais, a valorização exacerbada da imagem (aparência) e as formas de sofrimento psíquico predominantes na pós-modernidade estariam fortemente

correlacionadas e refletiriam uma sociedade na qual reina a lógica do espetáculo e a cultura do narcisismo (Birman, 2001; Fuks, 1999 apud Teixeira, 2005).

A depressão, juntamente com outras doenças chamadas de “as novas patologias”, ganhou status de efeito colateral da pós-modernidade e, com isso, o número de trabalhos sobre essa questão cresceu em escalas geométricas.

Levando em conta a realidade psíquica, a psicanálise se volta para a compreensão dos significados subjetivos conferidos pelo sujeito às situações de perdas difíceis de serem elaboradas. Assim, em muitos casos, é possível que o sujeito necessite de um *recolhimento psíquico para a elaboração de uma frustração*. Muitas vezes, é nesse espaço que se manifestam os afetos depressivos que podem ser compreendidos como necessários.

No percurso da pesquisa, descobrimos a condição de descanso que se revelou por uma espécie de *falho recolhimento*, uma vez que algo impedia que a elaboração do sofrimento que acometia os entrevistados pudesse acontecer.

De caráter qualitativo, a pesquisa procurou seguir “as exigências próprias às informações recebidas a fim de definir a condição de construção do conhecimento, ou seja, não foi determinada pelo número de participantes da pesquisa” (González Rey, 2005, p.110).

Neste sentido, sendo a produção subjetiva a condição de revelação do modo como o sujeito vive e dá sentido ao que lhe afeta,

foi por meio do discurso produzido que utilizamos o método psicanalítico de leitura do que acontecia ao sujeito da pesquisa.

Esse método diz respeito à leitura, a princípio estrutural, das respostas na exata medida de produção ao que foi questionado, tendo sido posteriormente realizada a leitura heurística (busca pela produção de sentidos que abre para um novo conhecimento), em que observamos os pequenos detalhes no discurso que evidenciam o modo particular (contradições sobre o assunto, surgimento de assuntos paralelos à temática, especificidades de sentidos dados sobre si e sobre o outro dentro do tema investigado) de relação com o cansaço, consigo mesmo e com a percepção sobre esse efeito que tem assolado um número significativo de pessoas.

À medida que foi realizada a leitura estrutural das questões e do que foi respondido pelos entrevistados, surgiram três questões sobre o tema da pesquisa: o que fazem os entrevistados quando estão cansados? O que pensam sobre o que está acontecendo? Acreditam eles que as outras pessoas vivenciam coisas semelhantes (percepção da realidade do outro e do cotidiano)?

Descobrimos que, *mesmo cansado*,

não tá conseguindo dormir nada, precisando fazer uso de medicamentos. Quando está preocupada não consegue descansar *por não parar de funcionar*. Mesmo tendo o tempo para descansar continua pensando nos problemas, no que tem que ser realizado e acaba fazendo uso de remédios no intuito de relaxar. (As autoras).

Ou:

Em suas férias eu não descansei direito, porque, eu tava, porque eu tava *muito ansiosa*, tava preocupada com outras coisas que eu tinha que fazer, e não fiz. Quero outras férias, eu desejo outras férias, e eu *me canso por desejar essas férias*, porque aí eu trabalho pensando que eu quero férias, quero descansar, e eu acabo cansando de novo. (As autoras).

Quando solicitados a falarem sobre “o que pensam sobre o que está acontecendo?”, descobrimos que os entrevistados associavam o cansaço a uma condição depressiva (tristeza), mental (não conseguir diminuir o excesso de atividades; fazer mais coisas; problemas; estresse; não conseguir desligar e, por fim, o mais constante: não conseguir dormir):

Considera seu cansaço mais mental, e esse cansaço resulta em crise do pânico, tornando-a outra pessoa, devido à dificuldade de resolver os problemas e pela ausência de colaboração de outras pessoas. Quando está preocupada não consegue descansar por não parar de funcionar, entretanto, apesar de ressaltar o corpo considera seu cansaço mental e não físico, esse cansaço a torna sem graça, sem vontade de lutar. Depressão já está presente no seu ser, mesmo porque para ela não tem cura, sendo a mais responsável pelo cansaço. (As autoras).

Sobre a ênfase “acreditam que as outras pessoas vivenciam coisas semelhantes (percepção da realidade do outro e do cotidiano)?”, encontramos condição semelhante à da pesquisadora, que nesta fez disparar o interesse pela pesquisa – a queixa de cansaço é constante e facilmente encontrada nos dias de hoje.

Para ela, *esse cansaço é geral*, porque as pessoas não conseguem tirar um tempo para não fazer nada, não se preocupar com nada, não pensar em nada. A reclamação dos outros é em relação ao tempo, tudo gira em torno do tempo. *O cansaço está relacionado com a hipocondria*, que é mania de doença, mania de trazer doença que não existe para a sua realidade. (As autoras).

De acordo com Siqueira (2007), a depressão tem sua relação com a cultura atual, que se mostra maníaca e onipotente, tentando excluir o mal-estar e a “dor de existir”, que são inerentes ao sujeito, e este, por sua vez, sendo atravessado pela cultura, é também aquele que essencialmente tem buscado evitar lidar com sua condição desejante, mantendo-se preso (cansado, que é coisa de gente) às demandas próprias à psique produzida pelo cotidiano das relações.

Refletindo sobre “O que pode não dar descanso”, sobre o que falha ao nos recolhermos para dormir, por exemplo, parece se revelar a psique do real (lugar onde se produzem o homem individual, o homem coletivo, a sociedade e a cultura inteira). De acordo com Herrmann (1999, p.144-145):

não se trata de uma coisa que existe na cabeça do indivíduo nem na cabeça coletiva. Ela simplesmente não tem lugar material, nem é uma coisa. Psique é o que produz sentido nas coisas humanas. Um automóvel é fabricado numa linha de montagem, seu sentido é fabricado pela psique; a inflação, a guerra ou o nacionalismo são produzidos inteiramente por causas concretas, seu sentido é psíquico. Este sentido aparece através de um sujeito – é o desejo em Psicanálise.

Neste estudo, é o desejo a parte sequestrada do real (do todo humano que produz o cotidiano) que vemos em nossos entrevistados. Real e desejo são representações da realidade e da identidade. Quando ouvimos nossos entrevistados (identidade) também ouvimos algo que lhes ultrapassa e faz grande parte de pessoas falarem do que estão a viver sem, no entanto, ter sobre isso qualquer poder.

Assim, a condição inconsciente do desejo humano, postulada por Freud (1975, 1976a, 1976b), deixa à mostra que sofremos do que desconhecemos que age em nós e por nós acaba sendo permitido aparecer. A permissão, mesmo que inconsciente, faz o sujeito sofrer, no entanto não necessariamente o faz ativo.

Esta pesquisa vem apontar que a tentativa de elaboração da perda do tempo, por exemplo, de 24 horas, e a tentativa (fantasia) de invenção do dia de mais de 24 horas, de que careceriam talvez nossos entrevistados, caso a solução fosse terem tempo para tantas atividades, não consegue se efetivar, causando caos e descentramento absoluto, falha no recolhimento de tentar encontrar conciliação no que se transformou em conflito.

Encontramos no discurso dos entrevistados o dito de que o “mental” é o responsável pelo cansaço; melhor é “tentar esquecer as atividades” como condição para cuidar do tal cansaço, e assistimos essas alternativas, entre outras, como momento de alívio sobre o vivido. *Deixaria por isto o cansaço dar descanso?*

A questão que esta pesquisa mantém acesa é por que estão essas pessoas assoladas pelo fazer excessivo, de que elas têm

consciência em si e no outro, e, apesar disso, tal fato age sobre elas e as deixa tomadas de tristeza, insônia, apatia e necessidade de esquecimento?

Há o que os psicanalistas chamam de despersonalização ou dessubjetivação: o sujeito não se reconhece. O que ele é, o que faz aqui ou lá, ele não sabe. Já que o sujeito não encontra uma satisfação completa nessas situações particulares, ele termina por fazer um recolhimento em si mesmo, que em alguns casos o impede de agir para conhecer.

A grande maioria dos entrevistados foi tomada de uma vontade de descansar sem, no entanto, conseguir fazê-lo.

Considerações finais

Devido à grande necessidade de profissionais qualificados para atender a crescente população que apresenta sofrimentos psíquicos e considerando os aspectos teóricos e metodológicos próprios à psicanálise na investigação de sintomas depressivos, foi importante tomar em consideração o envolvimento do aluno de graduação em trabalhos de pesquisa nessa área.

Ao desenvolverem a pesquisa, orientadora e aluna tiveram a chance, pela disciplina de estudo, de exercitar a reflexão sobre métodos de investigação ampliando a consideração por fenômenos que até então seriam da ordem apenas do discurso presente no senso comum.

A psicanálise, diante dos estados depressivos, passou a se interessar pelos caminhos na tarefa de elaboração das perdas,

visando permitir que o *falho recolhimento* vivido pelo sujeito seja um sinal para que ele possa vir a atingir a condição simbólica, tendo a oportunidade de abrir mão da forma aprisionante, que nesta pesquisa foi tomada em consideração pelo nome de cansaço.

Comentários: Raquel Ajzenberg / SBPSP – DC

O desenvolvimento das ideias do trabalho contém uma coerência interna que permite ao leitor acompanhar o seu percurso até os objetivos finais da proposta. Chama a atenção, no entanto, a introdução do texto, que não está muito clara. Além disso, em alguns momentos, o uso de palavras com a mesma sonoridade (investigação, consideração, manifestação) produzem uma assonância que atrapalha a fluência da leitura. Destaco também observar o estilo do texto (especialmente no começo do trabalho), ele é rebuscado, o que pode dificultar a leitura e a compreensão. Sugiro, portanto, uma revisão do início do artigo para que este fique mais claro e limpo.

As páginas 220 a 223 apresentam uma discussão interessante do conteúdo. No entanto, aparecem apenas após uma longa descrição das falas dos entrevistados, o que tira um pouco a força do núcleo central do trabalho.

Na página 220 temos uma frase de um entrevistado ligada a uma análise de conteúdo, procedimento que me pareceu bastante interessante. Esse tipo de interpretação poderia ser utilizado mais vezes.

Pós-escrito reverberações do comentário nas autoras

Primeiramente, queremos agradecer o cuidado por parte da comentadora na leitura do nosso texto e salientar que na releitura do artigo, a sugestão sobre a introdução, assim como sobre a longa descrição das falas dos entrevistados, nos fez refletir sobre a forma da escrita. A explanação da comentadora valeu uma reedição de nossa parte.

Ainda em relação ao comentário proferido pela comentadora sobre o valor que alcançamos no texto em uma análise de conteúdo do dito pelos entrevistados, verificou-se que essa análise nos deu acesso ao processo de dessubjetivação vivido por alguns dos entrevistados.

Vimos que a revelação do chamado *falho recolhimento* (o cansaço que não dá descanso), pelo desejo dos sujeitos de se esquecerem dos possíveis conflitos por meio do ato de descansar (sair de férias, ir para casa após o trabalho), anunciou, no entanto, o desdobramento de que os mesmos sujeitos não conseguiam que tal descanso acontecesse, quer fosse pela saída para as férias, quer pelo fato de tentarem dormir à noite.

Com o estudo, algo mais acabou por surgir como demanda ao que a princípio parecia uma simples queixa sobre o ato de descansar nos corredores da universidade onde a pesquisa se desenvolveu.

Considerando a riqueza de participar desse processo de troca, agradecemos carinhosamente aos criadores desse projeto a oportunidade.

Referências

BARBOSA, S. R. da C. S. O discurso da ciência e as percepções de profissionais de saúde acerca da depressão no contexto das transformações socioambientais e culturais contemporâneas. *Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política*, São Carlos, v.17, n.1, p.97-119, jan./jun. 2008. ISSN 0104-0103.

BERLINCK, M. T.; FÉDIDA, P. A clínica da depressão: questões atuais. *Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v.3, n. 2, p.9-25, 2000. ISSN 1415-4714.

DANIEL, C.; SOUZA, M. Modos de subjetivar e de configurar o sofrimento: depressão e modernidade. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v.12, n.20, dez. 2006. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682006000200002. Acesso em: 21 jan. 2018.

DELOUYA, D. Tópica: o negativo da depressão originária. *Revista Percurso*, São Paulo, n.21, p.5-14, jul./dez. 1998.

ESTEVES, F. C.; GALVAN, A. L. Depressão numa contextualização contemporânea. *Aletheia*, Canoas, n.24, dez. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942006000300012. Acesso em: 14 fev. 2018.

FREUD, S. A etiologia da histeria. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, 1896*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.3. p.215-249.

FREUD, S. Esboço de Psicanálise, 1938. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, 1896*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p.165-321.

FREUD, S. Luto e melancolia. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v.16.

FREUD, S. Teoria geral das neuroses, 1916/1917. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, 1896*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.16. p.289-539.

GONZÁLEZ REY, F. Diferentes momentos do processo de pesquisa qualitativa e suas exigências metodológicas. In: GONZÁLEZ REY, F. *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005. p.110-115.

HERRMANN, F. *A infância de Adão e outras ficções freudianas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

HERRMANN, F. O que é psicanálise: *para iniciantes ou não....* São Paulo: Psique, 1999.

MATOS, E. G. *et al.* Depressão melancólica e depressão atípica: aspectos clínicos e psicodinâmicos. *Estudos de Psicologia*, Campinas, SP, v.23, n.2, abr./jun. 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2006000200007>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2006000200007. Acesso em: 20 abr. 2009.

ROCHA, Z. Para uma abordagem estrutural da depressão: contribuições freudianas. *Psychê*, São Paulo, v.12, n.23, dez. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382008000200001&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 15 abr. 2009.

SIQUEIRA, E. S. E. A depressão e o desejo na psicanálise. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v.7, n.1, jun. 2007. ISSN 1808-4281. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812007000100007. Acesso em: 12 mar. 2009.

TEIXEIRA, M. A. R. Melancolia e depressão: um resgate histórico e conceitual na psicanálise e na psiquiatria. *Revista de Psicologia da Unesp*, Assis, v.4, n.1, p.42-56, 2005.

ZAVASCHI, M. L. S. *et al.* Associação entre trauma por perda na infância e depressão na vida adulta. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v.24, n.4, p.189-195, 2002. ISSN 1516-4446.

As vivências e funções das narrativas de adolescentes em blogs: um estudo psicanalítico sobre a escrita de si

Elisa Aires Rodrigues de Freitas

Dr. Luiz Carlos Avelino da Silva

A escrita em diários era uma atividade comum aos adolescentes até algum tempo atrás, experiência que se imaginava estar desaparecida nos dias atuais. Porém, pesquisando em páginas da internet, encontramos uma série de diários on-line, os chamados blogs, escritas que disponibilizam diariamente os relatos sobre vivências e pensamentos de algumas pessoas. Neste trabalho abordam-se os blogs de adolescentes.

O blog é uma página da Web atualizada frequentemente e composta de pequenos textos apresentados em ordem cronológica inversa. Um blog típico combina texto, imagens e links para outros blogs. Neles observam-se pequenos textos, escritos de forma direta, rápida, em uma linguagem coloquial do texto oral, repletos de sinais e símbolos. A possibilidade de os leitores deixarem comentários é uma parte importante para os blogueiros. Para Schittine (2004, p.13), “o novo diário íntimo gera

um relacionamento de mão dupla, entre um autor disposto a contar sua vida íntima e um público desconhecido que se dispõe a comentá-la”.

A possibilidade de relatar suas experiências pode ser transformadora e reconstituente para o sujeito, na medida em que ele entra em contato com as suas emoções, situando-o como agente de sua vida diante do mundo e de si mesmo. Os diários, nessa visão, podem ser construídos como tentativas de elaborar experiências pessoais. Para Lejeune (2008), o diário oferece um espaço de hospitalidade, uma escrita que se compõe para acolher aquela pessoa, uma maneira de acompanhar um tempo da vida.

Os leitores pretendem encontrar nos blogs algo de si mesmos e, no momento em que o escritor conta sobre o seu cotidiano, é que o captura. Freud (2006), em seu artigo “Escritores criativos e devaneios”, alega ser o grande escritor aquele que mais proporciona uma identificação com os personagens presentes na obra. “Escritores criativos seriam aqueles que produzem histórias com personagens que vão permitir ao leitor um deleite identificatório” (Freud, 2006, p.135).

Nos blogs, os adolescentes contam sobre seu cotidiano, pensamentos, colocam poemas, fotos, imagens em uma colorida expressão de seu mundo interno. Autoras como Braga (2009) e Poli (2005) abordam que a construção do site pessoal do adolescente remete à sua busca por sua identidade. O “quem sou eu” transparece em páginas constantemente atualizadas, com *layouts*

quase sempre modificados, coloridos, personalizados, refletindo a visão do blogueiro sobre si e o que deseja transmitir ao outro.

A escrita pode ser pensada como uma forma de comunicar e expressar as emoções em que o significado se constitui e se transforma através da capacidade de contar suas vivências de forma criativa. Segundo Freud (2006), a obra literária seria como um devaneio que daria continuidade ou substituiria o brincar infantil. Por meio de seus escritos, o autor estaria apresentando suas fantasias. Podemos considerá-la então como uma forma de acesso ao pensamento inconsciente e também como expressão do processo de elaboração. A escrita é uma forma em que a mente se empenha na tentativa de lidar com os conflitos, dando-lhes uma representação gráfica, um passo em direção à pensabilidade.

O adolescente, em seu momento de mudanças com a perda do corpo de criança e dos papéis infantis, vivendo o luto pela fantasia da bissexualidade e pelos pais da infância, pode encontrar nos diários/blogs um ponto de ancoragem. Observamos que alguns deles utilizam os diários/blogs como um espaço continente, conforme teorizado por Bion (1988). Em uma analogia, pensamos o blog como um espaço acolhedor em que o próprio ato de escrever e a “presença” de um suposto interlocutor contribuem para a nomeação e elaboração dessas vivências.

Se a adolescência pode ser pensada como um trabalho psíquico em que as mudanças reais precisam ser simbolizadas, a escrita em diários funciona como uma forma de procurar dar sentido a essas experiências. Chiapello (2007) destaca que é

graças à nossa capacidade de simbolizar que acontece boa parte do nosso processo de elaboração psíquica. A possibilidade de ressignificar as experiências permite a abertura para a qualidade de pensamentos, no sentido bioniano, cada vez mais evoluída. Escrevendo em blogs, o adolescente pode criar um lugar para si próprio e ser reconhecido nele.

Ser reconhecido pelo outro é uma necessidade básica do ser humano, porém de fundamental importância na infância e adolescência devido à estruturação do psiquismo, como mostram autores de diferentes escolas psicanalíticas, como Bion (1988), Winnicott (1975) e Lacan (1995), que, sem sustentarem necessariamente as mesmas posições, enfatizam a importância do outro na estruturação do sujeito. Zimerman (2010), ao estudar a importância do vínculo do reconhecimento, caracteriza as vicissitudes da relação primordial mãe-bebê, base de todos os outros vínculos do ser humano. Sua teoria enfoca quatro vértices: reconhecimento de si (dar sentido às próprias experiências sensorio-emocionais); reconhecimento do outro como diferente de si mesmo; ser reconhecido ao outro (ser grato); e ser reconhecido pelos outros.

As escritas em blogs permitem aos adolescentes experimentarem as quatro funções. À medida que escrevem e entram em contato com suas emoções, podem se reconhecer nelas e ampliar cada vez mais a resposta para o quem sou eu. Um maior conhecimento de si possibilita reconhecer o outro como diferente. O fato de os blogs estarem em um espaço público oportuniza que o

jovem seja reconhecido em suas potencialidades e deficiências. O contato com o outro que o vê favorece o sentimento de existência e gratidão.

Neste trabalho, relatamos a análise dos blogs de quatro adolescentes, com o objetivo de observar, a partir de suas narrativas nos diários eletrônicos, como eles percebem suas vivências e como conhecem as funções que a escrita assume nesse momento em sua vida. Considerou-se como um blog pessoal aquele que contivesse relatos de acontecimentos do próprio cotidiano, dos pensamentos e das emoções vivenciadas pelo autor. Os blogs deveriam ter no mínimo um ano de criação, os autores deveriam mantê-los atualizados e disponibilizarem um e-mail que possibilitasse o contato com o autor. A metodologia psicanalítica acompanhou toda a pesquisa. A atenção flutuante e a livre associação de ideias motivada pelas leituras dos blogs impulsionavam a buscar um corpo teórico extraído da clínica psicanalítica, dentro de um contexto sócio-histórico-cultural em que participam os objetos e pesquisadores. Com o método psicanalítico, buscou-se “interpretar a polissemia das situações observadas”, como também mostrar “em que sentidos há sentido” (Rezende, 1993, p.105-106).

Josso (2004) assevera que as narrativas da vida são uma possibilidade de, por meio do acesso a uma particularidade, vislumbrarmos o universal. Enfatiza que uma pessoa, ao contar algo, reflete sobre ele, o que se torna um caminho para o (auto)conhecimento. O narrar-se é tratado por essa autora como

um método de pesquisa em que se procura, a partir de um relato individual, analisar perspectivas históricas e dinâmicas. Levisky (2004), em sua tese de doutorado, utilizou o método histórico-psicanalítico para analisar as narrativas do monge Guibert. Nessa pesquisa cujo material de análise é semelhante, recorreremos a alguns conceitos desse autor. Ele afirma:

O investigador não tem seu paciente vivo para interagir com suas hipóteses, devendo recorrer, em síntese, aos não ditos, tentando extrair sinais de vida, do imaginário e da imaginação dos seus personagens para a configuração do contexto existente e vice-versa, para construir hipóteses, sugerir teorias e propor interpretações, contando para isso com o corpo teórico conceitual da psicanálise e das informações históricas que dispõe (Levisky, 2004, p.65).

Nesta pesquisa, buscou-se a articulação entre a adolescência, o uso que ela faz dos blogs e as teorizações psicanalíticas. Por meio de uma leitura atenta dos blogs, propusemo-nos a identificar aspectos da escrita em que adolescentes contam sobre si mesmos. O objetivo foi observar e analisar essas vivências e descrever as funções que a escrita em blogs assume nas vidas desses adolescentes.

Os adolescentes, em respeito ético à sua privacidade, foram apelidados, e modificamos algumas palavras utilizadas nos blogs para evitar a identificação via sites de busca. Assim, nossos personagens são: Alexandre Magno, Rosa, Senhorita K. e Arminda. Nós os acompanhamos por meio de narrativas que falam por si e

lhes oferecem figurabilidade às angústias vividas nesse período. Suas falas são apresentadas entre aspas ou de forma recuada.

Alexandre tem 18 anos e escreve em blogs desde os 15. É nesse espaço que ele encontra uma hospitalidade (Lejeune, 2008) para falar de suas vivências: “Eu acredito ser bastante tímido e escrevo como forma de me expressar”.

Em uma postagem intitulada “Crises juvenis”, Alexandre condensa vivências importantes para os adolescentes, revelando que o crescimento, muitas vezes, é sentido como repentino e assustador. Vejamo-las:

Socorro, eu me olho no espelho e não sei de quem é o rosto que está refletido, não sei se tenho melhor amigo e de quem sou fã. Não estou interessado em ninguém, mas há pouco tempo olhava para todas as meninas. Não sei se quero ser advogado, embaixador, comerciante ou astronauta. Não tenho livro preferido, nem filme. Dizem que se trata de uma crise comum aos adolescentes e que aos poucos descobrirei quem sou eu. Só espero que eu não tome nenhum susto.

Observamos nessa postagem, também, que Alexandre está em um processo de elaboração de luto. Luto pela perda da identidade e pelo corpo infantil. Para Aberastury e Knobel (1981), vivenciar e elaborar um luto implica um alto nível de investimento psíquico que, na adolescência, torna-se mais ansiógeno devido ao fato de o aparelho psíquico encontrar-se em reformulação. A superação dessas perdas é que permitirá a entrada no mundo adulto.

Acompanhamos também o blog de Rosa e o seu desejo de ser grande. Ela tem 16 anos e narra o momento de criação de seu blog: “Ahhh! Nunca tive um blog! E esse pode ser apenas mais um ato de impulsividade, vejo que tenho que aprender demais. E quase quebrei o computador tentando decifrar rapidamente como fazer”. A construção de um blog leva-nos à associação com a busca de uma identidade e de um novo lugar a ser ocupado, característicos do processo da adolescência. Nessa fala, ela nos lembra de que se tornar adulto é uma tarefa longa e árdua, e que, muitas vezes, o adolescente se sente desamparado para realizá-la, como pensa Outeiral (2003).

“Blog pronto e agora? O que escrever?”. Rosa monta seu blog e quando está pronto não sabe o que fazer com ele. Podemos, aqui, fazer algumas associações com o adolescente que tanto deseja ter um corpo adulto e quando o tem não sabe lidar com ele. Talvez ela ainda não soubesse responder a essa pergunta, mas lançou-se ao desafio de tentar respondê-la aos poucos, porque não é tão fácil apresentar-se quando ainda não se sabe muito bem quem se é. Outeiral (2003, p.24) assinala que o adolescente já tem uma identidade, mas é “uma identidade em crise, na qual o sujeito procura discriminar-se do mundo e ter seu próprio *self*, ser e saber quem é ele mesmo”.

Senhorita K. nos permitiu pensar na importante busca dos adolescentes de se diferenciarem uns dos outros e de conhecerem a si mesmos. Em suas narrativas, foi possível acompanhar o desenvolvimento de uma condição para pensar as emoções, a busca

de conhecer a si mesma, como também os conflitos e as descobertas trazidas pela adolescência. Ela conta o quanto as mudanças a angustiam.: “Tenho medo de me tornar quem não sou e percorrer estradas diferentes. Eu fico preocupada em não saber mais quem eu sou com o tempo”. Observamos que ela se sente muitas vezes impotente diante das mudanças: “Gostaria de viver meu máximo, mas meu destino está definido. Parece que vivo à mercê dos desejos de outras pessoas. Como eu gostaria de ser do jeito que eu desejar e poder desenhar meus passos com menos medo”. Almejando a emancipação, ela parece encontrar-se sem saída em um mundo em que vê seu destino determinado, mas que diante da sua adolescência parece significar um sofrimento de uma vida adulta na qual não se reconheça. Ela precisa buscar novas identificações que possibilitem o exercício de novos papéis sociais e a aceitação da sua identidade (Aberastury; Knobel, 1981; Outeiral, 2003; Levisky, 1998).

No blog, Senhorita K. aborda suas vivências da sexualidade: “Falar em desejo e em sensualidade me lembra fazer amor, de sexo. Essas emoções, porém, muitas vezes são vistas como promíscuas. Mas há como se sentir vivo sem desejar? O que você pensa sobre isso? O que pode e o que não pode?”. Para Levisky (1998), esses sentimentos contraditórios e de culpa advêm de uma fragilidade egoica, característica desse período, particularmente quando a questão que a adolescente se coloca é referente ao tornar-se mulher.

Nas narrativas de Arminda, observamos sua luta com o olhar do outro e com o seu próprio olhar em busca de se conhecer e de se ver reconhecida verdadeiramente pelo olhar do outro e por si mesma. Recortamos alguns trechos em que acompanhamos isso: “Não me importo com o que pensam de mim”. “Outro dia me disseram que eu passo a imagem de frágil e de viver em um mundo rosa, fiquei sem chão, mas evitei chorar, para não confirmar essa imagem de indefesa”. “Ser você já é difícil, querer que os outros aceitem suas características é impossível, já tentei”.

Arminda queixa-se de não se sentir reconhecida pelo outro e tenta se mostrar indiferente a isso, porém a repetição do tema nos leva a pensar o quanto esse olhar que ela relata, de as pessoas não a perceberem como ela quer, ainda a incomoda. Por não ter esse olhar introjetado, sente-se desprotegida. Mas o importante é notar que ela busca tal olhar tanto por meio do blog como de outras vivências que nos contará. Segundo Winnicott (1975), para o sujeito olhar criativamente o mundo deve ter internalizada a experiência de ter sido olhado.

Novas atividades começam a fazer parte de sua vida. Arminda conta sobre sua participação no grupo de teatro como possibilidade de vencer a timidez. Ela está aberta para o novo e também para descobrir novas potencialidades em si mesma: “Percorri por um mundo mágico de personagens e me dediquei ao teatro”. Dessa forma, podemos observar que ela faz bom uso desse descobrir-se, pois tenta cuidar e modificar partes dela que ainda precisam ser desenvolvidas. Aos 15 anos, revela:

Nesse momento foi que aprendi a lidar com pessoas de personalidades bem diferentes, a ir atrás do que eu queria, comecei a me mostrar e também a construir o meu castelo e fiquei com tanta vontade de conhecer o interior das pessoas que passei a analisá-las holisticamente.

Neste trecho, observamos o seu movimento de ida ao encontro do outro e recuos, ela se mostra e se protege. Busca observar as pessoas por inteiro, como também apresentar partes suas, que, talvez, ficassem escondidas. Pensamos que o crescimento ocorra assim, por meio de experimentações, em momentos em que se arrisca mais e em outros em que a proteção se faz necessária. O importante é se permitir realizar esse movimento.

Observamos em nossas leituras a busca desses adolescentes por saber quem são, revelando suas angústias diante das mudanças corporais, dos novos papéis sociais, da elaboração de luto pelos pais da infância e da identidade infantil, da emergência da sexualidade em vivências que os exigem inteiros, de corpo e mente integrados. Analisamos que a escrita em um blog teve como função, para eles, ser uma forma de comunicar e expressar o que estão sentindo, buscando um acolhimento para suas vivências, bem como um processo de elaboração. Dar representação para as emoções envolvidas em um conflito é uma oportunidade de poder pensá-lo. A experiência vivida permanece viva na memória do sujeito, ganhando novos sentidos e ampliações à medida que ele permite ver-se no que escreve.

Acreditamos que nos blogs a escrita inserida em um mundo virtual possibilitou para esses adolescentes uma busca e, em diferentes momentos, um encontro com as próprias emoções, dessa forma podendo conhecê-las e transformá-las. Pensamos tal espaço como uma produção de criatividade em que podem dar sentido às experiências vividas. Para Arminda, Senhorita K., Alexandre Magno e Rosa, a escrita cumpriu a função de um espaço potencial, suavizando a sensação de perda, acompanhando-os e facilitando-lhes a despedida dos objetos da infância.

Comentário: Rejane Cutrim / SBPSP – DC

Tema da atualidade, esse trabalho nos remete ao impacto na população mundial do imediatismo da nova era tecnológica – Web.

Com um referencial psicanalítico, os autores estudaram movimentos da escrita de adolescentes, que manifestaram em blogs a possibilidade essencial de expressão de suas angústias e desassossegos, característicos dessa etapa do desenvolvimento. Publicar os afetos num espaço virtual tem suas peculiaridades, bem como efeitos reveladores por meio do reconhecimento no olhar do outro.

O foco principal se deu no processo elaborativo pertinente à evolução tanto da escrita como dos adolescentes selecionados e acompanhados em seus respectivos blogs.

Numa perspectiva psicanalítica, a forma de expressão nos blogs desses três adolescentes é comparada à escrita dos diários de

outrora, revelando efeitos semelhantes no processo da escrita propriamente dita.

Sobre a escrita espontânea em blogs como inscrição em espaços virtuais, Menezes, L. C. nos faz pensar que “a noção de lugar é indissociável do nome (palavra com capacidade de criar lugares virtuais), da figura e da memória”. (1991, p.10-11)

Outro aspecto essencial é a ideia de autoria, a “escrita de si mesmo” no recorte dos escritos dos adolescentes, levando-me a refletir conforme Herrmann (2002, p.7), “sob a forma de ficção descrita como os fios numa tapeçaria: criam os desenhos ao aflorarem a superfície do tecido, mas são os nós, ocultos no avesso, que sustentam a trama”.

Como bem finalizaram os autores, esse trabalho convida o leitor a pensar em muitos desdobramentos sobre o tema nas diversas áreas do conhecimento – uma discussão interminável.

Pós-escrito: Reverberações do comentário em um dos autores

Eu fiquei muito satisfeita em ter a oportunidade de participar do Roda em Movimento. Reescrever um artigo que se aproximasse das indicações das revistas e enviar para um parecerista até então anônimo, mas que daria um retorno sobre o artigo, causou em mim euforia, ansiedade, dúvidas. Ao receber o parecer acho que como muitos dos outros autores abordaram, também de uma maneira, talvez infantil, esperava um item escrito: artigo aprovado ou artigo reprovado. Mas o que a parecerista apresenta é muito mais do que isso, colocando suas percepções e associações sobre o texto e se remetendo

a outras leituras que ela fez. Isso dá uma tranquilidade que o que eu queria transmitir foi alcançado e talvez já possa mesmo encaminhar para publicação. A parecerista citou duas referências interessantes que quero investigar melhor, principalmente quando aborda sobre questões do lugar e não lugar.

Foi bom escutar também sobre o trabalho dos colegas, embora penso que eu perdi um pouco por não ter lido o trabalho deles.

Agradeço mais uma vez a oportunidade e espero estar nos próximos eventos.

Referências

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artmed, 1981.

BION, W. R. *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

BRAGA, C. M. L. *Comunicação e isolamento: uma análise clínica de diários e blogs de adolescentes*. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia) – Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, 2009.

CHIAPELLO, C. S. S. *Simbolização e sublimação: reflexões e conjecturas*. 2009. Trabalho apresentado ao 2º Encontro do Ciclo de Conferências “Re-Evoluções”, Ribeirão Preto, 2009.

FREUD, S. Escritores criativos e devaneio. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v.21.

JOSSO, M. C. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

HERRMANN, F. *A infância de Adão e outras ficções freudianas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

- LACAN, J. *Escritos I*. Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 1995.
- LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- LEVISKY, D. L. *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- LEVISKY, D. L. *Um monge no divã – o adolescer de Guibert de Nogent (1055-1125?)*: uma análise histórico-psicanalítica. 2004. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- MENEZES, L. C. Apresentação. In.: FÉDIDA, Pierre. *Nome, figura e memória: a linguagem na situação psicanalítica/Pierre Fédida*. São Paulo: Escuta, 1991. p.9-13.
- OUTEIRAL, J. *Adolescer: estudos revisados sobre a adolescência*. Rio de Janeiro: Reinventer, 2003.
- POLI, M. C. Dos diários aos blogs. *Revista Mente & Cérebro*, São Paulo, v.3, p.63-70, 2005.
- REZENDE, A. M. A investigação em psicanálise: exegese, hermenêutica e interpretação. In: SILVA, M. E. L. da (ed.). *Investigação e psicanálise*. Campinas, SP: Papyrus, 1993. p.103-118.
- SCHITTINE, D. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- ZIMMERMAN, D. E. *Os quatro vínculos: amor, ódio, conhecimento, reconhecimento – na Psicanálise e na vida*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

Entrelaçamentos entre arte e interpretação na clínica extensa

Léia Souza Alves de Araújo

Hélvia Cristine Castro Silva Perfeito

Entrelaçamentos entre arte e interpretação é o que se buscou promover com a realização do “Projeto Transformador: vivências com arte”, que ocorreu mensalmente, de 2010 a 2013, na Clínica Psicológica do Instituto de Psicologia (Clips) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). O presente artigo teve como referência as atividades realizadas no período de dezembro de 2010 a dezembro de 2012. Em três encontros houve a exibição de filmes (*O tigre e a neve*; *O som do coração*; *Click*) e dois realizaram atividades relacionadas à música (*Sua música, sua história* e *Minhas cantigas de infância*). As vivências tiveram em média 15 participantes, caracterizados pela diversidade cultural, de gênero, socioeconômica e etária.

A cada encontro, duas psicólogas da Clips/UFU, autoras deste trabalho, coordenavam o projeto, e quatro monitoras graduandas do curso de Psicologia da UFU faziam o registro temporal simultâneo dos elementos significativos produzidos e

participavam das reflexões clínicas. Havia, ainda, a colaboração e convidados de áreas interdisciplinares, tais como profissionais e estudantes de Arte, Música, Teatro, Literatura. Após cada atividade, a equipe discutia sobre as vivências e realizava um aprofundamento teórico, o qual se fazia sempre necessário para uma práxis transformadora.

As temáticas desenvolvidas envolveram os relacionamentos familiares, afetivo-sexuais e sociais; sonhos e suas possibilidades; estratégias criativas para o enfrentamento de dificuldades, bem como para lazer e prazer, dentre outras temáticas. Dessa forma, o projeto teve por objetivo propiciar um espaço de vivências, escuta e diálogos com função terapêutica, utilizando a arte como recurso desencadeador de reflexões pessoais, desenvolvimento de possibilidades mais criativas de vida e promoção de saúde.

Nessas vivências, os conteúdos foram trabalhados de forma clínica por meio da utilização do método psicanalítico na ótica de Fábio Herrmann (2001), o qual afirma que sempre que se pratica o método psicanalítico – a *interpretação* tomada em seu *valor de ruptura do discurso* – cria-se condição para o exercício da *função terapêutica*, que consiste em uma atividade de desvelamento, de descobrimento e de revelação da lógica de concepção ou lógica do inconsciente que permeia nossas ideias e sentimentos. O autor amplia a noção de consultório como uma atitude clínica com relação ao mundo e afirma: “Nosso consultório, quando o concebemos em sentido amplo como o lugar da Psicanálise, também pode receber uma parcela da sociedade, uma prática

social, uma obra literária ou qualquer produção cultural psicanaliticamente interpretável” (Herrmann, 2001, p.29), sendo este o selo da Clínica Extensa. Assim, a utilização do método psicanalítico por ruptura de campos, na concepção de Herrmann, é o aspecto fundamental da Psicanálise, tanto na produção de conhecimentos quanto na produção da cura.

Através da prática clínica realizada por meio dos atendimentos psicológicos individuais e em grupo, percebeu-se que, além das dificuldades e dos transtornos emocionais e de situações de intenso sofrimento, grande parte dos pacientes enfrentava uma difícil condição socioeconômica e, por isso, dedicava-se ao trabalho, restando pouco tempo para o convívio com familiares, amigos, assim como para o lazer e o prazer. Notava-se ainda que em muitos pacientes e familiares havia uma cristalização de posturas e condutas em torno da doença e do sofrimento e restrições a procurar outras possibilidades de ajuda que poderiam contribuir para uma melhoria dessa condição paralisante.

Além dos pacientes que procuram a Clínica Psicológica, há que se pensar na população em geral, no modo contemporâneo de viver e na maneira como as pessoas têm buscado lidar com as demandas do cotidiano, as ansiedades e o sofrimento psíquico. Segundo Lipovetsky (2004), na atualidade, o tempo, em seu caráter de urgência e de ação imediata sob o poder do regime presentista, interfere no cotidiano e nas relações interpessoais. O urgente se dá às custas do importante e a ação imediata às custas

da reflexão. Dessa forma, o homem moderno tem buscado também se livrar rapidamente do sofrimento, mediante ações e comportamentos compulsivos (trabalhar, comprar etc.) e por meio do uso abusivo de substâncias químicas, como medicamentos e outras drogas.

Assim, este projeto foi proposto no sentido de se abrir um espaço de escuta e diálogos, um “tempo de parada” para reflexão pessoal, na busca de se romper com o fluxo avassalador do cotidiano, no qual o tempo para pensar e cuidar de si e para o encontro entre as pessoas é escasso. A partir do contato com elementos expressivos e artísticos, espera-se desencadear reflexões pessoais que possam contribuir para a busca de alternativas mais criativas para se lidar com a doença, o sofrimento e, de forma mais ampla, com a vida.

Freud, já em 1930, no texto “O mal-estar na civilização” (Freud, 1996), afirmava que o programa de se tornar feliz, que o princípio do prazer impõe, não pode ser realizado integralmente, entretanto não se pode abandonar os esforços de aproximá-lo de uma consecução. De uma maneira ou de outra, pode-se conceder prioridade, quer ao aspecto positivo do objetivo (obter prazer), quer ao negativo (evitar o desprazer), e, devido à vida ser árdua demais, buscamos algumas medidas paliativas, auxiliares. Porém ele adverte que nenhum desses caminhos pode conduzir ao que se deseja e menciona a sabedoria popular, reforçando que o negociante cauteloso deve evitar empregar todo o seu capital num só negócio, não colocando todos os ovos na mesma cesta. Ou seja,

não se deve buscar a totalidade da satisfação em apenas uma aspiração ou em uma única técnica de vida, seja no trabalho, em atividades artísticas e científicas, em um amor, ou em outras formas exclusivistas. Quando a pessoa vê sua busca da felicidade resultar em nada, Freud (1976) diz que pode haver uma fuga para a enfermidade neurótica, o consolo da intoxicação crônica e até a psicose, que são algumas “saídas”, ainda que causem intenso sofrimento e dor.

Recorrendo ao fundador da Psicanálise, resgata-se a importância que a arte pode ter para ajudar as pessoas em sofrimento. Freud (1996, p.104), àquela época, já citava que os artistas retratam em suas obras questões sobre a humanidade, ressaltando: “É verdade que os poetas falam dessas coisas; mas os poetas são pessoas irresponsáveis e gozam do privilégio da licença poética”. Dessa forma, enfatizava a liberdade que a arte e os artistas podem ter para retratar, sem muitas travas ou censuras, a diversidade de expressões da subjetividade humana, o que o ser humano comum muitas vezes não consegue expressar – situações inusitadas, incompreendidas, sonhadas, vividas, desejadas e diversas outras condições humanas ligadas tanto à pulsão de morte quanto à pulsão de vida (Freud, 1996).

A arte, segundo Bartucci (2003), constitui-se como uma prática de decifração, de produção de sentidos, de “criação de mundos” e, conseqüentemente, de estruturação da realidade de modo pessoal e estilizado.

Assim, em relação aos resultados e efeitos do projeto, percebeu-se que, mesmo dentro de uma moldura diferenciada, ou seja, distinta do enquadramento tradicional dos atendimentos individuais, a clínica extensa citada por Herrmann (2001) se fez possível, pois condições foram criadas para o exercício da *função terapêutica*, a qual consistiu em uma atividade de desvelamento e revelação da lógica de concepção ou lógica do inconsciente que surgiu nos discursos dos participantes do grupo.

Dessa forma, a condução metodológica ancorada na Psicanálise, que busca tornar possível a arte da interpretação, propiciou que a emersão de experiências e sentimentos despertados a partir do contato com a arte e do compartilhamento com os demais participantes desencadeasse em cada um o contato com a própria subjetividade, realizando assim a construção de uma “trama grupal”. Os participantes falavam uns com os outros sobre as várias maneiras de percepção dos fatos e sobre as diferentes formas de lidar com isso; muitos conteúdos infantis foram evocados, questionamentos e assinalamentos aconteceram, o que, por vezes, provocou *rupturas de campos* (Hermann, 2001), operação fundamental do método psicanalítico.

Houve ainda casos em que os participantes que, em sua maioria, são acompanhados em atendimento psicoterapêutico, traziam conteúdos para as vivências e também levavam as repercussões para sua psicoterapia, evidenciando assim que algumas representações identitárias e alguns “campos”

aprisionantes haviam se rompido e que precisavam de um trabalho elaborativo, conforme cenas narradas a seguir.

Um momento muito significativo aconteceu na vivência “Minhas cantigas de infância”, quando uma senhora⁸¹, ao cantar a música escolhida por ela, começou a chorar e expressou seus sentimentos em relação à perda do pai, quando tinha 3 anos. “Minha mãe conta que ele me punha em um balaio de sabuco e tocava violão pra mim. Eu peço todo dia pra ver ele, tenho 51 anos e não desisti de ver ele. Quero tocar nele, ver ele, quero que ele apareça nos meus sonhos. Cresci com essa coisa dentro de mim”; “Eu sempre peço pra ele voltar. Eu não tenho medo de ver ele” (*enquanto chorava e balançava o corpo como uma criança, sendo acalentada e embalada por seus próprios braços*). Nesse momento o grupo fica muito impactado e uma das coordenadoras do grupo conversa com ela sobre sua infância, se tem irmãos, sobre sua mãe, e pergunta: “E você, não toca violão?”. Ela: “Não. Minha leitura é muito pouca, mas comprei um violão pro meu netinho quando ele tinha 3 anos”; “Eu tenho vontade sabe, pra eu chegar mais perto do meu pai”; “Eu quero tocar, eu quero sentir, eu tenho uma loucura de sentir”. A coordenadora então lhe diz: “É por isso que você veio aqui buscar ajuda, por causa dessa loucura de sentir?”; e ela se dá conta, nesse momento, da loucura e do aprisionamento nesse pensamento delirante. Posteriormente, ela

⁸¹ Termo de consentimento devidamente assinado foi apresentado para a comissão organizadora da trilogia

mesma procurou psicoterapia na clínica onde o projeto era realizado.

Na vivência “Sua música, sua história”, uma das participantes⁸² relatou que no passado sua mãe a proibira de ouvir música e ela percebeu que havia deletado a música de sua vida e que aquele momento estava demonstrando o quanto ela havia perdido na vida. Nesse momento, outra participante lhe disse: “Quem sabe agora você começa a ouvir música... E completou: “Como essas coisas de mãe pesam na gente, né?”. Na vivência “Minhas cantigas de infância”, uma das participantes disse: “Tô preocupada, fui ao cinema duas vezes depois que vim ao último encontro (risos). É só cair na rotina que alguém nos lembra que a gente pode ser muito mais!”. Houve ainda, após a apresentação de um filme, uma fala marcante de uma participante: “Serei feliz pra mim mesma e acrescentarei vida a meus dias e não dias à minha vida. Não vou mais pedir para o outro me fazer feliz”.

Dessa forma, nas vivências grupais, promoveu-se um entrelaçamento fecundo entre arte e interpretação e percebeu-se certa mobilização protagonizada por alguns participantes do grupo quanto a posições subjetivas, surgindo assim falas mais desejosas de tatear novos lugares afetivos e de buscar um reposicionamento diante da doença e do viver. Além disso, foram percebidos efeitos e rupturas de campos nos participantes, nas coordenadoras e nas monitoras. O projeto também causou certa desestabilização na clínica psicológica

⁸² Termo de consentimento devidamente assinado foi apresentado para a comissão organizadora da trilogia.

(no espaço físico, na recepção, na equipe de funcionários) e percebemos que, nesses momentos, a clínica se estendeu ainda mais...

Comentário: Fernando Goes Torrecillas – Membro Associado da SBPSP

O “Projeto Transformador: vivências com arte” é muito bonito e interessante como um dispositivo de intervenção em saúde pública e mental.

A leitura do trabalho me suscitou algumas indagações. A relação entre arte e psicanálise me remete a questões colocadas por Freud em vários textos⁸³ sobre a obra de Arthur Schnitzler, seu contemporâneo e residente em Viena, que escreveu inúmeras peças de teatro, romances, contos. Freud disse que como psicanalista se dedicou anos a estudar, pesquisar e investigar a alma humana, e que o artista, se referindo a Schnitzler, através de sua sensibilidade e arte, era capaz de fazer o mesmo. Arte e Psicanálise são possibilidades de se interpretar a realidade humana. Neste sentido, talvez o título do trabalho pudesse ser “Arte e Psicanálise na Clínica Extensa”. A interpretação é o que as duas têm em comum, e no Projeto Transformador abre-se a possibilidade de investigar como uma se imbrica na outra e as especificidades de uma e de outra. Sugiro que no texto isso possa ficar mais claramente colocado.

Uma articulação entre as ideias de Fabio Herrmann, que as autoras colocam como fundamentais para seu trabalho, e as de Freud, no que diz respeito à interpretação, seria bem-vinda. Freud

⁸³ Cf.: Freud, 1996a, 1976a, 1977.

usou-constituiu o método interpretativo da psicanálise não apenas no seu consultório, mas também para falar-pensar sobre antropologia, religião, cultura, arte e literatura.

Os exemplos dão vigor ao texto, mas duas considerações poderiam ser feitas. A primeira, no momento em que traz uma senhora, na vivência “Minhas cantigas de infância”, em sua relação com a memória afetiva do pai, poder-se-ia pensar o quanto há de disruptivo e o quanto há de catártico na vivência ali atualizada. A segunda consideração é a de que os exemplos ficaram um pouco deslocados da apreensão, por parte das autoras, da emersão de rupturas de campos. Uma pérola como a “loucura de sentir” em tempos de anestesiamento da cultura pode ser ainda mais potencializada.

Acredito que o final do texto poderia passar por uma melhor elaboração, pois um conceito tão fundamental que se revigora na escrita do artigo, qual seja o de ruptura de campos, escorrega no risco de ser banalizado por ficar muito enaltecido.

*Pós-escrito... Reverberações do comentário em uma das autoras*⁸⁴

Freud, em cartas a Schnitzler, em 1922, pergunta: “Quando algo faz sentido para alguém? Quando toca em questões próprias! Amores, dores, dissabores”. (Freud, 1922 apud Kon, 1996, p.43).

⁸⁴ Trabalho escrito e apresentado por Hélivia Cristine no Pré-Congresso Fepal/GPU Uberlândia, “Roda em Movimento Investigativo”, realizado no período de 24 a 25 de agosto de 2012, em Uberlândia/MG.

As palavras do comentário produziram em mim certo abalo, ruptura de campo, a qual atravessou, ocupou, habitou e fez um “redemoinho” diante da representação de um texto já pronto e produzido, um produto identitário, que conta de uma experiência pessoal/grupal traduzida em palavras. O escrito nunca dá conta do vivido. É da ordem do impossível que tentemos significar e representar nossas vivências diante do profundo movimento humano. Uma parte ínfima disto é o que podemos contar.

Assim é o Projeto Transformador, que nos atravessa com a arte criadora musical, cinematográfica, textual e imagética. A mesma arte que impressionou um gênio. Freud ficou estupefato com a capacidade criadora de Arthur Schnitzler, escritor contemporâneo, também chamado por ele como o “seu duplo” (Kon, 1996) e considerado um grande pesquisador do inconsciente por vias intuitivas e literárias. Arthur Schnitzler, esse gênio que impressionou Freud, me foi apresentado por meio do nosso comentarista Fernando Torrecillas.

O interesse comum de Freud e Schnitzler diz respeito ao erotismo, aos caminhos que o confinam e aos limites em que o amor se confunde com a morte (Eros e Thanatos, paixão e morte). Schnitzler caracteriza o espaço da criação literária e artística no erotismo e nas transgressões pelo homem de todas as interdições sociais e religiosas e Freud faz da sexualidade um elemento entranhado em todos os deslocamentos da vida social e cultural. (Cardoni, 2003).

A ruptura de campo provocada pelos comentários de Fernando Torrecillas levou-me imediatamente, e de uma forma voraz, a correr para as pesquisas e ler em várias fontes, além da Psicanálise, por exemplo, na Literatura Comparada, com o intuito de preencher o vazio do não saber e de minha própria ignorância, buscando um sentido possível para o “meu abalo representacional”. Provocou então uma nova estruturação e novas ideias habitaram minha mente, no sentido de criar mais um pouco e de transformar o discurso estabelecido no texto inicial.

A arte e a psicanálise têm em comum a interpretação, que está enlaçada no processo de criar e construir sempre (ponto sugerido pelo comentarista para ser analisado e desenvolvido segundo pressupostos de Herrmann).

O método psicanalítico, que é a interpretação, é a condição essencial para a realização da psicanálise e para produzir efeito psicanalítico. A arte é definida por Cardoni (2003) como uma das formas de extravasamento da vida no sentido de abarcar a realidade do homem e suas múltiplas experiências, e tem também o poder para expressar a polivalência do conteúdo humano. Ambas, interpretação e arte, constituem-se como instrumentos ilimitados de criação e construção, produzindo sentidos possíveis, os quais vão estruturando as realidades psíquicas e provocando transformações também psíquicas.

A partir de Herrmann (2001), apreendemos que romper um campo significa permitir a dissolução de estruturas paralisantes e, conseqüentemente, a emergência de novos possíveis, através da

instalação de novos campos. O choque provoca fissuras no campo rigidamente estruturado. A intenção é permitir ao paciente sair da automaticidade de seu cotidiano, fazendo-o demorar-se um pouco mais nesse estado de abalo da superfície representacional.

A pérola “loucura do sentir”, encontrada por Fernando no texto, concerne a uma interpretação advinda de uma vivência de uma senhora, mobilizada pela arte musical nas “Cantigas de minha infância”. Ela atualiza ali seu pensamento delirante, disruptivo e ao mesmo tempo catártico, pleno de angústia, da sua loucura de querer ver, sentir e tocar seu pai morto (desde os seus 3 anos de idade), o qual tocava violão e cantava para ela. Algo que almeja, deseja, busca e crê.

A “loucura do sentir” foi um pequeno toque, com o objetivo de induzir ao processo de rompimento de um campo paralisante e adoecido daquela mulher, ao mesmo tempo em que, como nos diz Fernando, em tempos de anestesiamento cultural, isto se constitui em uma pérola. Um paradoxo, pois é paralisante, mas também pode se mover e produzir outro sentido, na medida em que pode ser expresso numa trama grupal/social sob outros olhares. A loucura do sentir, de viver a transformação atrelada à morte (pai morto), nos fala da condição de transitoriedade humana, que tanto afligiu Freud e Arthur, o cientista e o escritor e a todos nós. Conforme afirma Bakhtin (1979 apud Cardoni, 2003), todo discurso tem um direito e um avesso e as duas faces são indissociáveis, sendo a relação entre elas dialética. O discurso da paciente, “loucura do sentir”, opera sobre outro discurso, que é

grupal, social: “o sentir a loucura”. Nessa relação dialógica, Eros e Thanatos dialogam no grupo do Projeto Transformador, provocando ruptura e movimento.

Ao mesmo tempo, ocorre o estranhamento, a loucura e o familiar. Freud, em 1919, já mencionava “O estranho”, que é uma categoria do assustador, do diferente, mas que remete para o conhecido e já há muito tempo familiar, o reprimido que “retorna” (Freud, 1996). O que parece estranho diante da trama grupal é também familiar a todos, a busca de um ideal de plenitude perdida, na cena com o pai da infância.

A parte disruptiva é representada pela regressão vivida em cena corporal e dramática e é catártica na medida em que propicia a liberação de afeto (angústia), o qual se conjuga com a ideia/o desejo de tocar e sentir o pai. Desta forma, a conjugação do representante ideativo com o representante afetivo pode gerar um novo reposicionamento subjetivo.

Aristóteles (apud Nunes, 1998) definiu catarse como uma circunstância como o balanço de sentimentos extremos entre comiseração e temor, e em que os afetos adquirem estado de pureza.

No processo de luto que consistiria em matar o morto, a senhora queria mantê-lo vivo, negando assim a transitoriedade, negando a perda, não se dando conta do penoso desprazer de não ter mais e, sim, de viver com a loucura do sentir. Sendo assim, não se libera para a vida novamente e vive o passado no presente, através do neto (3 anos), no qual projeta a possibilidade de

realização de seu sonho, dando um violão a ele. Um sonho que condensa num encontro a anulação do tempo cronológico, atravessado inconscientemente pelo imperativo de seu desejo de ter o pai vivo e, loucamente, de senti-lo!

Freud fala da transitoriedade como ideia de passagem, mudança, renovação, esperança, presença da temporalidade e finitude, representadas pelo sentimento de perda, destruição e morte. Dizia Freud, em cartas ao escritor Schnitzler: “Valor de transitoriedade é valor de raridade no tempo” (apud Cardoni, 2003, p.23).

O que é passageiro, fugaz, é também raro e precioso. Uma pérola, uma interpretação, a plenitude perdida, o encontro ideal (a senhora/a menina e seu pai), a arte, o homem, coisas, seres.

Referências

BAKHTIN, M. *Marxismo e linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.

BARTUCCI, G. (org.). *Psicanálise, arte e estéticas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

CARDONI, V. R. S. *A estética da transitoriedade: Arthur Schnitzler e Sigmund Freud*. 2003. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

CLICK. Direção: Frank Coraci. Estados Unidos: Columbia Pictures, 2006. 1 DVD (107 min), *widescreen*, color.

FREUD, S. O Estranho. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. v.7.

FREUD, S. Fragmento da análise de um caso de histeria. *In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, 1905.* Rio de Janeiro: Imago, 1976a. v.7. p.1-109.

FREUD, S. Os chistes e sua relação com o inconsciente. *In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, 1905.* Rio de Janeiro: Imago, 1977. v.8. p.21-137.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. *In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1996b. v.21.

FREUD, S. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. *In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, 1911.* Rio de Janeiro: Imago, 1976b. v.12. p.277-286.

HERRMANN, F. *Introdução à Teoria dos Campos.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

KON, N. M. *Freud e seu duplo: reflexões entre psicanálise e arte.* São Paulo: Editora da USP, 1996.

LIPOVETSKY, G. *Os tempos hipermodernos.* São Paulo: Barcarolla, 2004.

NUNES, B. *Crivo de papel.* São Paulo: Ática, 1998.

O SOM do coração. Direção: Kirsten Sheridan. Estados Unidos: Europa Filmes, 2008. 1 DVD (113 min), *widescreen*, color.

O TIGRE e a neve. Direção: Roberto Begnini. Itália: Europa Filmes, 2004. 2 DVDs (113 min), *widescreen*, color.

Palavras que encerram

Maria Lucia Castilho Romera

Rita de Cássia C. S. Mendes

Ao finalizarmos a trilogia *Psicanálise em perspectiva*, importa registrarmos alguns dos inúmeros possíveis sentidos que ela encerra.

O primeiro deles é o da abertura para diálogos em forma de espiral em constante movimento. Perfizemos um longo caminho para aqui chegar, habitamos e fomos habitados por vários territórios, tanto relativos às várias instituições envolvidas, através dos autores direta ou indiretamente articulados com o PGPSI-UFU e a SBPSP, quanto a inúmeros lugares onde as ideias contidas nos três livros têm sido lançadas.

O segundo sentido é o da conjunção de esforços para impulsionar a pesquisa, a investigação e a produção de conhecimento em todo e qualquer lugar onde a psicanálise se faz ou se fizer necessária.

O terceiro diz respeito a serem livros impressos. Uma dádiva! Eles são pilares importantes que sustentam as marcas e os registros das transformações necessárias ao desenvolvimento

humano e mundano. Impressos, recuperam o valor do contato, já em franca extinção.

Diálogo, conjunção, contato: eis aí os traços significantes, e esperamos que sejam significativos para os leitores dessa nossa construção que é a trilogia *Psicanálise em perspectiva*. Um feminino em “con versa ações”!

Em poucas palavras, nosso projeto procurou ultrapassar as barreiras, desconstruir os muros obstruidores da conexão intrínseca entre a psicanálise e a cultura. E almejou utilizar o método psicanalítico como ferramenta central nas investigações das ciências humanas, tomando em consideração a particularidade de cada descoberta em movimentos de inter-relação. A interpretação psicanalítica, desde Freud, pode e até mesmo deve contar com os interpretantes de saberes diversos e de culturas distintas em interface. Nosso método interpretativo, sustentado em um campo imantado de afeto em afeto, promove aproximações com a razão da ordem humana nos interstícios entre os instintos e a civilização. Tal particularidade pode contribuir para o avanço de pesquisas que mostrem com vigor humano a humanidade como ela é, rompendo com visões reducionistas, em geral formatadas pelas metodologias objetivizantes, próprias das ciências exatas. A ciência que a Psicanálise é desenhou-se nas ações e nas investigações de nosso projeto, ampliando sua extensão.

A clínica extensa é uma expansão da Psicanálise para todos os contextos humanos. Desse modo, ela abrange o cotidiano das relações, os sonhos, o consumo, a Literatura, as Artes e o próprio

consultório, ou seja, a vida humana em todas as suas dimensões. A arte de interpretação, além de abalar e tensionar a informação, favorece sua “re-des-coberta” e “ad-vir-ação”.

Nossa aposta seguiu na trilha de tantos outros que se dedicam à publicação das produções em Psicanálise, qual seja, ampliar o acesso de leitores interessados em compreender como se trabalha e se investiga psicanaliticamente. Assim, nossa torcida é que este livro, na esteira dos outros dois que compõem a trilogia *Psicanálise em perspectiva*, se constitua em uma ferramenta que incentive e inspire outros a prosseguirem articulando o clínico, que é social/cultural, ao campo de investigação psicanalítica.

Sobre os autores

Oswaldo Ferreira Leite Netto

Médico, psicanalista, membro efetivo e professor do Instituto de Psicanálise da SBPSP. Coordenador do Núcleo de Psicanálise do Serviço de Psicoterapia do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP. oswaldo.leite@hc.fm.usp.br

Marina Ramalho Miranda

Psicanalista docente e membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Mestre e doutora em Psicologia Clínica pelo Núcleo de Psicanálise da PUCSP. Especialista em Saúde Mental pela Faculdade de Saúde Pública da USP. m.r.miranda@uol.com.br

Roosevelt M. S. Cassorla

Membro efetivo e didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas; professor titular pelo Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, ex-professor titular do Departamento de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. rcassorla@uol.com.br

Ana Maria Loffredo

Psicanalista, professora livre-docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, membro filiado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, autora de diversas publicações nacionais e internacionais, sendo seu livro *Figuras da sublimação na metapsicologia freudiana* alinhado às suas pesquisas mais recentes. analoffredo@usp.br

Walter José M. Migliorini

Doutor em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo e docente na Universidade Estadual Paulista (Unesp). Atualmente é supervisor do Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada “Dra. Betti Katzenstein” e membro-filiado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. walter.jose@unesp.br

Leliane M. A. G. Moreira

Psicóloga, psicanalista, mestre em Psicologia Social pela PUC-SP, doutora em Psicologia Clínica pelo IPUSP, professora orientadora de Estágio Curricular Obrigatório do Curso de Psicologia da Universidade Paulista - UNIP, assessora da diretoria do Instituto de Ciências Humanas - Universidade Paulista/UNIP. lelianemoreira@unip.br

Ivonise Fernandes da Motta

Psicóloga. Mestre e doutora em Psicologia Clínica/USP. Professora/orientadora do Instituto de Psicologia/USP e do seu Programa de Pós-Graduação. Experiência na área de Psicologia Clínica, com ênfase em Psicanálise. Temáticas de pesquisa: psicanálise, Winnicott, diagnóstico, psicoterapia de crianças, adolescentes e adultos. ivonise.motta@gmail.com

Cláudia Yaísa G. da Silva

Psicóloga. Mestre e doutoranda em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da USP. Especialista em Psicanálise pelo Núcleo de Educação Continuada do Paraná. Pesquisadora do Laboratório de Pesquisa sobre o Desenvolvimento Psíquico e Criatividade em Diferentes Abordagens Psicoterápicas. claudia@psico.life

Claudio Bastidas

Doutor em Psicologia Clínica pela PUC/SP. Pesquisador do Laboratório de Pesquisas da Criatividade do IPUSP. Supervisor clínico de Especialização em Psicanálise do Centro de Estudos Psicanalíticos. Autor de oito livros sendo o mais recente: *E se Freud atendesse no Brasil de hoje?* (2016). dr.claudio.bastidas@gmail.com

Denise Ely Bellotto de Moraes

Psicóloga clínica, mestre em Nutrição e doutora em Ciências pela Unifesp. Coordena o Setor de Psicologia da disciplina de Nutrologia do Departamento de Pediatria da Unifesp. denisebellotto@terra.com.br

Gláucia Mitsuko Ataka da Rocha

Doutora em Psicologia, mestre em Psicologia Clínica (PUC Campinas), com pós-doutorado pelo Instituto de Psicologia da USP. Professora do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Tocantins e membro da Associação Brasileira de Psicoterapia. gmarocha@gmail.com

Kayoko Yamamoto

Professora aposentada pelo Instituto de Psicologia da USP. Experiência com ênfase no Tratamento e Prevenção Psicológica. Temas principais: prevenção,

psicanálise e família. Possui pesquisas sobre avaliação da adaptação humana com a EDAO (Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada) e Psicoterapia Breve Operacionalizada. kayamato@terra.com.br

Manuela Campos Pérgola

Psicóloga clínica, mestranda em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da USP, bolsista CNPq. manupergola@usp.br

Maria Tereza Oliveira

Psicóloga clínica, especializada em Psicoterapia Psicanalítica (USP), colaboradora LAPECRI e APOIAR em atendimentos à pacientes com dor crônica. Apresentação de trabalhos científicos em Congressos no Brasil, Uruguai e Portugal. Diretora do Serviço de Atendimento da Associação de Psicoterapia Psicanalítica. maria.tereza.oli64@gmail.com

Mauricio Ceroni Ivo

Mestre em Psicologia pela USP. Diretor do Colégio Porto Seguro, com experiência em orientação escolar, gestão educacional e supervisão, desenvolvimento de cursos, planejamento estratégico, treinamento e capacitação da equipe. Graduado em Pedagogia pela USP e Administração de Empresas – Mackenzie. mauricio.ceroni.ivo@gmail.com

Nirã dos Santos Valentim

Mestre e doutora em Psicologia Clínica pelo IPUSP, especialista em Psicoterapia Breve Operacionalizada (PBO), docente na graduação de Psicologia da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), psicóloga clínica, experiência com pacientes oncológicos. niravalentim@usp.br

Raquel Marques Benazzi Guirado

Psicóloga clínica e hospitalar, mestranda da USP em psicologia clínica. Especialista em gestantes e crianças, hoje atuando em consultório na área materno-infantil e com grupos sobre feminino e maternidade. quelbenazzi@gmail.com

Rita Tropa Marques

Psicóloga clínica com experiência profissional em acolhimento institucional de crianças e jovens em risco e para adoção. Mestre pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (Portugal). Doutoranda pelo Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP. ritatropa@hotmail.com

Veridiana S. Prado Vega

Mestranda em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da USP. Psicóloga. Diplomada em Logoterapia de Viktor Frankl pelo Viktor Frankl Institute of Logotherapy – EUA. Sócia fundadora da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial. veridianavega@usp.br

Vinicius de Vicenzo Aguiar

Psicólogo, mestre em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Psicólogo clínico em consultório particular, professor e supervisor clínico no ILPC e consultor do Centro de Conhecimento da Associação de Amigos do Autista. contatovva@gmail.com

Yara Ishara

Mestre em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da USP. Especialização pelo Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP. Corresponsável pela parceria institucional entre o IPUSP/TJSP: pesquisas no campo da adoção e violência contra criança/adolescente. yaraesd@gmail.com

Sara Zac de Filc

Psicóloga, médica, ex-professora na Faculdade de Psicologia da Universidade de Buenos Aires. Ex-presidente da Associação Psicanalítica de Buenos Aires (APdeBA). Membro do Conselho Executivo da Associação Psicanalítica Internacional (IPA) de 1997 a 2001. *Chair* do Comitê de Educação e do Comitê de Ética da IPA. sazafile@gmail.com

Maria Lúcia V. Violante

Psicóloga formada pela PUC-SP em 1972. Formação em Psicanálise no Instituto Sedes Sapientiae (1986-1989). Mestrado em Psicologia Social pela PUC-SP (1973-1981). Doutorado em Psicologia Clínica pela PUC-SP (1989-1992). Pós-doutorado pela Universidade Federal de São Paulo (1998). mvmelega@hotmail.com

João Baptista Novaes Ferreira França

Psiquiatra e psicanalista. Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Mestre em Psicologia Clínica pela PUC/SP. Ex-editor da Revista Brasileira de Psicanálise. Ex-diretor do Instituto de Psicanálise da SBPSP. jb-franca@uol.com.br

Gina Khafif Levinzon

Doutora em Psicologia Clínica-USP. Psicanalista, membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Professora do Curso de

Especialização em Psicoterapia Psicanalítica CEPsi-UNIP. Coordenadora do Grupo de Estudos sobre parentalidade e adoção na SBPSP.
ginalevinzon@gmail.com

Paulina Cymrot

Psicanalista, analista didata e membro efetivo da IPA e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Doutora em Psicologia Clínica. Atende em consultório. paulinacymrot@gmail.com

Leila Gnatos Lombardi

Membro associado da Sociedade de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), membro efetivo do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas (GEPCamp), professora aposentada da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCamp). leilalombardi@terra.com.br

Deise Maria Basso

Psicóloga pela USP de Ribeirão Preto, 1987. Psicanalista, membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Professora e coordenadora do Enlace Piracicaba (Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica). deisembasso@outlook.com

Denise Benato Brock

Psicóloga clínica de atendimento psicanalítico de crianças, adolescentes e adultos. Especialista pelo Instituto de Psiquiatria e Psicoterapia de Crianças e Adolescentes e em observação de bebês pelo método Esther Bick, ministrado pela Dra. Beatriz M. M. Picolli, com duração de 2 anos. Curso de Psicanálise: SPCAMP (Sociedade de Psicanálise de Campinas). debbrock@ig.com.br

Silvia Luciana Toledo

Psicóloga (Universidade Metodista de Piracicaba 1997). Formação em Psicanálise (CPCAMP – Escola Dr. Roberto Azevedo 2003). silvialtoledo@outlook.com

Paula Beatriz Gallerani Cuter

Psicóloga clínica, com título de especialização em Psicoterapia, Psiquiatria e Psicanálise da Infância, pelo GEPPPI. Professora de Winnicott, Introdução à Psicanálise, Observação de Bebês, Intervenção Precoce e Melanie Klein, do CEFAS. Mestre em Comunicação e Cultura pela UNISO. paulabgr@gmail.com

Ernesto René Sang

Psicólogo e psicanalista. Mestre e doutor em psicologia pela USP. Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Professor em cursos de especialização em psicoterapia psicanalítica.
ernestosang@gmail.com

Maria Auxiliadora Borges dos Santos

Psicóloga formada em 1980 pela USP/Ribeirão Preto, fez sua formação como psicanalista na SBPSP, onde foi admitida como Membro Associado em 2000. Ingressou em 2004 como Membro Associado da SBPRP. Trabalha com adolescentes e adultos em clínica particular, leciona em grupos de formação de psicoterapeutas de abordagem psicanalítica, presta assessoria a universidades, como convidada; é orientadora de TCC e membro convidado de bancas examinadoras. Coordena grupos de estudos de psicanálise há 15 anos. mauxborges@gmail.com

João Luiz Leitão Paravidini

Psicólogo. Psicanalista. Professor Associado do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Membro fundador da Associação Clínica Freudiana de Uberlândia/MG. Autor de artigos em revistas e coletâneas.
jlparavidini@gmail.com

Roberta Augusta Borges Calixto Paravidini

Psicanalista, membro da Associação Clínica Freudiana de Uberlândia desde 2002; mestre em psicologia clínica pela PUCAMP.
roberta.c.paravidini@gmail.com

Shneider Alves Santos

Psicanalista, membro da Associação Clínica Freudiana em Uberlândia. Mestre em psicologia aplicada pela Universidade Federal de Uberlândia.
shneiderasantos@gmail.com

Isa Nunes de Oliveira

Psicanalista – Membro da Associação Clínica Freudiana de Uberlândia.
isapsicanalise@gmail.com

Margarete A. Domingues

Mestre em Psicologia, psicanalista, membro da Associação Clínica Freudiana de Uberlândia. margophdomingues@yahoo.com.br

Helga de Souza Machado Quagliatto

Psicóloga clínica – Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Psicanalista, membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Membro do Núcleo de Psicanálise de Uberlândia (NPU). Membro, supervisora e coordenadora de estudos no CEEPU.

hquagliatto@yahoo.com.br

Gislene Andrade Santos

Psicóloga clínica da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Psicanalista, membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP). Membro do Núcleo de Psicanálise de Uberlândia (NPU). Membro, coordenadora de estudos e supervisora no CEEPU.

gisleneandradepsi@gmail.com

Maria Luiza Soares Ferreira Borges

Psicóloga, psicanalista, membro filiado à Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto, membro do Núcleo de Psicanálise de Uberlândia. Especialista em clínica psicanalítica (UFU). Mestre em Psicologia (UFU). Membro, coordenadora e supervisora do CEEPU.

mluizasborges.psi@gmail.com

Fanny de Melo

Psicóloga clínica e especialista em Psicanálise Clínica pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Membro do CEEPU. fannymelo.psi@gmail.com

Tassiana Machado Quagliatto

Psicóloga clínica e mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Especialista em Psicologia da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Membro do CEEPU.

tassianaquagliatto@hotmail.com

Anna Thereza Carneiro Pinto Abdala

Psicóloga clínica e mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), membro e psicoterapeuta do Centro de Estudos e Eventos Psicanalíticos de Uberlândia (CEEPU). annabdala@gmail.com

Maruzza Tereza Cerchi Borges Fonseca

Graduação e especialização em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Psicanalista e membro associado da Sociedade de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP). Coordenadora de estudos e supervisora do CEEPU. Membro do Núcleo de Psicanálise de Uberlândia (NPU). maruzza.cerchi@gmail.com

Sílvia Alves Pereira

Psicóloga clínica pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Especialista em Neuropsicologia pela Divisão de Psicologia (HC/FMUSP), com aprimoramento em observação da relação mãe-bebê na família (Modelo Tavistock - SP). Membro e coordenadora de estudos (CEEPU).
silviaalvesp@yahoo.com.br

Leda Herrmann

Psicanalista. Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Presidente do CETEC (Centro de Estudos da Teoria dos Campos). Autora de *Andaimes do Real: a construção de um pensamento*. Casa do Psicólogo, 2007.
hermannfl@globo.com

Maria Lucia Castilho Romera

Psicóloga, psicanalista, membro efetivo da SBPSP, do CETEC e do NPU. Professora da graduação e pós-graduação/UFU (1979-2012), onde coordenou dois cursos de especialização em Clínica Psicanáltica. Coordenadora da Comissão Organizadora interinstitucional da publicação *Psicanálise em Perspectiva*. Autora de artigos em revistas e coletâneas.
mluciaro941@gmail.com

Rafael de Melo Costa

Ator, diretor, pesquisador e mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia. Desenvolve o projeto "... o mundo é um palco", articulando saúde mental, psicanálise e teatro no Núcleo Sistema de Saúde Mental e é um dos coordenadores do Grupo de Teatro Aberto do Instituto "A casa".
costa.rafaelmelo@gmail.com

Luiz Carlos Avelino da Silva

Mestre em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, doutor em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Professor titular do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.
luizavelino@yahoo.com.br ou avelinoluz@yahoo.com.br

Fabiola Graciele Abadia Borges

Psicóloga, mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia, doutora pela Universidade de São Paulo em programa de dupla titulação com a *École doctorale Pratiques et Théories du Sens* da Université Paris VIII Vincennes Saint-Denis. *fabiolagborges@yahoo.com.br*

Mariana Paula Oliveira

Doutora em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. Graduada e mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia e especialista em Psicoterapia Psicanalítica pela UNIUBE-Uberaba. Membro da rede Gesto Psicanálise e da Clínica Aberta de Psicanálise. Atende em consultório particular e é docente na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP). É também doula (assistente da mulher no parto). marianapaula.psi@gmail.com

Cristianne Spirandeli Marques

Trabalha com clínica psicanalítica em consultório há 30 anos em Uberlândia. Especialista e mestre em Psicologia Aplicada pela UFU. Foi psicóloga na DIASE/UFU e foi docente da UNIPAM. cristiannespirandeli@yahoo.com.br

Iralva Moreira Soares Milagre

Graduada em Pedagogia e Psicologia pela UNIPAM. Pós-graduada em Psicopedagogia e Saúde Pública com ênfase em Saúde da Família/UNIPAM. Psicóloga clínica e psicopedagoga em consultório particular. Docente universitária na UNIPAM. Experiência na área social (CRAS). iralvasoares@yahoo.com.br

Marema Pereira Benfca

Psicóloga da Prefeitura Municipal de Uberlândia, do Núcleo de Seleção e Desenvolvimento de Pessoal da Diretoria de Gestão de Pessoas. Psicóloga da Clínica Mosaico, pós-graduada em Psicodrama e Filosofia. maremap@gmail.com

Elisa Aires Rodrigues de Freitas

Psicóloga. Mestre em Psicologia (Universidade Federal de Uberlândia). Especialista em Psicoterapia Psicanalítica (Universidade de Uberaba). Membro do Centro de Estudos e Eventos Psicanalíticos de Uberlândia. Atua em atendimentos clínicos em psicoterapia psicanalítica. eliairesfreitas@hotmail.com

Hélvia Cristine Castro Silva Perfeito

Psicóloga e Psicanalista. Clínica psicológica do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (1988-2018). Mestre em Psicologia Aplicada (UFU). helviacristine@yahoo.com.br

Léia Souza Alves de Araújo

Psicóloga, especialista em Clínica Psicanalítica pela Universidade Federal de Uberlândia/UFU. Mestre em Educação/UFU. Atuou como psicóloga clínica na

Prefeitura Municipal de Uberlândia, na Divisão de Assistência ao Estudante/ DIASE/UFU e na Clínica Escola do Instituto de Psicologia da UFU. Atualmente atende em consultório particular em Uberlândia. leiapsico@gmail.com

Rita de Cássia Cardoso da Silva Mendes

Psicóloga e mestre pela Universidade Federal de Uberlândia. Membro da comissão organizadora interinstitucional da trilogia *Psicanálise em Perspectiva*. rita_silva_mendes@yahoo.com.br

Formato	15 x 21 cm
Tipologia	Georgia Univers Condensed

Ao finalizarmos a trilogia **Psicanálise em perspectiva**, importa registrarmos alguns dos inúmeros possíveis sentidos que ela encerra.

Um deles é o da abertura para diálogos em forma de espiral em constante movimento. Perfizemos um longo caminho para aqui chegar, habitamos e fomos habitados por vários territórios, tanto relativos às várias instituições envolvidas, através dos autores direta ou indiretamente articulados com o PGPSI-UFU e a SBPSP, quanto a inúmeros lugares onde as ideias contidas nos três livros têm sido lançadas. Outro sentido é o da conjunção de esforços para impulsionar a pesquisa, a investigação e a produção de conhecimento em todo e qualquer lugar onde a psicanálise se faz ou se fizer necessária.

Diálogo, conjunção e busca por contato: eis aí os traços significantes, e esperamos que sejam significativos para os leitores dessa nossa construção que é a trilogia **Psicanálise em perspectiva**. Um feminino em “com/versa/ações”! [...]

Nossa aposta seguiu na trilha de tantos que se dedicam à publicação das produções em Psicanálise, qual seja, ampliar o acesso de leitores interessados em compreender como se trabalha e se investiga psicanaliticamente. Assim, nossa torcida é que este livro, aliado aos dois primeiros, que compõem a trilogia **Psicanálise em perspectiva**, se constitua em uma ferramenta que incentive e inspire outros a prosseguirem articulando o clínico, que é social/cultural, ao campo de investigação psicanalítica.

Maria Lucia Castilho Romera e Rita de Cássia C. S. Mendes

Editora filiada à
 ABEU
Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

EDUFU
Editora da Universidade
Federal de Uberlândia
www.edufu.ufu.br

